

shiver

maggie stiefvater



SHIVER

Maggie Stiefvater

Tradução

Rafaela Naru/Chan

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=8671253721547740965>

Mariana Dal Chico

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=5298624630443160772>

Revisão

Carla Ferreira

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=4119344552745363491>

Comunidade

Traduções de livros

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=25399156>

*Para Kate,
por que ela chorou.*

CAPÍTULO UM • GRACE

-9°C

Eu lembro de ficar deitada na neve, um pequeno ponto vermelho de calor ficando frio, cercada por lobos. Eles estavam me lambendo, me mordendo, atormentando meu corpo, o pressionando. Seus corpos aconchegantes bloqueavam o pouco calor que o sol oferecia. Gelo brilhava em seus pêlos e seus hálitos faziam formas opacas que pairavam no ar ao nosso redor. O cheiro almiscarado de suas peles me faziam pensar em cachorro molhado e folhas queimando, agradável e aterrorizante. Suas línguas derretiam minha pele: seus dentes descuidados rasgavam minhas mangas e esbarravam em meu cabelo, se empurrando contra minha clavícula, o pulso no meu pescoço.

Eu poderia ter gritado, mas eu não o fiz. Eu poderia ter lutado, mas não lutei. Eu só fiquei deitada ali, e deixei acontecer, observando a neve branca de inverno ficar cinza acima de mim.

Um lobo enfiou seu focinho em minha mão e contra minha bochecha, lançando uma sombra contra meu rosto. Seus olhos amarelos olharam nos meus, enquanto os outros lobos me jogavam de um lado para o outro.

Eu olhei para aqueles olhos o máximo de tempo que consegui. Amarelos. E, de perto, brilhavam com cada tom de dourado e caramelo. Eu não queria que ele desviasse o olhar, e ele não o fez. Eu queria me esticar e pegar seu pêlo, mas minhas mãos ficaram colocadas contra meu peito, meus braços congelados em meu corpo.

Eu não conseguia me lembrar como era se sentir quente.

Então ele se foi, e sem ele, os outros lobos se aproximaram, perto demais, sufocante. Algo parecia se agitar no meu peito.

Não havia sol; não havia luz. Eu estava morrendo. Eu não conseguia lembrar como o céu parecia.

Mas eu não morri. Eu estava perdida num mar de frio, e então renasci num mundo de calor.

Eu me lembro disso: dos seus olhos amarelos.

Eu pensei que nunca mais os veria.

CAPÍTULO DOIS • SAM

-9°C

Eles arrancaram a garota de seu cansado balanço no quintal, e a arrastaram até a floresta: seu corpo deixou um rastro inchado na neve, do seu mundo ao meu. Eu vi acontecer. Eu não impedi.

Foi o inverno mais longo e frio da minha vida. Dia após dia, debaixo de um sol pálido e sem valor. E a fome – a fome que queimava e consumia, com insaciável controle.

Aquele mês nada se movia, a paisagem congelada em um diorama¹ sem cor, desprovido de vida. Um de nós tinha levado um tiro, tentando roubar o lixo de alguém, então o resto do bando ficou na floresta e devagar passou fome, esperando pelo calor e nossos velhos corpos.

Até que eles encontraram a garota. Até que eles atacaram.

Eles encolheram ela, rosnando e mordendo, lutando para matar primeiro.

Eu vi. Eu vi seus flancos estremecendo em sua ânsia. Eu os vi arrastar o corpo da garota de um lado para o outro, “vestindo” a neve embaixo dela. Eu vi focinhos manchados de vermelho. Ainda sim, eu não impedi.

Eu era de um alto escalão no bando – Beck e Paul tinham se certificado disso – então eu poderia ter me intrometido imediatamente, mas eu me mantive atrás, tremendo de frio, a neve até meus tornozelos. A garota tinha um cheiro humano quente, vivo, acima de qualquer outra coisa. Qual o problema dela? Se ela estava viva, porque ela não estava lutando?

Eu podia sentir o cheiro do sangue dela, o cheiro claro nesse mundo frio e morto. Eu vi Salem empurrar e tremer enquanto ele rasgava sua roupa. Meu estômago se retorceu, dolorosamente – fazia tanto tempo desde que eu tinha

¹ Diorama é um modo de apresentação artística, de maneira muito realista, de cenas da vida real para exposição com finalidades de instrução ou entretenimento.

comido. Eu queria passar pelos lobos para parar perto de Salem e fingir que eu não conseguia sentir o cheiro da humana dela ou ouvir seus suaves gemidos. Ela era tão pequena sobre nossa selvageria, a matilha se pressionando contra ela, querendo trocar a vida dela pela nossa.

Com um rosnado e um flash de dentes, eu fui para frente. Salem rosnou para mim, mas eu era maior que ele, apesar da minha fome e juventude. Paul rugiu ameaçadoramente para me apoiar.

Eu estava perto dela, e ela estava olhando para cima para o céu sem fim, com olhos distantes. Talvez morta. Eu coloquei meu nariz na mão dela: o cheiro de sua palma, açúcar e manteiga e sal, me lembrou de outra vida.

Então eu vi os olhos dela.

Acordada. Viva.

A garota olhou direto para mim, os olhos segurando os meus com uma terrível honestidade.

Eu me afastei, começando a tremer de novo – mas dessa vez, não era a raiva que estava em mim.

Os olhos dela em meus olhos. O sangue dela no meu rosto. Eu estava me despedaçando, de dentro para fora.

A vida dela.

Minha vida.

O bando estava atrás de mim, desconfiado. Eles rosnaram para mim, não era mais um deles, e eles rosnaram por sua presa. Eu pensei que ela era a garota mais linda que eu já tinha visto, um pequeno anjo ensangüentado na neve, e eles iriam destruir ela.

Eu vi. Eu vi ela, de uma forma que nunca vi nada antes.

E eu impedi.

CAPÍTULO TRÊS • GRACE

3°C

Eu o vi de novo, depois disso, sempre no frio. Ele ficou na beira da floresta no nosso quintal, seus olhos amarelos firmes em mim, enquanto eu enchia o alimentador de pássaros, ou tirava o lixo, mas ele nunca se aproximou. Entre dia e noite, um tempo que durava para sempre no longo inverno de Minnesota, eu podia me balançar no pneu congelado, até sentir seu olhar. Ou, mais tarde, quando eu tinha cansado de me balançar, eu ia até o deck e silenciosamente me aproximava dele, a mão estendida, a palma para cima, os olhos baixos. Não era uma ameaça. Eu estava tentando falar sua língua.

Mas não importava o quanto eu esperava, não importava o quão duro eu tentava alcançar ele, ele poderia sempre derreter no mato antes que eu pudesse atravessar a distância entre nós.

Eu nunca fiquei com medo dele. Ele era grande o bastante para me arrancar do meu balanço, forte o bastante para me derrubar e me arrastar para a floresta. Mas a ferocidade de seu corpo não estava em seus olhos. Eu lembrei de seu olhar, cada tom de amarelo, e eu não podia ter medo. Eu sabia que ele não me machucaria.

Eu queria que ele soubesse que eu não o machucaria também.

Eu esperei. E esperei.

E ele esperava também, embora eu não soubesse o que ele esperava. Eu sentia como se eu fosse a única alcançando.

Mas ele estava sempre lá. Me observando observar ele. Nunca próximo de mim, mas nunca longe também.

E assim foi, um inquebrável padrão por seis anos: a presença freqüente dos lobos no inverno e sua ausência ainda mais presente no verão. Eu não pensava realmente sobre seu tempo. Eu pensei que eles eram lobos. Apenas lobos.

CAPÍTULO QUATRO • SAM

32°C

O dia em que quase falei com Grace foi o dia mais quente da minha vida. Mesmo na livraria, que tinha ar condicionado, o calor crepitava para dentro pela porta, e entrava, em ondas, pelas grandes janelas. Atrás do balcão, eu me espreguiçava em meu banco, no sol, e sugava o verão como se pudesse segurar cada gota dele dentro de mim. Conforme as horas passavam, a ensolarada tarde branqueava todos os livros na prateleira para versões mais pálidas deles mesmos, e esquentava o papel e tinta dentro das capas, e o cheiro de palavras não lidas pairava no ar.

Era isso que eu amava, quando eu era humano.

Eu estava lendo quando a porta abriu com um pequeno tinido de sino, deixando entrar o ar quente e um grupo de garotas. Elas estavam rindo alto demais para precisar da minha ajuda, então continuei lendo e deixei elas caminharem ao longo das paredes e conversar sobre tudo, menos livros.

Eu acho que não teria olhado para as garotas duas vezes, só que com o canto dos olhos, eu vi uma delas erguer seu cabelo loiro escuro e o torcer em um longo rabo de cavalo. A ação em si era insignificante, mas o movimento enviou o cheiro no ar. Eu reconheci aquele cheiro. Eu soube imediatamente.

Era ela. Tinha que ser.

Eu ergui meu livro para meu rosto e arrisquei olhar na direção das garotas. As outras duas ainda estavam conversando e gesticulando para um pássaro de papel que eu pendurei no teto acima da sessão de livros para crianças. Mas ela não estava falando: ela estava atrás, seus olhos nos livros ao redor dela. Então eu vi o rosto dela, e eu reconheci algo de mim mesmo, na expressão dela. Os olhos dela passavam pelas prateleiras, buscando uma possibilidade para fuga.

Eu tinha repassado centenas de versões desse cenário em minha cabeça, mas agora que o momento tinha chego, eu não sabia o que fazer.

Ela era tão real aqui. Era diferente quando ela estava em seu quintal, apenas lendo um livro ou escrevendo o dever de casa em um caderno. Ali, a distância entre nós era impossivelmente pouca: eu sentia todas as razões para ficar longe. Aqui, na livraria, comigo, ela parecia perto, tirando o fôlego, de uma forma que ela já tinha estado antes. Não havia nada para me impedir de falar com ela.

O olhar dela foi em minha direção, e eu desviei o olhar, de volta para o meu livro. Ela não reconheceria meu rosto, mas reconheceria meus olhos. Eu tinha que acreditar que ela reconheceria meus olhos.

Eu rezei para que ela partisse e eu pudesse respirar de novo.

Eu rezei para ela comprar um livro, para que eu pudesse conversar com ela.

Uma das garotas chamou, “Grace, vem aqui e olhe isso. Chegando na nota: Entrando na faculdade dos seus sonhos – isso soa bom, não é?”

Eu suguei o ar devagar, e observei as costas iluminadas pelo sol dela, enquanto ela ia olhar os livros de preparação para o vestibular com as outras garotas. Havia um certo declive nos ombros dela, que pareciam indicar apenas um educado interesse: ela acenava enquanto elas apontavam para outros livros, mas ela parecia distraída. Eu observei a forma que a luz do sol passava pelas janelas, tocando cada cabelo que esvoaçava de seu rabo de cavalo e fazendo cada um parecer um fio de ouro reluzente. A cabeça dela se movia quase imperceptivelmente para frente para trás, com o ritmo da música tocando na mente dela.

“Hey.”

Eu virei, enquanto rostos apareciam diante de mim. Não era Grace. Uma das outras garotas, com cabelo escuro e bronzeada. Ela tinha uma enorme câmera em seu ombro, e ela estava olhando diretamente para meus olhos. Ela não disse nada, mas eu sabia o que ela estava pensando. As reações para cor dos meus olhos passavam de olhares furtivos para um encarar óbvio; pelo menos ela estava sendo honesta sobre isso.

“Você se importa se eu tirar sua foto?” ela perguntou.

Eu procurei uma desculpa. “Alguns nativos acham que se você tirar sua foto, você leva sua alma. Parece um argumento bem lógico para mim, desculpe, sem fotos.” Eu dei de ombros de forma apologética. “Você pode tirar fotos da loja se quiser.”

A terceira garota passou pela garota com a câmera: cabelo castanho espesso, cheia de sardas e irradiando tanta energia que ela me cansava. “Flertando, Olivia? Não temos tempo para isso. Aqui, cara, vamos levar esse.”

Eu peguei o “Conseguindo a Nota” dela, dando um rápido olhar ao redor, procurando por Grace.

“19 dólares e 99 cents,” eu disse.

Meu coração batia com força.

“Por uma brochura?” se surpreendeu a garota, mas ela me entregou 20 dólares. “Fique com o 1 cent.” Não tínhamos um pote de 1 cent, mas eu coloquei no balcão perto da caixa registradora. Eu embalei o livro e entreguei lentamente, pensando em como Grace podia vir até ali para ver porque estava demorando tanto.

Mas ela permaneceu na sessão de biografias, a cabeça virada de lado enquanto ela lia a sinopse. A garota cheia de sardas pegou a sacola e sorriu para Olivia e eu. Então elas foram até Grace, e então em direção a porta.

Vire-se, Grace. Olhe para mim. Estou parado bem aqui. Se ela virar agora mesmo, ela vai ver meus olhos, e ela vai ter que me conhecer.

A garota com sardas abriu a porta – barulho de sinos – e fez um som impaciente para o resto do grupo: hora de seguir em frente. Olivia virou brevemente, e os olhos dela me encontraram de novo atrás do balcão. Eu sabia que estava encarando elas – encarando Grace – mas eu não conseguia parar.

Olivia franziu e saiu da loja. A garota com sardas disse, “Grace, vem.”

Meu peito doeu, meu corpo falando uma língua que minha cabeça não entendia direito.

Eu esperei.

Mas Grace, a única pessoa no mundo que eu queria que me conhecesse, só passou um dedo pela cabe de um dos livros de capa dura e saiu da loja sem sequer perceber que eu estava ali, bem ao alcance.

CAPÍTULO CINCO • GRACE

6º C

Eu não percebi que os lobos na floresta eram lobisomens até que Jack Culpeper foi morto.

Setembro foi meu ano de caloura, quando aconteceu, Jack era tudo que todos na cidade pequena conseguiam falar. Não era como se Jack tivesse sido um garoto incrível quando estava vivo – fora por ser dono dos carros mais caros do estacionamento, incluindo o diretor. Na verdade, ele era meio idiota. Mas quando ele foi morto – foi instantaneamente santificado. De uma forma horrível e sensacional, por causa do que havia acontecido. Cinco dias após sua morte, eu ouvi milhares de versões sobre a história nos corredores da escola.

O básico era isso: Todos estavam apavorados com os lobos agora.

Porque mamãe não via o noticiário e papai não estava nunca em casa, a ansiedade comum passou pela nossa casa devagar, sendo necessário alguns dias para realmente ganhar destaque. Meu incidente com os lobos tinha desaparecido da mente da minha mãe no passar desses 6 anos, substituído pelos gases de terebintina e cores complementares, mas o ataque a Jack pareceu refrescar isso perfeitamente.

Longe de mamãe canalizar sua ansiedade crescente em algo lógico como passar um tempo de qualidade com sua única filha, a que, para início de conversa, tinha sido atacada pelos lobos. Ao invés disso, ela só usou isso para se tornar ainda mais sem noção do que o normal.

“Mãe, você precisa que alguém te ajude com a janta?”

Minha mãe olhou de forma culpada para mim, voltando sua atenção para a TV que ela usava apenas para ver a cozinha enquanto cortava os cogumelos na tábua de corte.

“Foi tão perto daqui. Onde eles o encontraram.” Mamãe disse, apontando em direção a TV com a faca. O novo âncora parecia insinceramente sincero

enquanto um mapa da nossa cidade aparecia perto de uma foto borrada de um lobo no canto direito da tela. A caça pela verdade, ele disse, continuando. É de se imaginar que depois de uma semana contando a mesma história de novo e de novo, eles pelo menos teriam acertado os fatos. A foto deles não era nem da mesma espécie dos meus lobos, com seu pêlo cinza e olhos amarelos.

“Eu ainda não consigo acreditar,” mamãe continuou. “Logo no outro lado da floresta Boundary. É lá que ele foi morto.”

“Ou morreu.”

Mamãe franziu para mim, delicadamente cansada e linda, como sempre. “O que?”

Eu tirei o olhar do dever de casa – linhas de números e símbolos reconfortantes. “Ele poderia só ter desmaiado na estrada e ter sido arrastado para a floresta enquanto estava inconsciente. Não é a mesma coisa. Você não pode começar a tentar causar pânico.”

A atenção de mamãe tinha voltado a tábua enquanto ela cortava os cogumelos em pedaços pequenos o bastante, para o consumo de uma ameba. Ela balançou a cabeça. “Eles atacaram ele, Grace.”

Eu olhei pela janela, para a floresta, as linhas pálidas das linhas, fantasmas no escuro. Se meu lobo estava ali, eu não conseguia ver ele. “Mamãe, foi você que me disse de novo e de novo: Lobos normalmente são pacíficos.”

Lobos são criaturas pacíficas. Esse tinha sido o refrão de mamãe por anos. Eu acho que o único jeito dela poder continuar a viver nessa casa, era se convencendo de que os lobos são relativamente inofensivos, e insistir que meu ataque era algo único. Eu não sei se ela realmente acreditava que eles eram pacíficos, mas eu acreditava. Olhando para a floresta, eu procurei os lobos a cada ano da minha vida, memorizando seu rosto e sua personalidade. Claro, havia o logo magro e de aparência doentia que ficava para trás, visível apenas nos meses mais frios. Tudo nele – seu pêlo maçante e desordenado, sua orelha cortada, seus olhos deficientes – gritavam que era um corpo doente, e a parte branca de seus olhos selvagens, sussurravam a loucura em sua mente. Eu

lembrei do dente dele rasgando minha pele. Eu podia imaginar ele atacando um humano na floresta de novo.

E havia o lobo branco que era uma fêmea. Eu tinha ouvido falar que os lobos fazem casais pela vida toda, e eu vi ela com o líder do bando, um lobo corpulento que era tão preto quanto ela era branca. Eu vi ele focinhar o nariz dela e conduzi-la por entre as árvores, o pêlo piscando como um peixe na água. Ela tinha uma beleza selvagem; eu conseguia imaginar ela atacando um humano também. Mas o resto deles? Eles eram fantasmas silenciosos e lindos, na floresta. Eu não temia eles.

“Verdade, pacíficos,” mamãe cortava na tábua. “Talvez eles devessem prender eles todos e os enviar para o Canadá ou algo assim.”

Eu franzi para meu dever de casa. Os verões sem meu lobo já eram ruins o bastante. Quando criança, esses meses pareciam impossivelmente longos, só um tempo para passar esperando os lobos reaparecerem. Eles só pioraram depois que eu notei meu lobo de olhos amarelos. Durante aqueles meses longos, eu tinha imaginado grandes aventuras onde eu me tornava um lobo a noite e fugia com meu lobo para uma floresta dourada onde nunca nevava. Eu sabia agora que a floresta dourada não existia, mas o bando – e meu lobo de olhos amarelos – existia.

Suspirando, eu empurrei meu livro de matemática pela mesa da cozinha e me juntei a mamãe na tábua de corte. “Deixa que eu faço. Você está estragando tudo.”

Ela não protestou, e eu não esperei que ela o fizesse. Ao invés disso, ela me compensou com um sorriso e se afastou como se ela estivesse esperando que eu notasse o trabalho lamentável que ela estava fazendo. “Se você terminar de fazer o jantar,” ela disse, “eu vou te amar para sempre.”

Eu fiz uma cara e peguei a faca dela. Mamãe estava sempre manchada de tinta e ausente. Ela nunca seria a mãe das minhas amigas: que usavam avental, cozinhavam, aspiravam a casa, Betty Crocker². Eu não queria que ela fosse como elas. Mas sério – eu precisava fazer meu dever de casa.

² Linha de produtos alimentícios.

“Obrigado, querida. Eu estarei no meu estúdio.” Se mamãe fosse uma daquelas bonecas que diz cinco ou seis coisas diferentes quando você aperta a barriga delas, essa seria uma das frases pré-gravadas dela.

“Não desmaie por causa da terebintina,” eu disse a ela, mas ela já estava subindo as escadas. Colocando os cogumelos mutilados numa tigela, eu olhei para o relógio pendurado na parede amarelo claro. Ainda faltava uma hora até papai chegar em casa do trabalho. Eu tinha muito tempo para fazer o jantar, e talvez, depois, tentar ver meu lobo.

Havia algum tipo de corte de carne na geladeira que provavelmente deveria ir misturada com os cogumelos. Eu o tirei e bati na tabua de corte. Ao fundo, um “expert” no noticiário estava perguntando se a população de lobos em Minnesota deveria ser limitada ou movida para outro lugar. A coisa toda me deixou de mal humor.

O telefone tocou. “Alô?”

“Hiya. E aí?”

Rachel. Eu estava feliz por ter notícias dela; ela era o oposto exato da minha mãe – totalmente organizada e ótima em acompanhar as coisas. Ela me fazia sentir menos alien. Eu coloquei o telefone entre minha orelha e ombro e cortei a carne enquanto falava, guardando um pedaço do tamanho do meu punho para depois. “Só fazendo jantar e assistindo o noticiário idiota.”

Ela soube, imediatamente, do que eu estava falando. “Eu sei. Em falar em coisas surreais, não é? Parece que eles não se cansam disso. É meio nojento, na verdade – quer dizer, porque eles não simplesmente calam a boca e nos deixam terminar com isso? Já é ruim o bastante ir a escola e ouvir sobre isso o tempo todo. E com os lobos e tudo mais, tem que te incomodar muito – e, sério, os pais de Jack tem que estar querendo que o repórter cale a boca.” Rachel estava tagarelando tão rápido que eu mal conseguia entender ela. Eu perdi um monte do que ela disse no meio, e então ela perguntou, “Olivia ligou hoje?”

Olivia era o terceiro lado do nosso trio, a única que chegava perto de entender minha fascinação com lobos. Era uma noite rara quando eu não falava

com ela ou Rachel pelo telefone. “Ela provavelmente está tirando algumas fotos. Hoje a noite não tem uma chuva de meteoros?” eu disse. Olivia via o mundo atrás de sua câmera; metade das memórias da minha escola parecia estar na forma do glossário 10x15cm.

Rachel disse, “Eu acho que você tem razão. Olivia definitivamente vai querer um pedaço daquela ação quente de asteróides. Tem um tempo pra conversar?”

Eu olhei para o relógio. “Mais ou menos. Só enquanto eu termino o jantar, depois tenho dever.”

“Ok. Só um segundo então. Duas palavras, baby, tente elas: es.ape.”

Eu encarei o bife fervendo no fogão. “Isso é uma palavra, Rach.”

Ela pausou. “Yeah. Soou melhor na minha cabeça. De qualquer forma, o negócio é o seguinte: Meus pais falaram que se eu quiser ir a algum lugar no feriado de natal esse ano, eles vão pagar. Eu com certeza quero ir a algum lugar. Qualquer lugar menos Mercy Falls. Deus, qualquer lugar menos Mercy Falls! Você e Olivia podem vir aqui e me ajudar a escolher algum lugar depois da escola amanhã?”

“Yeah, claro.”

“Se for algum lugar muito legal, talvez você e Olivia pudessem ir também,” Rachel disse.

Eu não respondi imediatamente. A palavra natal imediatamente invocou memórias do cheiro da nossa árvore de natal, o negro infinito do céu estrelado de dezembro acima do quintal, e os olhos do meu lobo me observando atrás das árvores cobertas de neve. Não importa o quão ausente ele ficasse o resto do ano, eu sempre tinha meu lobo no natal.

Rachel rosnou. “Não faça esse olhar-de-encarar-a-longa-distância-pensando, Grace! Eu sei que você está fazendo isso! Você não pode me dizer que não quer sair desse lugar!”

Eu meio que não queria. Eu meio que pertencia aqui. “Eu não disse não,” eu protestei.

“Você também não disse ohmeudeus sim, também. Era isso que você deveria dizer.” Rachel suspirou. “Mas você vai vir, né?”

“Você sabe que vou,” eu disse, levantando o pescoço para olhar para janela de trás. “Agora, eu realmente tenho que ir.”

“Yeah, yeah, yeah,” Rachel disse. “Traga cookies. Não esqueça. Te amo. Bye.” Ela riu e desligou.

Eu corri para pegar a panela de ensopado no fogão para ela poder se ocupar sem mim. Pegando meu casaco do gancho na parede, eu abri a porta para o deck.

Ar frio passou por minhas bochechas e pinicou o topo das minhas orelhas, me lembrando que o verão tinha oficialmente acabado. Minha touca estava enfiada no bolso do meu casaco, mas eu sabia que meu lobo nem sempre me reconhecia quando eu estava usando, então eu fiquei sem. Eu fui até a beira do quintal e sai do deck, tentando parecer indiferente enquanto fazia isso. O pedaço de bife na minha mão era frio e liso.

Eu passei pela grama frágil e incolor até o meio do quintal a parei, momentaneamente deslumbrada pelo violento rosa do por do sol através das folhas negras das árvores. A rígida paisagem era um mundo de distância da pequena e quente cozinha com seus cheiros reconfortantes e fácil sobrevivência. Mas as árvores me chamavam, me instigando a abandonar o que eu conhecia e desaparecer na noite que se aproximava. Era um desejo que estava me puxando com uma frequência desconcertante ultimamente.

A escuridão na beira da floresta se mexeu, e eu vi meu lobo parado ao lado de uma árvore, as narinas cheirando a carne na minha mão. Meu alívio em ver ele fui cortado enquanto ele mexia a cabeça, deixando a luz amarela da porta de correr passar no seu rosto. Eu podia ver agora que seu queixo estava sujo com sangue seco e velho. Velhos tempos.

Suas narinas funcionavam; ele podia sentir o cheiro do pedaço de carne na minha mão. Ou o bife ou a familiaridade da minha presença foi o bastante para fazer ele dar alguns passos para fora da floresta. Então mais alguns passos. Mais perto do que ele alguma vez já esteve antes.

Eu o encarava, perto o bastante para poder ter me estendido e tocado seu incrível pêlo. Ou passado a mão na profunda mancha vermelho em seu focinho.

Eu queria muito que aquele sangue fosse dele. Um velho corte ou arranhão por causa de uma briga.

Mas não parecia isso. Parecia que pertencia a outra pessoa.

“Você matou ele?” eu sussurrei.

Ele não desapareceu ao ouvir o som da minha voz, como eu tinha esperado. Ele estava tão parado quanto uma estatueta, seus olhos observando meu rosto ao invés da carne na minha mão.

“É tudo que eles falam no noticiário,” eu disse, como se ele pudesse me entender. “Eles chamam de ‘selvagem’. Eles dizem que animais selvagens fizeram aquilo. Foi você quem fez?”

Ele me encarou por mais um minuto, sem se mexer, sem piscar. E então, pela primeira vez em seis anos, ele fechou os olhos. Ia contra cada natureza animal que um lobo deveria ter. Uma vida sem piscar, e agora ele estava congelado num pesar quase humano, os brilhantes olhos fechados, a cabeça abaixada e o rabo também.

Era a coisa mais triste que eu já tinha visto.

Devagar, mal me mexendo, eu me aproximei dele, com medo de espantá-lo, não dos seus lábios manchados de vermelho os dos dentes que ele escondia. Eu me abaixei, derrubando a carne na neve ao meu lado. Ele recusou quando ela bateu no chão. Eu estava perto o bastante para sentir o odor selvagem da sua pele, e sentir o calor do seu hálito.

Então eu fiz o que eu sempre quis fazer – eu coloquei a mão no seu pêlo denso, e quando ele não recuou, eu enterrei ambas as mãos na sua pelagem. Sua pele não era tão suave quanto parecia, mas abaixo das camadas grossas de cabelo, havia uma camada mais fofa. Com um baixo rosnado, ele pressionou sua cabeça contra mim, os olhos ainda fechados. Eu o segurei como se ele não fosse nada mais que um cachorro de família, embora seu cheio selvagem e afiado não me deixasse esquecer o que ele realmente era.

Por um momento, eu esqueci onde – quem – eu era. Por um momento, não importou.

Movimento chamou minha atenção: A distância, pouco visível devido a luz que desaparecia, o lobo branco estava observando na beira da floresta, os olhos dela queimando.

Eu senti um tremor contra meu corpo e percebi que meu lobo estava rosnando para ela. A loba se aproximou mais, ousada de forma incomum, e ele virou nos meus braços para encarar ela. Eu recuei com o som dos dentes dele batendo para ela.

Ela nunca rosnou, e de alguma forma, isso foi pior. Um lobo deveria ter rosnado. Mas ela apenas encarou, os olhos passando dele para mim, cada aspecto da linguagem corporal dela exalando ódio.

Ainda rosnando, de forma quase inaudível, meu lobo se pressionou com mais força contra mim, me forçando a dar um passo para trás, então outro, me guiando até o deck. Meus pés encontram os degraus e eu voltei até a porta que balançava. Ele permaneceu na beira da escada até que eu abri a porta e me tranquei dentro da casa.

Assim que eu estava dentro, a loba branca foi para frente e pegou o pedaço de carne que eu tinha derrubado. Embora meu lobo estivesse mais perto dela e era a ameaça mais óbvia pela comida, foi a mim que os olhos dela encontraram, do outro lado da porta de vidro. Ela segurou meu olhar por um longo momento antes de entrar na floresta, como um espírito.

Meu lobo hesitou na beira da floresta, a luz fraca da varanda pegando seus olhos. Ele ainda estava olhando minha silhueta através da porta.

Eu pressionei minha palma contra o vidro.

A distância entre nós nunca pareceu tão grande.

CAPÍTULO SEIS • GRACE

5º C

Quando meu pai chegou em casa, eu ainda estava perdida no silencioso mundo dos lobos, imaginando de novo e de novo a sensação dos pêlos grossos do lobo contra minha palma. Embora eu tenha relutantemente lavado as mãos para jantar, o cheiro almiscarado dele estava em minhas roupas, mantendo o encontro fresco na minha mente. Tinha levado 6 anos para ele me deixar tocá-lo. Segurar ele. E agora ele tinha me guardado, como ele sempre me guardou. Eu desesperadamente queria contar a alguém, mas eu sabia que papai não iria dividir minha excitação, especialmente com as notícias ainda passando no fundo sobre o ataque. Eu mantive a boca fechada.

No corredor da frente, papai entrou. Embora ele não tivesse me visto na cozinha, ele chamou, “O jantar tem um cheiro ótimo, Grace.”

Ele veio até a cozinha e deu tapinhas na minha cabeça. Os olhos dele pareciam cansados atrás de seus óculos, mas ele sorriu. “Onde está sua mãe? Pintando?” Ele colocou o casaco em cima da cadeira.

“E ela algum dia para?” eu estreitei os olhos para o casaco dele. “Eu sei que você não vai deixar isso aí.”

Ele o pegou com um sorriso afável e deu um grito pelas escadas, “Rags, hora da janta!” Ele usou o apelido de mamãe para confirmar seu bom humor.

Mamãe apareceu na cozinha amarela em dois segundos. Ela estava sem fôlego por ter corrido escada abaixo – ela nunca andava mesmo – e havia uma mancha de verde na bochecha dela.

Papai a beijou, evitando a tinta. “Você tem sido uma boa garota, meu bichinho?”

Ela piscou os cílios. Ela tinha um olhar no rosto, como se ela já soubesse o que ele ia dizer. “O melhor.”

“E você, Gracie?”

“Melhor que mamãe.”

Papai limpou a garganta. “Senhoras e senhores, meu aumento começa a valer nessa sexta. Então...”

Mamãe bateu palmas e deu uma volta, se observando no espelho enquanto girava. “Vou alugar aquele lugar!”

Papai sorriu e acenou. “E, Gracie querida, você vai trocar o seu carro podre assim que eu encontrar o tempo para te levar para concessionária. Estou cansado de levar o seu para o mecânico.”

Mamãe riu, vertiginosa, e bateu as mãos de novo. Ela dançou na cozinha, cantando um tipo de música sem sentido. Se ela alugasse o estúdio na cidade, eu provavelmente nunca mais veria meus pais de novo. Bem, a não ser no jantar. Eles normalmente aparecem para comer.

Mas isso não parecia ser importante, devido a promessa de um transporte confiável. “Verdade? Meu próprio carro? Eu quero dizer, um que funciona?”

“Um levemente melhor,” papai prometeu. “Nada bom demais.”

Eu o abracei. Um carro assim significava liberdade.

Aquela noite, eu estava deitada no meu quarto, os olhos fechados fortemente, tentando dormir. O mundo fora da minha janela parecia quieto, como se tivesse nevado. Era cedo demais para neve, mas cada som parecia abafado. Quietos demais.

Eu segurei o fôlego e me foquei na noite, ouvindo os movimentos na escuridão quieta.

Eu vagorosamente me tornei ciente dos fracos clicks que quebravam o silêncio lá fora, que incomodava minhas orelhas. Soava como o barulho de unhas no deck do lado de fora da minha janela. Havia um lobo no deck? Talvez

fosse um guaxinim. Então veio mais um suave arranhão, e um rosnado – definitivamente não era um guaxinim. Os cabelos se ergueram na minha nuca.

Colocando minha colcha ao meu redor, como um casaco, eu sai da cama e passei pelo chão de madeira iluminado pela meia lua. Eu hesitei, me perguntando se eu tinha sonhado com o som, mas o tack tack tack passou pela janela de novo. Eu ergui a cortina e olhei para o deck. Perpendicular ao meu quarto, eu podia ver que meu quintal estava vazio. Os troncos das árvores negras se projetavam como um muro entre mim e a floresta mais profunda, além.

De repente, um rosto apareceu bem na frente do meu, e eu pulei surpresa. A loba branca estava do outro lado do vidro, as patas do lado de fora. Ela estava perto o bastante para mim ver umidade nos cabelos de seu pêlo. Os olhos azuis dela me encararam, me desafiando a desviar o olhar. Um rosnado baixo passou pelo vidro, e eu senti como se pudesse ler o significado, tão claramente como se estivesse sido escrito no vidro. Você não é a protetora dele.

Eu a encarei. Então, sem pensar. Eu ergui meus dentes em um rosnado. O rosnado que escapou de mim surpreendeu tanto eu quanto ela, e ela pulou da janela. Ela lançou um olhar negro sobre os ombros para mim, e espiou no canto do deck antes de ir para floresta.

Mordendo o lábio para apagar a estranha forma do rosnado, eu peguei meu suéter do chão e voltei para cama. Empurrando meu travesseiro para o lado, usando meu suéter ao invés dele.

Eu cai no sono com o cheiro do meu lobo. Pinho, chuva fria, perfume de terra, e grosseiras cerdas no meu rosto.

Era quase como se ele estivesse ali.

CAPÍTULO SETE • SAM

5°C

Eu ainda conseguia sentir o cheiro dela no meu pêlo. Ele se apegou a mim, uma memória de outro mundo.

Eu estava bêbado com ele, com o cheiro dela. Eu me aproximei demais. Meus instintos me avisaram contra isso. Especialmente quando lembrei o que tinha acabado de acontecer com o garoto.

O cheiro do verão na pele dela, a maia-cadência na voz dela, a sensação dos dedos dela no meu pêlo. Cada parte de mim cantava com a memória da proximidade dela.

Perto demais.

Eu não conseguia me afastar.

CAPÍTULO OITO • GRACE

18°C

Na semana seguinte, eu fiquei distraída na escola, passando por minhas aulas e mal fazendo anotações. Tudo que eu conseguia pensar era a sensação do pêlo do meu lobo debaixo dos meus dedos e a imagem da loba branca rosnando fora da minha janela. Eu voltei minha atenção, no entanto, quando a Sra. Ruminski levou um policial para dentro da sala, e para a frente da turma sobre Habilidades de Vida.

Ela o deixou sozinho na frente da sala, o que eu achei bem cruel, considerando que era o 7º período e a maioria de nós estava ansioso querendo escapar. Talvez ela tenha pensando que um membro da polícia fosse capaz de lidar com meros estudantes colegiais. Mas em criminosos você pode atirar, diferente de uma sala cheia de estudantes do segundo ano que não calam a boca.

“Oi,” o oficial disse. Embaixo do cinto com a arma que guardava seu cassetete e spray de pimenta, fora outras armas, ele parecia jovem. Ele olhou em direção a Sra. Ruminski, que estava inutilmente parada na porta da sala de aula, e apontou para o nome brilhante na etiqueta da camisa dele: WILLIAM KOENIG. A sra. Ruminski tinha nos dito que ele era um formando da nossa escola, mas nem seu nome ou seu rosto pareciam familiares para mim. “Sou o oficial Koenig. Sua professora – Sra. Ruminski – me pediu, semana passada, para vir conversar com a turma dela de Habilidades de Vida.”

Eu olhei para Olivia no assento perto de mim para ver o que ela estava achando disso. Como sempre, tudo sobre Olivia parecia limpo e arrumado: Tirava 10 direto. O seu cabelo preto estava perfeito numa trança francesa e sua camiseta com colarinho tinha sido passada. Você nunca sabia dizer o que Olivia estava pensando. Eram seus olhos que você tinha que olhar para saber.

“Ele é fofo,” Olivia sussurrou para mim. “Adoro a cabeça raspada. Você acha que a mãe dele o chama de Will?”

Eu ainda não tinha descoberto como responder ao interesse recém encontrado de Olivia por caras, então eu só virei os olhos. Ele era fofo, mas não o meu tipo. Eu achava que não sabia qual era meu tipo ainda.

“Eu me tornei policial logo depois do ensino médio,” Oficial Will disse. Ele parecia muito sério enquanto dizia isso, franzindo de um jeito meio servir-e-proteger. “É uma profissão que eu sempre quis seguir e que eu levo muito a sério.”

“Claramente,” eu sussurrei para Olivia. Eu não achava que a mãe dele o chamava de Will. Oficial William Koenig deu um olhar para nós e colocou a mão na arma. Eu acho que era o habito, mas parecia que ele estava considerando atirar em nós por termos sussurrado. Olivia desapareceu em sua cadeira, e algumas outras garotas riram.

“É uma excelente carreira e uma das poucas que não requer faculdade ainda,” ele pressionou. “Algun – uh – de vocês está considerando seguir carreira policial?”

Foi o uh que o afundou. Se ele não tivesse hesitado, eu acho que a turma teria se comportado.

Uma mão se ergue. Elizabeth, um do grupo de estudantes de Mercy Falls High que ainda estava usando preto desde a morte de Jack, perguntou, “É verdade que o corpo de Jack Culpeper foi roubado do necrotério?”

A classe se rompeu em sussurros com a audácia dela, e o oficial Koenig parecia que realmente estava pretendendo atirar nela. Mas tudo que ele disse foi, “não estou autorizado para falar os detalhes de qualquer investigação em andamento.”

“É uma investigação?” uma voz masculina falou na frente.

Elizabeth interrompeu, “Minha mãe ouviu do despachante. É verdade? Porque alguém iria roubar o corpo dele?”

Teorias passaram em uma rápida sucessão.

“Tem que ser um acobertamento. Para suicídio.”

“Muitas drogas!”

“Experimentos médicos!”

Um cara disse, “Eu ouvi que o pai de Jack tem um urso polar empalhado em casa. Talvez os Culpepers tenha empalhado Jack, também.” Alguém deu um tapa no cara que fez esse último comentário; ainda era um tabu dizer algo ruim sobre a família de Jack.

O oficial Koenig olhou ansioso para a Sra. Ruminski, que estava na porta aberta da turma. Ela o olhou solenemente e se voltou para a turma. “Fiquem quietos!”

Nós ficamos.

Ela se virou para o oficial Koenig. “Então o corpo dele foi rou-bado?” ela perguntou.

Ele de novo disse, “não estou autorizado a discutir detalhes de investigações em andamento.” Mas dessa vez, ele soava mais desamparado, como se houvesse um ponto de interrogação no fim de sua frase.

“Oficial Koenig,” a Sra. Ruminski disse. “Jack era bem amado nessa comunidade.”

O que era uma mentira. Mas estar morto tinha feito maravilhas com a reputação dele. Eu acho que todo mundo podia esquecer o jeito que ele perdia a calma no meio do corredor ou até durante as aulas. E como eram essas explosões de raiva. Mas eu não. Marcy Falls era toda sobre rumores, e o rumor era que Jack conseguiu seu pavio curto com o pai. Eu não sabia sobre isso. Parece que você deve escolher o tipo de pessoa que vai ser, não importa como seus pais são.

“Ainda estamos de luto,” a Sra. Ruminski acrescentou, gesticulando para o mar de preto na turma. “Isso não se trata de uma investigação. Isso se trata de dar um fechamento para uma comunidade próxima.”

Olivia gesticulou para mim: “Oh.Meu.Deus.” Eu balancei a cabeça. Incrível.

O oficial Koenig cruzou os braços sobre seu peito; isso o fez parecer petulante, como um garotinho sendo forçado a contar algo. “É verdade. Estamos procurando. Eu entendo que a perda de alguém tão jovem” – isso vindo de alguém que parecia ter talvez 20 anos – “tem um grande impacto na comunidade, mas eu peço que todos respeitem a privacidade da família e a confidencialidade do processo de investigação.”

Ele estava voltando a ficar firme.

Elizabeth levantou a mão de novo. “Você acha que os lobos são perigosos? Você recebe muitas chamadas por causa deles? Minha mãe diz que você recebe muitas chamadas por causa deles.”

O oficial Koenig olhou para a Sra. Ruminski, mas ele deveria ter entendido que ela queria saber tanto quando Elizabeth. “Eu não acho que os lobos sejam uma ameaça para a população, não. Eu – e o resto do departamento – sentimos que esse foi um incidente isolado.”

Elizabeth disse, “Mas ela foi atacada também.”

Oh, que maravilha. Eu não conseguia ver Elizabeth apontando, mas eu sabia que ela estava, porque o rosto de todo mundo virou em minha direção. Eu mordi o interior do meu lábio. Não porque a atenção estivesse me incomodando, mas porque toda vez que alguém lembrava que eu tinha sido arrastada do meu balanço, eles lembravam que podia acontecer com qualquer um. E eu me perguntei quantos “alguéns” seria necessário antes deles decidirem irem atrás dos lobos.

De ir atrás do meu lobo.

Eu sabia que esse era o verdadeiro motivo que eu não podia perdoar Jack por morrer. Entre isso e o histórico dele na escola, parecia hipócrita entrar em um luto público junto com o resto da escola. Mas não parecia certo ignorar também; eu queria saber o que eu deveria estar sentindo.

“Isso foi muito tempo atrás,” eu disse ao oficial Koenig, e ele parecia aliviado enquanto eu acrescentava, “Anos. E podem ter sido cachorros.”

Então eu estava mentindo. Quem ia me contradizer?

“Exatamente,” disse o oficial Koenig enfaticamente. “Exatamente. Não tem porque difamar animais selvagens por um incidente aleatório. E não tem porque criar pânico sem motivo. Pânico leva a descuido, e descuidos geram acidentes.”

Justamente meus pensamentos. Eu senti uma vaga proximidade com o oficial Koenig enquanto ele direcionava a conversa de volta a carreira na polícia. Depois que a aula acabou, os outros estudantes começaram a falar sobre Jack de novo, mas Olivia e eu escapamos para nossos armários.

Eu senti um puxão no meu cabelo e virei para ver Rachel parada atrás de mim, olhando de boca aberta para nós duas. “Bebês, eu tenho que remarcar o planejamento para viagem essa tarde. Madrasta aberração exige que a família vá para uma viagem em Duluth. Se ela quer que eu a ame, ela vai ter que comprar sapatos novos. Podemos ir juntas amanhã ou algo assim?”

Eu mal tinha concordado antes de Rachel nos dar um grande sorriso e sair pelo corredor.

“Quer ir para minha casa?” eu perguntei a Olivia. Ainda parecia um pouco estranho perguntar. No ensino fundamental, ela e Rachel e eu tínhamos passado o tempo todo juntas, um acordo sem palavras. De alguma forma, isso tinha meio que mudado depois que Rachel arranhou seu primeiro namorado, deixando Olivia e eu para trás, a nerd e a desinteressada, e fraturando nossa amizade fácil.

“Claro,” Olivia disse, pegando suas coisas e me seguindo pelo corredor. Ela beliscou meu cotovelo. “Olha.” Ela apontou para Isabel, a irmã mais nova de Jack, uma colega nossa com mais do que uma pequena parte da aparência bonita dos Culpepers, completa com a cabeça querúbrica de cachos loiros. Ela tinha uma SUV branca e uma daqueles Chihuahuas que ele vestia para combinar com suas roupas. Eu sempre me perguntei quando ela ia notar que vivia em Marcy Falls, Minnesota, onde as pessoas simplesmente não fazem esse tipo de coisa.

Naquele momento, Isabel encarava seu armário como se contivesse outros mundos. Olivia disse, “Ela não está usando preto.”

Isabel saiu do seu transe e nos olhou como se tivesse percebido que estávamos falando dela. Eu desviei o olhar, culpada, mas ainda senti os olhos dela em mim.

“Talvez ela não esteja mais de luto,” eu disse, depois que nos distanciarmos.

Olivia abriu a porta para mim. “Talvez ela seja a única que algum dia tenha estado.”

De volta a minha casa, eu fiz café e bolinhos de cranberry³ para nós, e sentamos na mesa da cozinha olhando para as últimas fotos de Olivia, debaixo da luz amarela do teto. Para Olivia, fotografia era uma religião; ela adorava sua câmera e estudava as técnicas como se fossem regras para se viver. Vendo as fotos dela, eu estava quase disposta a me tornar uma crente também. Ela te fazia parecer como se você estivesse bem ali, no cenário.

“Ele era bem fofo. Você não pode me dizer que ele não era,” ela disse.

“Você ainda está falando daquele oficial Sem-sorriso? Qual o seu problema?” Eu balancei a cabeça e fui para a próxima foto. “Eu nunca te vi obcecada com uma pessoa de verdade.”

Olivia sorriu para mim, por cima da caneca com vapor. Dando uma mordida no bolinho, ela falou de boca cheia, cobrindo a boca para não me cuspir pedaços. “Eu acho que estou me transformando naquelas garotas que gostam de tipos uniformizados. Oh, qualé, você não acha que ele era fofo? Estou me sentindo... estou me sentindo com vontade de ter uma namorado. Deveríamos pedir pizza uma hora dessas. Rachel me disse que tem um entregador muito fofo.”

Eu virei os olhos de novo. “De repente você quer um namorado?”

³ Amora.

Olivia não olhou para cima, mas eu tinha a ideia de que ela estava prestando muita atenção na minha resposta. “Você não quer?”

Eu murmurei, “Quando o cara certo aparecer, eu acho.”

“Como você vai saber se não procurar?”

“Como se algum dia você tivesse tido a coragem de falar com um cara. Fora o pôster de James Dean.” Minha voz tinha se tornado mais combativa do que eu pretendia; eu acrescentei uma risada no fim para suavizar o efeito. As sobrancelhas de Olivia se ergueram perto uma da outra, mas ela não disse nada. Por um longo tempo sentamos em silêncio, vendo as fotos dela.

Eu demorei numa foto em close-up de mim, Olivia, e Rachel juntas; a mãe dela tinha saído para tirar a foto logo antes das aulas começarem. Rachel, seu rosto cheio de sardas contornado num enorme sorriso, tipo um braço firme ao redor dos ombros de Olivia e o outro ao meu redor; parecia que ela estava nos esmagando para caber na foto. Como sempre, ela era a cola que mantinha nosso trio junto: a extrovertida que se certificava que nós, as quietas, ficássemos juntas através dos anos.

Na foto, Olivia parecia pertencer ao verão, com sua pele oliva bronzeada e olhos verdes saturados de cor. Os dentes dela davam um perfeito sorriso na foto, sardas e tudo mais. Perto das duas, eu era o semblante do inverno – cabelo loiro escuro e olhos muito escuros, uma garota do verão tomada por frio. Eu costumava pensar que Olivia e eu éramos iguais, as duas introvertidas e permanentemente enterrada em livros. Mas agora eu percebi que meu isolamento era auto-inflingido e Olivia era apenas dolorosamente tímida. Esse não, eu sentia que quanto mais tempo passávamos juntas, mais difícil era permanecermos amigas.

“Eu pareço idiota nessa,” Olivia disse. “Rachel parece louca. E você está com cara de brava.”

Eu parecia como alguém que não aceitaria não como resposta – quase petulante. Eu gostei. “Você não parece idiota. Você parece uma princesa e eu um ogro.”

“Você não parece um ogro.”

“Eu estava me gabando,” eu disse a ela.

“E Rachel?”

“Não, acertou. Ela parece louca. Ou pelo menos cheia de cafeína, como sempre.” Eu olhei para a foto de novo. Realmente, Rachel parecia como um sol, brilhante e exalando energia, segurando nós, as duas luas, em orbitas paralelas com a força de vontade dela.

“Você viu essa?” Olivia interrompeu meus pensamentos para apontar para outras fotos. Era meu lobo, dentro da floresta, meio escondido atrás das árvores. Mas ela conseguiu pegar uma parte do rosto dele perfeitamente em foco, e os olhos dele encararam os meus. “Você pode ficar com essa. Na verdade, pegue todas. Podemos colocar as melhores em um livro da próxima vez.”

“Obrigado,” eu respondi, e falei mais sério do que poderia expressar. Eu apontei para a foto. “Isso é da semana passada?”

Ela acenou. Eu encarei a foto dele – de tirar o fôlego, mas chata e inadequada em comparação a coisa verdade. Eu passei meu polegar por ela, como se sentisse seu pêlo. Algo se apertou no meu peito, amargo e triste. Eu senti os olhos de Olivia em mim, e eles só me fizeram sentir pior, mais sozinha. A um tempo atrás eu poderia ter falado com ela sobre isso, mas agora parecia pessoal demais. Algo tinha mudado – e eu achei que tinha sido eu.

Olivia me deu uma pilha de fotos que ela tinha separado do resto. “Essa é a minha pila de pirralha.”

Distraída, eu passei por elas devagar. Elas eram impressionantes: uma folha flutuando numa poça, estudantes refletidos na janela do ônibus escolar, um retrato próprio borrado, em preto e branco, de Olivia. Eu olhei toda e então coloquei a foto do meu lobo no topo da pilha de novo.

Olivia fez meio que um som irritado.

Eu com pressa, coloquei a foto da folha flutuando na poça de volta. Eu franzi para ela por um momento, tentando imaginar o tipo de coisa que mamãe diria sobre uma obra de arte. Eu consegui, “eu gosto dessa. Tem ótimas... cores.”

Ela tirou as fotos das minhas mãos e entregou a foto do lobo de volta para mim com tamanha força que ela bateu no meu peito e foi para o chão. “Yeah. As vezes, Grace, eu não sei nem quando...”

Olivia não terminou a frase, só balançou a cabeça. Eu não entendi. Ela queria que eu fingisse gostar mais das outras fotos do que a do meu lobo?

“Olá! Alguém em casa?” era John, o irmão mais velho de Olivia, me poupando das consequências do que quer que eu tivesse feito para irritar Olivia. Ele sorriu para mim no corredor, fechando a porta atrás dele. “Hey, bonitona.”

Olivia olhou para cima, do seu assento na mesa da cozinha, com uma expressão gelada. “Espero que esteja falando sobre mim.”

“É claro,” John disse, olhando para mim. Ele era bonito de uma forma muito convencional: alto, cabelos escuros como sua irmã, mas seu rosto era rápido para sorrir e ser amigável. “Seria de um péssimo gosto dar em cima da melhor amiga da sua irmã. Então. São 4 da tarde. Como o tempo voa quando você está –” ele pausou, olhando para Olivia inclinada por cima da mesa com várias fotos e para mim na frente dela, com outra pilha “– fazendo nada. Vocês não conseguem fazer algo para si?”

Olivia silenciosamente ajeitou a pilha de fotos enquanto eu explicava, “Somos introvertidas. Gostamos de fazer nada juntas. Só conversa, sem ação.”

“Parece fascinante. Olivia, temos que ir embora agora se você quiser chegar na sua aula.” Ele socou de leve meu braço. “Hey, porque você não vem conosco, Grace? Seus pais estão em casa?”

Eu bufei. “Está brincando? Estou criando a mim mesma. Eu deveria começar a guardar os meus bônus de impostos por guardar a casa.” John riu, provavelmente mais do que meu comentário justifica isso, e Olivia me deu um

olhar cheio de tanto veneno que era o bastante para matar um animal pequeno. Eu calei a boca.

“Anda, Olivia,” disse John, parecendo inconsciente as adagas sendo atiradas pelos olhos de sua irmã. “Você paga pelas aulas quer vá ou não. Você vem, Grace?”

Eu olhei pela janela, e pela primeira vez em meses, eu me imaginei desaparecendo nas árvores e correndo até encontrar meu lobo nas florestas de verão. Eu balancei a cabeça. “Não dessa vez. Marcamos pra próxima?”

John deu um sorriso torto para mim. “Yep. Anda, Olive. Tchau, bonita. Você sabe para quem ligar se estiver querendo ação enquanto fala.”

Olivia jogou sua mochila nele; deu uma batida sólida contra seu corpo. Mas fui eu que recebi o olhar feio de novo, como se tivesse feito algo para encorajar o flerte de John. “Vá. Só vá. Tchau, Grace.”

Eu acompanhei eles até a porta e então voltei para cozinha. Uma voz agradável e neutra me seguiu, um narrador na NPR descrevendo uma peça clássica que eu tinha acabado de ouvir a apresentando outra; papai tinha deixado o rádio ligado no seu escritório perto da cozinha. De alguma forma, o som da presença dos meus pais apenas destacava a ausência deles. Sabendo que o jantar seria feijão enlatado, ao menos que eu fizesse algo, eu peguei a frigideira e coloquei uma panela de sopa que havia sobrado no fogão para jantar até meus pais chegarem em casa.

Eu fiquei na cozinha, iluminada pela obliqua luz da tarde, que passava através da porta do deck, sentindo pena de mim mesma, mais por causa da foto de Olivia do que qualquer outra coisa. Eu não tinha visto meu lobo pessoalmente desde o dia que eu o havia tocado, quase uma semana atrás, e embora eu soubesse que não deveria, a ausência dele ainda doía. Era idiota, o jeito que eu precisava do fantasma dele no quintal para me sentir completa. Idiota, mas atualmente incurável.

Eu fui para a porta de trás e a abri, querendo o cheiro da floresta. Eu entrei no deck com meus pés com meia, e me inclinei contra a grade.

Se eu não tivesse saído, não tenho certeza de que teria ouvido o grito.

CAPÍTULO NOVE • GRACE

14°C

À distância, além das árvores, o grito veio de novo. Por um segundo pensei que fosse uma coruja, e então um grito se resolveu por entre as palavras: “Socorro! Socorro!”

Eu teria jurado que a voz parecia com a de Jack Culpeper.

Mas isso era impossível. Eu estava apenas imaginando, lembrando da lanchonete, onde sempre pareciam juntar os outros ao redor dele enquanto ele cantava garotas no corredor.

Ainda sim, eu segui o som da voz, me movendo impulsivamente pelo quintal e através das árvores. O chão estava úmido e espinhoso através das minhas meias; eu era desajeitada sem meus sapatos. O bater dos meus próprios passos através das folhas caídas e arbustos abafava qualquer outro som. Eu hesitei, escutando. A voz se fora, substituída por um choro distinto de animal, e então silêncio.

A segurança relativa do meu quintal estava bem longe agora. Eu fiquei parada por um longo momento, ouvindo qualquer indicação de onde o primeiro grito tinha vindo. Eu sabia que não tinha imaginado.

Mas não havia nada a não ser silêncio. E naquele silêncio, o cheiro da floresta passou por mim me lembrando dele. Pinhos esmagados e terra molhada e fumaça de madeira.

Eu não me importei com o quão idiota era. Eu tinha entrado na floresta e chego até aqui. Ir um pouco mais longe para tentar ver meu lobo de novo não ia machucar ninguém. Eu voltei para a casa, só para pegar meu sapato, e voltei para fora, para o dia frio de outono. Havia um “Q” atrás da brisa que prometia inverno, mas o sol brilhava claro, e abaixo da proteção das árvores, o ar era morno com a memória dos dias quentes de não muito tempo atrás.

Ao meu redor, as folhas morriam de lindas em tons de vermelho e laranja; corvos grasnavam uns para os outros em uma vibrante, e feia trilha sonora. Eu não entrava tão longe na floresta desde que tinha 11 anos, quando acordei cercada por lobos, mas estranhamente, não me senti com medo.

Eu pisei cuidadosamente, evitando os pequenos riachos que serpenteavam através da vegetação rasteira. Esse deveria ser um território desconhecido, mas eu me sentia confiante, segura. Guiada pelo silêncio, como se fosse um estranho 6º sentido, eu segui o mesmo caminho que os lobos usavam de novo e de novo.

E claro que eu sabia que não era um 6º sentido. Era apenas eu, reconhecendo que havia mais nos meus sentidos do que eu normalmente permitia. Eu cedi a eles e eles se tornaram eficientes, afiados. Conforme me alcançava, a brisa parecia carregar informações de uma pilha de mapas, me dizendo que animais tinham viajado por onde, e a quanto tempo atrás. Minhas orelhas captaram sons fracos que antes tinham passado despercebido: o barulho de um galho com um pássaro construindo um ninho, o passo macio de um cervo a vários metros de distância.

Eu sentia como se estivesse em casa.

A floresta tinha um choro desconhecido, deslocado nesse mundo. Eu hesitei, ouvindo. O choro veio de novo, mais alto que antes.

Rodeando um pinheiro, eu cheguei na fonte: três lobos. Era a loba branca e o preto, líder do bando; a visão da loba fez meu estômago se retorcer. Os dois tinham atacado um terceiro lobo, um jovem macho com uma matiz quase azul no seu pêlo cinza e um ferimento feio, que estava curando em seu ombro. Os outros dois lobos estavam prendendo ele no chão, para mostrar domínio; todos congelaram quando me viram. O macho preto, virou sua cabeça para me encarar, os olhos ameaçadores. Meu coração bateu forte no peito. Eu conhecia aqueles olhos. Eu lembrei deles na escola; eu lembrava deles por causa do noticiário.

“Jack?” eu sussurrei.

O lobo preso lamentava assoviando pelas narinas. Eu apenas continuei a encarar aqueles olhos. Cor de avelã. Lobos tinham olhos cor de avelã? Talvez tivessem. Porque eles pareciam tão errados? Enquanto eu os encarava, uma única palavra continuava a passar pela minha mente: humano, humano, humano.

Com um rosnado em minha direção, a loba deixou ele levantar. Ela bateu no lado dele, afastando ele de mim. Os olhos dela estavam em mim o tempo todo, me desafiando a impedir ela, e algo dentro de mim me disse que talvez eu devesse tentar. Mas quando meus pensamentos pararam de girar e eu lembrei da faca no meu jeans, os três lobos já eram manchas negras nas árvores distantes.

Sem os olhos de lobo diante de mim, eu tinha que me perguntar se eu tinha imaginado a semelhança com Jack. Afinal de contas, fazia duas semanas desde que eu tinha visto Jack pessoalmente, e nunca prestei muita atenção nele. Eu poderia estar confundindo os olhos dele. O que eu estava pensando, afinal de contas? Que ele se transformou em um lobo?

Eu dei um suspiro. Na verdade, era isso que eu estava pensando. Eu não achava que tinha esquecido os olhos de Jack. Ou a voz dele. E eu não tinha imaginado aquele grito humano ou o gemido desesperado. Eu apenas sabia que era Jack, da mesma forma que eu sabia como encontrar meu caminho através das árvores.

Havia um nó no meu estômago. Nervos. Antecipação. Eu não achava que Jack era o único segredo que essa floresta tinha.

Aquela noite eu deitei em minha cama e encarei a janela, minhas cortinas erguidas para que eu pudesse ver o céu. Centenas de estrelas brilhantes faziam buracos em minha consciência, me ferroando de saudade. Eu podia encarar aquelas estrelas por horas, seu número infinito e profundidade puxando uma parte de mim, que eu ignorava durante o dia.

Lá fora, profundamente dentro da floresta, eu ouvi um longo, um lamento, e então outro, enquanto os lobos começavam a uivar. Mais vozes se juntaram, algumas baixas e pesadas, outras altas e curtas, um choro lindo e misterioso.

Eu reconheci o uivo do meu lobo; seu rico tom cantava acima dos outros como se implorasse para mim ouvir.

Meu coração doeu dentro de mim, dividido entre querer que eles parassem e desejando que eles continuassem para sempre. Eu me imaginei lá, entre eles, na floresta dourada, observando eles jogarem suas cabeças para trás e uivar debaixo do céu de estrelas sem fim. Eu pisquei para espantar uma lágrima, me sentindo tola e miserável, mas não fui dormir até que cada lobo tivesse ficado em silêncio.

CAPÍTULO DEZ • GRACE

15°C

“Você acha que precisamos levar o livro para casa – você sabe, Explorando Entranhas, ou como quer que seja que ele se chama?” eu perguntei a Olivia. “Para ler? Ou posso deixar aqui?”

Ela fechou o armário, seus braços cheio de livros. Ela estava usando seus óculos de leitura, completo com uma corrente na orelha para que ela pudesse usar eles pendurados no pescoço. Em Olivia, eles pareciam meio típicos de trabalho, meio num estilo charmoso de bibliotecária. “É muita leitura. Eu vou levar.”

Eu procurei um livro no meu armário. Atrás de nós, o corredor estava cheio de barulho dos estudantes juntando suas coisas e indo para casa. Todo o dia, eu tentei juntar a coragem para contar a Olivia sobre os lobos. Normalmente eu não teria que pensar sobre isso, mas depois da quase brigado outro dia, o momento não parecia ter surgido. E agora o dia tinha acabado. Eu respirei fundo. “Eu vi os lobos ontem.”

Olivia passava as folhas do livro no topo da sua pilha, sem perceber o quão enorme era minha confissão. “Quais deles?”

“A loba horrível, o preto, e um novo.” Eu debati de novo sobre dizer ou não para ela. Ela era muito mais interessada nos lobos do que Rachel, e eu não sabia com quem mais conversar. Mesmo dentro da minha cabeça, as palavras soavam malucas. Mas desde a noite anterior, o segredo vinha me cercando, apertando ao redor do meu peito e garganta. Eu deixei as palavras escaparem, minha voz baixa. “Olivia, isso vai soar idiota. O novo lobo – eu acho que algo aconteceu quando os lobos atacaram Jack.”

Ela apenas me encarou.

“Jack Culpeper,” eu disse.

“Eu sei o que você quer dizer.” Olivia franziu na frente do seu armário.

As sobrancelhas grudadas dela estavam fazendo eu me arrepender de ter começado essa conversa. Eu suspirei. “Eu acho que o vi na floresta. Jack. Como um...” eu hesitei.

“Lobo?” Olivia bateu os pés juntos – nunca conheci ninguém que realmente faça isso, fora do Mágico de Oz – e virou neles para me olhar com a sobrancelha erguida. “Você está louca.” Eu mal conseguia ouvir ela com a quantidade de alunos passando pelo corredor. “Eu quero dizer, é uma fantasia legal, e eu posso ver porque você iria querer acreditar nisso – mas você está maluca. Sinto muito.”

Eu me inclinei mais para frente, embora o corredor tivesse tanto barulho que até eu tinha que lutar para ouvir nossa conversa. “Olivia, eu sei o que eu vi. Eram os olhos de Jack. Era a voz dele.” É claro, a dúvida dela me fez duvidar, mas eu não ia admitir isso. “Eu acho que os lobos transformaram ele num deles. Espere – como assim? Sobre eu querer acreditar?”

Olivia me olhou durante muito tempo antes de ir em direção a nossa sala. “Grace, sério. Não pense que eu não sei sobre o que é isso.”

“Sobre o que é isso?”

Ela respondeu com outra pergunta. “Todos eles são lobisomens então?”

“O que? O bando todo? Eu não sei. Eu não pensei nisso.” Isso não tinha me ocorrido. Deveria, mas não ocorreu. Era impossível. Aquelas ausências longas eram porque meu lobo desaparecia em forma humana? A ideia se tornou imediatamente insuportável, só porque eu queria tanto que fosse verdade, que doía demais.

“Yeah, claro que não pensou. Você não acha que essa obsessão está ficando meio bizarra, Grace?”

Minha resposta soou mais defensiva do que eu pretendia. “Não estou obcecada.”

Estudantes nos olhavam de forma irritada enquanto Olivia e eu paramos no corredor e colocou um dedo no queixo. “Hmm, é tudo que você pensa, tudo que você fala, e tudo sobre o que você quer conversar. Como poderíamos chamar algo assim? Oh, yeah! Uma obsessão!”

“Só sou interessada,” eu respondi. “E eu achei que você também fosse.”

“Sou interessada neles. Só não sou interessada de forma consumidora e envolvente ou algo assim. Eu não fantasio sobre ser um.” Os olhos dela se estreitaram atrás de seus óculos. “Não temos mais treze anos, mas você não parece ter descoberto isso ainda.”

Eu não disse nada. Tudo que conseguia pensar era que ela estava sendo incrivelmente injusta, mas não senti vontade de dizer isso a ela. Eu não queria dizer nada para ela. Eu queria caminhar sozinha e deixar ela parada ali no corredor. Mas eu não o fiz. Ao invés disso, eu mantive minha voz super normal e igual. “Desculpe por ter te incomodado por tanto tempo. Deve ter sido horrível você ter que parecer entretida.”

Olivia fez uma careta. “Sério, Grace. Não estou tentando ser uma idiota. Mas você está sendo impossível.”

“Não, você só está dizendo que estou bizarramente obcecada com algo que é importante para mim. Isso é muito —” a palavra que eu que eu queria levou muito tempo para aparecer na minha cabeça, e arruinou o efeito “— filantrópico da sua parte. Obrigado pela ajuda.”

“Oh, cresça,” respondeu Olivia, e se afastou.

O corredor parecia quieto demais depois que ela se fora, e minhas bochechas parecias quentes. Ao invés de ir para casa, eu voltei para a sala vazia, sentei numa cadeira, e pus minha cabeça nas mãos. Eu não conseguia lembrar da última vez que eu tinha brigado com Olivia. Eu olhei para cada fotografia que ela tirou. Eu ouvi incontáveis besteiras sobre a família dela e a pressão para se sair bem. Ela me devia ao menos me ouvir.

Meus pensamentos foram cortados com o som de rodas entrando na sala. O cheiro de perfume caro me atingiu no segundo antes de eu erguer meus olhos e ver Isabel Culpeper parada acima da minha mesa.

“Eu ouvi que vocês falaram sobre os lobos ontem com aquele policial.” A voz de Isabel era agradável, mas a expressão nos olhos dela camuflava seu tom. A simpatia conjurada pela presença dela, sumiu com suas palavras. “Estou te dando o benéfico da dúvida e assumindo que você inocentemente é desinformada e não uma retardada. Eu ouvi que você disse as pessoas que os lobos não são o problema. Você não deve ter ouvido as notícias: Aqueles animais mataram meu irmão.”

“Sinto muito sobre Jack,” eu disse, automaticamente querendo pular em defesa a meu lobo. Por um segundo, eu pensei nos olhos de Jack e o que uma revelação dessas podia significar para Isabel, mas descartei a ideia quase imediatamente. Se Olivia achava que eu estava louca por acreditar em lobisomens, Isabel provavelmente ligaria para uma instituição mental antes de eu terminar a frase.

“Cala.A.Boca,” Isabel interrompeu meus pensamentos. “Eu sei que você está prestes a me dizer que lobos não são perigosos. Bem, obviamente eles são. E obviamente, alguém vai ter que fazer algo sobre isso.”

Minha mente repassou a conversa na sala de aula: Tom Culpeper e seus animas empalhados. Eu imaginei meu lobo, empalhado e com olhos de vidro. “Você não sabe o que os lobos fizeram. Ele poderia ter –” eu parei. Eu sabia que os lobos tinham feito aquilo. “Olha, algo saiu muito errado. Mas pode ter sido apenas um lobo. As chances são de que o resto do bando não tem nada a ver com –”

“Qual lindamente objetivo é,” Isabel respondeu. Ela apenas me olhou por um longo tempo. Longo o bastante para mim me perguntar o que ela estava pensando. E então ela disse, “Sério. Só termine com seu amor por lobos a la Greenpeace, porque eles não vão estar por perto durante muito mais tempo, quer você goste ou não.”

Minha voz estava tão dura. “Porque está me dizendo isso?”

“Estou cheia de você dizendo as pessoas que eles são inofensivos. Eles mataram ele. Mas quer saber? Acabou agora. Hoje.” Isabel bateu na minha mesa. “Aqui.”

Eu agarrei o pulso dela antes dela poder ir; eu tinha vários braceletes. “Como assim?”

Isabel encarou minha mão no pulso dela e não se afastou. Ela queria que eu perguntasse. “O que aconteceu com Jack nunca mais vai acontecer. Eles vão matar os lobos. Hoje. Agora.”

Ela se soltou do meu aperto, agora fraco, e passou pela porta.

Por um único momento, eu sentei na mesa, minhas bochechas queimando, despedaçando as palavras dela e as juntando de novo.

Então pulei da minha cadeira, minhas notas caindo no chão como pássaros fracos. Eu deixei elas onde caíram e corri para o meu carro.

Eu estava sem fôlego quando passei atrás do volante, as palavras de Isabel passando de novo e de novo na minha cabeça. Eu nunca pensei nos lobos como vulneráveis, mas assim que comecei imaginar o que um egomaníaco como Tom Cupeper era capaz – cheio de raiva e pesar, ajudado com saúde e influência – eles de repente pareciam terrivelmente frágeis.

Eu coloquei a chave na ignição, sentindo o carro ganhar vida relutantemente, como eu. Meus olhos estavam na linha amarela dos ônibus escolares esperando para virar e os vários estudantes ainda amontoados na calçada, mas meu cérebro estava imaginando as linhas das bétulas atrás da minha casa. Um grupo de caça já tinha ido atrás dos lobos? Estava caçando eles agora?

Eu tinha que chegar em casa.

Meu carro ligou, meu pé incerto na embreagem.

“Deus,” eu disse, olhando ao redor para ver quantas pessoas tinham visto meu carro parado. Não era como se fosse difícil ver a condição do meu carro

hoje em dia, agora que o sensor de calor estava falhando, mas normalmente eu podia apertar a embreagem e cair na estrada sem muita humilhação. Eu mordi o lábio, me segurei, e consegui religar o carro.

Havia duas formas de chegar em casa vindo da escola. Um era mais curto mas envolvia faróis e placas – impossível hoje, quando estava distraída hoje para cuidar do meu carro. Eu não tinha tempo para ficar no acostamento. A outra rota era levemente maior, mas com apenas duas placas de pare. Além do mais, ela passava pela Floresta Boundary, onde os lobos viviam.

Enquanto eu dirigia, forçando o meu carro o máximo que eu ousava, meu estômago se retorceu, enjoado com os nervos. O motor deu um barulho nada saudável. Eu chequei o quadrante; o motor estava começando a super aquecer. Carro idiota. Se apenas meu pai tivesse me levado para concessionária como ele continuava a prometer que faria.

Enquanto o céu começava a brilhar em vermelho no horizonte, tornando nuvens finas em estrias de sangue acima das árvores, meu coração batia em minhas orelhas, e minha pele formigava, elétrica. Tudo dentro de mim gritava que algo estava errado. Eu não sabia o que mais me incomodava – os nervos que tremiam minhas mãos ou a vontade de curvar meus lábios e lutar.

A frente, eu vi uma fila de caminhonetes estacionadas do lado de fora da estrada. Sua forma piscou na luz que diminuía, esporadicamente, iluminando o mato perto da estrada. Uma figura estava inclinada na caminhonete atrás da fila, segurando algo que eu não conseguia diferenciar a distância. Meu estômago se revirou de novo, e eu soltei o acelerador, meu carro ofegou e morreu, me deixando no acostamento estranhamente silencioso.

Eu virei a chave, mas entre minhas mãos trêmulas e o sensor de calor, o motor apenas fez um barulho sobre o capô sem ligar. Eu queria eu mesma ter ido para concessionária. Eu tinha o talão de cheques de papai.

Rosnando, eu desisti e deixei o carro parar atrás das caminhonetes. Eu liguei para o estúdio de mamãe no meu celular, mas não houve resposta – ela já deveria estar na abertura de sua galeria. Eu não estava preocupada em chegar em casa; eu estava perto o bastante para andar. O que me preocupava eram as caminhonetes. Porque eles significavam que Isabel estava falando a verdade.

Enquanto eu saí do carro para o acostamento, eu reconheci o cara parado perto da caminhonete. Era o oficial Koenig, sem uniforme, passando os dedos no capô. Quando me aproximei, meu estômago ainda apertado, ele olhou para cima e os dedos dele pararam. Ele estava usando um chapéu laranja brilhante e segurava uma espingarda embaixo do braço.

“Problemas com o carro?” ele perguntou.

Eu virei abruptamente com o som de uma porta de carro batendo atrás de mim. Outra caminhonete tinha estacionado, e dois caçadores usando chapéu laranja estavam caminhando para o acostamento. Eu olhei para eles, para onde eles estavam indo, e minha respiração ficou presa na garganta. Dezenas de caçadores estavam reunidos, todos carregando rifles, visivelmente inquietos, as vozes abafadas. Me escondendo entre as árvores numa vala rasa, eu podia ver mais bonés laranjas na floresta, infestando ela.

A caça já tinha começado.

Eu virei de volta para Koenig e apontei para a arma que ele segura. “Isso é para os lobos?”

Koenig olhou para ela como se tivesse, de alguma forma, esquecido que estava ali. “É —”

Houve um barulho alto vindo da floresta atrás dele; nós dois pulamos com o som. Gritos de alegria passaram pelo grupo.

“O que foi isso?” eu exigi. Mas eu sabia o que era. Era o barulho de um tiro. Na floresta Boundary. Minha voz era firme, o que me surpreendeu. “Eles estão caçando os lobos, não estão?”

“Com todo respeito, senhorita,” Koenig disse, “eu acho que você deve esperar no carro. Eu posso te dar uma carona para casa, mas você vai ter que esperar um pouco.”

Houve gritos na floresta, distantes, e outro som de estouro, distante. Deus. Os lobos. Meu lobo. Eu agarrei o braço de Koenig. “Você tem que dizer a eles para parar! Eles não podem atirar aqui!”

Koenig deu um passo para trás, puxando seu braço do meu aperto. “Senhorita –”

Ouve outro estouro distante, soando pequeno e insignificante. Em minha cabeça, eu vi a perfeita imagem de um lobo rolando, rolando, um buraco em sua lateral, os olhos mortos. Eu não pensei. As palavras só saíram da minha boca. “Seu telefone. Você tem que ligar para eles e dizer a eles para parar. Eu tenho uma amiga lá! Ela ia tirar fotos essa tarde. Na floresta. Por favor, você tem que ligar para eles!”

“O que?” Koenig congelou. “Tem alguém lá? Tem certeza?”

“Sim,” eu disse, porque eu tinha certeza. “Por favor. Ligue para eles!”

Deus abençoe o sério oficial Koenig, porque ele não me pediu mais detalhes. Tirando o celular do bolso, ele digitou um número e segurou o telefone no ouvido. As sobrancelhas dele faziam uma linha reta e dura, e depois de um segundo, ele guardou o celular e encarou a tela. “Recepção,” ele murmurou, e tentou de novo. Eu fiquei parada perto da caminhonete, e cruzei os braços sobre o peito enquanto frio passava por mim, observando a fumaça cinza tomar a estrada enquanto o sol desaparecia atrás das árvores. Certamente eles tinham que parar quando escurecesse. Mas algo me disse que só porque eles tinham um policial parado observando a estrada não dizia que eles estavam fazendo algo legal.

Encarando o celular de novo, Koenig balançou a cabeça. “Não está funcionando. Peraí. Sabe, vai ficar tudo bem – eles estão tendo cuidado – tenho certeza que não atirariam em uma pessoa. Mas vou alertar eles. Deixa eu trancar minha arma. Só vai levar um segundo.”

Enquanto ele começava a guardar a arma na caminhonete, houve outro tiro na floresta e algo se apertou dentro de mim. Eu simplesmente não podia mais esperar. Eu pulei a vala e fui para a floresta, deixando Koenig para trás. Eu ouvi

ele me chamar, mas eu já estava bem dentro da floresta. Eu tinha que impedir eles – avisar meu lobo – fazer algo.

Mas enquanto eu corria, passando por entre as árvores e pulando por galhos caídos, tudo que eu conseguia pensar é que tinha chego tarde demais.

CAPÍTULO ONZE • SAM

10°C

Corremos. Éramos silenciosos, gotas escuras de água, passando por silvas e ao redor das árvores enquanto os homens nos levavam para diante deles.

A floresta que eu conhecia, a floresta que me protegia, foi perfurada pelo odor afiado e gritos deles. Eu lutava aqui e ali entre os outros lobos, guiando e seguindo, nos mantendo juntos. As árvores caídas e a vegetação rasteira parecia desconhecia sob meus pés; eu ficava me impedindo de tropeçar voando muito, pulos intermináveis, mal tocando o chão.

Era aterrorizante não saber onde eu estava.

Trocamos simples imagens entre nós em nossa linguagem fútil e sem palavras: figuras negras atrás de nós, figuras cobertas com avisos luminosos: lobos frios e imóveis; o cheiro da morte no nosso focinho.

Um estopim me ensurdeceu, me desequilibrou. Ao meu lado, eu ouvi um choro. Eu sabia com qual lobo eu estava sem virar a cabeça. Não havia tempo de parar; nada para fazer mesmo pudesse fazer algo.

Um novo cheiro atingiu meu nariz: terra podre e água estagnada. O lago. Eles estavam nos levando para o lago. Eu formei uma imagem clara na minha mente ao mesmo tempo que Paul, o líder do bando, formou. A lenta e ondulada beira d'água, os pinheiros ficando dispersados no solo pobre, o lago se esticando eternamente nas duas direções.

Uma matilha de lobos, amontoada na costa. Sem saída.

Nós éramos os caçados. Passávamos diante deles, fantasmas na floresta, e cairíamos se não lutássemos.

Os outros continuaram a correr em direção ao lago.

Mas eu parei.

CAPÍTULO DOZE • GRACE

9°C

Essa não é a floresta pela qual entrei apenas alguns dias atrás, pintada com vividos tons de outono. Essa floresta era fechada e deixava escuro centenas de trocos de árvores. O sexto sentido que eu imaginei me guiando antes tinha sumido; todos os caminhos familiares destruídos por caçadores em chapéus laranjas. Eu estava completamente desorientada; eu tinha que ficar parando para ouvir gritos e passos distantes através das folhas secas.

Minha respiração queimava minha garganta quando finalmente vi o primeiro boné laranja, brilhando a distância no crepúsculo. Eu gritei, mas o boné nem virou; a figura estava longe demais para ouvir. E então eu vi outros – pontos laranjas espalhados pela floresta, todos se movendo devagar, implacáveis, na mesma direção. Fazendo muito barulho. Empurrando os lobos para frente deles.

“Parem!” Eu gritei. Eu estava perto o bastante para ver o contorno do caçador mais próximo, a espingarda na mão. Eu aproximei a distância entre nós, minhas pernas protestando, tropeçando um pouco porque eu estava tão cansada.

Ele parou de andar e virou, surpreso, esperando até eu me aproximar. Eu tive que chegar muito perto para ver o rosto dele; era quase noite com essas árvores. O rosto dele, mais velho e com rugas, parecia vagamente familiar para mim, embora eu não conseguisse lembrar onde na cidade eu já o tinha visto. O caçador deu um estranho franzido para mim; pensei que ele parecia culpado, mas eu podia estar errada. “Bem, o que está fazendo aqui?”

Eu comecei a falar antes de perceber que eu estava tão sem ar que eu mal conseguia formar as palavras. Segundos passaram enquanto eu lutava para recuperar minha voz. “Você – tem – que – parar. Eu tenho uma amiga na floresta. Ela vinha tirar fotos.”

Ele piscou para mim, e então olhou para a floresta escurecida. “Agora?”

“Sim, não!” eu disse, tentando não surtar. Eu vi uma caixa preta na cintura dele – um walkie-talkie. “Você tem que ligar para eles e dizer para pararem. Está quase escuro. Eles vão conseguir ver ela?”

O caçador me encarou por um agonizante momento antes de acenar. Ele pegou seu walkie-talkie o soltou, e o ergueu o trazendo em direção a sua boca. Eu senti como se ele estivesse fazendo tudo devagar demais.

“Rápido!” Ansiedade passou por mim, uma dor física.

O caçador apertou o botão no walkie-talkie para falar.

E de repente vários tiros, e um rosnado, não muito longe. Não os pequenos estouros, como acontecia na estrada, mas fogos de artifício, sem dúvida os tiros de uma arma. Minhas orelhas zuniam.

De um jeito estranho, eu me senti totalmente objetiva, como se eu estive parada fora do meu próprio corpo. Então eu podia sentir que meus joelhos estavam fracos e tremendo sem saber porque, e eu ouvia meu coração batendo dentro de mim, e eu vi um vermelho escorrendo por trás dos meus olhos, como um sonho carmesim. Como um pesadelo claro da morte.

Havia um gosto tão metálico na minha boca que eu toquei meus lábios, esperando sangue. Mas não havia nada. Nenhuma dor. Só a ausência de sentimentos.

“Tem alguém na floresta,” o caçador disse pelo walkie-talkie, como se ele não pudesse ver que parte de mim estava morrendo.

Meu lobo. Meu lobo. Eu não conseguia pensar em nada a não ser seus olhos.

“Hey! Senhorita.” Essa voz era mais nova que a do caçador, e a mão que pegou meu ombro era firme. Koenig disse, “O que você estava pensando, saindo correndo daquele jeito? Tem gente com armas aqui.”

Antes de eu conseguir responder, Koenig virou para o caçador. “E eu ouvi esses tiros. Tenho certeza que todos em Mercy Falls ouviram esses tiros. Uma coisa é fazer isso –” ele apontou a mão para a arma na mão do caçador “– e outra coisa se exhibir.” Eu comecei a me afastar da mão de Koenig; ele apertou seus dedos e então me soltou quando percebeu o que estava fazendo. “Você é da escola. Qual seu nome?”

“Grace Brisbane.”

Reconhecimento passou pelo rosto do caçador. “A filha de Lewis Brisbane?”

Koenig olhou para ele.

“Os Brisbanes tem uma casa lá. Na beira da floresta.” O caçador apontou para a direção da minha casa. A casa era invisível atrás das árvores negras.

Koenig aproveitou essa informação. “Eu vou te escoltar de volta para lá e então voltar para descobrir o que está acontecendo com sua amiga. Ralph, use essa coisa para dizer a eles para parar de atirar nas coisas.”

“Eu não preciso de escolta,” eu disse, mas Koenig caminhou comigo de qualquer forma, deixando Ralph o caçador falando em seu walkie-talkie. O ar frio estava começando a machucar e picar minhas bochechas, a noite estava esfriando rapidamente, conforme o sol desaparecia. Eu me sentia tão congelada por dentro quanto por fora. Eu ainda conseguia ver a cortina de vermelho sobre meus olhos e ouvir o som dos tiros.

Eu estava tão certa de que meu lobo estava lá.

Na beira da floresta, eu parei, olhando para o vidro escuro na porta de trás do deck. A casa toda parecia estar cheia de sombras, desocupada, e Koenig parecia em dúvida enquanto dizia, “Você precisa que eu –”

“Eu posso voltar daqui. Obrigado.”

Ele hesitou até que entrei no nosso quintal, e então ouvi ele voltando pelo caminho que tinha feito. Por um longo momento, eu fiquei no silencioso

crepúsculo, ouvindo as vozes distantes na floresta e o vento batendo nas folhas secas das árvores ao meu redor.

E enquanto eu estava parada ali, no que eu pensei ser em silêncio, eu comecei a ouvir sons que eu não tinha ouvido antes. O farfalhar dos animais na mata, virando as folhas com suas patas. O distante rugido de caminhonetes na estrada.

O som de uma respiração rápida e irregular.

Eu congelei. Eu segurei o fôlego.

Mas o arfar irregular não era meu.

Eu segui o som, subindo com cuidado no deck, dolorosamente ciente do som de cada degrau afundando por debaixo do meu peso.

Eu senti o cheiro dele antes de o ver, meu coração instantaneamente acelerando. Meu lobo. Então a luz que acendia por movimento acima da porta de trás acendeu, e inundou a varanda com luz amarela. E ali estava ele, meio sentado, meio deitado contra a porta de vidro.

Minha respiração ficou dolorosamente presa contra minha garganta, enquanto eu me movi mais para perto, hesitante. O pêlo lindo dele se fora e ele estava nu, mas eu sabia que era meu lobo mesmo antes dele abrir seus olhos. Seus olhos amarelo pálido, tão familiares, se abriram com o som da minha aproximação, mas ele não se moveu. Vermelho manchava sua orelha até seus ombros desesperadamente humanos – uma pintura de uma guerra mortal.

Eu não sei dizer como sabia que era ele, mas eu nunca duvidei.

Lobisomens não existem.

Apesar de ter dito que eu tinha visto Jack, eu não tinha realmente acreditado. Não assim.

A brisa carregou o cheiro para meu nariz de novo, me espetando. Sangue. Eu estava perdendo tempo.

Eu tirei minhas chaves e passei por ele, para abrir a porta de trás. Tarde demais, eu vi umas das mãos dele se estender, pegando o ar, e ele caiu dentro da porta aberta, deixando uma mancha de vermelho no vidro.

“Sinto muito!” eu disse. Eu não sabia dizer se ele tinha me ouvido. Passando por cima dele, eu fui até a cozinha, ligando os interruptores enquanto ia até lá. Eu peguei um chumaço de panos da gaveta da cozinha; enquanto eu fazia isso, eu notei as chaves do carro do meu pai no balcão, apressadamente jogadas sobre uma pilha de papéis do trabalho. Então eu podia usar o carro de papai, se eu precisasse.

Eu corri de volta para a porta. Eu estava com medo que o garoto tivesse desaparecido enquanto minhas costas estavam viradas, um fragmento da minha imaginação, mas ele não tinha se movido. Ele estava deitado metade para dentro, metade para fora, tremendo violentamente.

Sem pensar, eu agarrei ele debaixo das axilas e o arrastei para dentro, para poder fechar a porta. Na luz da área de tomar café, manchas de sangue estavam espalhadas no chão, ele parecia extremamente real.

Eu me abaixei dura. Minha voz mal um sussurro. “O que aconteceu?” eu sabia a resposta, mas eu queria ouvir ele falar.

Seus dedos eram brancos onde sua mão pressionava seu pescoço, um vermelho brilhante ao redor de seus dedos. “Tiro.”

Meu estômago se apertou pelo nervosismo, não pelo que ele havia dito, mas com a voz com que ele falou. Era ele. Palavras humanas, não um rosnado, mas o timbre era o mesmo. Era ele. “Me deixe ver.”

Eu tive que tirar a mão dele do pescoço. Havia sangue demais para ver o ferimento, então eu apenas pressionei os panos por cima da confusão de vermelho que se espalhava do queixo dele até sua clavícula. Era muito além da minha habilidade de primeiros socorros. “Segure isso.” Os olhos dele passaram para mim, familiares mais sutilmente diferentes. A selvageria estava misturada com compreensão que antes tinha estado ausente.

“Eu não quero voltar.” A agonia nas palavras dele imediatamente me transportaram para uma memória: um lobo parado em um pesar silencioso diante de mim. O corpo do garoto se mexeu, um estranho movimento nada natural, que doía só de pensar. “Não – não me deixe mudar.”

Eu coloquei outro pano de prato, maior sobre seu corpo, cobrindo aqueles calafrios da melhor forma que pude. Em qualquer outro contexto, eu teria ficado embaraçada com a nudez dele, mas aqui, sua pele manchada com sangue e sujeira, só fazia a condição dele parecer mais lamentável. Minhas palavras foram gentis, como se ela ainda pudesse pular e sair correndo. “Qual seu nome?”

Ele rosnou suavemente, uma mão tremendo enquanto ele segurava os panos contra seu pescoço. Ela já estava ficando encharcada de sangue, e um rastro vermelho fino corria pela sua mandíbula e pingava no chão. Se abaixando devagar no chão, ele deitou sua bochecha contra a madeira, a respiração dele nublando o acabamento brilhante. “Sam.”

Ele fechou os olhos.

“Sam,” eu repeti. “Sou Grace. Vou ligar o carro do meu pai. Eu preciso te levar para o hospital.”

Ele tremeu. Eu tive que me inclinar muito próxima para ouvir a voz dele. “Grace – Grace, eu –”

Eu só esperei um segundo para ele terminar. Quando ele não fez, eu levantei e peguei as chaves no balcão. Eu ainda não conseguia acreditar que ele não era minha própria invenção – anos desejando tinham tornado real. Mas o que quer que ele fosse, ele estava aqui agora, e eu não iria perdê-lo.

CAPÍTULO TREZE • SAM

7°C

Eu não era um lobo, mas também ainda não era Sam.

Eu era um ferimento que sangrava, com nenhuma promessa de pensamentos conscientes: a floresta congelada atrás de mim, a garota no balanço de pneu, o som de dedos e correntes de metal. O futuro e o passado, os dois ao mesmo tempo, neve e então verão e então neve de novo.

Uma teia de aranha quebrada em várias cores, rachada em gelo, imensamente triste.

“Sam,” a garota disse. “Sam.”

Ela era passado do presente do futuro. Eu queria responder, mas eu estava quebrado.

CAPÍTULO QUATORZE • GRACE

7ºC

É rude encarar, mas a melhor coisa sobre uma pessoa sedada é que eles não sabem que você está fazendo isso. E a verdade era que, eu não conseguia parar de encarar Sam. Se ele fosse para minha escola, ele provavelmente teria sido considerado um Emo ou talvez um membro perdido dos Beatles. Ele tinha aquele tipo de corte estilo Beatles, cabelo preto e um nariz interessante que uma garota nunca poderia ter. Ele não parecia em nada com um lobo, mas era parecido em tudo como um. Mesmo agora, sem seus olhos familiares abertos, uma parte de mim se manteve com uma alegria irracional, me lembrando – é ele.

“Oh, querida, você ainda está aqui? Eu pensei que você tinha ido embora.”

Eu virei enquanto as cortinas verdes se abriam para dar caminho a uma enfermeira de ombros largos. O nome na etiqueta era SUNNY.

“Vou ficar até ele acordar.” Eu estava no lado da cama de hospital, como se fosse para provar o quão difícil seria me mover dali.

Sunny sorriu com pena de mim. “Ele foi altamente sedado, querida. Ele não vai acordar até amanhã.”

Eu sorri para ela, minha voz firme. “Então é o tempo que vou ficar aqui.” Eu já tinha esperado horas até eles removerem a bala e costurarem o ferimento; tinha que passar da meia noite agora. Eu ficava esperando adormecer, mas eu estava ligada. Toda vez que eu o via era como outro choque. Me ocorreu, tardiamente, que meus pais não tinham se incomodado em ligar para meu celular quando voltaram da abertura da galeria de mamãe. Eles provavelmente não tinham notado a toalha com sangue que eu usei para limpar o chão, ou o fato de que o carro do meu pai estava desaparecido. Ou talvez eles simplesmente não tivessem chego em casa ainda. Meia noite era cedo para eles.

O sorriso de Sunny permaneceu no lugar. “Ok, então,” ela disse. “Sabe, ele tem muita sorte. Para a bala passar de raspão assim?” Os olhos dela brilharam. “Você sabe porque ele fez isso?”

Eu franzi para ela, nervosa. “Eu não entendi. Porque ele estava na floresta?”

“Querida, você e eu sabemos que ele não estava na floresta.”

Eu ergui uma sobrancelha, esperando que ela falasse outra coisa, mas ela não o fez. Eu disse, “Uh, yeah. Ele estava. Um caçador acidentalmente atirou nele.” Não era uma mentira. Bem, tudo menos a parte do “acidentalmente”. Eu tinha certeza que não tinha sido um acidente.

Sunny tossiu. “Olha – Grace, não é? Grace, você é namorada dele?”

Eu grunhi de uma forma que podia ser interpretada como sim ou não, dependendo de como o ouvinte escutava.

Sunny tomou como um sim. “Eu sei que você está próxima da situação, mas ele precisa de ajuda.”

Realização passou por mim. Eu quase ri. “Você acha que ele atirou em si próprio. Olha – Sunny, não é? Sunny, você está errada.”

A enfermeira me encarou. “Você acha que somos idiotas? Que não iríamos notar isso?” Do outro lado da cama, ela pegou os braços de Sam e os virou para que suas palmas estivessem em direção ao teto em uma silenciosa súplica. Ela gesticulou para as cicatrizes nos pulsos dele, memórias de um ferimento profundo e proposital que deveria ter sido fatal.

Eu os encarei, mas eles eram como palavras de uma língua estrangeira. Eles não significavam nada para mim. Eu dei de ombros. “São de antes de eu conhecer ele. Estou te dizendo, ele não tentou se matar hoje. Foi um caçador maluco.”

“Claro, querida. Tudo bem. Me avise se precisar de alguma coisa.” Sunny me olhou antes de se afastar e me deixar sozinha com Sam.

O rosto lavado, eu balancei a cabeça e encarei meu aperto na cama, tão forte que deixou minhas mãos brancas. Entre tudo que me irritada, adultos condescendentes, provavelmente está no topo da lista.

Um segundo depois de Sunny ter ido embora, os olhos de Sam abriram, e eu dei um pulo, meu coração batendo nas minhas orelhas. Levou um longo momento encarando ele para que meu pulso voltar ao normal. A lógica me disse para ler os olhos dele como caramelo, mas na realidade, eles ainda eram amarelos, e eles definitivamente estavam fixos em mim.

Minha voz saiu muito mais baixa do que eu pretendia. “Você deveria estar dormindo.”

“Quem é você?” A voz dele tinha o mesmo tom complicado que eu lembrava do rosnado dele. Ele estreitou os olhos. “Sua voz parece tão familiar.”

Dor passou por mim. Não tinha me ocorrido que ele não lembrasse seu tempo como lobo. Eu não sabia qual eram as regras para isso. Sam estendeu a mão em direção a minha, e eu automaticamente pus meus dedos nos dele. Com um pequeno sorriso culpado, ele puxou a minha mão em direção a seu nariz e cheirou, e então de novo. O sorriso dele se alargou, embora ainda fosse tímido. Era absolutamente adorável, e minha respiração ficou presa em algum lugar na minha garganta. “Eu conheço esse cheiro. Eu não reconheci você; você está diferente. Desculpe. Me senti idiota por não lembrar. Leva algumas horas para mim – para meu cérebro – voltar.”

Ele não soltou meus dedos, e eu não puxei eles, embora fosse difícil se concentrar com a pele dele contra a minha. “Voltar do que?”

“Voltar de quando eu,” ele se corrigiu. “Voltar de onde eu estava...”

Sam esperou. Ele queria que eu dissesse. Era mais difícil do que eu pensei que fosse, admitir em voz alta, embora não devesse ser.

“De quando você é um lobo,” eu sussurrei. “Porque está aqui?”

“Porque levei um tiro,” ele disse agradavelmente.

“Eu me refiro assim.” Eu gesticulei em direção ao corpo dele, tão claramente humano debaixo daquela camisola de hospital tola.

Ele piscou. “Oh. Porque é primavera. Porque é quente. O calor faz de mim, eu. Me faz ser Sam.”

Eu finalmente puxei minha mão e fechei os olhos, tentando reunir o que tinha restado da minha sanidade naquele momento. Quando eu abri meus olhos e falei, eu disse a coisa mais mundana possível. “Não é primavera. É setembro.”

Não sou a melhor em ler as pessoas, mas eu pensei ter visto um deslumbre de ansiedade nos olhos dele, antes de sumirem. “Isso não é bom,” ele respondeu. “Posso te pedir um favor?”

Eu tive que fechar os olhos de novo devido ao som da voz dele, porque não deveria ser tão familiar, mas era, falar comigo em um nível profundo como os olhos dele quando ele era um lobo. Estava ficando mais e mais difícil aceitar isso do que eu imaginei. Eu abri os olhos. Ele ainda estava ali. Eu tentei de novo, fechando e abrindo os olhos mais uma vez. Mas ele ainda estava ali.

Ele riu. “Você está tendo um ataque epilético? Talvez você devesse estar nessa cama.”

Eu o encarei, e ele se tornou vermelho vivo quando percebeu o outro significado das palavras dele. Eu poupei ele de sua mortificação respondendo a pergunta. “Qual favor?”

“Eu, uh, preciso de roupas. Preciso sair daqui, antes que eles descubram que sou uma aberração.”

“Como assim? Eu não vejo um rabo.”

Sam se esticou e começou a tocar o curativo em seu pescoço.

“Está louco?” Eu me estiquei para frente e agarrei a mão dele, tarde demais. Ele tirou a atadura e revelou quatro pontos em uma linha através de uma cicatrização antiga. Não havia um ferimento novo, ainda pingando sangue,

nenhuma evidência de um tiro a não ser uma pequena cicatriz rosa brilhante. Minha boca se abriu.

Sam sorriu, claramente feliz com minha reação. “Vê, você não acha que eles vão suspeitar de algo?”

“Mas havia tanto sangue —”

“Yeah. Minha pele não podia curar quando estava sangrando tanto. Fora me costurar —” Ele deu nos ombros e fez um pequeno gesto com as mãos, como se estivesse abrindo um pequeno livro. “Abracadabra. Tem algumas vantagens eu ser eu.” As palavras dele eram leves, mas a expressão era ansiosa, me observando, vendo como eu estava levando tudo isso. Como eu estava absorvendo o fato da existência dele.

“Ok, eu só tenho que ver algo aqui,” eu disse a ele. “Eu só —” Eu dei um passo para frente e toquei a ponta dos dedos na cicatriz no pescoço dele. De alguma forma sentir a pele suave e firme dele me convenceu de um jeito que as palavras dele não conseguiram. Os olhos de Sam foram para o meu rosto, e então se afastaram de novo, inseguro de onde olhar enquanto eu sentia a velha cicatriz embaixo das suturas pretas. Eu deixei minha mão se demorar no pescoço dele deslizando mais tempo do que o necessário, não na cicatriz, mas na suave pele com cheiro de lobo ao lado dela. “Ok. Então obviamente você precisa partir antes que eles olhem. Mas se você sair contra ordens médicas, eles vão tentar ir atrás de você.”

Ele fez uma cara. “Não, não vão. Eles só vão achar que sou um abandonado sem seguro. O que é verdade. Bem, a parte de não ter seguro.”

E eu queria ser sutil. “Não, eles vão achar que você fugiu para evitar aconselhamento. Eles acham que você atirou em si mesmo por causa do —”

O rosto de Sam estava perplexo.

Eu apontei para os pulsos dele.

“Oh, isso. Eu não fiz isso.”

Eu franzi para ele de novo. Eu não queria dizer nada como, ‘está tudo bem, você não tem que dar desculpas’ ou ‘você pode me dizer, não vou julgar,’ porque, na verdade, isso seria tão ruim quanto Sunny, assumindo que ele tinha tentado se matar. Mas não era como se ele pudesse ter conseguido aquela cicatriz por subir as escadas.

Ele esfregou o polegar sobre o pulso, pensativo. “Minha mãe fez essa. Papai fez a outra. Eu lembro que eles contaram para fazer ao mesmo tempo. Eu ainda não agüento olhar para banheiras.”

Eu levei um momento para processar o que ele tinha dito. Eu não sei o que foi – o jeito sem emoção com que ele disse isso, as imagens que passaram na minha cabeça, ou apenas o choque de tudo em geral, mas eu de repente me senti tonta. Minha cabeça girou, minha frequência cardíaca aumentou em meus ouvidos, e eu bati no chão pegajoso com força.

Não sei quantos segundos fiquei desacordada, mas eu vi a cortina abrir ao mesmo tempo que Sam voltou para a cama, e colocou a bandagem para cobrir seu pescoço. Então um enfermeiro estava ajoelhado ao meu lado, me ajudando a levantar.

“Você está bem?”

Eu tinha desmaiado. Eu nunca desmaiei na vida. Eu fechei meus olhos e abri de novo, até que o enfermeiro tinha uma cabeça ao invés de três, flutuando lado a lado. Então comecei a mentir. “Eu só pensei em todo o sangue que vi quando o encontrei... ohhhhhh...” Eu ainda me sentia tonta, então o ohhhhh soou muito convincente.

“Não pense nisso,” sugeriu o enfermeiro, sorrindo de uma forma muito amigável. Eu pensei que as mãos dele tinham deslizado perto demais do meu seio para um contato casual, e aquele fato aumentou minha resolução em seguir com o plano humilhante que tinha surgido em minha cabeça.

“Eu acho – eu preciso fazer uma pergunta embaraçosa,” eu murmurei, sentindo minhas bochechas esquentarem. Isso era quase tão ruim quanto dizer a verdade. “Você acha que pode me emprestar uma roupa? Eu – uh – minhas calças –”

“Oh!” falou o pobre enfermeiro. O embaraço dele com minha condição provavelmente era maior devido a seu sorriso de flerte. “Sim. Claro. Eu já volto.”

Cumprindo suas palavras, ele voltou alguns minutos depois, segurando uma calça de avental verde nas mãos. “Elas podem ser um pouco grandes, mas tem um laço que você pode – você sabe.”

“Obrigado,” eu murmurei. “Uh, você se importa? Eu só vou me trocar aqui. Ele não está olhando para nada no momento.” Eu gesticulei em direção a Sam, que estava parecendo convincentemente sedado.

O enfermeiro desapareceu atrás das cortinas. Os olhos de Sam abriram de novo, distintamente divertidos.

Ele sussurrou, “você disse aquele homem que você se mijou?”

“Você.Cala.A.boca,” eu respondi furiosa e coloquei o avental na cabeça dele. “Rápido antes que eles descubram que eu não me molhei. Você me deve muito.”

Ele sorriu e colocou o avental embaixo da sua fina camisola de hospital, lutando com eles, então tirou a bandagem do pescoço e então o aparelho que tirava pressão, do seu braço. Enquanto ele caía no chão, ele rasgou sua camisola e a substituiu com a parte de cima do avental. O monitor apitou em protesto, falhando e anunciando a morte dele para a equipe.

“Hora de ir,” ele disse, e liderou o caminho atrás das cortinas. Enquanto ele pausava, rapidamente observando o quarto ao nosso redor, eu ouvi as enfermeiras correndo até a área atrás de nós.

“Ele estava sedado.” A voz de Sunny se ergueu, acima das outras.

Sam se esticou e pegou minha mão, a coisa mais natural no mundo, e me puxou até a luz brilhante do corredor. Agora que ele estava vestido – de avental hospitalar, nada menos – e não pingando sangue, ninguém piscou enquanto passávamos pelas enfermeiras em direção a saída. Enquanto isso, eu podia ver a

mente de lobo dele analisando a situação. A inclinação na cabeça dele me disse que ele estava ouvindo também, e seu queixo erguido insinuava os cheiros que ele estava reunindo. Ágil apesar de seu corpo forte e esguio, ele cortou caminho até que estávamos cruzando o lobby.

Uma música contry estava tocando pelo sistema de alto falantes enquanto meus tênis passavam pelo carpete azul feio. Os pés nus de Sam não faziam nenhum som. A essa hora da noite, o lobby estava vazio, sem sequer alguém na mesa do recepcionista. Eu me senti tão cheia de adrenalina que eu pensei que provavelmente poderia voar até o carro de papai. O canto eternamente pragmático da minha mente me lembrou que, eu precisava ligar para o guincho para tirar meu próprio carro da estrada. Mas eu não conseguia pensar direito sobre isso, porque tudo que eu conseguia pensar era em Sam. Meu lobo era um cara bonito e ele estava segurando minha mão. Eu podia morrer feliz.

Então eu senti a hesitação de Sam. Ele se manteve para trás, os olhos fixos na escuridão que se encontrava atrás das portas de vidro. “O quão frio está lá fora?”

“Provavelmente não muito mais frio do que quando eu te trouxe. Porque – vai fazer muita diferença?”

O rosto de Sam escureceu. “Está no limite. Eu odeio essa época do ano. Eu poderia ser qualquer um.”

Eu ouvi a dor na voz dele. “Doí mudar?”

Ele desviou o olhar de mim. “Eu quero ser humano agora.”

Eu queria que ele fosse humano também. “Eu vou ligar o carro e esquentar com o ar condicionado. Dessa forma você só vai ficar no frio por um segundo.”

Ele parecia um pouco desamparado. “Mas eu não sei onde ir.”

“Onde você normalmente vive?” Eu estava com medo que ele falasse algo lamentável, como em um abrigo para sem teto no centro. “Eu assumi que ele não vivia com os pais que tinham cortado o pulso dele.”

“Beck – um dos lobos – quando ele muda, muitos de nós ficam na casa dele, mas se ele não mudou, o aquecimento pode não estar ligado. Eu poderia –”

Eu balancei a cabeça e soltei a mão dele. “Não. Vou pegar o carro e você vai pra casa comigo.”

Os olhos dele se arregalaram. “Seus pais...?”

“O que eles não sabem não vai matá-los,” eu disse, abrindo a porta. Me encolhendo com o ar frio da noite, Sam se afastou da porta, envolvendo os braços ao redor de si. Mas mesmo enquanto ele tremia de frio, ele mordeu o lábio e me deu um sorriso hesitante.

Eu virei em direção ao estacionamento escuro, me sentindo mais viva e mais feliz e com mais medo do que jamais senti.

CAPÍTULO QUINZE • GRACE

6º C

“Você está dormindo?” a voz de Sam mal era um sussurro, mas no quarto escuro onde ele não pertencia, era como um grito.

Eu rolei na minha cama, onde ele estava deitado no chão, um calombo preto em um ninho de cobertores e travesseiros. A presença dele, tão estranha e maravilhosa, parecia preencher o quarto e se pressionar contra mim. Eu achei que nunca mais dormiria. “Não.”

“Posso te fazer uma pergunta?”

“Você já fez.”

Ele pausou, considerando. “Posso fazer duas perguntas, então?”

“Você já fez.”

Sam rosnou e jogou as pequenas almofadas do sofá na minha direção. Ele arqueou através do quarto iluminado pela lua, um projétil tingido de preto, e que pousou inofensivo contra minha cabeça. “Então você é uma espertinha.”

Eu sorri no escuro. “Ok, eu vou brincar. O que você quer saber?”

“Você foi mordida.” Mas não era uma pergunta. Eu podia ouvir o interesse na voz dele, o senso de tensão em seu corpo, mesmo através do quarto. Eu deslizei para meus cobertores, me escondendo do que ele tinha dito.

“Eu não sei.”

A voz de Sam se ergueu acima de um sussurro. “Como não sabe?”

Eu dei nos ombros, embora ele não conseguisse ver. “Eu era jovem.”

“Eu era jovem também. Eu sabia o que estava acontecendo.” Quando não respondi, ele perguntou, “É por isso que você só ficou deitada lá? Você não sabia que eles iriam te matar?”

Eu encarei a escuridão da noite pela janela, perdida nas memórias de Sam como um lobo. O bando circulou ao meu redor, dentes e línguas, rosnados e empurrões. Um lobo ficou atrás, os pêlos eriçados devido ao gelo no seu pescoço, trêmulo enquanto ele me observava na neve. Deitada no frio, debaixo de um céu que ficava cada vez mais escuro, eu mantive os olhos nele. Ele era lindo: selvagem e negro, os olhos amarelos cheios de uma complexidade que eu não conseguia nem começar a penetrar. E ele exalava um cheiro que os mesmos lobos ao meu redor – rico, feral, almiscarado. Mesmo agora, enquanto ele estava deitado no meu quarto, eu podia sentir o cheiro de lobo nele, embora ele estivesse usando avental é uma nova pele.

Lá fora ouvi um baixo uivo, e então outro. O choro da noite aumentou, sentindo falta da voz de plangente de Sam, mas linda mesmo assim. Meu coração se apertou, cheio de uma saudade abstrata, e no chão, eu ouvi Sam dar um choro baixo. O som miserável, meio humano meio lobo, me distraiu.

“Você sente falta deles?” eu sussurrei.

Sam se ergueu da sua cama feita de lençóis e parou perto da janela, uma silhueta desconhecida contra a noite, seus braços ao redor de seu corpo esguio. “Não. Yeah. Eu não sei. Me faz sentir – doente. Como se eu não pertencesse aqui.”

Soava familiar. Eu tentei pensar em algo reconfortante para dizer, mas não consegui achar nada que soasse genuíno.

“Mas esse sou eu,” ele insistiu, seu corpo se erguendo para se referir a seu corpo. Eu não sabia se ele queria me convencer ou a ele próprio. Ele permaneceu na janela enquanto os uivos dos lobos alcançavam um crescendo, enchendo meus olhos de lágrimas.

“Vem aqui e conversa comigo,” eu disse, para distrair nós dois. Sam, meio que virou, mas eu não conseguia ver a expressão dele. “Está frio no chão e você vai machucar seu pescoço. Vem até aqui.”

“E quanto a seus pais?” ele disse, a mesma pergunta que ele tinha me feito no hospital. Eu estava para perguntar porque ele se preocupava tanto com eles, quando eu lembrei da história de Sam com seus próprios pais e as cicatrizes brilhantes em seus pulsos.

“Você não conhece meus pais.”

“Onde eles estão?” Sam perguntou.

“Na abertura da Galeria, eu acho. Minha mãe é uma artista.”

A voz dele era duvidosa. “São três da manhã.”

Minha voz era mais alta do que eu pretendia. “Só venha. Eu confio que você vai se comportar. E não vai roubar os lençóis.” Quando ele ainda hesitou, eu disse, “Anda, antes que não tenha mais noite sobrando.”

Obediente, ele pegou um dos travesseiros no chão, mas hesitou de novo do lado oposto da cama. Na luz fraca, eu mal conseguia ver a boca dele, enquanto ele olhava o território proibido da cama. Eu não tinha certeza se estava encantada com a relutância dele de dividir a cama com uma garota, ou insultada com isso, aparentemente, eu não era quente o bastante para ele subir no colchão como um touro.

Finalmente, ele deitou. A cama estalou com o peso dele, e ele se encolheu antes de se ajeitar no canto mais distante da cama, sem estar sequer debaixo do cobertor. Eu podia sentir o fraco cheiro de lobo melhor agora, e eu suspirei com um estranho contentamento. Ele suspirou também.

“Obrigado,” ele disse. Formal, considerando que ele estava deitado na minha cama.

“De nada.”

A verdade daquilo então me atingiu. Aqui estava eu com um garoto que mudava de forma, na minha cama. Não qualquer garoto que mudava de forma, mas meu lobo. Eu continuava a reviver a memória da luz no deck, revelando ele

pela primeira vez. Uma estranha combinação de excitação e nervosismo passou por mim.

Sam virou a cabeça para me olhar, como se meus nervos tivessem alertado ele. Eu podia ver os olhos dele brilhando na luz fraca, alguns centímetros de distância. “Eles te morderam. Você também deveria ter mudado, sabia.”

Em minha cabeça, os lobos circulavam um corpo na neve, seus lábios ensangüentados, os dentes a mostra, rosnando para matar. Um lobo, Sam, arrastou o corpo do círculo de lobos. Ele o carregou pelas árvores até onde haviam pegadas humanas na neve. Eu sabia que estava adormecendo, eu não consegui lembrar o que respondi a Sam.

“Às vezes, eu queria ter mudado,” eu disse a ele.

Ele fechou os olhos, a quilômetros de distância, no outro lado da cama. “Às vezes, eu queria também.”

CAPÍTULO DEZESSEIS • SAM

5°C

Eu acordei numa onda. Por um momento, eu fiquei deitado quieto, piscando, tentando determinar o que tinha me acordado. Os eventos da noite passada voltaram para mim, enquanto eu percebia que não tinha sido um som que havia me acordado, mas uma sensação: uma mão descansado no meu braço. Grace rolou enquanto dormia, e eu não conseguia parar de encarar para os dedos dela, descansando na minha pele.

Aqui, deitado perto da garota que tinha me resgatado, minha simples humanidade parecia um triunfo.

Eu rolei para o lado, e por um tempo, eu apenas a observei dormir, respirando profunda e pesadamente, movimentos que mexiam nas mexas de cabelo no rosto dela. No sono, ela parecia super confiante com sua segurança, super despreocupada com minha presença ao lado dela. Isso parecia uma vitória também.

Quando eu ouvi o pai dela levantar, eu fiquei perfeitamente parado, o coração batendo forte e silencioso, pronto para pular do colchão caso ele viesse acordar ela para ir a aula. Mas ele saiu para trabalhar em uma nuvem de cheiro de pós-barba, que passou por mim por debaixo da porta. A mãe dela logo partiu, derrubando algo barulhento na cozinha e xingando numa voz agradável enquanto ela fechava a porta atrás dela. Eu não conseguia acreditar que eles não olharam no quarto de Grace para se certificar que ela ainda estava viva, especialmente considerando que eles não a tinham visto vir para casa ontem a noite. Mas a porta permaneceu fechada.

De qualquer forma, eu me senti idiota naquela roupa de hospital, e elas eram inúteis para mim nesse tempo horrível, então eu saí enquanto Grace dormia; ela nem se mexeu quando saí. Eu hesitei no deck, olhando para a grama congelada. Embora eu tivesse pego emprestado umas botas do pai dela, o ar da manhã ainda atingiu a pele dos meus tornozelos nus sobre a borracha. Eu podia quase sentir a náusea da mudança rolando dentro do meu estômago.

Sam, eu disse a mim mesmo, fazendo meu corpo acreditar. Você é Sam. Eu preciso me aquecer; eu voltei para dentro para achar um casaco. Maldito tempo. O que tinha acontecido com o verão? Em um armário super cheio, que cheirava a memórias e bolor, eu encontrei uma jaqueta, que me fez parecer como um bote, e me aventurei de volta ao quintal com mais confiança. O pai de Grace tinha os pés do tamanho de um yeti, então entrei na floresta com toda a graça de um urso bolar numa casa de bonecas.

Apesar do ar frio que quase me fez perder o fôlego, a floresta era linda essa época do ano, toda em cores primarias: folhas secas amarela e vermelha, um céu celeste e brilhante. Detalhes que nunca notei como lobo. Mas enquanto caminhava até a pilha de roupas, eu perdi todas as coisas que não notava como humano. Embora eu ainda tivesse sentidos aguçados, eu não conseguia sentir o cheiro do rastro dos animais nos arbustos ou a promessa de um tempo mais quente mais tarde do dia. Normalmente, eu podia ouvir a sinfonia industrial dos carros e caminhonetes da distante estrada e detectar o tamanho e velocidade de cada veículo. Mas agora tudo que eu podia sentir era o cheiro era do outono, suas folhas secas e árvores meio mortas, e tudo que eu podia ouvir era o som baixo, quase inaudível, do trânsito, a distância.

Como lobo, eu poderia ter sentido o cheiro de Shelby se aproximando antes dela ficar visível. Mas agora não. Ela estava quase em cima de mim quando tive a sensação que algo estava próximo. Os cabelos da minha nuca se levantaram, e tive a inquietante sensação que estava dividindo o fôlego com outra pessoa. Eu virei e vi ela, grande para uma fêmea, pêlo branco normalmente e meio amarelado na total luz do dia. Ela parecia ter sobrevivido a caça sem um arranhão. As orelhas levemente para trás, ela observou minha ridícula roupa, com a cabeça inclinada.

“Shhhh,” eu disse, e ergui a mão, a palma para cima, deixando o que havia sobrado do meu cheiro ir até ela. “Sou eu.”

O focinho dela se enrugou em aversão enquanto ela recuava devagar, e eu acho que ela reconheceu o cheiro de Grace em camadas acima do meu. Eu sabia que eu reconhecia; mesmo agora, o aroma dela estava no meu cabelo onde eu tinha deitado na cama dela e na minha mão, onde ela tinha segurado.

Cautela piscou nos olhos de Shelby, imitando sua expressão humana. Era assim que era entre Shelby e eu – eu não conseguia lembrar de um tempo onde não tínhamos sutilmente discordado. Eu me agarrava a minha humanidade – e a minha obsessão com Grace – como um homem que se afogava, mas Shelby dava boas vindas ao esquecimento que vinha com sua pele lupina. É claro, ela tinha muitas razões pra esquecer.

Agora, nessa floresta de setembro, nós nos olhávamos. As orelhas dela viravam em minha direção e para longe, recolhendo dezenas de sons que escapavam das minhas orelhas humanas, e seu focinho funcionou, descobrindo onde estive. Eu me encontrei lembrando da sensação das folhas secas sobre minhas patas e o cheiro rico e afiado dessa floresta de outono quando eu era um lobo.

Shelby me encarou nos olhos – um gesto muito humano, considerando que minha posição na matilha era alta demais para lobos fora Paul ou Beck me desafiarem assim – e eu imaginei a voz humana dela dizendo para mim, como tinha dito tantas vezes, Você não sente falta?

Eu fechei os olhos, fechando a vivacidade do olhar dela e a memória do meu corpo lobo, e ao invés disso pensei em Grace, na casa. Não havia nada na minha experiência como lobo que poderia se comparar a sensação da mão de Grace na minha. Eu imediatamente pus esse pensamento na minha cabeça, criando poemas.

*Você é minha mudança de pele,
Meu verão-inverno-outono,
Eu busco a primavera para te seguir,
Essa perda é linda.*

No segundo que eu compus a letra e imaginei a guitarra que iria com ela, Shelby tinha desaparecido na floresta, tão suave quanto um sussurro.

Ela poder desaparecer no mesmo silêncio que ela tinha chego, me lembrou do meu estado vulnerável, e eu fui as pressas para o galpão onde estavam minhas roupas. Anos atrás, Beck e eu tínhamos arrastado a velha cabana, parte por parte, do quintal dele até a floresta.

Dentro havia um aquecedor, e várias sacolas plásticas marcadas com nomes. Eu abri a sacola com nome e tirei a mochila de dentro. As outras sacolas estavam cheias de comida e cobertores e baterias extras – equipamento para ficar nessa cabana, esperando pelos outros membros do bando mudarem – mas a minha continha suprimentos para fugir. Tudo que eu mantinha ali era desenhada para me trazer de volta a minha humanidade o mais rapidamente possível, e por isso, Shelby não podia me perdoar.

Eu com pressa coloquei várias camadas de camisas de manga comprida, um jeans e troquei as botas enormes do pai de Grace por meias e meus sapatos de couro, pegando minha carteira com meu dinheiro de verão, e enfiiei tudo de volta para a minha mochila. Enquanto eu fechava a porta da cabana atrás de mim, eu vi um movimento pelo canto do olho.

“Paul,” eu disse, mas o lobo preto, o líder do nosso bando, se fora. Eu duvidava que ele sequer me conhecesse agora: Para ele, eu era apenas outro humano nessa floresta, apenas do meu cheiro familiar. Saber disso trouxe um tipo de arrependimento em algum lugar no fundo da minha garganta. Ano passado, não tinha se tornado humano até o fim de agosto. Talvez ele nem mudasse esse ano.

Eu sabia que minhas próprias mudanças estavam contadas também. Ano passado eu tinha mudado em Junho, um enorme pulo da minha transformação do ano retrasado, quando mudei logo que a primavera começou, quando ainda havia neve no chão. E esse ano? O quão tarde eu teria meu corpo de volta se Tom Culpeper não tivesse atirado em mim? Eu nem entendia como levar um tiro tinha trazido minha humanidade de volta, nesse inverno frio. Eu pensei sobre o quão frio estava quando Grace se ajoelhou perto de mim, pressionando uma toalha no meu pescoço. Não era verão a muito tempo.

As cores brilhantes das folhas ao redor da cabana me zombaram, evidência de que um ano tinha passado sem eu estar ciente disso. Eu sabia com uma certeza gelada que esse era meu último ano.

Conhecer Grace apenas agora parecia como uma reviravolta cruel do destino.

Eu não queria pensar nisso. Ao invés disso, eu voltei para a casa, checando para me certificar que os carros dos pais de Grace ainda não estavam. Entrando novamente, eu fiquei do lado de fora da porta do quarto dela por um segundo, então esperei por muito tempo na cozinha, olhando os armários embora eu não estivesse com fome.

Admita. Você está nervoso demais para voltar lá dentro. Eu queria tanto ver ela de novo, o fantasma que me assombrou durante anos na floresta. Mas eu também tinha medo, de que ver ela cara-a-cara na luz do dia pudesse mudar as coisas. Ou pior, não mudasse as coisas. Ontem a noite, estive sangrando até quase morrer no deck dela. Qualquer um poderia ter me salvado. Hoje, eu queria mais do que ser salvo. Mas e se eu a assustasse?

Você é uma abominação para a criação de Deus. Você está amaldiçoado. Você é o demônio. Onde está meu filho? O que você fez com ele? Eu fechei meus olhos, me perguntando porque, considerando todas as coisas que eu tinha perdido, a memória dos meus pais não podia estar entre elas.

“Sam?”

Eu virei, ouvindo meu nome. Grace chamou de novo em seu quarto, falando mal acima de um sussurro, se perguntando onde eu estava. Ela não soava assustada.

Eu abri a porta dela e olhei ao redor do quarto. Na luz forte da manhã, eu podia ver agora que era o quarto de uma adulta. Nenhuma sombra de tinta rosa ou animais de pelúcia para Grace, se é que algum dia elas os teve. Fotos de árvores nas paredes, todas combinando com as molduras pretas. Móveis pretos, e muitos quadrados e que pareciam ser úteis. A toalha dela estava dobrada em cima da cama perto de outro relógio – preto e branco, com linhas suaves – e uma pilha de livros da biblioteca, a maioria não era de ficção e mistério, a julgar pelos títulos. Provavelmente organizados de forma alfabética ou de acordo com tamanho.

De repente me atingiu por quão parecidos nós éramos. Me ocorreu que se Grace e eu fôssemos objetos, ela seria um elaborado relógio digital, sincronizado com o Relógio Mundial de Londres com uma técnica perfeita, e eu seria um globo de neve – memórias abatidas em uma bola de vidro.

Eu lutei para encontrar algo para dizer que não soasse como o cumprimento de um perseguidor de outra espécie. “Bom dia,” disse.

Grace sentou, o cabelo dela frisado do lado e bem rente a sua cabeça do outro lado, os olhos escuros cheios de deleite. “Você ainda está aqui! Oh. Você está vestido. Eu quero dizer, ao invés do avental.”

“Eu fui pegar elas enquanto você dormia.”

“Que horas são? Ohhhh – estou muito atrasada para a aula, não estou?”

“São 11 horas.”

Grace gemeu e então deu nos ombros. “Quer saber? Eu não perco uma aula desde que comecei o ensino médio. Recebi um prêmio por isso ano passado. E pizza de graça ou algo assim.” Ela saiu da cama; na luz do dia, eu podia ver o quão justa e insuportavelmente sexy era a camisola dela. Eu me virei de costas.

“Você não tem que ser tão casto, sabe. Não é como se estivesse nua.” Pausando na frente de seu armário, ela olhou de volta para mim, sua expressão sagaz. “Você não me viu nua, viu?”

“Não!” Minha resposta saiu clara e apressadamente.

Ela riu para minha mentira e tirou um jeans do armário. “Bem, a não ser que você queira ver agora, é melhor se virar.”

Eu deitei na cama, o rosto enterrado nos travesseiros que tinham o cheiro dela. Eu ouvi os sons que ela fez enquanto pegava suas roupas, meu coração batendo a milhares de quilômetros por hora. Eu suspirei, culpado, incapaz de conter minha mentira. “Eu não fiz de propósito.”

O colchão rangeu quando ela caiu nele, seu rosto bem perto do meu. “Você é sempre tão apoloético?”

Minha voz estava abafada pelo travesseiro dela. “Estou tentando fazer você pensar que sou uma pessoa decente. Te dizer que eu te via nua enquanto eu era de outra espécie não ajuda no meu caso.”

Ela riu. “Eu te concedo clemência, já que eu deveria ter fechado as cortinas.” Houve um longo silêncio, cheio com centenas de mensagens não ditas. Eu podia sentir o cheiro do nervosismo dela, fracamente emanando da pele dela, e podia ouvir a batida rápida do coração dela carregada pelo colchão até meu ouvido. Teria sido tão fácil para meus lábios percorrerem os centímetros entre nossas bocas. Eu pensei poder ouvir esperança no batimento cardíaco dela: me beije, me beije. Normalmente eu era bom em sentir o sentimento das outras pessoas, mas com Grace, tudo que eu pensava saber era nublado pelo que eu queria.

Ela riu quieta; era um barulho terrivelmente fofo, e também completamente em desacordo do que eu normalmente pensava dela. “Estou faminta,” ela finalmente disse. “Vamos encontrar um café da manhã. Ou lanche, eu acho.”

Eu rolei para fora da cama e ela saiu logo depois de mim. Eu estava muito ciente das mãos dela em minhas costas, me empurrando pela porta do quarto. Juntos nós entramos suavemente na cozinha. A luz do sol, muito brilhante, passava pela porta de vidro do deck, refletindo no balcão branco e azulejado da cozinha, cobrindo nós dois com luz. Por causa da minha exploração anterior, eu sabia onde as coisas estavam, então comecei a pegar os suprimentos.

Enquanto eu me movia pela cozinha, Grace ia atrás, seus dedos encontrando meu cotovelo e a palma dela passando pelas minhas costas, encontrando desculpas para me tocar. Com o canto do olho, eu podia ver ela me encarando quando ela achou que eu não iria notar. Era como se eu não tivesse mudado, como se eu ainda a olhasse da floresta e ela ainda estivesse sentada no balanço e me olhasse com olhos de adoração.

*Tirando minha pele,
Deixando só meus olhos para trás,
Você dentro da minha mente,
Ainda sabe que é minha.*

“No que você está pensando?” eu perguntei, quebrando um ovo e servindo um copo de suco de laranja com dedos humanos que pareciam repentinamente precisos.

Grace riu. “Que você está me fazendo café.”

Era uma resposta muito simples; eu não tinha certeza se podia acreditar. Não quando eu tinha centenas de pensamentos competindo por espaço na minha cabeça ao mesmo tempo. “No que mais está pensando?”

“Que é muito legal conhecer você. Que eu espero que você saiba como cozinhar ovos.” Mas os olhos dela se ergueram dos ovos para minha boca, só por um segundo, e eu sabia que ela não estava pensando apenas em ovos. Ela se afastou e puxou as cortinas, instantaneamente mudando o humor na cozinha. “E está muito claro aqui.” A luz foi filtrada pela cortina, lançando linhas horizontais através dos olhos castanhos dela e na linha dos lábios dela.

Eu voltei para os ovos mexidos e os coloquei num prato assim que a torrada pulava da torradeira. Eu fui pegar ao mesmo tempo que Grace, e foi um daqueles momentos perfeitos de filme onde as mãos se tocam e você sabe que os personagens vão se beijar. Só que dessa vez eram meus braços de alguma forma circulando ela acidentalmente, a prendendo contra o balcão enquanto ia pegar a torrada, e tocando a beira da geladeira enquanto eu me inclinava para frente. Perdido em embaraço por causa da minha trapalhada, eu nem percebi que era o momento perfeito até que eu vi os olhos de Grace fechados, o rosto erguido em direção ao meu.

Eu a beijei. Só um leve tocar dos meus lábios contra os dela, nada animal. Mesmo naquele momento, eu desconstruí o beijo: a possível reação dela a ele, sua possível interpretação, a forma como fez minha pele ficar arrepiada, os segundos entre quando eu toquei seus lábios e quando ela abriu seus olhos.

Grace sorriu para mim. As palavras dela eram provocadoras, mas sua voz era gentil. “É tudo que você tem?” Eu toquei meus lábios nos dela de novo, e dessa vez, foi um beijo bem diferente. Foi 6 anos de beijo, os lábios dela ganhando vida sobre o meu, com gosto de laranja e desejo. Os dedos dela passaram pelas minhas costelas e no meu cabelo, antes de demorar no meu pescoço, vivo e frio com o calor da minha pele. Eu era selvagem e manso e

puxado em pedaços e esmagado em ser tudo ao mesmo tempo. Pela primeira vez na minha vida humana, minha mente não divagou para compor a letra de uma música ou parou para um momento de reflexão.

Pela primeira vez na vida, eu estava aqui, e em mais nenhum lugar.

E então eu abri meus olhos e era apenas Grace e eu – nada em lugar algum a não ser Grace e eu – ela pressionou seus lábios juntos como se quisesse manter meu beijo dentro dela, e eu, segurando esse momento que era tão frágil como um pássaro em minhas mãos.

CAPÍTULO DEZESSETE • SAM

15°C

Alguns dias parecem se encaixar juntos como um vitral. Centenas de pedaços de cores e humor diferente que, quando combinados, criam uma imagem completa. As últimas 24 horas tinham sido assim. A noite no hospital foi um saco, doentiamamente verde e vacilante. As horas escuras da madrugada na cama de Grace foi outra, nublado e roxo. Então a cor azul me lembrou de minha outra vida essa manhã, e finalmente o brilhante e claro vidro que foi nosso beijo.

No vidro atual, estávamos sentados num banco velho em um Bronco, em um feirão na periferia da cidade. Parecia que a imagem perfeita estava começando a entrar em foco, um brilhante retrato de algo que eu achei que não poderia ter.

Grace passou os dedos no volante de Bronco com um toque pensativo e gentil, e então voltou-se para mim. “Vamos jogar 20 perguntas.”

Eu estava deitado no banco do passageiro, os olhos fechados, e deixando o sol da tarde me cozinhar através do pára-brisa. Era bom. “Você não deveria estar olhando para os outros carros? Sabe, comprar carros normalmente envolve... comprar.”

“Eu não faço compras muito bem,” Grace disse. “Eu só vejo o que preciso e vou embora.”

Eu ri disso. Eu estava começando a entender como Grace funcionava.

Ela estreitou os olhos para mim em uma irritação zombada e cruzou os braços acima do peito. “Então, perguntas. Elas não são opcionais.”

Eu olhei o estacionamento para me certificar que o dono não tinha voltado, depois de ter rebocado o carro dela – aqui em Mercy Falls, o reboque e a loja de carros usados eram a mesma. “Ok. É melhor que não seja nada constrangedor.”

Grace deslizou um pouco mais perto de mim no banco e se espreguiçou para baixo numa imagem espelhada da minha postura. Eu senti como se essa fosse a primeira pergunta: as pernas dela se pressionaram contra minha perna, seu ombro se pressionou contra meu ombro, o tênis fortemente amarrado dela estava em cima do meu de couro. Meu pulso aumentou, uma resposta sem palavras.

A voz de Grace foi pragmática, como se ela não soubesse o efeito que estava tendo em mim. “Eu quero saber o que te transforma em lobo.”

Essa era fácil. “Quando a temperatura cai, eu me torno lobo. Quando é frio durante a noite e quente de dia, eu posso sentir vindo, e então, finalmente, fica frio o bastante e eu me transformo em lobo até a primavera.”

“Os outros também?”

Eu acenei. “Quanto mais tempo você é lobo, mas quente tem que ser para você se tornar humano.” Eu pausei por um momento, me perguntando se agora era a hora de contar a ela. “Ninguém sabe quantos anos você vai ficar se transformando. É diferente para cada lobo.”

Grace apenas olhou para mim – o mesmo longo olhar que ela tinha me dado quando era mais jovem, deitada na neve, olhando para mim. Eu não consegui ler ele melhor do que naquela época. Eu senti minha garganta se apertando em antecipação pela resposta dela, mas, misericordiosamente, ela mudou a linha de pergunta. “Quantos de vocês são?”

Eu não tinha certeza, porque muitos de nós não se tornavam mais humanos. “Cerca de 20.”

“O que você come?”

“Filhotes de coelho.” Ela estreitou os olhos, então eu ri e disse, “Coelhos adultos, também. Sou um comedor de coelhos de oportunidades iguais.”

Ela não perdeu um segundo. “O que havia no seu rosto no dia que você me deixou te tocar?” A voz permaneceu a mesma para essa pergunta, mas algo ao

redor dos olhos dela se apertou, como se ela não tivesse certeza que queria ouvir a resposta.

Eu tive que lutar para lembrar daquela noite – os dedos dela no meu pêlo, a respiração dela movendo os pêlos da lateral do meu rosto, o prazer culpado de estar perto dela. O garoto. O que tinha sido mordido. Era isso que ela estava perguntando. “Quer dizer que tinha sangue no meu rosto?”

Grace acenou.

Parte de mim se sentiu um pouco triste por ela ter perguntando, mas é claro que ela perguntou. Ela tinha todos os motivos para não confiar em mim. “Não era – aquele garoto.”

“Jack,” ela disse.

“Jack,” eu repeti. “Eu sabia que o ataque tinha acontecido, mas eu não estava lá por causa disso.” Eu tive que cavar mais profundamente em minha memória para achar a fonte do sangue no meu focinho. Meu cérebro humano buscou respostas lógicas – coelho, veado, atropelamento na estrada – todos eles instantaneamente mais fortes do que a minha memória de lobo. Finalmente, eu achei a verdadeira resposta, embora eu não estivesse orgulhoso. “Foi um gato. O sangue. Eu peguei um gato.”

Grace soltou um suspiro.

“Você não está chateada por ter sido um gato?” Eu perguntei.

“Você tem que comer. Se não foi Jack, então eu não me importo mesmo que tivesse sido um canguru,” ela disse. Mas era óbvio que a mente dela ainda estava em Jack. Eu tentei lembrar o pouco que eu sabia sobre o ataque, odiando que ela pensasse mal do meu bando.

“Ele os provocou, sabe,” eu disse.

“Ele o que? Você não estava lá, estava?”

Eu balancei a cabeça e batalhei para explicar. “Não podemos – os lobos – quando nos comunicamos, é com imagens. Nada complicado. E não através de muitas distâncias. Mas se estivermos perto um do outro, podemos compartilhar uma imagem com outro lobo. Então os lobos que atacaram Jack, eles me mostraram imagens.”

“Vocês podem ler a mente um do outro?” Grace perguntou, incrédula.

Eu balancei a cabeça vigorosamente. “Não. Eu – é difícil explicar como huh – como eu. É só uma forma de conversar, mas nossos cérebros são diferentes quando lobos. Não existem conceitos abstratos, na verdade. Coisas como o tempo, e nomes, e emoções complicadas não existem. Na verdade, serve para coisas como caçar ou avisar os outros sobre perigo.”

“E o que você viu sobre Jack?”

Eu baixei os olhos. Eu me senti estranho, lembrando de uma memória de quando era lobo na minha mente humana. Eu repassei as imagens borradas na minha cabeça, reconhecendo agora que as manchas vermelhas na pelagem dos lobos eram ferimentos de bala, e que a mancha em seus lábios eram o sangue de Jack. “Alguns dos lobos me mostraram algo sobre ter sido acertado por ele. Com – uma arma? Ele devia ter uma arma BB. Ele estava usando uma camisa vermelha.” Lobos vêem cores mal, mas vermelhos podemos ver.

“Porque ele faria isso?”

Eu balancei a cabeça. “Não sei. Não é o tipo de coisa que contamos um para os outros.”

Grace estava quieta, ainda pensando sobre Jack, eu acho. Sentamos em silêncio até eu começar a imaginar se ela estava chateada. Então ela falou. “Então você nunca abriu presentes de natal.”

Eu olhei para ela, sem saber como responder. O natal era algo que tinha acontecido em outra vida, uma antes dos lobos.

Grace olhou para o volante. “Eu estava pensando que você nunca esteve por perto no verão, e eu sempre amei natal, porque eu sempre sabia que você

iria aparecer. Na floresta. Como lobo. Eu acho que é porque é frio, certo? Mas isso deve significar que você nunca abriu presentes de natal.”

Eu balancei a cabeça. Eu mudava cedo demais, agora, para sequer ver as decorações de natal nas lojas.

Grace franziu para o volante. “Você pensa em mim quando é lobo?”

Quando eu era lobo, eu era a memória de um garoto, lutando para se segurar em palavras sem significado. Eu não queria dizer a ela a verdade: que eu não conseguia lembrar o nome dela.

“Eu penso no seu cheiro,” eu disse, verdadeiramente. Eu me estiquei e levantei algumas mechas do cabelo dela até meu nariz. O cheiro do shampoo dela me lembrou do cheiro da pele dela. Eu engoli e deixei o cabelo dela cair em seu ombro.

Os olhos de Grace seguiram minha mão do ombro dela até meu colo, e eu vi ela engolir também. A pergunta óbvia – quando eu iria mudar de novo – ficou entre nós, mas nenhum de nós deu palavras a ela. Eu não estava pronto para contar a ela ainda. Meu peito doía com a ideia de deixar ela para trás.

“Então,” ela disse de novo, e colocou a mão no volante. “Você sabe dirigir?”

Eu tirei minha carteira do bolso da calça jeans e provei. “O estado de Minnesota acha que sim.”

Ela pegou minha carteira de motorista, segurou contra o volante, e leu em voz alta: “Samuel K. Roth.” Ela acrescentou, com alguma surpresa, “Isso é uma carteira mesmo. Você realmente deve ser real.”

Eu ri. “Você ainda duvida?”

Ao invés de responder, Grace me entregou minha carteira e perguntou, “Esse é seu nome real? Você não está supostamente morto, como Jack?”

Eu não tinha certeza se queria falar sobre isso, mas respondi de qualquer forma. “Não foi a mesma coisa. Eu não fui tão mordido, e uns estranhos me

salvaram de ser arrastado. Ninguém me declarou morto, como fizeram com Jack. Então, sim, esse é meu verdadeiro nome.”

Grace parecia pensativa de novo, e eu me perguntei o que ela estava pensando. Então, bruscamente, ela olhou para mim, a expressão negra. “Então seus pais sabem o que você é, não é? É por isso que eles —” ela parou, e meio que fechou os olhos. Eu podia ver ela engolindo de novo.

“Te deixa doente por algumas semanas depois,” eu disse, poupando ela de terminar a frase. “A toxina do lobo, eu acho. Enquanto te muda. Eu não conseguia parar de mudar e voltar ao normal, não importava o quão quente ou frio estava.” Eu pausei, as memórias voltando a minha mente como fotos da câmera de outra pessoa. “Eles acharam que eu estava possuído. Então esquentou e eu melhorei — fiquei estável, eu quero dizer, e eles acharam que eu estava curado. Salvo, eu suponho. Até o inverno. Por um tempo eles tentaram ir a igreja para fazer algo sobre mim. Finalmente decidiram eles mesmos fazer algo. Os dois estão cumprindo prisão perpétua agora. Eles não perceberam que somos mais difíceis de matar do que a maioria das pessoas.”

O rosto de Grace estava num tom pálido de verde, e seus dedos agarravam o volante com tanta força que se tornaram brancas. “Vamos falar sobre outra coisa.”

“Sinto muito,” eu disse, e eu realmente sentia. “Vamos falar sobre carros. Esse é um dos seus prometidos? Eu quero dizer, assumindo que ele ande bem? Eu não sei nada sobre carros, mas posso pelo menos fingir. ‘Funciona bem’ parece com algo que alguém diria se soubesse do que está falando sobre isso, não é?”

Ela aproveitou o assunto, dando tapinhas no volante. “Eu gosto.”

“É muito feio,” eu disse generosamente. “Mas parece que ele vai rir da neve. E, se você acertar um cervo, ele iria apenas soluçar e continuar a andar.”

Grace acrescentou, “Além do mais, tem um bom apelo vindo do banco. Eu quero dizer, eu posso só —” Grace se abaixou através do banco em minha direção, levemente descansando uma mão na minha perna. Agora ela estava a um centímetro de mim, perto o bastante para mim sentir o calor do hálito dela

em meus lábios. Perto o bastante para eu sentir a vontade dela de que eu me inclinasse para perto dela também.

Em minha cabeça, uma imagem de Grace no seu quintal passou, suas mãos esticadas, implorando que eu me aproximasse dela. Mas eu não pude. Eu era de outro mundo, um que exigia que eu mantivesse distância. Agora, eu não conseguia me impedir de imaginar se eu ainda vivia naquele mundo, ainda ligado a suas regras. Minha pele humana estava apenas zombando de mim, me insultando com riquezas que desapareceriam na primeira brisa fria.

Eu sentei longe dela, e desviei o olhar antes de poder ver o desapontamento dela. O silêncio era pesado ao nosso redor. “Me conte sobre depois que você foi mordida,” eu disse, só para falar algo. “Você ficou doente?”

Grace se inclinou contra o banco e suspirou. Eu me perguntei quantas vezes tinha decepcionado ela antes. “Eu não sei. Parece que foi tanto tempo atrás. Eu acho – talvez. Eu me lembro de ter ficado gripada logo depois.”

Depois que eu fui mordido, tinha parecido uma gripe também. Exaustão, tremores de frio e calor, a náusea queimando na minha garganta, os ossos doendo para mudar de forma.

Grace deu nos ombros. “Aquele foi o ano que eu fiquei presa no carro, também. Foi um mês ou dois depois do ataque. Era primavera, mas estava muito quente. Meu pai me levou com ele para fazer algumas coisas, porque eu acho que era jovem demais para ficar para trás.” Ela olhou para mim pra ver se eu estava ouvindo. Eu estava.

“De qualquer forma, eu tinha gripe, eu acho, e eu estava idiota por causa do sono. Então no caminho para casa eu adormeci no banco de trás do carro... e a próxima coisa que eu lembro foi de acordar no hospital. Eu acho que papai chegou em casa e tirou as compras e esqueceu de mim. Só me deixou trancada no carro, eu acho. Eles falaram que eu tentei sair, mas eu não lembro disso. Eu não lembro de nada até o hospital, onde a enfermeira estava dizendo que foi o dia mais quente de maio na história de Mercy Falls. O médico disse ao meu pai que o calor no carro deveria ter me matado, então sou um milagre. Que tal isso para pais responsáveis?”

Eu balancei a cabeça em descrença. Houve um breve silêncio que me deu tempo o bastante para notar a consternação na expressão dela e me lembrar que eu sinceramente me arrependia de não ter beijado ela mais cedo. Eu pensei em dizer: Me mostre o que você quis dizer mais cedo, quando disse que você gostava desse banco. Mas eu não consegui imaginar minha boca formando essas palavras, então ao invés disso eu apenas peguei a mão dela e passei meus dedos pela sua palma e por entre seus dedos, tracejando a linha em sua mão e deixando minha pele memorizar a ponta dos dedos dela.

Grace fez um pequeno som de apreciação e fechou os olhos enquanto meus dedos faziam círculos em sua pele. De alguma forma, isso era quase melhor do que beijar.

Nós dois nos afastamos quando alguém bateu no vidro do meu lado do carro. O motorista do reboque e o dono do feirão estavam parados ali, olhando para nós. A voz dele atravessou abafada pelo vidro. “Encontrou o que estavam procurando?”

Grace se esticou e abriu a janela. Ela estava falando comigo, os olhos intensos, quando ela disse, “Com certeza.”

CAPÍTULO DEZOITO • GRACE

3ºC

Aquela noite, Sam ficou na minha cama de novo, castamente empoleirado na ponta mais distante do colchão, mas de alguma forma, durante a noite, nossos corpos imigraram para ficar juntos. Eu meio acordei cedo da manhã, muito antes do amanhecer, o quarto limpo pela luz pálida da manhã, e descobri que eu estava pressionada contra as costas de Sam, minhas mãos ao redor do meu peito como uma múmia. Eu mal conseguia ver as curas escuras dos ombros dele, e algo sobre a forma dele, o gesto na sua sugestão, me encheu como uma poderosa e incrível afeição. O corpo dele era quente e tinha um bom cheiro – como lobo, e árvores, e casa – que enterrei meu rosto em seu ombro e fechei os olhos de novo. Ele fez um barulho suave e rolou seus ombros contra mim, se pressionando mais perto.

Logo antes de eu adormecer de novo, minha respiração devagar combinou com a dele, e eu tive um forte pensamento: Eu não posso viver sem isso.

Tem que haver uma cura.

CAPÍTULO DEZENOVE • GRACE

22°C

O dia seguinte foi incrivelmente justo, lindo demais para ir à escola, mas eu não podia faltar mais um dia sem bolar uma desculpa muito boa. Não era porque eu fosse ficar muito atrasada; só parecia que quando você nunca perde aula por um longo tempo, as pessoas tendem a notar quando você falta. Rachel já tinha ligado duas vezes e tinha deixado uma mensagem de voz dizendo que escolhi o dia errado para matar aula, Grace Brisbane! Olivia não tinha ligado desde nossa discussão no corredor, então acho que isso significa que não estávamos nos falando.

Sam me levou até a escola no Bronco enquanto eu apressadamente fazia o dever de inglês que eu não tinha feito no dia anterior. Assim que ele estacionou, eu abri a porta, deixando entrar ar quente. Sam virou seu rosto em direção a porta aberta, seus olhos meio fechados.

“Eu amo esse clima. Parece tão eu.”

Observando ele se deleitar no sol, o inverno parecia incrivelmente longe, e eu não conseguia imaginar ele me deixando. Eu queria memorizar as linhas tortas de seu nariz para sonhar acordada mais tarde. Por um momento, eu senti uma pontada irracional de culpa por meus sentimentos por Sam estarem substituindo os que eu tinha por meu lobo – até que eu lembrei que ele era meu lobo. De novo, eu tive a estranha sensação do chão se mexendo abaixo de mim, com o fato de sua existência, imediatamente seguida por alívio. Minha obsessão era tão – fácil, agora. A única coisa que eu tinha que explicar a minhas amigas era de onde meu novo namorado tinha vindo.

“Eu acho que tenho que ir,” eu disse. “Eu não quero.”

Os olhos de Sam se abriram completamente e ele se focou em mim. “Estarei aqui quando você voltar, prometo.” Ele acrescentou, muito formal, “Posso usar seu carro? Eu gostaria de ver se Beck ainda é humano, e se não for, se a casa dele está com o aquecedor ligado.”

Eu acenei, mas parte de mim esperava que o aquecedor estivesse desligado na casa de Beck. Eu meio que queria Sam de volta a minha cama, onde eu podia impedir ele de desaparecer como o sonho que ele era. Eu saí do Bronco com minha mochila. “Não consiga nenhuma multa, corredor.”

Enquanto eu caminhava pela frente do veículo, Sam abaixou sua janela. “Hey?”

“O que?”

Timidamente, ele disse, “Venha aqui, Grace.” Eu sorri com a forma que ele disse meu nome e voltei até a janela, o sorriso aumentando quando percebi o que ele queria. O beijo cuidadoso dele não me enganou; assim que eu separei levemente meus lábios, ele suspirou e se afastou. “Vou te atrasar para a aula.”

Eu sorri. Eu estava no topo do mundo. “Você estará de volta às 3 horas?”

“Não faltaria.”

Eu observei ele sair do estacionamento, já sentindo a extensão do dia escolar se enrolando diante de mim.

Um caderno bateu no meu braço. “Quem era ele?!”

Eu virei para Rachel e tentei pensar em algo que fosse mais fácil do que a verdade. “Minha carona?”

Rachel não forçou o assunto, na maior parte porque seu cérebro já estava em outra coisa. Ela agarrou meu cotovelo e começou a me levar em direção à escola. Certamente, certamente, tinha que haver algum tipo de recompensa eterna esperando por mim, por vir à escola em um dia lindo desse com Sam no meu carro. Rachel puxou meu braço para chamar minha atenção.

“Grace. Foco. Havia um lobo do lado de fora da escola ontem. No estacionamento. Tipo, todo mundo viu quando saiu da escola.”

“O que?” Eu virei e olhei por cima do ombro para o estacionamento, tentando imaginar um lobo entre os carros. Os pinheiros dispersos que faziam

fronteira com o estacionamento não se conectavam com a floresta Boundary; o lobo teria cruzado várias ruas e quintais para chegar ao estacionamento. “Como ele parecia?”

Rachel me deu um estranho olhar. “O lobo?”

Eu acenei.

“Como um lobo. Cinza.” Rachel viu meu olhar seco e deu nos ombros. “Eu não sei, Grace. Cinza azulado? Com arranhões no seu ombro. Parecia imundo.”

Então era Jack. Tinha que ser. “Deve ter sido um caos,” eu disse.

“Yeah, você deveria estar aqui, garota lobo. Sério. Ninguém se machucou, graças a Deus, mas Olivia surtou completamente. A escola toda surtou. Isabel estava totalmente histérica e fez uma enorme cena.” Rachel apertou meu braço. “Então, porque você não atendeu seu telefone?”

Entramos na escola; as portas estavam abertas para deixar o ar entrar. “Estava sem bateria.”

Rachel fez uma cara e falou mais alto, para ser ouvida entre a multidão de estudantes no corredor. “Então, você estava doente? Eu nunca pensei que viveria para ver o dia que você não fosse à aula. Entre você não estar na aula e animais selvagens circulando pelo estacionamento, eu achei que o mundo estava acabando. Eu estava esperando pela chuva de sangue.”

“Eu acho que peguei alguma doença de 24 horas,” eu respondi.

“Ew, eu não deveria tocar em você?” Mas ao invés de se afastar, Rachel bateu seu ombro contra o meu com um sorriso. Eu ri e empurrei ela, e enquanto eu fazia isso, eu vi Isabel Culpeper. Meu sorriso sumiu. Ela estava inclinada contra a parede perto de um dos bebedouros, seus ombros arqueados para frente. A princípio eu pensei que ela estava olhando para seu celular, mas então percebi que suas mãos estavam vazias e ela estava encarando o chão. Se ela não fosse uma princesa do gelo, eu teria achado que ela estava chorando. Eu me perguntei se deveria ir falar com ela.

Como se tivesse lido meus pensamentos, Isabel então olhou para cima, e seus olhos, tão similares aos de Jack, encontraram os meus. Eu podia ler o desafio neles: Então o que você está olhando, hein?

Eu desviei rapidamente o olhar e continuei andando com Rachel, mas eu tinha a desconfortável sensação de coisas não ditas.

CAPÍTULO VINTE • SAM

3°C

Enquanto eu estava deitado na cama de Grace aquela noite, abalado pela notícia do aparecimento de Jack na escola, eu encarei, sem sono, a escuridão interrompida apenas pela fraca luz do cabelo dela no seu travesseiro. E eu pensei sobre os lobos que não agiam como lobos. E eu pensei sobre Christa Bohlmann.

Fazia anos desde que a memória de Christa tinha passado por minha cabeça, mas Grace ter me contado sobre Jack aparecer onde ele não pertencia, trouxe a lembrança de volta.

Eu lembrei do último dia que a vi, quando Christa e Beck estavam brigando na cozinha, na sala, no corredor, na cozinha de novo, rosnando e gritando um com o outro como lobos. Eu era jovem, cerca de 8 anos, então Beck parecia um gigante naquela época – um deus, estreito e furioso contendo sua raiva. Circulando e circulando a casa que ele foi com Christa, uma jovem mulher com um rosto manchado de raiva.

“Você matou duas pessoas, Christa. Quando vai encarar isso?”

“Matei? Matei?” A voz dela era estridente nos meus ouvidos, garras no vidro. “E quanto a mim? Olhe para mim. Minha vida acabou.”

“Não acabou,” Beck respondeu. “Você ainda está respirando, não está? Seu coração ainda está batendo? Eu não posso dizer o mesmo em relação a suas duas vítimas.”

Eu lembro de me encolher pela voz de Christa – um grito gutural e pouco compreensivo. “Isso não é vida!”

Beck brigou com ela por seu egoísmo e responsabilidade, e ela respondeu com profanações que eu fiquei chocado; eu nunca tinha ouvido aquelas palavras antes.

“E quanto ao cara no porão?” Beck surtou. Eu só conseguia ver as costas de Beck pelo meu lugar no corredor. “Você mordeu ele, Christa. Você arruinou a vida dele agora. E você matou duas pessoas. Só porque eles te xingaram. Eu fico esperando ver algum remorso. Diabos, eu só quero uma garantia de que isso não vai acontecer de novo.”

“Porque eu te garantiria qualquer coisa? O que você me deu?” Christa rosnou. Os ombros dela se curvaram e contraíram. “Vocês se chamam de bando? Vocês são uma seita. Vocês são uma abominação. Vocês são um culto. Eu faço o que eu quiser. Eu vou viver essa vida como eu quiser.”

A voz de Beck era terrivelmente, terrivelmente nivelada. Eu lembro de que de repente ficar com pena de Christa, porque Beck parava de parecer bravo quando ele estava no seu pior. “Prometa que isso não vai acontecer de novo.”

Ela olhou diretamente para mim então – não, não para mim. Através de mim. A mente dela estava em um lugar distante, escapando da realidade de seu corpo em mutação. Eu podia ver uma veia saltada bem no meio da testa dela, e eu notei que as unhas dela eram garras. “Eu não te devo nada. Vá para o inferno.”

Beck disse, muito silenciosamente, “Saia da minha casa.”

Ela saiu. Ela bateu a porta de vidro com tanta força que os pratos nos armários da cozinha trepidaram. Alguns momentos depois, eu ouvi a porta se abrir e fechar de novo, muito mais silenciosamente, enquanto Beck ia atrás dela.

Eu lembro que estava frio o bastante para mim estar preocupado que Beck mudasse no inverno e me deixasse sozinho na casa. O medo foi o bastante para me fazer passar pelo corredor e entrar na sala, assim que eu ouvi um enorme crack.

Beck silenciosamente voltou para a casa, tremendo de frio e ameaçando mudar, e ele cuidadosamente soltou a arma no balcão como se ela fosse feita de vidro. Então ele me notou, parado na sala, os braços cruzados no peito, meus dedos agarrando meus bíceps.

Eu ainda lembro de como a voz dele soou quando ele disse, “Não toque nisso, Sam.” Vazio. Irregular. Ele entrou em seu escritório e descansou a cabeça nos braços pelo resto do dia. Ao entardecer, ele e Ulrik foram para fora, as vozes baixas e apressadas; através da janela, eu vi Ulrik pegar uma pá na garagem.

E agora, aqui estava eu, deitado na cama de Grace, e em algum lugar lá fora estava Jack. Pessoas com raiva não dão bons lobisomens.

Enquanto Grace estava na escola, eu fui até a casa de Beck. A entrada da garagem estava vazia e as janelas escuras; eu não tive coragem de entrar e ver a quanto tempo estava desocupada. Sem Beck para reforçar a segurança do bando, quem deveria manter Jack na linha?

Um senso de responsabilidade nada bem vindo estava começando a crescer na minha garganta. Beck tinha celular, mas eu não conseguia lembrar do número, não importava a quanto tempo eu estava buscando na minha memória. Eu pressionei meu rosto contra o travesseiro e rezei que Jack não mordesse ninguém, porque se ele se tornasse um problema, eu não achava que era forte o bastante para fazer o que teria que ser feito.

CAPÍTULO VINTE E UM • SAM

13°C

Quando o alarme de Grace disparou na manhã seguinte, as 6:45 para aula, gritando eletrônicas obscenidades nos meus ouvidos, eu instantaneamente levantei, coração batendo forte, como tinha acontecido no dia anterior. Minha cabeça estava cheia de sonhos: lobos e humanos e sangue derramando em seus lábios.

“Ummmmmm,” Grace murmurou, despreocupada, e puxou os lençóis para cima ao redor de seu pescoço. “Desligue isso, por favor. Já vou levantar. Eu... vou levantar num segundo.” Ela rolou, sua cabeça loira mal visível sobre a beira de seu cobertor, e afundou na cama como se ela tivesse virado o colchão.

E foi isso. Ela estava dormindo e eu não.

Eu me inclinei contra a cabeceira dela e deixei ela ficar deitada ao meu lado, quente e sonhadora, por mais alguns minutos. Eu acariciei o cabelo dela com dedos cuidadosos, tracejando uma linha de sua testa ao redor de sua orelha e até seu pescoço, onde seu cabelo parava de ser cabelo e ao invés disso eram cabelinhos fofos que se espalhavam para todos os lados.

Eles eram fascinantes, aquelas penas suaves que iriam crescer em seu cabelo. Eu estava incrivelmente tentado em me abaixar e morder eles, muito suavemente, para acordar ela e a beijar e fazer ela se atrasar para aula, mas eu não conseguia parar de pensar em Jack e Christa e as pessoas que davam lobisomens ruins. Se eu for pra aula, eu ainda seria capaz de seguir o rastro de Jack com meu fraco senso olfativo?

“Grace,” eu sussurrei. “Acorde.”

Ela fez um suave barulho, aproximadamente traduzido para, sai fora, na linguagem dos sonâmbulos.

“Hora de acordar,” eu disse, e enfiei meu dedo em seu ouvido.

Grace gritou e me bateu. Ela estava acordada.

Nossa manhã juntos estava começando a adquirir uma confortável rotina. Enquanto Grace, ainda acordando, tropeçava para o banho, eu colocava um pão na torradeira para cada um de nós e convenci a cafeteira a fazer algo que parecia como café. De volta em seu quarto, eu ouvi Grace cantarolar no chuveiro enquanto colocava meu jeans e checava suas gavetas buscando meias que não parecessem femininas demais para mim usar.

Eu ouvi minha respiração parar sem sentir. Fotos, aninhadas entre suas meias muito bem dobradas. Fotos de lobos. De nós. Cuidadosamente, eu ergui a pilha para fora da gaveta e voltei para cama. Virando as costas para a porta como se estivesse fazendo algo ilícito, eu folheei as fotos com meus dedos. Havia algo fascinante sobre ver essas imagens com meus olhos humanos. Alguns dos lobos eu conseguia ligar a nomes humanos; os mais velhos tinham mudado antes de mim. Beck, grande, forte, os olhos azuis. Paul, preto e parecendo limpo. Ulrik, cinza amarronzado. Salem, com suas orelhas entalhadas e olhos ativos. Eu suspirei, embora não soubesse por que.

A porta atrás de mim se abriu, deixando uma onda de vapor que tinha o cheiro do sabonete de Grace, entrar. Grace parou atrás de mim e descansou sua cabeça no meu ombro. Eu respirei o cheiro dela.

“Olhando para si mesmo?” Ela perguntou.

Meus dedos, passando entre as fotos, congelaram. “Estou aqui?”

Grace foi para o lado da cama e sentou me encarando. “É claro. A maior parte delas são de você – você não se reconhece? Oh. É claro que não. Me diga quem é quem.”

Devagar, eu folheei pelas imagens de novo enquanto ela se mexia perto de mim, a cama estalando com seus movimentos. “Esse é Beck. Ele sempre cuida dos novos lobos.” Embora só tivesse dois novos lobos desde mim: Christa e o lobo que ela criou, Derek. O fato era que eu não estava acostumado a novatos – nosso bando normalmente crescia com lobos mais velhos nos encontrando, não com a adição de novatos como Jack. “Beck é como um pai para mim.” Soava estranho dizer isso, mesmo que fosse verdade. Eu nunca tive que explicar a

ninguém antes. Foi ele que me colocou embaixo de sua asa depois que fugi de casa, e quem colocou os fragmentos da minha sanidade de volta.

“Eu percebi como você se sente sobre ele,” Grace disse, e ela soava surpresa com sua própria intuição. “Sua voz fica diferente sempre que você fala sobre ele.”

“É mesmo?” Agora foi minha vez de ficar surpreso. “Diferente como?”

Ela deu nos ombros, parecendo um pouco tímida. “Eu não sei. Orgulhoso, eu acho. Eu acho que é doce. Quem é esse?”

“Shelby,” eu disse, e não havia orgulho na minha voz, por ela. “Eu te contei sobre ela antes.”

Grace observou meu rosto.

A memória da última vez que Shelby e eu tínhamos nos visto e fez meu interior se remexer desconfortavelmente. “Ela e eu não vemos as coisas do mesmo jeito. Ela acha que ser um lobo é um dom.”

Ao meu lado, Grace acenou, e eu estava agradecido por deixar nisso.

Eu passei pelas próximas fotos, mais Shelby e Beck, até que eu pausei na forma preta de Paul. “Esse é Paul. Ele é o líder do bando quando somos lobos. Esse é Ulrik perto dele.” Eu apontei para o lobo cinza-amarronzado ao lado de Paul. “Ulrik é como um tio maluco, mais ou menos. Um alemão. Ele xinga muito.”

“Parece ótimo.”

“Ele é muito divertido.” Na verdade, eu deveria dizer que era muito divertido. Eu não sabia se esse seria seu último ano, ou se ele ainda teria outro verão. Eu lembrei da risada dele, como um bando de corvos, e o jeito que ele permanecia com seu sotaque alemão, como se ele não pudesse ser Ulrik sem ele.

“Você está bem?” Grace perguntou, franzindo para mim.

Eu balancei a cabeça, encarando os lobos nas fotos, tão claramente animais quando vistos por meus olhos humanos. Minha família. Eu. Meu futuro. De alguma forma, as fotos se borraram em uma linha que eu não estava pronto para cruzar ainda.

Eu percebi que Grace estava com um braço ao redor do meu ombro, sua bochecha se inclinando contra mim, me reconfortando embora ela não pudesse entender o que estava me incomodando.

“Eu queria que você pudesse conhecer eles,” eu disse, “quando todo mundo era humano.” Eu não sabia como explicar a ela que enorme parte de mim eles eram, suas vozes e rostos como humanos, e seu cheiro e formas como lobos. O quão perdido eu me sentia agora, o único usando uma pele humana.

“Me conte algo sobre eles,” Grace disse, sua voz abafada contra a camiseta.

Eu deixei minha mente repassar as memórias. “Beck me ensinou como caçar quando eu tinha oito anos. Eu odiei.” Eu lembrei de ficar na sala de Beck, encarando as primeiras árvores cobertas de gelo no inverno, brilhantes e piscando no sol da manhã. O quintal parecia como um perigoso e planeta alien.

“Porque você odiou?” Grace perguntou.

“Eu não gostava de ver sangue. Eu não gostava de caçar coisas. Eu tinha oito anos.” Em minhas memórias, eu parecia pequeno, frágil, inocente. Eu tinha passado todos os verões anteriores me deixando acreditar que nesse inverno, com Beck, seria diferente, que eu não mudaria e que eu continuaria a comer os ovos que Beck cozinhava para mim sempre. Mas conforme as noites ficavam mais frias e mesmo passeios rápidos lá foram fazendo meus músculos tremerem, eu sabia que a hora estava se aproximando em que eu não seria capaz de evitar a mudança, e que Beck não estaria por perto para cozinhar para mim por muito mais tempo. Mas isso não significava que eu iria por vontade própria.

“Porque caçar, então?” Grace perguntou, sempre lógica. “Porque não apenas deixar comida para vocês mesmos?”

“Há. Eu fiz a Beck a mesma pergunta, e Ulrik disse, “Já, e para os guaxinis e gambás também?”

Grace riu, indevidamente encantada com minha imitação ruim do sotaque de Ulrik.

Eu senti uma onda de calor em meu peito; eu me senti bem em falar com ela sobre o bando. Eu amei o brilho nos olhos dela, a peculiaridade curiosa que tinha em sua boca – ela sabia o que eu era e queria saber mais. Mas isso não significava que era certo contar a ela, alguém de fora do bando. Beck sempre tinha dito, ‘As únicas pessoas que temos para nos proteger somos nós.’ Mas Beck não conhecia Grace. E Grace não era apenas humana. Ela pode não ter mudado, mas ela tinha sido mordida. Ela era um lobo por dentro. Ela tinha que ser.

“Então, o que aconteceu?” Grace perguntou. “O que você caçava?”

“Coelhos, é claro,” eu respondi. “Beck me levou enquanto Paul esperava na van para me pegar depois caso eu fosse instável o bastante para mudar de volta.” Eu não conseguia esquecer como Beck tinha me parado perto da porta antes de sairmos, se curvando para poder olhar no meu rosto. Eu estava parado, tentando não pensar sobre a mudança de corpos e quebrar o pescoço de um pescoço com meus dentes. Sobre dizer adeus a Beck no inverno. Ele tinha me pego nos ombros e disse, “Sam, sinto muito. Não fique assustado.”

Eu não tinha dito nada, porque eu estava pensando que estava frio, e que Beck não iria mudar depois da caça, e então eu não teria ninguém que sabia como cozinhar meus ovos direito. Beck fazia ovos perfeitos. Mais do que isso. Beck me mantinha Sam. Naquela época, com as cicatrizes em meus pulsos ainda tão frescas, eu estive tão perigosamente perto de me transformar em algo que não era nem humano nem lobo.

“No que você está pensando?” Grace perguntou. “Você parou de falar.”

Eu olhei para cima; não tinha percebido que eu havia desviado o olhar dela. “Mudança.”

O queixo de Grace se pressionou no meu ombro enquanto ela olhava no meu rosto; a voz dela era hesitante. Ela me fez uma pergunta que ela já tinha feito antes. “Dói?”

Eu pensei no lento e agonizante processo da mudança, os músculos se flexionando, a pele se abaulando, os ossos se moendo. Os adultos sempre tentaram esconder essa mudança de mim, querendo me proteger. Mas não era ver a mudança deles que me assustava – a visão só me fazia sentir pena deles, já que até mesmo Beck gemia de dor. Era a minha mudança que me aterrorizava, mesmo agora. Esquecendo Sam.

Eu era um péssimo mentiroso, então não me incomodei em tentar. “Sim.”

“Meio que me deixa triste pensar em você ter que fazer isso quando você era um garotinho,” Grace disse. Ela estava franzindo para mim, piscando seus olhos brilhantes demais. “Na verdade, me incomoda muito. Pobre pequeno Sam.” Ela tocou meu queixo com um dedo; eu me inclinei em sua mão.

Eu lembrei de estar tão orgulhoso que eu não tinha chorado quando mudei aquela vez, diferentemente de quando eu era mais novo e meus pais tinham me observado, os olhos cheios de horror. Eu lembrei de Beck, o lobo, se afastando e me deixando entrar na floresta, e eu lembrei da sensação quente e amarga da minha primeira matança em meu focinho. Eu tinha mudado de volta depois que Paul, colocando um casaco e um chapéu em mim, me pegou. Foi na van no caminho para casa que a solidão me atingiu. Eu estava sozinho; Beck não ficaria humano de novo aquele ano.

Agora, era como se eu tivesse oito anos de novo, sozinho e assustado. Meu peito doeu, minha respiração se espremendo para fora de mim.

“Me mostre como eu pareço,” eu perguntei a Grace, colocando as fotos em direção a ela. “Por favor.”

Eu deixei ela pegar a pilha da minha mão e observei o rosto dela se iluminar enquanto ela passava as fotos, olhando para uma em particular. “Aqui. Essa é minha favorita sua.”

Eu olhei para a foto que ela me entregou. Um lobo olhou de volta para mim, usando meus olhos, um lobo parado observando da floresta, a luz do sol tocando a beira de seu pêlo. Eu olhei e olhei, esperando que significasse algo. Esperando por uma faísca de reconhecimento. Parecia injusto que a identidade dos outros lobos fosse tão clara para mim nas fotos, mas a minha estivesse escondida. O que havia nessa foto, naquele lobo, que fez os olhos de Grace se iluminarem?

O que havia em mim? E se ela estivesse apaixonada por outro lobo e apenas achasse que era eu? Como eu saberia?

Grace estava inconsciente a minhas dúvidas e entendeu errado meu silêncio achando que era fascinação. Ela desdobrou as pernas e levantou, me encarando, então passou a mão pelo meu cabelo. Ela ergueu sua palma até seu nariz, inalando profundamente. “Sabe, você ainda tem o cheiro que você tem quando é lobo.”

E bem assim, ela disse a única coisa que poderia me fazer sentir melhor. Eu entreguei a ela a foto quando ela estava saindo.

Grace parou na porta, sua silhueta vaga pela fraca luz cinza da manhã, e olhou de volta para mim, para meus olhos, minha boca, minhas mãos, de uma forma que fez algo dentro de mim se amarrar e desamarrar de forma insuportável.

Eu não achava que pertencia aqui no mundo dela, um garoto dividido entre duas vidas, arrastando o perigo dos lobos comigo, mas quando ela disse meu nome, esperando que eu a seguisse, eu sabia que faria qualquer coisa para ficar com ela.

CAPÍTULO VINTE E DOIS • SAM

16°C

Eu passei tempo demais circulando o estacionamento depois que larguei Grace, frustrado com Jack, frustrado com a chuva, frustrado com as limitações do meu corpo humano. Eu podia sentir o cheiro de que um lobo tinha estado ali – só um odor fraco e almiscarado de lobo – mas eu não conseguia definir uma direção ou sequer ter certeza se tinha sido Jack. Era como estar cego.

Eu finalmente desisti e, depois de ficar sentado no carro por vários minutos, decidi ir até a casa de Beck. Eu não conseguia pensar em nenhum outro lugar em particular para começar uma busca por Jack, mas a floresta atrás da casa era um lugar lógico para encontrar lobos em geral. Então eu voltei para minha velha casa de verão.

Eu não sabia se Beck sequer tinha sido humano esse ano; eu não conseguia nem lembrar claramente dos meus próprios meses de verão. Memórias borradas uma na outra até que se tornaram uma composição de estações e cheiros, suas origens obscuras.

Beck esteve mudando por mais anos do que eu, então parecia improvável que ele tivesse se tornado humano esse ano, quando eu não me tornei. Mas também parecia que eu deveria ter tido mais anos de ficar mudando de uma forma a outra do que isso. Eu não estava mudando há tanto tempo. Onde meu verão tinha ido?

Eu queria Beck. Eu queria sua orientação. Eu queria saber por que o tiro me tornou humano. Eu queria saber quanto tempo eu tinha com Grace. Eu queria saber se isso era o fim.

“Você é o melhor deles,” ele uma vez me disse, e eu ainda lembrei que o rosto dele parecia quando ele me disse. Quadrado, confiável, sólido. Uma ancora no enorme mar. Eu sabia o que ele queria dizer: o mais humano do bando. Isso foi depois que eles puxaram Grace do seu balanço cansado.

Mas quando eu fui até a casa, ela ainda estava vazia e escura, e minhas esperanças dissiparam. Me ocorreu que todos os outros lobos já deveriam ter se transformado por esse inverno; não haviam muitos lobos jovens sobrando. A não ser por Jack, agora. O correio estava cheio de envelopes e avisos do correio aconselhando Beck a pegar mais no correio. Eu peguei tudo e coloquei no carro de Grace. Eu tinha a chave da caixa de correio dele, mas eu ia pegar mais tarde.

Eu me recusei a pensar que não iria ver Beck de novo.

Mas o fato permanecia de que se Beck não estava por perto, Jack não tinha sido ensinado. E alguém tinha que afastar ele da escola e da civilização até que ele parasse de mudar de forma imprevisível que era o que acontecia quando você é um lobo novo. A morte dele tinha feito o bastante para prejudicar o bando. Eu não ia deixar ele nos expor, nem mudando em público nem mordendo alguém.

Já que Jack já tinha feito uma visita na escola, eu operei pela suposição que ele tinha tentado vir para casa também, então eu fui até a casa dos Culpepers. Não era segredo onde eles viviam; todo mundo na cidade conhecia a gigantesca mansão Tudor que podia ser vista da estrada. A única mansão em Mercy Falls. Eu não achei que alguém estaria em casa a essa hora do dia, mas eu estacionei o Bronco de Grace a meia milha de distância e passei pela floresta de pinho a pé.

Certo o bastante, a casa estava vazia, elevando-se sobre mim como uma enorme estrutura de um antigo folclore. Uma rápida olhada pelas portas trouxe o inconfundível odor de um lobo.

Eu não sabia dizer se ele já tinha entrado, ou se, como eu, ele veio quando todos não estavam e já tinha voltado para floresta. Lembrando de quão vulnerável eu era na minha forma humana, eu virei e cheirei o ar, escaneando os pinheiros buscando vida. Nada. Ou pelo menos nada perto o bastante para meus sentidos humanos captarem.

Para garantir, eu invadi a casa para ver se Jack estava lá, já seqüestrado em uma sala trancada, reservada para monstros. Eu também não estava feliz com meu trabalho de arrombamento também; eu quebrei uma janela na porta do fundo com um tijolo e passei a mão pelo buraco para abrir a maçaneta.

Lá dentro, eu cheirei o ar de novo. Eu achei ter sentido o cheiro de um lobo, mas era fraco e um pouco velho. Eu não tinha certeza do porque Jack ia ter esse cheiro, mas eu segui o cheiro através da casa. Meu caminho me levou até uma porta massiva de carvalho; eu tinha certeza que o rastro levava para o outro lado.

Cuidadosamente eu abri a porta, então inalei profundamente.

A entrada massiva na frente de mim estava cheia de animais. Empalhados. E não do tipo fofo. A sala de teto alto parecia à exibição de um museu: animais na América do norte, ou algum tipo de santuário de morte. Minha mente buscou letras de música, mas só conseguia ver uma única linha: Nós carregamos o sorriso dos mortos que sorriem.

Eu estremeci.

Na meia luz que passava pela sala através das janelas altas acima da minha cabeça, parecia que havia animais o bastante para preencher a arca de Noé. Aqui havia uma raposa, ainda segurando uma codorna na boca. Lá, um urso preto, erguido em cima de mim com as garras estendidas. Um lince, rastejando eternamente na lenha. E um urso polar, completo com um peixe empalhado em suas palmas. Da para empalhar um peixe? Eu nem tinha considerado.

E então, entre a horda de cervos de todos os tamanhos e formas, eu vi a origem do cheiro que eu tinha detectado antes: um lobo encarava acima do meu ombro para mim, os dentes expostos, os olhos de vidro ameaçadores. Eu andei até ele, me esticando para tocar o pêlo. Sobre meus dedos, o cheiro floresceu, liberando segredos no meu nariz, e eu reconheci o perfume único da minha floresta. Eu curvei meus dedos em punho, me afastando do lobo com a pele empalhada. Um de nós. Talvez não. Talvez apenas um lobo. Só que nunca encontrei um lobo normal na nossa floresta antes.

“Quem é você?” eu sussurrei. Mas a única feição incomum entre as duas formas de um lobisomem – os olhos – há muito tempo tinham sido retiradas para colocar um par de olhos de vidro. Eu me perguntei se Derek, crivado de balas na noite que eu fui baleado, iria se juntar a esse lobo nessa macabra exposição. A ideia retorceu meu estômago.

Eu olhei ao redor do corredor e mais uma vez voltei para a porta da frente. Cada parte do animal que ainda estava dentro de mim gritava para me afastar do odor da morte que enchia o corredor. Jack não estava aqui. Eu não tinha motivo para ficar.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS • GRACE

11°C

“Bom dia.” Papai olhou para mim enquanto servia café numa caneca. Ele estava muito bem vestido para um sábado; ele deve estar tentando vender um resort para algum investidor rico. “Eu tenho que encontrar Ralph no escritório às 8:30. É em relação ao resort Wyndhaven.”

Eu pisquei algumas vezes, os olhos turvos. Todo meu corpo parecia duro e devagar por causa do sono. “Não fale comigo ainda. Não estou acordada.” Através da minha névoa, eu senti uma pontada de culpa por não ser mais amigável; eu não o via a dias, muito menos falei com ele. Sam e eu passamos a noite passada conversando sobre a sala estranha com animais empalhados nos Cukpepers e nos perguntamos, com a constante irritação de um suéter rasgado, onde Jack ia aparecer a seguir. Essa manhã comum com papai parecia como um brusco retorno pra minha vida pré-Sam.

Papai gesticulou para mim com a caneca de café. “Quer um pouco disso?”

Eu juntei as mãos e as segurei em direção a ele. “Só sirva aqui. Vou jogar um pouco no meu rosto. Onde está mamãe?” Eu não ouvi ela correndo no andar de cima. Mamãe se preparando para sair da casa normalmente exige muitas batidas indiscriminadas e o barulho de passos do quarto.

“Em alguma galeria em Minneapolis.”

“Porque ela saiu tão cedo? É praticamente ontem.” Papai não respondeu; ele estava olhando por cima da minha cabeça, para a TV, que estava passando algum talk show matinal. O convidado do show, vestido com caqui, estava cercado por todo tipo de filhote de animais em caixas e jaulas. Isso me lembrou vividamente da sala com animais que Sam tinha descrito. Papai franziu para um dos dois convidados acariciando um filhote de gambá, que rosnou. Eu limpei a garganta. “Pai. Foco. Me consiga uma caneca de café e sirva ou eu vou morrer. E eu não vou limpar meu corpo se morrer.”

Papai, ainda olhando a TV, foi até o armário para pegar a caneca. Seus dedos encontraram a minha favorita – uma caneca azul que um dos amigos de mamãe tinha feito – e empurrou a cafeteira pelo balcão até eu. O vapor subiu até meu rosto enquanto eu servia.

“Então, Grace, como vai a escola?” eu perguntei a mim mesma.

Papai acenou, os olhos no filhote de coala agora brigando nos braços do convidado.

“Oh, está bem,” eu continuei, e papai fez um barulho de murmúrio concordando. Eu acrescentei, “Nada especial, fora os muitos pandas trazidos, e os professores nos abandonando para selvagens canibais –” Eu pausei para ver se eu já tinha chamado a atenção dele, e então continuei. “O prédio todo pegou fogo, então eu rodei em teatro, e então sexo, sexo, sexo e sexo.”

Os olhos de papai abruptamente se focaram, e ele virou para mim e franziu. “O que você disse que eles estão te ensinando na escola?”

Bem, pelo menos ele prestou mais atenção do que eu dei crédito a ele. “Nada interessante. Estamos escrevendo curtas na aula de inglês. Eles são odiosos. Eu não tenho nenhum talento para escrever ficção.”

“Ficção sobre sexo?” ele perguntou em duvida.

Eu balancei a cabeça. “Vá trabalhar, pai. Você vai se atrasar.”

Papai coçou o queixo; ele esqueceu de se barbear. “Isso me lembra. Eu preciso devolver o kit de limpeza para Tom. Você viu ele?”

“Você precisa levar o kit de limpeza de volta para quem?”

“O kit de limpeza da arma. Eu acho que coloquei no balcão. Ou talvez embaixo dele –” Ele se abaixou e começou a procurar nos armários embaixo da pia.

Eu franzi para ele. “Porque você tem um kit de limpeza para arma?”

Ele gesticulou em direção a seu escritório. “Para a arma.”

Pequenos sinos de alarme estavam disparando em minha cabeça. Eu sabia que meu pai tinha um rifle; ele estava pendurado na parede de seu escritório. Mas eu não conseguia lembrar dele nunca limpar ele antes. Você limpa armas logo depois que as usa, não é? “Porque você pegou o kit emprestado?”

“Tom me emprestou para limpar o rifle depois que saímos. Eu sei que deveria limpar mais, mas eu não penso nisso quando não estou usando.”

“Tom Culpeper?” eu perguntei.

Ele tirou o rosto do armário, uma garrafa na mão. “Sim.”

“Você foi atirar com Tom Culpeper? Aquele era você no outro dia?” Minhas bochechas estavam começando a ficar quentes. Eu rezei que ele falasse não.

Papai me encarou. De uma forma que era geralmente seguida por ele dizendo algo como Grace, você normalmente é tão razoável. “Algo tinha que ser feito, Grace.”

“Você foi parte dos caçadores? Os que foram atrás dos lobos?” Eu exigi. “Não acredito que você —” A imagem de papai passando pelas árvores, um rifle na mão, os lobos fugindo, de repente foi tão forte, e eu tinha que parar.

“Grace, eu fiz por você também,” ele disse.

Minha voz saiu muito baixa. “Você atirou em algum deles?”

Papai pareceu perceber que a pergunta era importante. “Tiros de aviso,” ele disse.

Eu não sabia se isso era verdade ou não, mas eu não queria mais falar com ele. Eu balancei a cabeça e virei para longe.

“Não se aborreça,” papai disse. Ele beijou minha bochecha — eu permaneci parada como ele — e ele pegou seu café e pasta. “Se comporte. Te vejo mais tarde.”

Parada na cozinha, as mãos ao redor da caneca azul, eu ouvi o Taurus de papai ganhar vida na garagem e então devagar sumir. Depois que ele se fora, a casa caiu num silêncio familiar, tanto reconfortante como deprimente. Poderia ser como qualquer outra manhã, só o silêncio e o café nas minhas mãos – mas não era. A voz de papai – tiros de aviso – ainda permanecia no ar.

Ele sabia como eu me sentia em relação aos lobos, e ele foi pelas minhas costas fazer planos com Tom Culpeper mesmo assim.

A traição doeu.

Um barulho suave da porta chamou minha atenção. Sam estava parado no corredor, seu cabelo molhado e espetado pelo banho, os olhos abertos. Havia uma pergunta escrita em seu rosto, mas eu não disse nada. Eu estava me perguntando o que papai faria se ele soubesse sobre Sam.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO • GRACE

11°C

Eu passei grande parte da manhã e tarde no meu dever de inglês enquanto Sam se esticava no sofá, um livro na mão. Era um tipo vago de tortura estar no mesmo aposento com ele mas separada de forma bem efetiva por livro de inglês. Depois de várias horas só interrompidas por um breve almoço, eu não agüentei mais.

“Eu sinto como se estivesse desperdiçando nosso tempo juntos,” eu confessei.

Sam não respondeu, e eu percebi que ele não tinha me ouvido. Eu repeti o que disse, e ele piscou, os olhos devagar se focando em mim enquanto ele voltava de qualquer que fosse o mundo que ele estava. Ele disse, “Estou feliz de estar aqui com você. Isso é o bastante.”

Eu estudei o rosto dele por um longo momento, tentando decidir se ele realmente tinha falado sério.

Guardando o número da página em que estava, Sam fechou o livro com dedos cuidadosos e disse, “Você quer ir a algum lugar? Se você já fez o bastante, podemos ir olhar a casa de Beck, para ver se Jack voltou para lá.”

Eu gostei da ideia. Desde o aparecimento de Jack na escola, eu me sentia inquieta sobre onde e como ele iria aparecer da próxima vez. “Você acha que ele vai estar lá?”

“Eu não sei. Os lobos novos sempre parecem encontrar o caminho para lá, e é onde o bando tende a viver, naquele trecho da floresta Boundary atrás da casa,” Sam disse. “É bom pensar que ele finalmente encontrou seu caminho para o bando.” Então o rosto dele parecia preocupado, mas ele parou de dizer porque. Eu sabia porque eu queria que Jack se encaixasse com o bando – eu não queria ninguém expondo os lobos para o que eles eram. Mas Sam parecia estar preocupado com algo mais, algo mais e mais desconhecido.

Na luz dourada da tarde, eu dirigi o Bronco até a casa de Beck enquanto Sam dava as direções. Tínhamos que seguir a estrada ao redor da floresta Boundary por uns bons 30 minutos para chegar a casa. Eu não tinha percebido até onde a floresta ia até que passamos por toda sua volta. Eu suponho que faça sentido; como você pode esconder um bando inteiro de lobos sem centenas de acres despovoado para ajudar? Eu parei o Bronco na entrada da garagem, apertando os olhos contra a fachada de tijolo. As janelas escuras pareciam como olhos fechados; a casa estava incrivelmente vazia. Quando Sam abriu a porta, o cheiro de pinho que montava guarda ao redor do quintal encheu minhas narinas.

“Casa legal.” Eu encarei as janelas amplas brilhando no sol da tarde. Uma casa de tijolos desse tamanho podia facilmente parecer imponente, mas havia uma atmosfera em relação a propriedade que parecia desarmada – talvez fossem os arbustos cortados de forma desigual ou o alimentador de pássaros que parecia ter crescido para fora do gramado. Era o tipo de lugar confortável. Parecia ser o tipo de lugar que iria criar um garoto como Sam. Eu perguntei, “Como Beck a conseguiu?”

Ele franziu. “A casa? Ele costumava ser um advogado para caras velhos e ricos, então ele tem dinheiro. Ele comprou para o bando.”

“Isso é incrivelmente generoso da parte dele,” eu disse. Eu fechei a porta do carro. “Merda.”

Sam se inclinou por cima do capô do Bronco em minha direção. “O que?”

“Acabei de trancar as chaves dentro do carro. Meu cérebro estava no piloto automático.”

Sam deu nos ombros. “Beck tem um pé de cabra na casa. Podemos pegar quando voltarmos da floresta.”

“Um pé de cabra? Que intrigante,” eu disse, sorrindo para ele. “Eu gosto de um homem com uma profundidade escondida.”

“Bem, você tem um,” Sam respondeu. Ele apontou a cabeça em direção das árvores do quintal. “Está pronta para ir?”

A ideia era tão atraente quanto aterrorizante. Eu não entrava na floresta desde a noite da caça, e antes disso, na tarde que eu vi Jack preso por outros lobos. Parecia que minhas próprias memórias dessa floresta eram de violência.

Eu percebi que Sam estava com a mão estendida em minha direção. “Você está com medo?”

Eu me perguntei se havia um jeito de pegar a mão dele sem admitir meu medo. Não medo de verdade. Só uma emoção que se arrastou pela minha pele e levantou os cabelos dos meus braços. O tempo estava frio, mas não era o inverno estéril. Tinha muita comida para os lobos sem que eles tivessem que nos atacar. Lobos são criaturas tímidas.

Sam pegou minha mão; o aperto dele era firme e a pele dele quente contra a mim no frio ar de outono. Os olhos dele me estudavam, grandes e luminescentes no brilho da tarde, e por um momento eu fiquei presa em seu olhar, lembrando aqueles olhos me estudando através do rosto de um lobo. “Não temos que procurar por ele agora,” ele disse.

“Eu quero ir.” Era verdade. Parte de mim queria ver onde Sam vivia nesses meses frios, quando ele não estava perambulando perto do nosso quintal. E parte de mim, a parte que sentia dor quando o bando uivava na noite da floresta, estava começando a seguir o fraco cheiro do bando na floresta. Tudo isso compensou por qualquer parte de mim que estivesse ansiosa. Para provar minha vontade, eu fui em direção ao quintal, até a beira da floresta, ainda segurando a mão de Sam.

“Eles vão ficar longe de nós,” Sam disse, como se ainda estivesse tentando me convencer. “Jack é o único que se aproximaria.”

Eu olhei para ele com uma sobrancelha torta. “Yeah, quanto a isso. Ele não vai vir até nós machucado e filme de terror, vai?”

“Isso não te faz um monstro. Só tira suas inibições,” Sam disse. “Ele brigava muito quando estava na escola?”

Como o resto da escola, eu tinha ouvido histórias sobre como Jack tinha colocado um garoto no hospital depois de uma festa; eu tinha considerado isso fofoca até que eu mesma vi o cara, andando pelos corredor com meio rosto ainda inchado. Jack não precisava de uma transformação para se tornar um monstro.

Eu fiz uma cara. “Ele brigava um pouco, yeah.”

“Se te faz sentir melhor,” Sam disse. “Eu não acho que ele está aqui. Mas ainda espero que ele esteja.”

Então entramos na floresta. Essa era uma parte diferente da floresta do que aquela que fazia fronteira com o quintal dos meus pais. Essas árvores ficavam levemente pressionadas juntas, o mato se juntando entre os troncos como se estivesse segurando eles. Arbustos se grudaram no meu jeans, e Sam ficava parado para tirar agarradeiras de nossos tornozelos. Não vimos sinal de Jack, ou de nenhum lobo, durante nosso devagar progresso. Na verdade, eu não achei que Sam estava fazendo um bom trabalho para escanear a floresta a nosso redor. Eu fiz um enorme show para olhar ao redor para poder fingir que eu não notei ele olhando para mim a cada alguns segundos.

Não levou muito tempo para ficar com a cabeça cheia de rebarbas, puxando meu cabelo dolorosamente enquanto eles se juntavam em nós.

Sam me parou para pegar as rebarbas. “Melhora,” ele prometeu. Era doce ele achar que eu ia conseguir tirar tudo antes de chegar ao carro. Como se eu não tivesse nada melhor do que sentir ele cuidadosamente tirando as rebarbas do meu cabelo.

“Não estou preocupada com isso,” eu assegurei ele. “Só estou pensando que nunca se sabe se tem mais alguém por aqui. A floresta não termina nunca.”

Sam passou seus dedos pelo meu pescoço como se estivesse procurando mais rebarbas, embora eu soubesse que tudo tinha saído, e ele provavelmente soubesse disso também. Ele pausou, sorrindo para mim, e então inalou profundamente. “O cheiro não é de que estamos sozinhos.”

Ele olhou para mim, e eu sabia que ele estava esperando que eu verificasse – admitindo que eu se eu tentasse, eu podia sentir o cheiro do bando escondido vida ao nosso redor. Ao invés disso, eu busquei a mão dele. “Lidere o caminho, bloodhound⁴.”

A expressão de Sam se tornou um pouco desejosa, mas ele me levou pelo mato, subindo uma colina. Como ele tinha prometido, as coisas melhoraram. Os espinhos diminuíram e as árvores ficaram mais altas e retas, seus galhos não começavam até muito acima de nossas cabeças. Os troncos sem casca, em branco, pareciam amanteigados na luz da tarde, e suas folhas eram de um dourado delicado. Eu virei para Sam, e os olhos dele refletiam o mesmo amarelo brilhante de volta para mim.

Eu parei. Era minha floresta. A floresta dourada que eu sempre imaginei fugir. Sam, observando meu rosto, soltou sua mão da minha e deu um passo para trás para olhar para mim.

“Casa,” ele disse. Eu acho que ele estava esperando que eu falasse algo. Ou talvez ele não estivesse esperando para eu dizer algo. Talvez ele tivesse visto no meu rosto. Eu não tinha nada para dizer – eu só olhei ao redor para a luz brilhante e as folhas penduradas nos galhos como penas.

“Hey.” Sam pegou meu braço, olhando para meu rosto, como se estivesse buscando lágrimas. “Você parece triste.”

Eu virei devagar em um círculo; o ar parecia cheio de cor e vibrante ao meu redor. Eu disse, “eu sempre imaginei vir aqui, quando era mais jovem. Eu só não consigo entender como eu via isso.” Eu provavelmente não estava fazendo sentido, mas continuei falando, tentando ser razoável. “A floresta atrás da minha casa não parece assim. Não tem vidoeiro. Não tem folhas amarelas. Eu não sei como eu posso ter reconhecido.”

“Talvez alguém tenha te contado sobre ela.”

⁴ Cão de caça.

“Eu acho que iria lembrar de alguém me dizendo cada detalhe sobre essa parte da floresta, até a cor do ar brilhante. Eu nem sei como alguém pode ter me dito tudo isso.”

Sam disse, “Eu te disse. Lobos tem um jeito engraçado de se comunicar. Mostrando uns aos outros imagens quando estão perto um do outro.”

Eu virei para onde ele estava parado, um ponto preto contra a luz, e dei a ele um olhar. “Você não vai parar, vai?”

Sam só me olhou firmemente, o olhar silencioso e lupino que eu conhecia tão bem, triste e desejoso.

“Porque você continua mencionando isso?”

“Você foi mordida.” Ele andava em um devagar círculo ao meu redor, esmagando folhas com seu pé, me olhando embaixo de suas sobrancelhas negras.

“E daí?”

“Então é sobre quem você é. É sobre você ser uma de nós. Você não poderia ter reconhecido esse lugar se não fosse um lobo também, Grace. Só um de nós seria capaz de ver o que eu te mostrei.” A voz dele era tão séria, os olhos dele tão intensos. “Eu não podia – eu não podia nem falar com você agora se você não fosse como nós. Não devemos falar sobre quem somos com pessoas normais. Não é como se tivéssemos centenas de regras para viver, mas Beck me disse que essa é uma regra que não quebramos.”

Isso não fazia sentido para mim. “Porque não?”

Sam não disse nada, mas os dedos dele tocaram seu pescoço onde ele tinha levado o tipo; enquanto ele fazia isso, eu vi as cicatrizes pálidas e brilhantes em seus pulsos. Parecia errado para alguém tão gentil como Sam ter sempre que carregar a evidência de uma violência humana. Eu tremi com o frio da tarde que crescia. A voz de Sam era suave. “Beck me contou histórias. Pessoas nos matando de todo tipo horrível de jeito. Morremos em laboratórios e levamos tiros e somos envenenados. Pode ter sido a ciência que nos mudou, Grace, mas

tudo que as pessoas vêem é mágica. Eu acredito em Beck. Não podemos contar as pessoas que não são como nós.”

Eu disse, “Eu não mudo, Sam. Não sou como você.” Desapontamento enfiou um nó na minha garganta que eu não conseguia engolir.

Ele não respondeu. Ficamos parados na floresta por um longo momento antes dele suspirar e falar de novo.

“Depois que você foi mordida, eu sabia o que iria acontecer. Eu esperei você mudar, toda noite, para que eu pudesse te trazer de volta e impedir você de se machucar.” Uma vento frio levantou meu cabelo e fez várias folhas levantarem ao redor dele. Ele esticou seus braços, deixando elas caírem em suas mãos. Ele parecia como um anjo negro numa eterna floresta de outono. “Você sabia que vai ter um dia de felicidade por cada folha que você pegar?”

Eu não sabia o que ele queria dizer, mesmo depois que ele abriu seu punho para mostrar a quantidade de folhas que estavam em sua palma.

“Um dia feliz para cada folha caída que você pegar,” a voz de Sam era baixa.

Eu observei a beira das folhas devagar se desdobrarem, flutuando na brisa. “Quanto tempo você esperou?”

Teria sido incrivelmente romântico se ele tivesse tido a coragem de olhar nos meu rosto e dizer, mas ao invés disso, ele olhou para o chão e arrastou sua bota nas folhas – incontáveis possibilidades para dias felizes – no chão. “Eu não parei.”

E eu deveria ter dito algo romântico também, mas eu também não tive coragem. Então ao invés disso, eu observei a maneira tímida com que ele mordida seu lábio e estudei as folhas, e então disse, “Deve ter sido bem entediante.”

Sam riu, uma risada engraçada e auto-depreciativa. “Você realmente lê muito. E passa tempo demais dentro da cozinha, onde eu não consigo de ver muito bem.”

“E não tempo o bastante nua na frente da janela do meu quarto?” eu provoquei.

Sam ficou vermelho. “Isso,” ele disse, “não é o ponto da conversa.”

Eu sorri docemente para o constrangimento dele, começando a andar de novo, chutando folhas douradas. Eu ouvi ele arrastando folhas atrás de mim. “E qual é mesmo o ponto?”

“Esqueça!” Sam disse. “Você gosta desse lugar ou não?”

Eu parei, girando para olhar para ele. “Hey.” Eu apontei para ele; ele ergueu as sobrancelhas e parou. “Você não achou que Jack estaria aqui, achou?”

As sobrancelhas negras dele se ergueram ainda mais.

“Você realmente pretendida procurar por ele?”

Ele ergueu as mãos se rendendo. “O que você quer que eu diga?”

“Você estava tentando ver se eu reconheceria, não é?” Eu dei outro passo, fechando a distância entre nós. Eu podia sentir o calor do corpo dele, mesmo sem tocar ele, e o dia ficando mais frio. “Você me contou sobre essa floresta de alguma forma. Como você mostrou para mim?”

“Eu fico tentando te dizer. Você não escuta. Porque você é teimosa. É como falamos – são as únicas palavras que temos. Apenas imagens. Só pequenas imagens. Você mudou, Grace. Só não sua pele. Eu quero que você acredite em mim.” As mãos dele ainda estavam erguidas, mas ele estava começando a sorrir para mim na luz fraca.

“Então você só me trouxe aqui para ver isso.” Eu dei outro passo para frente, e ele deu um passo para trás.

“Você gostou?”

“Sob falsas alegações.” Outro passo para frente; outro para trás. O sorriso aumentou.

“Então você gostou?”

“Quando você sabia que não iríamos encontrar mais ninguém.”

Os dentes dele brilharam no sorriso. “Você gostou?”

Eu soquei minha mão no peito dele. “Você sabe que eu amei. Você sabia que eu iria amar.” Eu fui socar ele de novo, e ele agarrou meu pulso. Por um momento ficamos assim, ele olhando para mim com um sorriso em seu rosto, e eu olhando para cima para ele; Ainda Vida com garoto e garota. Teria sido o momento perfeito para me beijar, mas ele não o fez. Ele apenas olhou para mim e olhou para mim, e quando eu notei que eu poderia facilmente beijar ele, eu notei que o sorriso dele estava sumindo.

Sam abaixou meus pulsos e os soltou. “Fico feliz,” ele disse, muito quieto.

Meus braços ainda estavam nos meus lados, onde Sam os tinha colocado. Eu franzi para ele. “Você deveria ter me beijado.”

“Eu pensei nisso.”

Eu apenas continuei olhando para a forma suave e triste de seus lábios, parecendo como a voz dele soava. Eu provavelmente estava encarando, mas eu não conseguia parar de pensar o quão eu queria que ele me beijasse e o quão idiota era eu querer isso tanto. “Porque não beija?”

Ele se inclinou e me deu um beijo leve. Os lábios dele, frios e secos, foram incrivelmente educados e enlouquecedores. “Eu tenho que entrar logo,” ele sussurrou. “Está esfriando.”

Pela primeira vez eu prestei atenção no vento frio que passava por minhas mangas cumpridas. Uma rajada fria ergueu centenas de folhas caídas no ar, e por um segundo, eu achei que sentia o cheiro de um lobo.

Sam tremeu.

Encarando seu rosto na luz fraca, eu percebi de repente que os olhos dele estavam com medo.

CAPÍTULO VINTE E CINCO • SAM

2ºC

Nós não corremos de volta para a casa. Correr iria significar reconhecer algo que eu não estava pronto para enfrentar na frente dela – algo que eu era. Ao invés disso, andamos dando passos enormes, folhas secas e galhos quebrando sobre nossos pés, nossa respiração tapando qualquer outro som. Frio passou por minha roupa, apertando minha pele em calafrios.

Se eu não soltasse a mão dela, tudo estaria bem.

Uma virada errada iria nos levar para longe da casa, mas eu não conseguia me concentrar nas árvores ao meu redor. Minha visão passava com memórias da minha mudança humana em lobo, centenas de mudanças através dos anos com o bando. A memória da primeira vez que eu vi Beck mudar estava vivida na minha mente – mais real do que o por do sol vermelho que gritava através das árvores na frente de Grace e eu. Eu lembrei da luz branca na sala da casa de Beck, e eu lembrei das linhas trêmulas de seus ombros enquanto ele abraçava seus braços contra as costas do sofá.

Eu fiquei ao lado dele, olhando para cima, nenhuma palavra em minha boca.

“Leve ele para fora!” Beck gritou, o rosto dele em direção ao corredor, mas os olhos dele meio fechados. “Ulrik, tire Sam daqui!”

Os dedos de Ulrik ao redor do meu braço naquela vez eram tão apertados quanto os dedos de Grace ao redor da minha mão agora, me puxando através da floresta, nos levando de volta para a trilha que deixamos mais tarde. A noite tocou as árvores, esperando nos alcançar, fria e negra. Mas Grace não olhou para o sol brilhando através das árvores enquanto ela andava por elas.

A auréola brilhante do sol meio que me cegou, fazendo silhuetas austeras nas árvores, e de repente eu tinha 7 anos de novo. Eu vi o padrão estrelado da minha antiga cabeceira tão claramente que eu tropecei. Meus dedos apertaram o tecido, rasgando sobre meu aperto.

“Mamãe!” Minha voz se quebrou numa segunda sílaba. “Mamãe, eu vou ficar enjoado!”

Eu estava no chão cheio de cobertores e barulho e vômito, tremendo e agarrando o chão, tentando segurar algo, quando minha mãe entrou pela porta do quarto, uma silhueta familiar. Eu olhei para ela, minha bochecha descansando contra o chão, e eu comecei a dizer o nome dela, mas nenhum som saiu.

Ela caiu de joelhos e ela me viu mudar pela primeira vez.

“Finalmente,” Grace disse, trazendo meu cérebro de volta para a floresta ao nosso redor. Ela soava sem fôlego, como se tivéssemos corrido. “Aqui está.”

Eu não podia deixar Grace ver minha mudança. Eu não podia mudar agora.

Eu segui o olhar de Grace até a casa de Beck, um flash de calor nessa noite fria.

E agora eu corri.

Dois passos do carro, todas as minhas esperanças de me esquentar no Bronco foram esmagadas no momento que eu puxei inutilmente a maçaneta. Lá dentro, as chaves estavam na ignição. O rosto de Grace se retorceu em frustração.

“Vamos ter que tentar a casa,” ela disse.

Nós não invadimos a casa de Beck. Ele sempre deixava uma chave extra presa no forro da porta dos fundos. Eu tentei não pensar nas chaves do carro penduradas na ignição do Bronco; se nós a tivéssemos, eu já estaria quente. Minhas mãos tremiam enquanto eu pegava a chave extra e tentava colocar na fechadura. Eu já estava com dor. Depressa, seu idiota. Depressa.

Eu não conseguia parar de tremer.

Grace cuidadosamente pegou as chaves de mim, com sequer um traço de medo, embora ela soubesse o que estava acontecendo. Ela fechou uma das suas mãos quentes ao redor do meu ombro gelado, e com a outra ela colocou a chave na fechadura e a destrancou.

Deus, por favor deixe a energia estar ligada. Por favor, que haja calor.

A mão dela no meu cotovelo me fez entrar na cozinha escura. Eu não conseguia parar o frio; ele se apoderou de cada parte de mim. Meus músculos começaram a doer e eu pus meus dedos no meu rosto, os ombros curvados.

“Não,” Grace disse, a voz dela firme, como se ela estivesse respondendo uma simples pergunta. “Não, vem.”

Ela me afastou da porta e a fechou atrás de mim. A mão dela deslizou pelo corredor, encontrando o interruptor, e milagrosamente, as luzes se acenderam, trazendo vida feia e fluorescente acima de nós. Grace me puxou de novo, me arrastando para mais longe da porta, mas eu não queria me mexer. Eu só queria me curvar e ceder. “Eu não posso, Grace. Eu não posso.”

Eu não sei se eu disse em voz alta ou não, mas ela não estava me escutando se eu tinha falado. Ao invés disso, ela me sentou no chão diretamente em cima do ar condicionado, e ela tirou sua jaqueta e colocou ao redor dos meus ombros e acima da minha cabeça. Então ela se abaixou na minha frente e colocou minhas mãos frias contra seu corpo.

Eu tremi e cerrei os dentes para impedir que eles batessem, tentando me focar nela, em ser humano, em conseguir calor. Ela estava dizendo algo; eu não conseguia entender ela. Ela estava falando alto demais. Tudo era alto demais. Eu sentia o cheiro nela. O cheiro perto que estava explodindo em meu nariz. Eu estava com dor. Tudo doía. Eu chorei, muito suavemente.

Ela levantou e correu pelo corredor, as mãos dela ligando os interruptores enquanto passava, e então ela desapareceu. Eu rosnei e coloquei minha cabeça embaixo dos joelhos. Não, não, não, não. Eu nem sabia mais contra o que eu deveria estar lutando. A dor? O tremor?

Ela estava de volta. As mãos dela estavam molhadas. Ela agarrou meus pulsos e a boca dela se moveu, a voz dela soando indecifrável. Sons que eram para as orelhas de outra pessoa. Eu a encarei.

Ela puxou de novo; ela era mais forte do que eu achei que ela fosse. Eu levantei; meu peso de alguma forma me surpreendeu. Eu tremi tão violentamente que a jaqueta dela caiu dos meus ombros. O ar frio atingindo meu pescoço fez eu tremer mais e eu quase caí de joelhos.

A garota pegou melhor meus braços e me puxou, falando o tempo todo, baixo, sons suaves com uma beirada de ferro embaixo deles. Ela me empurrou pela porta; calor emanou de dentro.

Deus, não. Não. Não. Eu puxei e lutei contra o aperto dela, os olhos trancados na parede mais distante do pequeno cômodo azulejado. Uma banheira estava na minha frente. Vapor saía da água, o calor tentador e maravilhoso, mas cada parte do meu corpo resistiu.

“Sam, não lute contra mim! Desculpe. Desculpe. Eu não sei o que mais fazer.”

Os olhos fixos na banheira, eu tranquei meus dedos na beira da porta. “Por favor,” eu sussurrei.

Em minha cabeça, as mãos me seguraram na banheira, mãos que tinham o cheiro de infância e familiaridade, de lençóis limpos e tudo que eu conhecia. Eles me empurram para a água. Ela estava quente, a temperatura do meu corpo. As vozes se juntaram. Elas não disseram meu nome. Corte. Corte. Corte. Corte. Eles estavam fazendo buracos em minha pele, deixando sair o que estava dentro sair. A água se tornou vermelha. Eu ofeguei, lutei, chorei. Eles não falaram. A mulher chorou na água enquanto ela me segurava para baixo. Eu sou Sam, eu disse a eles, segurando meu rosto embaixo da água vermelha. Eu sou Sam. Eu sou Sam. Eu...

“Sam!” A garota me tirou da porta e me empurrou; eu tropecei e cai na banheira. Ela me empurrou enquanto eu lutei para recuperar o equilíbrio, fazendo minha cabeça bater contra a parede e para dentro da água quente.

Eu fiquei perfeitamente parado, afundando, a água se fechando sobre meu rosto, subindo por minha pele, fervendo meu corpo, afundando meus ombros. Grace gentilmente ergueu minha cabeça acima da água, me embalando com seus braços, um pé na banheira atrás de mim. Ela estava encharcada e tremendo.

“Sam,” ela disse. “Deus, desculpe. Sinto tanto. Sinto muito. Eu não sabia o que mais fazer. Por favor me perdoe. Sinto muito.”

Eu não conseguia parar de tremer, meus dedos agarrados nos lados da banheira. Eu queria sair. Eu queria que ela me segurasse, para que eu me sentisse seguro. Eu queria esquecer sobre o sangue saindo dos meus pulsos. “Saia,” eu sussurrei. “Por favor, saia.”

“Você está quente o bastante?”

Eu não consegui responder. Eu estava sangrando até a morte. Eu fechei minhas mãos em punhos e as coloquei sobre meu peito. Cada toque da água sobre meus punhos enviava uma nova onda de calafrios através de mim. O rosto dela estava cheio de dor.

“Eu vou encontrar um termostato e ligar o aquecedor. Sam, você tem que ficar aqui até eu voltar com toalhas. Eu sinto muito.”

Eu fechei meus olhos.

Eu passei uma vida com minha cabeça erguida acima da água, incapaz de me mexer, e então Grace voltou, segurando uma pilha de toalhas. Ela se ajoelhou perto da bacia e me alcançou; eu ouvi um gorgolejar atrás da minha cabeça. Eu me senti deslizando pelo ralo com a água em círculos vermelhos.

“Eu não posso tirar você daí se você não ajudar. Por favor, Sam.” Ela me encarou como se estivesse esperando que eu me mexesse. A água foi drenada dos meus pulsos, meus ombros, minhas costas, até que eu estava numa banheira vazia. Grace colocou uma toalha em cima de mim; era muito quente, como se ela a tivesse aquecido de alguma forma. Então ela pegou um dos meus pulsos em sua mão e olhou para mim. “Você pode sair agora.”

Eu olhei para ela, sem piscar, minhas pernas dobradas do lado da parede azulejada com um inseto gigante.

Ela se abaixou e tracejou minhas sobrancelhas. “Você tem olhos lindos.”

“Nós podemos ficar com eles,” eu disse.

Grace se surpreendeu com minha voz. “O que?”

“É a única coisa que mantemos. Nossos olhos permanecem os mesmos.” Eu soltei meus punhos. “Eu nasci com esses olhos. Eu nasci para essa vida.”

Como se não houvesse amargor em minha voz, Grace respondeu, “Bem, eles são lindos. Lindos e tristes.” Ela se abaixou e pegou meus dedos, os olhos dela trancados no meu, segurando meu olhar. “Você acha que pode levantar agora?”

E eu levantei. Olhando para os olhos castanhos dela e nada mais, eu saí da banheira, e ela me levou para fora do banheiro e de volta para minha vida.

CAPÍTULO VINTE E SEIS • GRACE

1º C

Eu não conseguia manter meus pensamentos juntos. Eu estava parada na cozinha, encarando os armários, que estavam cobertos de fotos de pessoas sorrindo – os membros do bando como humanos. Normalmente, eu teria olhado para encontrar o rosto de Sam, mas eu continuava a ver a forma quebrada de seu corpo na banheira e ouvindo o terror na voz dele. A visão dele tremendo na floresta estava diante de mim antes de eu perceber o que estava acontecendo com ele, repassando de novo e de novo.

Caçarola. Sopa enlatada. Pão no freezer. Colheres. A cozinha de Beck foi obviamente estocada por alguém que estava familiarizado com os horários peculiares dos lobisomens; estava cheio de enlatados e caixas de comida com grande tempo de validade. Eu alinhei os ingredientes para fazer o jantar, no balcão, me forçando a me concentrar na tarefa.

No cômodo seguinte, Sam estava sentado no sofá debaixo de um cobertor, as roupas dele lavando. Meus jeans ainda estavam ensopados, mas eles teriam que esperar. Ligando o fogão para a sopa, eu tentei me focar nos controles da superfície de alumínio.

Mas ao invés disso eu lembrei de Sam tendo convulsões no chão, os olhos vagos, e o choro animal que ele fez quando percebeu que estava se perdendo.

Minhas mãos tremiam enquanto eu tirava a sopa da lata de caçarola.

Eu não conseguia me firmar.

Eu vi o olhar no rosto dele quando eu o empurrei na banheira, como os pais dele devem ter feito –

Deus, eu não conseguia pensar nisso. Abrindo a geladeira, fiquei surpresa por ver um galão de leite, a primeira comida perecível que encontrei na casa. Eu parecia tão deslocada que eu senti meus pensamentos se afiarem. Checar a

data de validade – só três semanas atrás – eu derramei o leite no ralo e franzi para a geladeira procurando sinais de vida recente.

Sam ainda estava no sofá quando eu emergi da cozinha para entregar a ele uma tigela de sopa e uma torrada. Ele aceitou com um olhar mais pesaroso do que o normal.

“Você deve achar que eu sou uma aberração.”

Eu sentei em uma cadeira na frente dele, enfiando as pernas embaixo de mim, e mantive minha tigela de sopa contra meu peito buscando calor. O teto da sala ia até o telhado e o aposento ainda estava frio. “Sinto tanto.”

Sam balançou a cabeça. “Era a única coisa que você podia fazer. Eu só – eu não deveria ter perdido o controle daquele jeito.”

Eu recuei, lembrando do barulho da cabeça dele batendo contra o corredor e os dedos dele, buscando o ar enquanto ele caía na banheira.

“Você se saiu muito bem,” Sam disse, olhando para mim enquanto pegava uma torrada. Ele parecia considerar suas palavras, e então repetiu, “Você se saiu muito bem. Você –” Ele hesitou e então olhou para onde eu estava sentada, a vários centímetros de distância dele. Algo no olhar dele fez o lado do sofá perto dele dolorosamente óbvia.

“Eu não estou com medo de você!” Eu disse. “É isso que você pensa? Eu só achei que você ia gostar de ter espaço para o cotovelo enquanto come.”

Na verdade, a qualquer outra hora eu teria ficado feliz e me enfiado embaixo do cobertor com ele – especialmente com ele parecendo quente e sexy num suéter que ele conseguiu do seu quarto. Mas eu só queria – eu só queria ordenar meus pensamentos, e eu não achei que poderia fazer isso sentada perto dele, ainda não.

Sam sorriu, alívio em seu rosto. “Essa sopa está boa.”

“Obrigado.” Na verdade não estava tão boa – na verdade, tinha o gosto de comida enlatada e sem graça, mas eu estava com fome o bastante para não me

importar. E a ação mecânica de comer ajuda a tirar as imagens de Sam na banheira.

“Me conte mais sobre o negócio da mente se ligando,” eu disse, querendo fazer ele continuar a falar, ouvir a voz humana dele.

Sam engoliu. “O que?”

“Você disse que me mostrou a floresta, quando era um lobo. E que os lobos falam um com o outro dessa forma. Me conte mais sobre isso. E quero saber como funciona.”

Sam se inclinou para frente para colocar sua tigela no chão, e quando ele sentou para trás e olhou para mim, o rosto dele parecia cansado. “Não é assim.”

“Eu não disse que era como nada!” eu disse. “Não é como o que?”

“Não é um superpoder,” ele respondeu. “É um prêmio de consolação.” Quando eu apenas olhei para ele, ele acrescentou. “É a única forma que podemos nos comunicar. Não conseguimos lembrar de palavras. Não poderíamos dizer elas mesmo que pudemos ligar nossos cérebros de lobo para lembrar delas. Então tudo que temos são pequenas imagens que podemos mandar uns para os outros. Imagens simples. Cartões postais do outro lado.”

“Você pode me mandar um agora?”

Sam se inclinou contra o sofá, apertando o cobertor contra si mesmo. “Eu não consigo nem lembrar como fazer isso agora. Enquanto eu sou eu. Eu só faço quando sou lobo. Porque eu precisaria disso agora? Eu tenho palavras. Eu posso dizer o que eu quiser para você.”

Eu pensei em dizer Mas palavras não são o bastante, mas só de pensar me fez doer de uma forma desconhecida. Então ao invés disso eu disse, “Mas eu não era um lobo quando você me mostrou a floresta. Então os lobos podem falar com outros membros do bando quando eles são humanos?”

Os olhos pesados de Sam foram para meu rosto. “Eu não sei. Eu não acho que alguma vez tenha tentando com outra pessoa. Apenas lobos.” Ele disse de novo. “Porque eu iria precisar?”

Tinha algo amargo e cansado na voz dele. Eu coloquei minha tigela no fim da mesa e me juntei a ele no sofá. Ele ergueu o cobertor para que eu pudesse me pressionar contra seu lado, e então ele colocou sua testa contra a minha, fechando seus olhos. Por um longo momento, ele só ficou ali, e então ele abriu os olhos de novo.

“Tudo que eu me importava era te mostrar como ir para casa,” ele disse, a voz baixa. A respiração dele aqueceu meus lábios. “Quando você mudasse, eu queria me certificar que você soubesse como me encontrar.”

Eu passei meus dedos pelo peito nu que era visível acima do colarinho da camisa dele. Minha voz saiu um pouco desigual. “Bem, eu te encontrei.”

A secadora fez um barulho que veio do corredor, um som estranho de ocupação na casa vazia. Sam piscou e se inclinou para trás. “Eu deveria ir pegar minhas roupas.” Ele abriu a boca como se fosse dizer outra coisa e ao invés disso corou.

“As roupas não vão a lugar nenhum,” eu disse.

“Nem nós, se não pegarmos a chave do Bronco,” Sam apontou. “Eu acho melhor fazer isso mais cedo do que mais tarde. Especialmente já que você vai ter que fazer isso. Eu não posso ficar muito tempo lá fora.”

Eu relutantemente me afastei para que ele pudesse levantar, segurando o cobertor ao redor dele como algum tipo de chefe primitivo. Eu podia ver o contorno dos ombros quadrados dele embaixo e pensei sobre a sensação da pele dele contra meus dedos. Ele me viu olhando e segurou meu olhar por meio segundo antes de desaparecer pelo corredor.

Algo roeu dentro de mim, com fome e desejoso.

Eu sentei no sofá depois que ele saiu, debatendo se eu deveria ou não seguir ele até a lavanderia, até que a razão venceu. Eu levei os pratos pra

cozinha, então voltei para a sala para remexer na lareira. Eu queria ver o lobisomem que ele chamava de Beck, o que era dono da casa. O que tinha criado Sam.

A sala, como o exterior da casa, parecia confortável. Era toda de tartã e vermelhos e madeira escura. Uma parede da sala era feita quase inteiramente de janelas altas, e a agora noite escura de inverno parecia entrar na sala sem permissão. Eu virei para a janela e olhei para fora na lareira: um grupo de rostos sorrindo para a câmera. Isso me fez pensar na foto com Rachel, Olivia, e eu, e eu senti uma sensação de perda antes de me focar nas pessoas na foto. Das seis figuras na foto, meus olhos imediatamente encontraram Sam. Essa era uma versão ligeiramente mais nova dele, a pele bronzeada com o verão. A única garota na foto estava parada perto dele, mais ou menos da idade dele, seu cabelo branco alourado passando seus ombros. Ela era a única que não sorria na câmera. Ao invés disso, ela estava olhando para Sam de uma forma intensa que fez meu estômago se apertar.

Um suave toque no meu pescoço me fez virar, defensiva, e Sam pulou para trás, rindo, as mãos no ar. “Calma!”

Em engoli o rosnado na minha garganta, me sentindo idiota, e esfreguei a pele do meu pescoço onde ele tinha beijado. “Você deveria ter feito algum barulho.” Eu gesticulei em direção a foto, ainda me sentindo nada caridosa com a garota sem nome ao lado dele. “Quem é essa?”

Sam abaixou suas mãos e parou atrás de mim, colocando seus braços ao redor do meu estômago. As roupas dele tinham cheiro de limpeza e sabão; a sua pele me davam dicas do lobo de sua quase transformação de mais cedo. “Shelby.” Ele pôs sua cabeça no meu ombro, sua bochecha contra a minha.

Eu mantive minha voz leve. “Ela é bonita.”

Sam rosnou de um jeito suave e selvagem que fez meu interior ficar tenso com anseio. Ele pressionou os lábios contra meu pescoço, não bem um beijo. “Você conheceu ela, sabe.”

Não era necessário uma super ciência para entender. “A loba branca.” E então eu perguntei, porque eu queria saber. “Porque ela está olhando para você desse jeito?”

“Oh, Grace,” ele disse, tirando seus lábios do meu pescoço. “Eu não sei. Ela – eu não sei. Ela acha que está apaixonada por mim. Ela quer estar apaixonada por mim.”

“Porque?” eu perguntei.

Ele deu uma pequena risada, não muito divertida. “Porque você faz perguntas tão difíceis? Eu não sei. Ela teve uma vida ruim, eu acho, antes de vir para o bando. Ela gosta de ser lobo. Ela gosta de pertencer a algum lugar. Eu acho que talvez ela veja como Beck agimos perto um do outro e acha que estar comigo vai fazer ela se encaixar ainda mais.”

“É possível estar apaixonada por você só pelo que você é,” eu apontei.

O corpo de Sam ficou tenso atrás de mim. “Mas não é por causa de quem sou. É uma... obsessão.”

“Eu sou obcecada,” eu disse.

Sam suspirou fundo e se afastou de mim.

Eu suspirei. “Shhhhhh. Você não tinha que sair.”

“Estou tentando ser um cavalheiro.”

Eu me inclinei contra ele, sorrindo para a preocupação nos olhos dele. “Você não tem que tentar tanto.”

Ele sugou o ar, esperou um longo tempo, e então cuidadosamente beijou meu pescoço, logo abaixo da minha mandíbula. Eu virei nos braços dele para poder beijar seus lábios, ainda charmosamente hesitantes.

“Eu estava pensando na geladeira,” eu sussurrei.

Sam se afastou levemente, sem se remover dos meus braços. “Você estava pensando na geladeira?”

“Sim. Eu estava pensando como você não sabia se a energia estaria ligada aqui pelo inverno. Mas está.”

Ele franziu para mim, e eu esfreguei o vinco entre suas sobrancelhas.

“Então quem paga as contas? Beck?” Quando ele acenou, eu continuei, “Tinha leite na geladeira, Sam. Só tinha algumas semanas. Alguém esteve aqui. Recentemente.”

Os braços de Sam ao meu redor se soltaram e os olhos tristes dele ficaram ainda mais tristes. Toda expressão dela era complicada, o rosto dele em uma linguagem que eu não entendia.

“Sam,” eu disse, querendo trazer ele de volta para mim.

Mas o corpo dele tinha ficado duro. “Eu deveria levar você pra casa. Seus pais vão se preocupar.”

Eu ri, curta e sem humor. “Yeah. Tenho certeza. Qual problema?”

“Nada.” Sam balançou a cabeça, mas ele estava claramente distraído. “Eu quero dizer, não nada. Foi um dia dos infernos, só isso. Eu só – eu só estou cansado, eu acho.”

Ele parecia cansado, algo negro e sombrio em sua expressão. Eu me perguntei se quase mudar tinha afetado ele, ou se eu deveria ficar quieta sobre Shelby e Beck. “Então você vem pra casa comigo.”

Ele apontou o queixo em direção a casa ao redor dele.

“Anda,” eu disse. “Ainda estou preocupada que você vá desaparecer.”

“Não vou desaparecer.”

Inadvertidamente, eu pensei nele no chão do corredor, curvado, fazendo um barulho suave enquanto ele lutava para permanecer humano. Eu imediatamente desejei não ter feito isso. “Você não pode me prometer isso. Eu não quero ir pra casa. Não a não ser que você venha comigo.”

Sam rosnou suavemente. As palmas dele acariciaram a pele nua da ponta da minha camiseta, seus polegares tracejando desejo nos meus lados. “Não me tente.”

Eu não disse nada; só fiquei nos braços dele olhando para ele.

Ele colocou seu rosto contra meu ombro e rosnou de novo. “É tão difícil me comportar perto de você.” Ele se afastou de mim. “Eu não sei se deveria continuar a ficar com você. Deus, você só tem o que – só tem dezessete.”

“E você é tão velho, não é?” eu disse, de repente defensivo.

“Dezoito,” ele disse, como se fosse algo para se sentir triste. “Pelo menos sou legalizado.”

Eu ri, embora nada fosse engraçado. Minhas bochechas estavam quentes e meu quarto batia forte no peito. “Você está brincando comigo?”

“Grace,” ele disse, e o som do meu nome diminuiu a velocidade do meu coração imediatamente. Ele pegou meu braço. “Eu só quero fazer as coisas certo, ok? Eu só tenho essa única chance para fazer as coisas certas com você.”

Eu olhei para ele. O lugar estava silencioso a não ser pelas folhas soprando contra a janela. Eu me perguntei como o meu rosto parecia, virado para Sam. Era o mesmo olhar intenso que Shelby tinha na foto? Obsessão?

A noite fria se pressionou na janela ao nosso lado, uma ameaça que tinha se tornado brutalmente mais real hoje a noite. Isso não era sobre luxúria. Isso era sobre medo.

“Por favor, volte comigo,” eu disse. Eu não sabia o que faria se ele dissesse não. Eu não conseguia suportar a ideia de voltar aqui amanhã e encontrar ele como lobo.

Sam deve ter visto em meus olhos, porque ele apenas acenou e pegou o pé de cabra.

CAPÍTULO VINTE E SETE • SAM

3°C

Os pais de Grace estavam em casa.

“Eles nunca estão em casa,” Grace disse, a voz dela claramente demonstrando sua irritação. Mas eles estavam, ou pelo menos seus carros: o Taurus do pai dela, parecendo ou cinza ou azul na luz da lua, e o Rabbit VW da mãe dela estava na frente.

“Nem pense em dizer ‘Eu te disse’,” Grace disse. “Eu vou entrar e ver onde eles estão, e então eu volto para dar relatório.”

“Você quer dizer para mim fazer o relatório para você,” eu corriji, meus músculos ficando tensos para me impedir de tremer. Fosse por causa dos nervos ou da memória do frio, eu não sabia.

“Sim,” Grace respondeu, desligando os faróis. “Isso. Já volto.”

Eu observei ela correr para a casa e eu me esgueirei no meu assento. Eu não conseguia acreditar que eu estava escondido em um carro no meio da noite fria, esperando uma garota voltar e me dizer que tudo estava limpo para mim poder ir dormir no quarto dela. E não apenas qualquer garota. A garota. Grace.

Ela apareceu na porta da frente e fez um gesto elaborado. Eu levei um momento para entender que ela queria que eu desligasse o Bronco e entrasse. Eu o fiz, saindo do carro o mais rapidamente possível e correndo silenciosamente até a porta da frente; o frio se arrastou e mordeu minha pele. Sem sequer me deixar parar, Grace me empurrou, me fazendo entrar no corredor enquanto ela fechava a porta da frente e ia para a cozinha.

“Eu esqueci minha mochila,” ela falou alto no outro aposento.

Eu usei o disfarce da conversa deles para subir até o quarto de Grace e suavemente fechar a porta. Dentro da casa, estava facilmente 30 graus mais quente, um fato pelo qual fiquei muito agradecido. Eu ainda podia sentir o

tremor dos meus músculos de quando estive do lado de fora; a sensação que eu odiava.

O frio me deixou exausto e eu não sabia quanto tempo Grace ficaria com seus pais, então subi na cama sem ligar a luz. Sentado ali na luz da lua, inclinado contra os travesseiros, eu esfreguei vida de volta a meus dedos congelados e ouvi a voz distante de Grace pelo corredor. Ela e sua mãe estavam conversando sobre uma comédia romântica que passou na TV. Eu já tinha notado que Grace e seus pais não tinham problemas para falar sobre coisas não importantes. Eles parecem ter uma infinita capacidade para rir agradavelmente juntos sobre tópicos fúteis, mas eu nunca os ouvi falar sobre algo significativo.

Era tão estranho para mim, vindo de um ambiente com o bando. Desde que Beck tinha me acolhido, eu estive cercado por família, algumas vezes sufocando, e Beck nunca falhou em me dar atenção quando eu queria. Eu subestimei, mas agora eu me sentia mimado.

Eu ainda estava na cama quando a maçaneta virou rapidamente. Eu congelei, absolutamente parado, e então exalei quando reconheci o som da respiração de Grace. Ela fechou a porta atrás dela e virou em direção a janela.

Eu vi os dentes dela na luz baixa. “Você está aqui?” ela sussurrou.

“Onde estão seus pais? Eles vão entrar e atirar em mim?”

Grace ficou quieta. Nas sombras, sem sua voz, ela era invisível para mim.

Eu estava prestes a dizer algo para dissipar o momento estranhamente constrangedor quando ela disse, “Não, eles estão lá em cima. Mamãe está fazendo papai ficar parado para ela o pintar. Então você pode ir escovar os dentes e tudo mais. Se você for rápido. Só fique cantarolando de forma estridente, para que eles achem que sou eu.” A voz dela endureceu quando ela disse papai, embora eu não soubesse porque.

“Um tom de voz surdo,” eu corriji.

Grace passou por mim até a cômoda, golpeando minha traseira. “Só vá.”

Deixando meus sapatos no quarto dela, eu andei quieto pelo corredor até o banheiro do andar de baixo. Eu só tomei uma ducha, pela qual eu fiquei muito agradecido, e Grace se certificou de fechar a cortina para que eu não tivesse que olhar para ela de qualquer forma.

Eu escovei meus dentes com a escova dela. Então fiquei parado ali, um adolescente com uma enorme camiseta verde que ela tinha pego do pai, olhando para meu cabelo desengonçado e olhos amarelos no espelho. O que você está fazendo, Sam?

Eu fechei meus olhos como se escondendo minhas pupilas, tão parecidas com um lobo quando eu era humano, elas mudassem o que eu era. O ventilador do aquecimento central cantarolava, enviando vibrações por meus pés nus, me lembrando que era a única coisa que me mantinha nessa forma humana. As noites de outubro já eram frias o bastante para arrancar minha pele de mim, e no mês seguinte, os dias seriam também. O que eu ia fazer, me esconder na casa de Grace no inverno, temendo cada rajada de ar?

Eu abri os olhos de novo, encarando eles no espelho até que seu formato e cor não significassem mais nada. Eu me perguntei o que Grace via em mim, porque eu fascinava ela. O que eu era sem minha pele de lobo? Um garoto tão cheio de palavras que elas derramavam de mim.

Agora, cada frase, cada letra de música, que eu tinha na minha cabeça, terminava com a mesma palavra: amor.

Eu tinha que contar a Grace que esse era meu último ano.

Eu espiei no corredor procurando sinais dos pais dela e voltei para o quarto, onde Grace já estava na cama, um longo e suave calombo sobre as cobertas. Por um momento eu deixei minha imaginação rolar selvagem, em relação ao que ela estava usando. Eu tinha uma fraca memória de lobo dela saindo da cama numa manhã de primavera, usando só uma enorme camiseta, as longas pernas dela expostas enquanto ela saía das cobertas. Tão sexy que doía.

Imediatamente, me senti constrangido por ficar fantasiando. Eu meio que fiquei caminhando na ponta da cama por alguns minutos, pensando sobre banhos frios e acordes e outras coisas que não fossem Grace.

“Hey,” ela sussurrou, a voz enfadonha como se ela já tivesse estado dormindo. “O que você está fazendo?”

“Shhh,” eu disse, minhas bochechas corando. “Desculpe por te acordar. Eu só estava pensando.”

A resposta dela foi quebrada por um bocejo. “Pare de pensar então.”

Eu subi na cama, me mantendo na beira do colchão. Algo sobre essa tarde tinha me mudado – algo sobre Grace me ver no meu pior, imóvel na banheira, pronto para desistir. Hoje a noite, a cama parecia pequena para escapar do cheiro dela, o som adormecido da voz dela, o calor do corpo dela. Eu discretamente coloquei vários cobertores entre nós e descansei minha cabeça no travesseiro, permitindo que minhas dúvidas se afastassem e me deixassem dormir.

Grace se esticou e começou a passar seus dedos por meu cabelo. Eu fechei os olhos e deixei ela me enlouquecer.

*Ela desenha padrões em meu rosto,
Essas linhas fazem formas que não posso substituir,
A versão que de mim que eu tenho por dentro,
Quando estou deitado com você,
deitado com você, deitado com você.*

“Eu gosto do seu cabelo,” ela disse.

Eu não disse nada. Eu estava pensando sobre a melodia que combinaria com a música na minha cabeça.

“Desculpe por hoje à noite,” ela sussurrou. “Eu não queria exigir demais de você.”

Eu suspirei enquanto os dedos dela passavam ao redor das minhas orelhas e pescoço. “Só foi tão rápido. Eu quero que você –” eu parei antes de dizer me ame, porque isso parecia muito presunçoso – “eu quero que você fique comigo. Eu sempre quis. Eu nunca pensei que isso fosse acontecer.” Eu me senti sério

demais, então eu acrescentei, “Eu sou apenas uma criatura mitológica, afinal de contas. Eu tecnicamente não deveria existir.”

Grace riu, baixo, só para mim. “Garoto bobo. Você parece muito real para mim.”

“Você também,” eu sussurrei.

Houve uma longa pausa na escuridão.

“Eu queria ter mudado,” ela disse finalmente, mal audível. Eu abri meus olhos, precisando ver o jeito que o rosto dela parecia quando ela disse isso. Era mais descritiva do que qualquer expressão que eu tenha visto ela usar: incrivelmente triste, os lábios tortos com desejo.

Eu a peguei, acariciando a lateral de seu rosto com minha mão. “Oh, não. Você não quer, Grace. Não, você não quer.”

Ela balançou a cabeça contra o travesseiro. “Eu me sinto tão miserável quando ouço os uivos. Eu me senti tão horrível quando você desapareceu no verão.”

“Oh, anjo, eu levaria você comigo se eu pudesse,” eu disse, e fiquei simultaneamente surpreso que a palavra anjo tenha saído da minha boca e que parecia certo chamar ela assim. Eu passei a mão sobre o cabelo dela, os dedos passando até as costas. “Mas você não quer isso. Eu perco mais de mim mesmo a cada ano.”

A voz de Grace era tão estranha. “Me diga o que acontece no fim.”

Eu levei um momento pra entender o que ela queria dizer. “Oh, o fim.” Havia centenas de jeitos de contar a ela, centenas de formas de colorir a verdade. Grace não iria cair nas versões coloridas que Beck tinha me dito a principio, então eu fui direto. “Eu me torno eu – me torno humano – mais tarde a cada primavera. E um ano – eu acho que não vou mudar. Eu vi acontecer com os lobos mais velhos. Um ano, eles não se tornam humanos de novo, e eles são apenas... um lobo. E eles vivem um pouco mais tempo do que lobos comuns. Mas ainda sim – quinze anos, talvez.”

“Como você pode falar da sua própria morte desse jeito?”

Eu olhei para ela, os olhos brilhando na luz fraca. “De que outra forma eu iria falar?”

“Como se você se arrependesse.”

“Me arrependo todo dia.”

Grace estava quieta, mas eu senti ela processando o que eu tinha dito, pragmaticamente colocando tudo em um lugar adequado na cabeça dela. “Você era um lobo quando levou o tiro.”

Eu queria pressionar meus dedos nos lábios dela, empurrar as palavras que ela estava formando em sua boca. Era cedo demais. Eu não queria que ela falasse ainda.

Mas Grace continuou, sua voz baixa. “Você perdeu os meses mais quentes esse ano. Não estava tão frio quando você levou o tiro. Estava frio, mas não um frio invernal. Mas você era um lobo. Quando você se tornou humano, não?”

Eu sussurrei, “eu não lembro.”

“E se você não tivesse levado um tiro? Quando você se tornaria você de novo?”

Eu fechei os olhos. “Eu não sei, Grace.” Era o momento perfeito para dizer a ela. Esse era meu último ano. Mas eu não conseguia dizer. Ainda não. Eu queria outro minuto, outra hora, outra noite fingindo que não era o fim.

Grace inalou devagar e de forma abatida, e algo na forma como ela fez isso me fez perceber que de alguma forma, em algum nível, ela sabia. Ela sempre soube.

Ela não estava chorando, mas eu achei que eu fosse chorar.

Grace colocou os dedos de volta em meu cabelo, e os meus estavam nos dela. Nossos braços nus se pressionaram um contra o outro em um emaranhado legal de pele. Cada pequeno movimento contra o braço dela trazia uma pequena faísca do cheiro dela, um mistura de sabonete floral, um pouco de suor, e desejo por mim.

Eu me perguntei se ela sabia o quão transparente o cheiro dela a fazia, como me dizia o que ela estava sentindo quando ela não dizia em voz alta.

É claro, eu via ela cheirando o ar tão freqüentemente quanto eu. Ela tinha que saber que ela estava me enlouquecendo agora, que cada toque da pele dela na minha formigava, elétrico.

Cada toque empurrava a realidade do inverno que estava por vir ainda mais para longe.

Como se fosse para me provar certo, Grace se moveu mais para perto, chutando os cobertores entre nós, pressionando sua boca contra a minha. Eu deixei ela separar meus lábios e suspirei, sentindo o gosto de seu hálito. Eu ouvi ao quase inaudível ofegar dela enquanto eu envolvia meus braços ao redor dela. Cada um dos meus sentidos estava sussurrando para mim de novo e de novo para me aproximar dela, me aproximar dela, o mais próximo que eu podia. Ela enroscou suas pernas nuas nas minhas e nós nos beijamos até não termos mais fôlego e nos aproximamos mais e mais até que os uivos distantes do lado de fora da janela me trouxeram de volta a realidade.

Grace fez um barulho suave de desapontamento enquanto eu desenrolava minhas pernas das dela, doendo de desejo por mais. Eu me mexi para deitar perto dela, meus dedos ainda presos no cabelo dela. Nós ouvimos os lobos uivarem do lado de fora da janela, os que não tinham mudado. Ou que nunca mudariam de novo. E enterramos a cabeça um contra o outro para que não conseguíssemos ouvir nada a não ser a batida de nossos corações.

CAPÍTULO VINTE E OITO • GRACE

9°C

A escola parecia um planeta alien na segunda feira. Fiquei um longo tempo sentada atrás do volante do Bronco, olhando os estudantes amontoados nas calçadas, carros circulando no terreno da escola, ônibus estacionados em filas, para perceber que a escola não tinha mudado. Eu tinha.

“Você tem que ir para escola,” Sam disse e se eu não o conhecesse, eu não teria ouvido a nota esperançosa de questionamento. Perguntei-me aonde ele iria enquanto eu estivesse sentada na sala de aula.

“Eu sei,” respondi, fazendo uma careta para os suéteres e cachecóis multicoloridos indo direto para dentro da escola, evidências de que o inverno estava chegando. “Apenas parece tão...” O que parecia era irrelevante, desconectado da minha vida. Era difícil lembrar porque era importante sentar na sala de aula com uma pilha de anotações que poderiam ser inexpressivas para o próximo ano.

Ao meu lado, Sam pulou de surpresa quando a porta do lado do motorista abriu. Rachel entrou no Bronco com sua mochila, me jogando pelo assento do banco para limpar um espaço para ela mesma sentar.

Ela bateu a porta e soltou um grande suspiro. O carro pareceu muito cheio com ela lá dentro.

“Belo caminhão.” Ela inclinou-se para frente e olhou para o Sam. “Ooh, um cara. Oi Cara! Grace, estou tão elétrica. Café! Você está brava comigo?”

Eu inclinei para trás em surpresa, piscando os olhos. “Não?”

“Ótimo! Porque quando você não me ligou, eu imaginei que você tinha morrido ou estava brava comigo. E obviamente você não está morta, então achei eu estava brava.” Ela bateu os dedos no volante. “Mas você está puta com a Olivia, certo?”

“Sim,” eu disse, embora eu não tivesse certeza de que ainda fosse verdade. Eu lembrei o porquê brigamos, mas eu não podia lembrar por que tinha sido significativo. “Não. Eu acho que não. Foi estúpido.”

“Yeah, eu também acho.” Rachel disse. Ela inclinou para frente e apoiou seu queixo na direção do carro para que pudesse olhar para o Sam. “Então, Cara, por que você está no carro da Grace?”

Eu sorri. Eu sabia que, o que Sam era precisava ser segredo, mas ele mesmo não precisava ser, precisava? Subitamente eu estava cheia de necessidade que Rachel o aprovasse. “Yeah, Cara,” eu disse, esticando meu pescoço para ver Sam ao meu lado. Ele estava com uma expressão que estava em algum lugar entre diversão e dúvida. “Por que você está no meu carro?”

“Estou aqui por interesses visuais.” Sam disse.

“Wow,” Rachel respondeu. “Como, no sentido literal ou figurado?”

“Pelo tempo que eu for interessante,” Sam disse. Ele virou seu rosto para meu ombro por um momento, em um gesto mudo de afeição. Eu tentei não sorrir como uma idiota.

“Oh, já está desse jeito? Bem, então, eu sou a Rachel, eu sou elétrica e melhor amiga da Grace,” ela disse e esticou sua mão para ele. Ela estava usando luvas sem dedos com as cores do arco íris que estavam esticadas até seus cotovelos. Sam apertou sua mão.

“Sam.”

“Prazer em te conhecer, Sam. Você vai para lá?” Quando ele chacoalhou a cabeça, Rachel pegou minha mão e disse, “Yeah, foi o que imaginei. Bom, então, eu vou roubar esta graça de pessoa de você e levá-la para a aula porque nós vamos ficar atrasadas e eu tenho muitas coisas para falar com ela sobre ela ter perdido umas coisas sobre o lobo assustador porque ela não está falando com a outra melhor amiga dela. Então como vê nós temos que ir. Eu diria que normalmente não sou tão agitada assim, mas eu meio que sou. Vamos Grace!”

Sam e eu trocamos olhares, seus olhos transitoriamente preocupados e então Rachel abriu a porta e me puxou. Sam deslizou para trás do volante. Por um segundo eu pensei que talvez ele fosse me dar um beijo de despedida, mas em vez disso ele olhou para Rachel antes de colocar seus dedos em minha mão. Suas bochechas estavam rosa.

Rachel não disse nada, mas ela deu um sorriso torto antes de me empurrar para escola.

Ela enganchou no meu braço. “Então é por isso que você não tem ligado, huh? O Cara é super lindo. Ele estuda em casa?”

Enquanto ela empurrava as portas da escola, eu olhei sobre meu ombro para o Bronco. Eu vi Sam erguer a mão em um aceno antes de sair da vaga de estacionamento.

“Yeah, ele é, nos dois sentidos,” eu disse. “Mais sobre isso depois. O que está acontecendo com os lobos?”

Dramaticamente Rachel agarrou meus ombros com seus braços.

“Olivia viu um. Estava na porta da frente e havia marcas de garras Grace. Na porta. Arrepiante. Fato.”

Eu parei no meio da entrada, atrás de nós estudantes faziam sons irritados e nos empurravam. Eu disse, “Espere. Na casa da Olivia?”

“Não, na da sua mãe.” Rachel balançou a cabeça e tirou suas luvas de arco-íris. “Sim, na casa da Olivia. Se vocês parassem de brigar, ela mesma poderia ter te contado. Aliás, por que vocês brigaram? Machuca-me ver que meus peeps⁵ não estão brincando bonitinho um com o outro.”

⁵ peeps: são bichinhos de marshmallow com formato de galinhas, coelhinhos e outros animais: <http://www.marshmallowpeeps.com>

“Eu já disse, foi apenas uma coisa estúpida,” eu disse. Eu meio que queria que ela parasse de falar para que eu pudesse tentar pensar sobre o lobo na casa da Olivia. Era Jack novamente? Por que na casa da Olivia?

“Bom, vocês precisam voltar a andar juntas porque eu quero as duas comigo nas férias de Natal. E isso não está tão longe, você sabe. Quero dizer, não realmente, uma vez que você começa a planejar as coisas. Vamos lá Grace, apenas diga sim!” Rachel gemeu.

“Talvez.” Não era exatamente o lobo na casa da Olivia que estava me incomodando. Eram as marcas de garras.

Eu precisava falar com a Olivia e descobrir o quanto disso era real e o quanto era da Rachel ser amante de uma boa história.

“Isso é por causa do Cara? Ele pode vir! Eu não ligo!” Rachel disse.

A entrada estava ficando vazia; o sinal tocou. “Falaremos sobre isso mais tarde!” eu disse, e corri com a Rachel para a primeira aula. Encontrei meu lugar habitual e comecei a tirar minha lição de casa.

“Nós precisamos conversar.”

Eu ergui a cabeça em direção ao som de uma voz completamente diferente: Isabel Culpeper. Ela deslizou em seus saltos gigantes de cortiça pelo resto do caminho debaixo da outra mesa e inclinou-se para mim, emoldurando seu rosto, o cabelo com luzes perfeitamente cacheados e brilhantes.

“Estamos meio que em aula agora, Isabel,” eu disse, fazendo um gesto para os anúncios gravados que estavam passando na TV na frente da classe. A professora já estava pronta na frente da classe, debruçada sobre a mesa. Ela não estava prestando atenção, mas eu ainda estava apavorada com a idéia de conversar com Isabel. O cenário mais oportunista era que ela precisava de ajuda com seu dever de casa ou algo assim. Eu tinha a reputação de ser boa em matemática, então isso era meio que possível.

A pior possibilidade era ela querer falar sobre Jack.

Sam tinha falado que a única regra do bando era que eles não podiam falar sobre lobisomens com pessoas de fora. Eu não ia quebrar aquela regra.

O rosto de Isabel ainda tinha um beicinho, mas eu vi tempestades destruindo pequenas aldeias em seus olhos. Ela olhou para frente da sala e inclinou para perto de mim. Eu senti o perfume – rosas e verão neste frio do Minnnesota. “Vai demorar apenas uns segundos.”

Eu olhei para Rachel que estava fazendo uma careta para Isabel. Eu realmente não queria conversar com a Isabel.

Eu não sabia muito bem sobre ela, mas eu sabia que ela era uma fofqueira perigosa que poderia rapidamente reduzir meu status na escola a alvo de prática na cafeteria. Eu não era uma das que tentava ser popular, mas lembro-me o que aconteceu com a última garota que viu o lado ruim da Isabel. Ela ainda estava tentando se levantar de um rumor destorcido que envolvia dança no colo e time de futebol. “Por quê?”

“Particular,” Isabel assobiou. “Do outro lado do hall.”

Eu rolei os olhos enquanto empurrava minha mesa e saí de fininho da sala de aula.

Rachel me deu um olhar breve e magoado. Eu tenho certeza que eu estava com um que combinava. “Dois segundos. É isso,” Eu disse para Isabel enquanto ela ia comigo pelo hall de entrada até uma sala de aula vazia. O quadro de cortiça na parede oposta estava coberto com desenhos anatômicos, alguém tinha alfinetado uma tanga em uma das figuras.

“Yeah. Que seja.” Ela fechou a porta atrás de nós e olhou-me como se eu pudesse espontaneamente começar a cantar ou algo assim. Eu não sabia pelo que ela estava esperando.

Eu cruzei os braços. “Okay. O que você quer?”

Eu tinha pensado que estava preparada para isso, mas quando ela disse “Meu irmão. Jack,” meu coração acelerou.

Eu não disse nada.

“Eu o vi enquanto estava correndo esta manhã.”

Eu engoli em seco. “Seu irmão.”

Isabel apontou para mim com uma unha perfeita, mais brilhante que o capô do Bronco. Seus cachos saltaram. “Oh, não me venha com essa. Eu falei com ele. Ele não está morto.”

Eu lutei brevemente com a imagem da Isabel dando uma corrida. Eu não podia visualizar isso. Talvez ela quisesse dizer correndo do seu Chihuahua. “Um.”

Isabel pressionou. “Tem algo de errado com ele. E não diga ‘Isso, é porque ele está morto.’ Ele não está.”

Alguma coisa sobre a personalidade charmosa da Isabel – e talvez o fato de que eu sabia que Jack estava vivo – tornou mais difícil ter empatia por ela. Eu disse, “Isabel, parece que você não precisa de mim para ter esta conversa. Você está fazendo um ótimo trabalho sozinha.”

“Cala a boca,” Isabel disse, o que sustentou minha teoria. Eu estava para dizer isso a ela, mas suas próximas palavras me impediram. “Quando eu vi Jack, ele disse que não tinha morrido realmente. Então ele começou – a ter espasmos – e disse que precisava ir imediatamente. Quando tentei perguntar o que havia de errado com ele, ele disse que você sabia.”

Minha voz saiu um pouco estrangulada. “Eu?” Mas eu me lembrei dos seus olhos implorando enquanto ele estava deitado preso sob a loba. Ajude-me. Ele tinha me reconhecido.

“Bem, isso não é exatamente um choque, é? Todos sabem que você e Olivia Marx são doidas por aqueles lobos e certamente, isso tem alguma coisa a ver com eles. Então, o que está havendo Grace?”

Eu não gostei da maneira que ela fez a pergunta – como se talvez ela já soubesse a resposta. Sangue estava subindo para minhas orelhas. “Olhe. Você

está chateada e eu entendi isso. Mas de verdade, busque ajuda. Deixe Olivia e eu fora disso. Eu não sei o que você viu, mas não era o Jack.”

A mentira deixou um gosto ruim na minha boca. Eu podia ver a razão por trás do sigilo do bando, mas Jack era irmão da Isabel. Ela não tem direito de saber?

“Eu não estou vendo coisas,” Isabel retrucou enquanto eu abria a porta. “Eu vou encontrá-lo novamente. E vou descobrir em qual parte você se encaixa nisso tudo.”

“Eu não tenho parte nisso,” eu disse. “Eu apenas gosto dos lobos. Agora eu preciso voltar para a aula.”

Isabel parou no meio da porta, me vendo sair, e me perguntei o que, no começo disso tudo, ela pensou que eu fosse dizer.

Ela pareceu quase desamparada, ou talvez fosse apenas uma atuação.

Em todo caso, eu disse, “Isabel, vá procurar ajuda.”

Ela cruzou os braços. “Achei que era isso que estava fazendo.”

CAPÍTULO VINTE E NOVE • SAM

12°C

Enquanto Grace estava na escola, eu fiquei um bom tempo no estacionamento, pensando sobre o encontro com a Rachel e me perguntando o que ela quis dizer com o comentário do lobo. Eu pensei em caçar o Jack, mas eu queria ouvir o que a Grace tinha descoberto na escola antes de eu me jogar em qualquer caçada.

Eu não sabia ao certo como ocupar meu tempo sem Grace e sem meu bando. Senti-me como alguém que tinha uma hora antes do ônibus chegar – não é tempo suficiente para fazer alguma coisa importante, mas é muito tempo para apenas sentar e esperar.

A mordida sutil atrás da brisa fria me disse que eu não podia adiar pegar meus ônibus para sempre.

Eu finalmente dirigi o Bronco até o correio. Eu tinha a chave da caixa postal do Beck, mas principalmente, o que eu queria era conjurar memórias e fingir que eu iria encontrar com ele aqui.

Lembrei-me do dia que Back tinha me trazido aqui para pegar meus livros para escola – mesmo agora, eu lembrava que tinha sido uma terça-feira, porque voltando ao tempo, terça-feira era meu dia favorito. Não me lembro por que – era apenas algo sobre a maneira que você parece quando está próximo e isso parece muito amigável. Eu sempre adorei ir ao correio com o Beck; era como uma caverna do tesouro com filas e filas de pequenas caixas trancadas guardando segredos e surpresas apenas para aqueles que tinham a chave certa.

Com uma clara peculiaridade, eu lembrei daquela conversa claramente, até da expressão na face de Beck: “Sam. Venha cá juvenzinho.”

“O que é isso?”

Back empurrou a porta de vidro ineficazmente com as costas, sofrendo sob o peso da caixa enorme. “Seu cérebro.”

“Eu já tenho um cérebro.”

“Se você tivesse, você teria aberto a porta para mim.”

Eu atirei um olhar obscuro para ele e deixei-o empurrar a porta mais um pouco antes de eu abaixar sob seus braços, empurrá-la e segurar aberta. “Sério, o que é isso?”

“Livros de escola. Vamos te educar apropriadamente, então você não vai ter que crescer para ser um idiota.”

Lembrei-me de ficar intrigado com a idéia de uma escola-na-caixa, apenas crescente água ao Sam.

O resto do bando ficou igualmente intrigado. Eu fui o primeiro do bando a ser mordido antes de terminar a escola, então a novidade de me educar estava fascinando os outros. Por muitos verões, todos pegaram turnos com a massiva lição manual e o adorável cheiro de tinta dos novos livros. Eles deveriam manter meu cérebro cheio de coisas o dia inteiro; Ulrik para matemática, Beck para história, Paul para vocabulário e mais tarde ciências. Eles gritavam questões de teste através da mesa de jantar, inventavam canções para as linhas do tempo dos presidentes mortos e cobriram uma das paredes da sala de jantar com uma lousa branca gigante que sempre tinha palavras do dia escritas e piadas sujas que ninguém copiava.

Quando eu terminei a primeira caixa de livros, Beck os empacotou e outra caixa veio tomar seu lugar. Quando eu não estava estudando na minha escola-de-caixa, eu estava surfando na internet por um diferente tipo de educação. Eu navegava por fotos de esquisitice de circos e sinônimos para palavra intercuro e por respostas do por que as estrelas da noite rasgavam meu coração de saudade.

Com a terceira caixa de livros veio um novo membro pro bando: Shelby, uma moça esbelta e bronzeada de hematomas e tropeçando sob o peso de um forte sotaque sulista. Eu lembro o Beck dizendo a Paul, “Eu não podia deixá-la lá. Deus! Paul, você não viu de onde ela veio. Você não viu o que estavam fazendo com ela.”

Eu senti pena da Shelby, que se fez inacessível para os outros. Eu fui o único que tinha conseguido uma bóia salva vidas para a ilha que era Shelby, tirando palavras dela e, às vezes, um sorriso. Ela era estranha, um animal quebrável que faria qualquer coisa para reassumir o controle da sua vida. Ela roubava coisas do Beck para que ele tivesse que perguntar onde elas tinham ido, brincava com o termostato para ver Paul sair do sofá e consertar, escondia meus livros para que eu falasse com ela no lugar de ler. Mas todos nós estávamos quebrados naquela casa, não estávamos? Além do que, eu era a criança que não podia suportar olhar para dentro do banheiro.

Beck tinha pegado outra caixa de livros no correio para Shelby, mas eles não significaram a mesma coisa para ela como para mim. Ela os deixou juntar poeira e procurou por comportamento dos lobos na internet no lugar de ler os livros.

Agora, aqui no correio, eu parei na frente da caixa postal do Beck, nº 730. Eu toquei a pintura lascada dos números; o três já tinha quase saído e tinha sido assim durante todo o tempo desde que eu venho aqui. Eu coloquei a chave na caixa, mas não virei. O que há de errado em querer muito isso? Uma vida normal de anos normais com a Grace, um par de décadas de virar as chaves nas caixas postais, deitar na cama e montar uma árvore de natal no inverno?

E agora eu estava pensando na Shelby, novamente, e as memórias morderam fortes e frias perto das memórias da Grace. Shelby sempre achou que minha ligação com a vida humana era ridícula. Eu ainda lembro-me da pior briga que tivemos sobre isso. Não a primeira, ou a última, mas a mais cruel. Eu estava deitada na minha cama, lendo uma cópia de Yeats que Ulrik tinha trazido para mim, e Shelby pulou sobre o colchão e parou nas páginas do livro, enrugando-os sob seu pé descalço.

“Venha escutar os uivos que eu achei online,” ela disse.

“Estou lendo.”

“O meu é mais importante,” Shelby disse, elevando-se acima de mim, seus dedos enrolando e dobrando as páginas ainda mais. “Por que você se importa em ler todas essas coisas?” Ela fez um gesto para a pilha de livros da escola na mesa ao lado da minha cama. “Isso não é o que você vai ser quando você

crescer. Você não vai ser um homem. Você vai ser um lobo, então você deveria estar aprendendo coisas de lobo.”

“Cala a boca,” eu disse.

“Bom, é verdade. Você não vai ser o Sam. Todos estes livros são um desperdício. Você vai ser um macho alfa. Eu li sobre isso. E eu vou ser seu par. A fêmea alfa.” Sua face estava excitada, corada. Shelby não queria nada mais do que deixar seu passado para trás.

Eu arranquei o Yeats debaixo do seu pé e alisei as páginas. “Eu vou ser o Sam. Nunca vou deixar de ser o Sam.”

“Você não vai!” A voz da Shelby estava ficando mais alta. Ela pulou da minha cama e jogou longe minha pilha de livros; milhares de palavras bateram no chão. “Isso é apenas fingimento! Nós não temos nomes, nós seremos apenas lobos!”

Eu gritei, “Cala a boca! Eu ainda posso ser Sam quando sou um lobo!”

Beck entrou no quarto, então, olhando para a cena com seu modo silencioso: meus livros, minha vida, meus sonhos, espalhados debaixo do pé da Shelby, e eu na minha cama, segurando meu enrugado Yeats nas mãos com as articulações dos dedos brancas.

“O que está acontecendo aqui?” Beck disse.

Shelby apontou o dedo para mim. “Diga a ele! Diga a ele que ele não vai mais ser o Sam, quando formos lobos. Ele não pode ser. Ele não vai saber ao menos o nome dele. E eu não vou ser a Shelby.” Ela estava tremendo, furiosa.

A voz do Beck era tão baixa que eu mal podia ouvi-lo. “Sam vai sempre ser Sam.” Ele pegou o braço da Shelby e a retirou do quarto, seus pés derrapando nos meus livros.

O rosto dela estava chocado; Beck foi cuidadoso em nunca colocar a mão nela desde que ela chegou.

Eu nunca tinha visto ele tão bravo. “Nunca diga a ele o contrário, Shelby. Ou eu vou te levar de volta de onde você veio. Vou te levar de volta.”

No corredor Shelby começou a gritar e ela não parou até Beck bater a porta do quarto dela.

Ele caminhou de volta para meu quarto e parou na porta. Eu estava gentilmente empilhando meus livros de volta na mesa. As palavras tremiam na minha mão assim como eu.

Achei que Beck ia dizer alguma coisa, mas ele apenas pegou um livro que estava aos seus pés e acrescentou na minha pilha antes de sair.

Mais tarde, eu ouvi Ulrik e Beck; eles não percebiam que não havia muitos lugares na casa onde um lobo não podia ouvir. “Você pegou muito pesado com a Shelby,” Ulrik disse. “Ela tem razão. O que você acha que ele vai fazer com todo este maravilhoso aprendizado dos livros, Beck? Não é como se ele fosse capaz de fazer o que você faz.”

Houve uma longa pausa e Ulrik disse, “O que, você não pode estar surpreso. Não precisa ser gênio para perceber o que você está pensando. Mas me diga como você acha que o Sam vai para a universidade?”

Outra pausa. Beck disse “Escola de verão. E alguns créditos online.”

“Certo. Vamos supor que o Sam pegue o diploma. O que ele vai fazer com isso? Ir para uma certificação em direito online também? E qual o tipo de advogado ele poderia ser? As pessoas relevam sua excentricidade de estar-fora-no-inverno porque você já estava estabilizado quando foi mordido. Sam vai ter que tentar arrumar empregos que ignorem sua desapareção não programada todo ano. Com todas essas coisas sobre aprendizagem que você está enfiando na cabeça dele, ele vai ter que arrumar um emprego nos postos de gasolina como o resto de nós. Se ele ao menos fizer vinte.”

“Você quer dizer a ele para desistir? Você diga a ele. Eu nunca vou dizer isso.”

“Não estou dizendo para ele desistir. Estou dizendo para você desistir.”

“Sam não faz nada que ele não queira. Ele quer aprender. Ele é esperto.”

“Beck. Você vai fazê-lo extremamente infeliz. Você não pode dar a ele todas as ferramentas para o sucesso e o deixar descobrir – provar – que ele não pode usar nenhuma delas. Shelby está certa. No fim, nós somos lobos. Eu posso ler para ele poesia alemã e Paul pode ensinar a ele sobre participio passado e você pode tocar Mozart para ele, mas no fim, é uma noite fria e longa naquelas florestas para todos nós.”

Outra pausa antes da resposta do Beck, soando cansado como se não fosse ele mesmo.

“Apenas me deixe sozinho, Ulrik, okay? Apenas me deixe sozinho.”

No dia seguinte Beck me disse que eu não tinha que fazer meu trabalho da escola se eu não quisesse e saiu dirigindo sozinho. Esperei até ele ter ido e, em todo caso, fiz o trabalho.

Agora desejei mais que tudo que Beck estivesse aqui comigo. Eu virei a chave na fechadura, sabendo o que iria encontrar – uma caixa cheia com meses de envelopes e provavelmente alguns deslizados para atrás da mesa para recolher.

Mas quando eu abri a caixa, havia apenas duas cartas solitárias e alguns insetos.

Alguém tinha estado aqui. Recentemente.

CAPÍTULO TRINTA • SAM

5°C

“Você se importa se eu for para casa da Olivia?” Grace perguntou, ao subir no carro, trazendo um pouco de vento gelado com ela. No banco do passageiro, eu recuei e rapidamente ela fechou a porta atrás de si. Ela disse, “Desculpe por isso. Está realmente frio, não? Enfim, eu não quero, você sabe, realmente entrar. Apenas passar por lá. Rachel disse que um lobo esteve arranhando a porta da casa da Olivia. Então talvez nós podemos pegar uma trilha próxima dali?”

“Vamos lá,” eu disse. Pegando sua mão de onde estava repousada, eu beijei as pontas dos seus dedos antes de voltá-la ao volante. Eu escorreguei no meu banco e peguei minha tradução de Rilke que trouxe para ler enquanto esperava por ela.

Os lábios de Grace levantaram-se suavemente ao meu toque, mas ela não disse nada enquanto ela saía do estacionamento. Eu olhei seu rosto, estava com uma expressão de concentração, a boca em uma linha firme e esperei para ver se ela estava pronta para dizer o que tinha em mente. Quando ela não falou, eu peguei o livro de Rilke e relaxei no meu banco.

“O que você está lendo?” Grace perguntou, depois de um longo silêncio.

Eu estava certo que a pragmática Grace não tinha ouvido falar de Rilke. “Poesia.”

Grace suspirou e olhou para o céu branco morto que parecia nos pressionar contra a estrada diante de nós. “Eu não leio poesia.” Ela pareceu perceber que sua declaração poderia ter ofendido, porque rapidamente ela adicionou, “Talvez eu esteja lendo as coisas erradas.”

“Provavelmente você está apenas lendo errado,” eu disse. Eu vi a pilha de livros para ler de Grace: não ficção, livro sobre as coisas, não sobre como as coisas são descritas. “Você tem que ouvir o padrão das palavras, não apenas o que elas significam. Como uma música.” Quando ela franziu a testa, eu folheei o

livro e cheguei mais perto dela no assento do banco, então nossos quadris estavam pressionados juntos.

Grace olhou para a página. “Isso não é nem mesmo Inglês!”

“Alguns deles são,” eu disse. Eu suspirei ao lembrar. “Ulrik estava usando Rilke para me ensinar alemão. E agora vou usá-lo para te ensinar poesia.”

“Claramente uma língua estrangeira,” Grace disse.

“Claramente,” eu concordei. “Escute essa. ‘Was soll ich mit meinem Munde? Mit meiner Nacht? Mit meinem Tag? Ich habe keine Geliebte, kein Haus, keine Stelle auf der ich lebe.’”

O rosto de Grace estava confuso. Ela mordeu seus lábios de uma maneira fofa e frustrada. “Então o que significa?”

“Esse não é o ponto. O ponto é como isso soa. Não apenas o que isso significa.” Eu lutei para encontrar palavras para o que eu queria dizer. O que eu queria era lembrá-la de como ela se apaixonou por mim como um lobo. Sem palavras. Enxergando além do significado óbvio da minha pele de lobo para o que estava dentro. Para o que quer que me faça Sam, sempre.

“Leia novamente,” Grace disse.

Eu li de novo.

Ela tamborilou seus dedos contra o volante. “Isso soa triste,” ela disse. “Você está sorrindo – eu devo estar certa.”

Eu folheei para a tradução em Inglês. “Então o que eu faria com meus lábios? Com minha noite? Com meu dia? Eu não tenho – bah. Eu não gosto desta tradução. Vou pegar minha outra na casa amanhã. Mas yeah, é triste.”

“Eu ganho uma recompensa?”

“Talvez,” eu disse, e deslizei minha mão para baixo da dela, entrelaçando nossos dedos.

Sem tirar o olhar da estrada, ela levou nossos dedos entrelaçados para sua boca. Ela beijou meu dedo indicador e então o colocou entre seus dentes, mordendo suavemente.

Ela olhou para mim, seus olhos com uma provocação não dita.

Eu estava completamente travado. Eu queria dizer para ela encostar porque eu precisava beijá-la.

Mas então eu vi um lobo.

“Grace. Pare – pare o carro!”

Ela virou a cabeça, tentando ver o que eu tinha visto, mas o lobo já tinha pulado a vala do lado da estrada e foi em direção a floresta escassa.

“Grace, pare,” eu disse. “Jack.”

Ela pisou no freio; o Bronco balançou para frente e para trás enquanto ela segurava com força. Eu não esperei o carro parar. Apenas empurrei a porta com força e pulei fora, meus tornozelos chiaram quando atingi o chão congelado. Eu examinei a mata diante de mim. Nuvens de fumaça com cheiro pesado espalhavam-se pelas árvores, confundindo com as nuvens brancas pesadas que empurravam para baixo; alguém estava queimando folhas do outro lado da floresta. Através da fumaça, eu vi o lobo azul-cinza hesitar na mata antes de mim, sem ter certeza se ele estava sendo perseguido. O ar gelado rasgava minha pele e o lobo olhava sobre seus ombros para mim. Olhos azuis. Jack. Tinha que ser.

E então ele tinha ido, assim, mergulhando para dentro da fumaça. Eu pulei atrás dele, deixando para trás a vala do lado da estrada em um pulo e correndo através do fio, o restolho rígido do bosque morrendo de inverno.

Enquanto eu entrava na floresta, eu ouvi Jack bater na minha frente, mais interessado em escapar do que esconder-se. Eu podia sentir o cheiro do medo enquanto ele fugia na minha frente. A fumaça do bosque era mais pesada aqui e era difícil dizer onde a fumaça termina e o céu começa, enlaçando os galhos nus

acima. Jack estava meio invisível a minha frente, mais rápido e ágil do que eu em suas quatro patas e insensível ao frio.

Meus dedos, meio entorpecidos, apunhalados pela dor e o frio batia na pele do meu pescoço e fazia meu intestino dar voltas. Eu estava perdendo o sinal do lobo a minha frente; e de repente o de dentro de mim parecia mais perto.

“Sam!” Grace gritou. Ela agarrou a parte de trás da minha camisa, me fazendo parar, e jogou seu casaco ao meu redor. Eu estava tossindo, ofegante por ar e tentando engolir o lobo que estava crescendo em mim. Envolvendo-me em seus braços enquanto eu estremecia, ela disse, “No que você estava pensando? O que você estava —”

Ela não terminou. Ela me empurrou através do bosque, nós dois tropeçando, meus joelhos dobrando. Eu fui mais devagar, especialmente quando chegamos à vala, mas Grace não hesitou, segurando meu cotovelo me arrastando para dentro do Bronco.

Lá dentro, eu mergulhei meu rosto gelado na pele quente de seu pescoço e deixei ela me envolver em seus braços enquanto eu tremia incontrolavelmente. Eu estava repentinamente atento as pontas dos meus dedos, a cada pequena alfinetada dos meus dedos pulsando individualmente.

“O que você estava fazendo?” Grace exigiu, apertando-me com força suficiente para me deixar sem ar. “Sam, você não pode fazer aquilo! O que você estava pensando que ia fazer?”

“Eu não sei,” eu disse no seu pescoço, embalando minhas mãos em punho para mantê-las aquecidas. Eu não sabia. Eu apenas sabia que ele era um desconhecido, que eu não sabia que tipo de pessoa ele era, que tipo de lobo ele era. “Eu não sei,” eu disse novamente.

“Sam, isso não é o pior,” Grace disse e pressionou seu rosto, forte, contra minha cabeça. “E se você tivesse mudado?” Seus dedos estavam fechados na manga da minha camisa e agora sua voz estava ofegante. “No que você estava pensando?”

“Eu não estava,” eu disse a verdade. Eu senti-me finalmente quente o suficiente para parar de tremer. Eu pressionei minhas mãos contra a saída de ar quente. “Eu sinto muito.”

Por um longo tempo, não havia outro som além do ronco do motor em marcha lenta. Grace disse, “Isabel falou comigo hoje. Ela é irmã do Jack.” ela deu uma pausa. “Ela disse que falou com ele.”

Eu não disse nada, apenas curvei meus dedos firmemente na saída de ar como se pudesse fisicamente agarrar o calor.

“Mas você não pode simplesmente sair correndo atrás dele. Está ficando muito frio, e o risco não vale à pena. Prometa-me que você não vai fazer nada como aquilo novamente.”

Eu fechei meus olhos. Eu não podia olhar para ela quando ela soava assim. Eu disse, “E a Isabel. Conte-me o que ela te disse.”

Grace suspirou. “Eu não sei. Ela sabe que ele está vivo. Ela acha que os lobos têm algo a ver com isso. Ela acredita que eu sei de alguma coisa. O que devemos fazer?”

Pressionei minha testa contra minhas mãos. “Eu não sei. Eu gostaria que Beck estivesse aqui.”

Eu pensei nos dois envelopes solitários na caixa do correio, no lobo no bosque e meus dedos formigando.

Talvez Beck estivesse aqui.

Esperança machuca mais que o frio.

Talvez não fosse o Jack que eu devesse procurar.

CAPÍTULO TRINTA E UM • SAM

11°C

Uma vez que eu me permiti pensar que talvez Beck ainda estivesse humano, a idéia me possuiu. Eu dormi mal, minha mente repassando todas as maneiras que eu poderia tentar usar para rastreá-lo. Dúvidas também enchiam minha cabeça – póderia ser qualquer um do bando que pegou a correspondência ou comprou o leite – mas eu não podia evitar.

Esperança ganhou de tudo isso. No café da manhã do dia seguinte, eu conversei com a Grace sobre sua lição de casa de cálculo – para mim parecia completamente incompreensível –, sobre sua amiga rica e elétrica Rachel, sobre o tempo ou sobre as tartarugas não ter dentes, mas na realidade, eu estava pensando sobre Beck.

Depois que deixei Grace na escola, eu tentei por um breve momento fingir que eu não estava me dirigindo diretamente para a casa do Beck.

Ele não estava lá. Eu já sabia disso.

Mas não iria machucar apenas checar novamente.

No caminho, eu continuava pensando no que Gacre tinha dito na outra noite sobre a eletricidade e o leite na geladeira. Talvez, apenas talvez, Beck estaria lá, aliviando-me da responsabilidade de Jack e eliminando o peso insuportável de ser o último de minha espécie. Mesmo se a casa ainda estiver vazia, eu posso pegar mais algumas roupas e minha outra cópia de Rilke, andar pelos quartos, sentindo o cheiro das memórias familiares.

Lembrei-me de três anos atrás, quando a maioria de nós estava em seu apogeu, hábeis a retornar para nossa forma humana ao primeiro beijo quente da primavera. A casa estava cheia – Paul, Shelby, Ulrik, Derek, e mesmo o louco do Salem eram humanos ao mesmo tempo. Espiralando através de insanidade juntos fazia parecer mais sensato

Diminui a velocidade quando cheguei à rua do Beck, meu coração pulou quando vi um carro estacionado na entrada da garagem e então naufragou quando vi que era um desconhecido Tahoe⁶. As luzes do freio brilhavam surdamente na luz cinza do dia, eu abaixei o vidro da minha janela para tentar pegar um pouco do cheiro. Antes que eu pudesse pegar qualquer coisa, eu ouvi a porta do motorista abrir e fechar do outro lado da SUV. Então a brisa levou o cheiro do motorista para mim, limpo e vagamente defumado.

Beck. Eu estacionei o Bronco na lateral da rua e pulei fora, sorrindo enquanto eu o vi saindo do lado da SUV. Seus olhos abriram-se por um momento e então ele também sorriu, numa expressão em que seu sorriso alinhado caiu perfeitamente.

“Sam!” A voz de Beck tinha algo estranho – surpresa, eu acho. Seu sorriso alargou-se. “Sam, graças a Deus. Venha cá!”

Ele me abraçou e deu um tapinha nas minhas costas do tipo piegas que ele sempre conseguiu fazer sem que parecesse forçado. Deve ter a ver com o fato de ele ser advogado; ele sabia como interagir com as pessoas. Eu não pude evitar, mas notei que ele estava maior no meio; não gordo. Eu não sabia quantas camisas ele devia estar usando debaixo do casaco para mantê-lo quente o suficiente para ser humano, mas eu vi pelo menos duas golas incompatíveis. “Onde você esteve?”

“Eu –” eu estava prestes a dizer a ele toda a história de ter levado um tiro, encontrado Grace, visto Jack, mas eu não o fiz. Eu não sei por que não fiz. Certamente não era por causa de Beck, quem estava sinceramente me observando com seus intensos olhos azuis. Havia algo, algum cheiro estranho, fraco, mas familiar, que estavam fazendo meus músculos cerrar e colar minha língua no céu da boca. Isso não era para ser assim. Não era para eu me sentir assim. Minha resposta veio mais cautelosa do que eu pretendia. “Eu estive por aí. Não aqui. Você não estava aqui, também, eu notei.”

“Nope,” Beck admitiu. Ele foi para parte de trás do Tahoe. Então eu notei que a van estava imunda – cheia de poeira. Poeira que cheirava outro lugar,

⁶ <http://images.wikio.com/images/p/39da/chevrolet-tahoe-hybrid-named-2008-green-car-of-the-year.jpg>

enchendo a cavidade das rodas e ao longo do pára-lama. “Salem e eu estivemos no Canadá.”

Então era por isso que eu não tinha visto Salem em nenhum lugar recentemente. Salem sempre foi problemático: ele não era muito bom quando era humano, ele também não era muito bom quando era um lobo. Como Beck tinha conseguido viajar de carro com ele estava além da minha compreensão. Por que ele viajou de carro com Salem estava ainda mais além da minha compreensão.

“Você cheira hospital.” Beck piscou para mim. “E você parece como o inferno.”

“Obrigado,” eu disse. Acho que depois de tudo eu ia contar. Eu não podia acreditar que o cheiro de hospital poderia permanecer após uma semana, mas o nariz enrugado de Beck dizia o contrário. “Eu levei um tiro.”

Beck colocou os dedos contra os lábios e falou através deles. “Deus. Onde? Em nenhum lugar que me faça corar, espero.”

Eu fiz um gesto para meu pescoço. “Nenhum lugar tão interessante.”

“Está tudo bem?”

Ele quis dizer que nós ainda estávamos bem? Alguém sabia? Tem uma garota. Ela é fantástica. Ela sabe, mas tudo bem. Eu tentei dizer as palavras que estavam na minha cabeça, mas não havia jeito de fazê-las soarem bem. Eu apenas continuei a ouvir Beck me dizendo que não havia como nós confiarmos nosso segredo a ninguém a não ser a nós mesmos. Então eu encolhi. “Tão bem como sempre estive.”

E então meu estômago caiu debaixo de mim. Ele iria sentir o cheiro da Grace na casa.

“Deus, Sam,” Beck disse. “Por que você não ligou para meu celular? Quando você foi baleado?”

“Eu não tenho seu número. Para o telefone deste ano.” Todo ano, nós tínhamos novos telefones já que não os usávamos no inverno.

Outro olhar que eu não gostava. Simpatia, Não, piedade. Eu fingi não ter visto isso.

Beck mexeu em seus bolsos e tirou um celular. “Aqui, pegue este. É do Salem. Como ele não vai mais usar.”

“Latir uma vez para sim em duas para não?”

Beck sorriu. “Exatamente. De qualquer forma, já tem meu número na memória. Então o use. Talvez você tenha que comprar um carregador para ele.”

Achei que ele estava para me perguntar onde eu estava ficando e eu não queria responder. Em vez disso eu apontei para o Tahoe com meu queixo. “Então, por que tanta poeira? Qual o motivo da viagem?” Bati com meu punho na lateral do carro e para minha surpresa, alguma coisa lá dentro bateu de volta. Mais como um baque. Como um chute. Eu ergui uma sobrancelha. “Salem está aí dentro?”

“Ele está de volta à floresta. Ele se transformou no Canadá, o filho da mãe, eu tive que trazê-lo de volta daquele jeito e ele se largou como se estivesse saindo de moda. E você sabe, eu acho que ele é louco.”

Beck e eu rimos disso – como se isso precisasse ser dito.

Eu olhei de volta para o lugar que eu tinha sentido o baque contra meu punho. “Então o que está retumbando?”

Beck ergueu suas sobrancelhas. “O futuro. Quer ver?”

Eu encolhi e recuei um passo para que ele pudesse abrir as portas de trás. Se eu achava que estava preparado para o que tinha lá dentro, eu estava errado de umas cinqüenta maneiras diferentes.

Os bancos traseiros do Tahoe tinham sido abaixados para aumentar o espaço e dentro da traseira estendida havia três corpos. Humanos. Um estava

sentado desajeitadamente encostado na parte de trás dos bancos, um estava encolhido em posição fetal e o outro estava deitado torto ao longo da porta. Suas mãos estavam amarradas.

Eu olhei espantado e o garoto sentado contra os bancos fixou o olhar de volta, seus olhos injetados de sangue. Tinha minha idade, talvez um pouco mais novo. Tinha uma mancha vermelha ao longo do braço, eu agora eu via que continuava por todo lugar dentro do carro. Então eu os cheirei: o fedor metálico de sangue, o cheiro suado do medo, o cheiro de terra batia com a poeira do exterior do Tahoe. E lobo, lobo, em todo lugar – Beck, Salem e lobos desconhecidos.

“Ajuda,” ele disse.

Eu caí para trás, vários passos na entrada da garagem, meus joelhos fracos debaixo de mim. Eu cobri minha boca, em seguida me aproximei para olhar para eles. Os olhos do garoto imploravam.

Eu estava vagamente consciente que o Beck estava esperando por perto, apenas me observando, mas eu não podia parar de olhar para aqueles garotos. Minha voz não soou como minha. “Não. Não. Essas crianças foram mordidas. Beck, eles foram mordidos.”

Eu rodopiei, minhas mãos entrelaçadas atrás da minha cabeça, girei de volta para olhar os três novamente. O garoto estremeceu violentamente, mas seus olhos nunca deixaram os meus. Ajude. “Oh, diabos, Beck. O que você fez? Que diabos você fez?”

“Você já terminou?” Beck perguntou calmamente.

Eu virei novamente, fechando meus olhos apertados e depois abrindo novamente. “Terminei? Como eu posso ter terminado? Beck, estes garotos estão mudando.”

“Não vou conversar até você ter terminado.”

“Beck, você está vendo isso?” Eu indiquei para o Tahoe, olhando para a garota, dedos em garras no carpete manchado de sangue. Talvez ela tivesse

dezoito, vestindo uma camiseta apertada tingida. Empurrei-me para fora, recuando, como se pudesse fazê-los desaparecer. “O que está acontecendo?”

Na parte de trás do carro o garoto começou a gemer, colocando seu rosto nos seus punhos presos. Sua pele estava escura quando ele começou a mudar pra valer.

Eu me virei. Eu não podia assistir. Não lembrando como era isso, aqueles primeiros dias.

Eu apenas mantive meus dedos entrelaçados atrás da cabeça e pressionei meus braços contra minhas orelhas como um alicate, dizendo, Oh inferno, oh inferno, oh inferno, de novo e de novo até eu me convencer de que eu não podia mais ouvir seus lamentos. Eles não eram nem mesmo pedidos de ajuda; talvez ele já tenha percebido que a casa de Beck é muito isolada para alguém o ouvir. Ou talvez ele tenha desistido.

“Você vai me ajudar a levá-los para dentro?” Beck perguntou.

Eu girei para olhar para ele, vendo um lobo saindo das amarras de plástico⁷ muito grandes e da camiseta, rosnando e avançando enquanto a garota da camisa tingida gemia aos seus pés. Em um instante, Beck tinha saltado na traseira da SUV, ágil e animal, e jogou o lobo de costas. Ele agarrou sua mandíbula com uma mão e fixou seu olhar dentro dos olhos do lobo. “Nem pense em lutar,” ele rosnou para o lobo. “Você não está no comando aqui.”

Beck deixou o focinho do lobo cair e sua cabeça bateu no carpete com um baque surdo, sem protestos. O lobo estava começando a tremer; já se preparando para a mudança novamente.

Deus. Eu não podia ver isso. Era tão ruim quanto se estivesse acontecendo comigo novamente, sem nunca ter certeza de qual pele eu estava usando. Eu desviei o olhar, para Beck. “Você fez isso de propósito, não fez?”

Beck sentou na porta traseira como se não houvesse um lobo com espasmos atrás dele e uma garota se lamentando ao seu lado. E aquele outro –

⁷ No original zip ties, não sei como isso se chama aqui no Brasil, segue uma foto: <http://www.9thtee.com/images/images2/zipties.jpg>

ainda não se moveu. Morto? “Sam, provavelmente é meu último ano. Não acho que vou mudar no próximo ano. Eu tomei várias providências este ano para me manter humano uma vez que eu finalmente mudei.” Ele viu meus olhos sobre as golas de cores diferentes em seu pescoço e afirmou com a cabeça. “Nós precisamos desta casa. O bando precisa desta casa. E o bando precisa de protetores que ainda sejam capazes de mudar. Você já sabe. Não podemos contar com os humanos. Somos os únicos que podemos nos proteger.”

Eu não disse nada.

Ele suspirou pesadamente. “Este é seu último ano também, não é Sam? Eu não acho que você vai mudar este ano. Você ainda era um lobo quando eu mudei e deveria ter sido o contrário. Eu não sei por que você teve tão poucos anos. Talvez pelo que seus pais fizeram a você. É uma vergonha. Você é o melhor deles.”

Eu não disse nada, porque eu não tinha fôlego para dizer. Tudo o que eu podia focar era como seu cabelo tinha um pouquinho de sangue. Eu não tinha notado isso antes, porque seu cabelo era castanho escuro, mas o sangue tinha secado em um topete duro.

“Sam quem supostamente vai olhar pelo bando, huh? Shelby? Nós temos que ter mais lobos. Mais lobos em seus primeiros anos, então isso não será problema novamente por mais oito ou dez anos.”

Eu fixei o olhar no sangue do cabelo dele. Minha voz era aborrecida. “E o Jack?”

“O garoto com a arma?” Beck sorriu. “Nós podemos agradecer Salem e Shelby por isso. Eu não posso ir atrás dele. Está muito frio. Ele terá que nos encontrar. Eu apenas espero que ele não faça nada estúpido antes disso. Espero que ele use o cérebro que Deus deu a ele e fique longe das pessoas até ele ficar estável.”

Ao seu lado a garota gritou, um lamento alto e fino sem força e entre um tremor e outro, sua pele era azul cremoso de um lobo negro. Seus ombros ondularam, forçando os braços para cima, em novos dedos da pata onde havia dedos da mão. Eu me lembrei da dor tão claramente com se eu tivesse

mudando – dor da perda. Eu senti a agonia do momento único que eu me perdia. Perder o que me fazia ser Sam. A parte de mim que podia lembrar o nome da Grace.

Eu limpei a lágrima de um dos meus olhos, vendo ela se debater. Parte de mim queria sacudir o Beck por ter feito isso a eles. E parte de mim estava apenas pensando, Graças a Deus Grace nunca teve que passar por isso. “Beck,” eu disse, piscando antes de olhar para ele. “Você vai para o inferno por isso.”

Eu não esperei para ver sua reação. Eu apenas saí. Eu desejei nunca ter vindo.

Aquela noite, como em todas as outras noites desde que eu a conheci, eu enrolei Grace em meus braços, escutando seus pais fazerem movimentos surdos na sala. Eles eram como pequenos pássaros ocupados e descuidados, vibrando dentro e fora do seu ninho durante todas as horas do dia ou noite, tão envolvidos com o prazer da construção do ninho que eles não notaram que ele está vazio há anos.

Eles também eram barulhentos, dando risadas, conversando, ruidosamente lavando louças na cozinha apesar de que eu nunca vi nenhuma evidência deles cozinhando. Eles eram como colegas que tinham encontrado um bebê num lance de basquete e não sabiam o que fazer com isso. Grace teria sido diferente se ela tivesse tido minha família – o bando? Se ela tivesse tido Beck.

Na minha cabeça, eu escutei Beck reconhecendo o que eu temia. Era realmente verdade, este era meu último ano.

Eu respirei “O fim.” Não realmente em voz alta. Apenas fazendo as formas das palavras em minha boca.

Na fortaleza cautelosa de meus braços, Grace suspirou e pressionou seu rosto no meu peito. Ela já estava dormindo. Diferente de mim, que tinha o sono perseguido por flechas envenenadas, Grace podia cair no sono em um segundo. Eu a invejava.

Tudo que eu podia ver era Beck e aqueles garotos, um milhão de vezes diferentes variantes dançavam diante de meus olhos.

Eu queria dizer a Grace sobre isso. Eu não queria contar a ela sobre isso.

Eu estava envergonhado por Beck, dividido entre a lealdade a ele e a lealdade a mim – e eu ainda não tinha percebido até agora que eles poderiam ser duas coisas diferentes. Eu não queria que Grace pensasse mal dele – mas eu queria confessar, algum lugar para colocar este peso insuportável do meu peito.

“Vá dormir,” ela murmurou quase inaudível, enganchando seus dedos na minha camiseta de uma maneira que não me fazia pensar em dormir. Eu beijei seus olhos fechados e suspirei. Ela fez um som de apreciação e sussurrou, com os olhos ainda fechados, “Shh, Sam. Seja lá o que for, vai manter-se até amanhã. E se isso não acontecer, não será uma pena de qualquer maneira. Durma.”

Porque ela me disse para fazer isso, eu pude.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS • GRACE

6°C

A primeira coisa que Sam me disse no dia seguinte foi, “Está na hora de te levar a um encontro adequado.” Na verdade a primeiríssima coisa que ele disse foi, “Seu cabelo é engraçado pela manhã.” Mas a primeira coisa lúcida que ele disse (eu me recuso a acreditar que meu cabelo parece engraçado pela manhã) foi a declaração sobre o encontro. Era um “dia de trabalho” para os professores na escola, então nós tínhamos o dia todo para nós – o que pareceu complacente. Ele disse isso enquanto mexia na aveia e olhava sobre seu ombro para a porta da frente. Mesmo sabendo que meus pais tinham desaparecido cedo por algum motivo de passeio a negócios do meu pai, Sam ainda parecia preocupado que eles pudessem reaparecer e caçá-lo com forquinhos.

Juntei-me a ele e inclinei sobre o balcão, olhando para dentro da panela. Eu não estava entusiasmada com a aveia. Eu já tinha provado isso antes e tinha tido um sabor muito... Saudável. “Então, sobre esse encontro. Aonde você vai me levar? Algum lugar excitante como o meio da floresta?”

Ele pressionou seu dedo contra meus lábios, bem onde eles se separam. Ele não sorriu. “Em um encontro normal. Comida e diversão, diversão, diversão.”

Eu virei meu rosto e sua mão estava no meu cabelo agora. “Yeah, soa bem,” eu disse sarcasticamente, porque ele ainda não estava sorrindo. “Eu não acho que você faz o normal.”

“Você poderia me passar duas tigelas?” Sam disse. Eu passei para ele pelo balcão e Sam dividiu a aveia entre eles, liberando um cheiro doce. “Eu quero muito ter um encontro apropriado, para que você tenha algo real para lembrar –”

Ele parou e olhou para dentro das duas tigelas, braços apoiados sobre o balcão, os ombros ergueram em direção à orelha. Finalmente, ele virou e disse, “Eu quero fazer as coisas corretamente, nós podemos tentar fazer o normal?”

Com um aceno de cabeça, eu aceitei uma das tigelas e tentei uma colherada – era tudo açúcar mascavo, bordô e alguma coisa picante. Eu apontei com a

colher cheia de aveia para Sam. “Eu tenho problemas em fazer as coisas normais. Esse negócio está pegajoso.”

“Ingrata,” Sam disse. Ele olhou tristemente para a tigela. “Você não gosta.”

“Na verdade está okay.”

Sam disse, “Beck costumava a fazer para mim, depois que superei minha fixação por ovos.”

“Você teve uma fixação por ovos?”

“Eu era uma criança peculiar,” Sam disse. Ele fez um gesto para minha tigela. “Você não tem que comer se não gosta. Quando você terminar, nós vamos sair.”

“Para onde?”

“Surpresa.”

Isso era tudo que eu precisava ouvir. A aveia tinha acabado de imediato e eu tinha meu chapéu, casaco e mochila nas mãos.

Pela primeira vez naquela manhã, Sam riu e eu estava ridiculamente satisfeita ao ouvir.

“Você parece um filhotinho. Como se eu tivesse sacudindo minhas chaves e você pulando na porta esperando pela sua caminhada.”

“Au-au.”

Sam afagou minha cabeça a caminho da saída e juntos nós nos arriscamos na manhã fria e de tons pastéis. Uma vez que estávamos no Bronco e na estrada, eu pressionei de novo, “Então, você não me contou, onde estamos indo?”

“Nope. A única coisa que eu vou lhe dizer é para que finja que fiz isso com você no primeiro dia que a conheci, no lugar de ser baleado.”

“Eu não tenho tanta imaginação.”

“Eu tenho. Vou imaginar isso por você tão forte que você vai ter que acreditar nisso.” Ele sorriu para demonstrar sua imaginação, um sorriso tão triste que minha respiração ficou presa na garganta. “Vou cortejá-la corretamente e então isso não vai fazer minha obsessão por você parecer tão assustadora.”

“Para mim parece que a minha é a assustadora.” Eu olhei pela janela enquanto ele saía da estrada. O céu estava jogando lentamente um floco de neve após o outro. “Eu tenho aquilo, você sabe, como é o nome? Aquela síndrome que você se identifica com a pessoa que a salva?”

Sam sacudiu a cabeça e virou o carro para o lado oposto ao caminho da escola. “Você está pensando naquela Síndrome de Munchausen, onde a pessoa se identifica com seu raptor.”

Eu sacudi minha cabeça. “Não é a mesma coisa. Não é Munchausen quando você inventa alguma doença para ganhar atenção?”

“É? Eu apenas gosto de dizer ‘Munchausen’. Eu sinto como se falasse alemão quando a digo.”

Eu ri.

“Ulrik nasceu na Alemanha,” Sam disse. “Ele tem muitas histórias infantis interessantes sobre lobisomens.” Ele virou em uma rua principal no centro da cidade e começou a procurar uma vaga para estacionar. “Ele dizia que nos velhos tempos as pessoas recebiam as mordidas de bom grado.”

Eu olhei pela janela para Mercy Falls. As lojas, com tons de marrom e cinza, pareciam ainda mais marrom e cinza sob o céu carregado, e por ser Outubro, parecia sinistramente próximo do inverno. Não restavam mais folhas verdes nas árvores que haviam crescido na lateral da calçada, em algumas tinham perdido todas as suas folhas, adicionando uma aparência sombria à cidade. Era só concreto até onde os olhos podiam enxergar. “Por que eles fariam aquilo?”

“Nos contos, eles transformavam-se em lobos e roubavam ovelhas e outros animais quando a comida era escassa. E alguns deles apenas mudavam pela diversão disso.”

Eu estudei seu rosto, tentando ler sua voz. “Há diversão nisso?”

Ele olhou para longe – acredito que envergonhado por sua resposta, até eu perceber que ele estava apenas olhando sobre seu ombro para um estacionamento paralelo na frente de várias lojas. “Parece que alguns de nós gostam disso, talvez mais do que ser humano. Shelby ama isso – mas como eu disse, eu acho que a vida humana dela era bem horrível. Eu não sei. Minha vida metade lobo é parte de mim agora, é difícil imaginar viver sem isso.”

“De uma maneira boa ou ruim?”

Sam olhou para mim, seus olhos amarelos me pegando e segurando. “Sinto falta de ser eu. Sinto falta de você. O tempo todo.”

Eu baixei meus olhos para minhas mãos. “Agora você não sente.”

Sam deslizou pelo banco e tocou meu cabelo, correndo a mão para baixo até ele pegar as pontas do cabelo entre seus dedos. Ele estudou o cabelo como se eles pudessem conter os segredos de Grace em suas mechas loiras. Suas bochechas coraram um pouco quando ele me complementou. “Não,” ele admitiu, “neste exato momento, eu não consigo lembrar como é sentir-me infeliz.”

De alguma maneira, aquilo fez com que lágrimas picassem os cantos dos meus olhos. Eu pisquei, agradecida por ele ainda estar olhando para meu cabelo. Houve uma longa pausa.

Ele disse, “Você não se lembra de ter sido atacada.”

“O que?”

“Você não se lembra nem um pouco de ter sido atacada, lembra?”

Eu franzi a testa e coloquei minha mochila no meu colo, assustada com a aparente mudança aleatória de assunto. “Eu não sei. Talvez. Parece que havia muitos lobos, mais do que realmente tinha. E lembro-me de você – eu me lembro de você parado atrás e então tocando minha mão” – Sam tocou minha mão – “e minha bochecha” – ele tocou minha bochecha – “quando os outros foram selvagens comigo. Eu acredito que eles queriam me comer, certo?”

Sua voz era suave. “Você não lembra o que aconteceu depois disso? Como você sobreviveu?”

Eu tentei lembrar. Tudo era um flash de neve, vermelho e a respiração no meu rosto. Então mamãe gritou. Mas deve ter tido algo entre isso tudo. Eu devo ter saído da floresta para a casa de alguma maneira. Eu tentei me imaginar andando, tropeçando pela neve. “Eu andei?”

Ele olhou para mim, esperando para que eu mesma respondesse minha pergunta.

“Eu sei que não. Não consigo lembrar-me. Por que eu não posso lembrar?” Eu estava frustrada agora, com minha própria inabilidade cerebral para concordar. Parecia um pedido simples. Mas eu apenas me lembrava do cheiro do Sam, Sam em todo lugar, e então o som pouco familiar do pânico da mamãe enquanto ela remexia procurando o telefone.

“Não se preocupe com isso,” Sam disse. “Isso não importa.” Mas acho que provavelmente importava.

Eu fechei meus olhos, recordando o perfume da floresta daquele dia e a sensação dos solavancos ao voltar para casa, braços firmes me abraçando. Eu abri meus olhos novamente. “Você me carregou.”

Sam olhou para mim repentinamente.

Eu estava voltando a me lembrar, como da maneira que você lembra-se dos delírios de quando estava com febre. “Mas você era humano,” eu disse. “Eu me lembro de te ver como lobo. Mas você devia estar humano para me carregar. Como você fez isso?”

Ele encolheu, impotente. “Eu não sei como mudei. Foi o mesmo quando fui baleado e eu estava humano quando você me encontrou.”

Eu senti uma agitação no peito, como se fosse esperança. “Você pode se transformar?”

“Não é bem assim. Foi apenas duas vezes. E eu não fui mais capaz de fazer novamente, nunca, não importa o quanto eu desejasse isso. E acredite em mim, eu quis muito isso.”

Sam desligou o Bronco com um ar de fim de papo e eu mexi na minha mochila para tirar o chapéu. Enquanto ele trancava o carro, eu fiquei na calçada e esperei.

Sam veio da traseira do carro e paralisou quando me viu. “Oh meu Deus, o que é isso?”

Eu usei meu polegar e o dedo médio para dar um peteleco no pom pom multicolorido no topo da minha cabeça. “Na minha língua a gente chama isso de chapéu. Isso mantém minhas orelhas quentes.”

“Oh meu Deus,” Sam disse de novo e diminuiu a distância entre nós. Ele segurou meu rosto em suas mãos e me observou. “Isso é terrivelmente bonitinho.” Ele me beijou, olhou para o chapéu e então me beijou novamente.

Eu jurei nunca perder o chapéu de pom pom. Sam ainda estava segurando meu rosto; eu tinha certeza que todos na cidade estavam olhando agora. Mas eu não queria me afastar, e o deixei me beijar mais uma vez, desta vez foi suave como a neve, apenas um toque e então ele me soltou e pegou minha mão.

Levei alguns instantes para achar minha voz, e quando o fiz, eu não podia parar de sorrir.

“Okay. Onde estamos indo?” Estava frio o suficiente para eu saber que tinha que ser por perto; nós não podíamos ficar aqui fora muito mais tempo.

Os dedos de Sam estavam entrelaçados com os meus. “Primeiro para a compra da Grace. Isso é o que um bom cavalheiro faria.”

Eu dei uma risadinha, completamente diferente de mim, e Sam riu porque ele sabia disso. Eu estava bêbada de Sam. Eu o deixei me ajudar a descer a calçada em direção ao The Crooked Shelf, uma pequena livraria independente; eu não estive lá por um ano. Parece estúpido que eu não tivesse, vendo quantos livros eu leio, mas eu sou apenas uma colegial pobre com uma mesada muito limitada. Eu pego os livros na biblioteca.

“Esta é uma compra da Grace, certo?” Sam empurrou a porta para abrir sem esperar minha resposta. Um cheiro maravilhoso de livros novos correu até mim, lembrando-me imediatamente do Natal. Meus pais sempre me dão livros no Natal. Com um sino melodioso, a porta da loja fechou-se atrás de nós e Sam soltou minha mão. “Para onde? Eu vou comprar um livro para você. Eu sei que você quer um.”

Eu sorri para as pilhas de livros, inalando novamente. Centenas de milhares de páginas que nunca foram viradas, esperando por mim. As prateleiras eram de madeira quente e clara, empilhadas com lombadas de livros de todas as cores. Capas brilhantes refletiam a luz de volta para mim. Atrás do pequeno cubículo onde o caixa estava sentado, nos ignorando, escadas cobertas com um rico carpete vinho levando a mundos desconhecidos. “Eu poderia viver aqui,” eu disse.

Sam olhou meu rosto com um óbvio prazer. “Eu lembro de ver você lendo livros no balanço de pneu. Mesmo no clima mais estúpido. Por que você não lia dentro da sua casa quando estava muito frio?”

Meus olhos seguiram linhas e linhas de livros. “Os livros são mais reais quando você os lê do lado de fora.”

Eu mordi meus lábios, olhos voando de uma prateleira para outra. “Eu não sei aonde ir primeiro.”

“Eu vou te mostrar uma coisa,” Sam disse. A maneira como ele disse, me fez acreditar que não era apenas uma coisa, mas uma coisa muito incrível que ele esperou o dia todo para mostrar-me. Ele pegou minha mão novamente e me conduziu através da loja, passando pelo caixa desinteressado, e subiu as escadas em silêncio que engoliu o som dos nossos passos.

No andar de cima tinha um pequeno sótão, com o tamanho menor que a metade da loja abaixo, com uma grade para nos impedir de tropeçar para o andar de baixo.

“Eu trabalhei aqui em um verão. Sentado. Esperando.” Sam me guiou até um sofá de dois lugares gastos de cor vinho que tomava uma grande área. Eu tirei meu chapéu e sentei, encantada com sua ordens e dando uma olhada em sua bunda enquanto ele procurava nas prateleiras alguma coisa. Inconsciente do meu olhar, ele agachou, correndo seus dedos pelas lombadas dos livros como se fossem velhos amigos. Eu vi seus ombros abaixarem, sua cabeça inclinar, a maneira que uma mão estava apoiada, os dedos espalhados no chão como caranguejos, enquanto ele ajoelhava na frente da prateleira.

Finalmente ele achou o que estava procurando e veio para o sofá.

“Feche seus olhos,” ele disse. Sem esperar, ele pressionou sua mão sobre minhas pálpebras os fechando para mim. Eu senti o sofá mudar enquanto ele escorregava para o meu lado, ouvi o som inexplicável de uma capa abrindo, as páginas de dentro raspavam umas contra as outras enquanto ele as virava.

Então eu senti sua respiração na minha orelha enquanto ele dizia, com a voz quase inaudível, “Eu estou sozinho no mundo, e ainda não sozinho o bastante para fazê-lo santo. Eu sou solitário neste mundo e ainda não sou solitário o suficiente para ser cruel e perspicaz para você. Eu quero a minha vontade e eu quero ir com minha vontade enquanto me movo para agir.” Ele pausou longamente, o único som era sua respiração, um pouco irregular, antes de ele continuar, “E eu quero, no silêncio, de alguma maneira vacilante às vezes, estar com alguém que saiba, ou caso contrário sozinho. Eu quero refletir tudo sobre você, e eu nunca quero ficar muito cego ou muito velho para manter comigo sua imagem oscilante profunda. Eu quero desdobrar. Eu não quero ser dobrado em qualquer lugar, porque aí, onde eu estou dobrado, eu sou uma mentira.”

Eu virei meu rosto em direção da sua voz, olhos ainda fechados e ele colocou sua boca na minha.

Eu senti seus lábios se afastarem dos meus ligeiramente, apenas por um momento, ouvi o farfalhar do livro sendo colocado gentilmente no chão e então ele passou os braços em volta de mim.

Seus lábios tinham um gosto frio e forte, de menta, inverno, mas suas mãos eram macias na minha nuca, era como uma promessa de longos dias, verão e para sempre. Eu me senti tonta, como se eu não tivesse ar suficiente, como se minha respiração fosse roubada assim que eu inspirava. Sam deitou-se no sofá, só um pouco e me puxou para o meio do círculo que seu corpo estava formando e me beijou, tão cuidadosamente, como se meus lábios fossem uma flor e se seu toque fosse muito rude, eles poderiam ser esmagados.

Eu não sei quanto tempo nós ficamos deitados juntinho no sofá, nos beijando silenciosamente, antes que Sam notasse que eu estava chorando. Eu o senti hesitar, a água salgada em sua língua, antes que ele percebesse o que esse gosto significava.

“Grace. Você está – chorando?”

Eu não disse nada, porque isso poderia fazer a razão das minhas lágrimas mais real. Sam as limpou com seu polegar e puxou a manga da sua blusa por sobre seu punho para secar os rastros com o tecido.

“Grace, o que há de errado? Eu fiz alguma coisa errada?” Os olhos amarelos de Sam estavam cintilando sobre meu rosto, procurando por pistas enquanto eu balançava a cabeça. No andar de baixo, eu ouvi o toque do caixa para o próximo cliente. Isso parecia muito longe.

“Não,” eu disse finalmente. Eu afastei outra lágrima do meu olho antes que ela pudesse cair. “Não, você fez tudo certo. É apenas que –” Eu não podia dizer isso. Eu não podia.

Sam não hesitou. “– esse é meu último ano.”

Eu mordi forte meu lábio e afastei outra lágrima. “Eu não estou pronta. Eu nunca vou estar pronta.”

Ele não disse nada. Talvez não haja nada para ser dito. Ele envolveu seus braços em mim novamente, mas desta vez ele guiou meu rosto para seu peito e passou a mão na parte de trás da minha cabeça, desajeitado, mas reconfortante. Eu fechei meus olhos e escutei a batida do seu coração até o meu combinar com seu ritmo. Finalmente ele descansou sua bochecha no topo da minha cabeça e sussurrou, “Nós não temos tempo para ficar tristes.”

O Sol estava brilhante quando nós saímos da loja e com um susto, eu percebi quanto tempo tinha passado. Como uma deixa, meu estômago reclamou de fome.

“Almoço,” eu disse. “Imediatamente. Eu vou definir até virar absolutamente nada. Então você vai ser atormentado pela culpa.”

“Eu não duvido.” Sam pegou minha pequena sacola com os livros novos e virou para colocá-los no Bronco, mas ele congelou na metade do caminho para o carro, com o olhar fixo em alguma coisa atrás de mim. “Merda. Chegando.”

Ele virou as costas para mim e destravou o carro, jogando os livros no banco do passageiro, tentando parecer imperceptível. Eu virei-me e encontrei Olivia, parecendo despenteada e cansada. Então John apareceu atrás dela e me deu um grande sorriso. Eu não o tinha visto desde que eu encontrei Sam, e em comparação, eu não consegui entender como eu nunca imaginei que ele era bonito. Ele parecia poeirento e comum em comparação com Sam e seus grossos cabelos pretos e olhos dourados.

“Hey, esplendorosa,” John disse.

Isso fez com que Sam virasse rapidamente. Ele não veio em minha direção, mas ele não precisava – seus olhos amarelos pararam John no seu caminho. Ou talvez fosse apenas a postura do Sam ao meu lado, com os ombros rígidos. No espaço de um segundo eu tive um rápido pensamento que talvez Sam fosse perigoso – que talvez ele normalmente acalmasse o lobo dentro dele muito mais do que ele deixava transparecer.

John estava com uma expressão ilegível e esquisita o que me fez perguntar se todos aqueles meses de fingimento de flerte tinha sido mais real do que eu achava.

“Oi,” Olivia disse. Ela olhou para Sam, cujo olhar estava fixo na câmara que estava pendurada no ombro dela. Ele olhou para baixo e esfregou os olhos como se tivesse caído alguma coisa em um deles.

Eu percebi o desconforto de Sam e meu sorriso pareceu forçado. “Oi. Engraçado esbarrar com vocês por aqui.”

“Nós estamos resolvendo algumas coisas para mamãe.” Os olhos do John agitaram-se em direção ao Sam e ele sorriu agradavelmente. Minhas bochechas esquentaram ao silêncio da batalha de testosterona; seria lisonjeiro se não fosse estranho. “E Olivia queria dar uma passadinha na livraria enquanto estamos por aqui. O frio aqui fora está demais. Eu vou entrar.”

“Eles deixam analfabetos entrarem?” eu brinquei como nos velhos tempos.

John então sorriu, toda tensão tinha ido, e ele também sorriu para Sam, tipo, Yeah, boa sorte com isso, antes de ir para loja. Sam meio que sorriu de volta, piscando os olhos, ainda agindo como se houvesse alguma coisa neles. Olivia continuou na calçada em frente da porta, com os braços em volta de si mesma.

“Eu nunca pensei que a veria fora de casa tão cedo em um dia que não tem aula,” ela me disse. Conversando comigo, mas olhando para Sam. “Achei que você hibernava nos dias de folga.”

“Nope, não hoje,” eu disse. Depois de ter ficado tanto tempo sem falar com ela, parecia que eu não sabia mais como fazer isso. “Levantei cedo para ver como é.”

“Incrível,” Olivia disse. Ela ainda estava olhando para o Sam e havia uma pergunta não feita no ar. Eu não queria apresentá-lo, já que Sam parecia tão desconfortável perto da Olivia e sua câmara, mas eu estava super ciente da maneira que ela estava olhando para nós: o espaço entre nós, como isso mudava cada vez que um de nós se movia, conectados por cordas invisíveis. E o contato casual. Seus olhos seguiram a mão do Sam no meu braço enquanto ele tocava suavemente a manga da minha blusa e então moveu sua outra mão, que ainda estava descansando na maçaneta da porta do carro – confortavelmente,

como se ele tivesse aberto a porta muitas vezes. Como se ele pertencesse ao Bronco e a mim. Finalmente Olivia disse “Quem é esse?”

Eu olhei para Sam esperando por aprovação. Suas pálpebras ainda estavam abaixadas, fazendo sombras em seus olhos.

“Sam,” ele disse suavemente.

Havia algo estranho no tom de sua voz. Ele não estava olhando para a câmera, mas eu podia sentir sua atenção nela. Minha voz inadvertidamente ecoou sua ansiedade quando eu disse “Esta é Olivia. Olive, Sam e eu estamos saindo. Quero dizer, namorando.”

Eu esperei que ela comentasse, mas em vez disso ela disse. “Eu reconheço você.” Ao meu lado, Sam endureceu até ela acrescentar, “Da livraria, certo?”

Sam ergueu seu olhar para ela, e ela concordou com a cabeça, quase imperceptivelmente. “Sim. Da livraria.”

Olivia, com os braços cruzados ainda, mexeu na ponta do seu suéter, mas não tirou os olhos de Sam. Parecia que ela estava lutando para encontrar as palavras. “Eu – você usa lentes de contato? Desculpe ser tão brusca. Devem te perguntar muito isso.”

“Eu uso,” Sam disse. “Já me perguntaram muitas vezes. E eu as uso.”

Algo como desapontamento passou pelo rosto de Olivia. “Bem, elas são bem legais. Um. Foi um prazer te conhecer.” Virando para mim ela disse “Me desculpe. Foi realmente uma coisa estúpida para se brigar.”

Qualquer coisa que eu estava planejando para dizer desapareceu quando ela disse me desculpe.

“Desculpe-me também,” eu respondi, um pouco debilmente, porque eu não tinha certeza do que eu estava me desculpando.

Olivia olhou para o Sam e de volta para mim. “Yeah. Eu apenas... você poderia me ligar? Mais tarde?”

Eu pisquei com surpresa. “Yeah, claro! Quando?”

“Eu – na verdade, eu posso te ligar? Eu não sei quando vou poder atender. Tudo bem? Eu posso ligar pro seu celular?”

“Qualquer hora. Tem certeza que você não quer ir para algum lugar e conversar agora?”

“Um, não, não agora. Não posso por causa do John.” Ela balançou a cabeça e olhou novamente para o Sam. “Ele quer sair. Acho que mais tarde será melhor, definitivamente. Obrigada, Grace. Eu quero dizer. Sinto muito por nossa discussão estúpida.”

Eu pressionei meus lábios juntos. Por que ela estava me agradecendo?

John colocou sua cabeça para fora da porta da loja. “Olive? Você vem ou não?”

Olivia acenou para gente e desapareceu dentro da livraria com o pequeno sininho da porta da livraria.

Sam cruzou suas mãos na nuca e soltou um enorme suspiro.

Ele deu uns passos em círculos na calçada sem soltar suas mãos.

Eu passei por ele e abri a porta do lado do passageiro. “Você vai me dizer o que está acontecendo? Você é apenas tímido com a câmera ou tem algo mais?”

Sam deu a volta para o outro lado do Bronco e entrou, batendo a porta para fechar, como se estivesse fechando para o lado de fora a Olivia e toda aquela conversa esquisita. “Desculpe-me. Eu apenas – outro dia eu vi um dos lobos e essa coisa com o Jack está me deixando no limite. E Olivia – ela tirou foto de todos nós. Como lobos. E meus olhos... Eu tive medo de que Olivia soubesse mais sobre mim do que ela estava falando e eu – pirei. Eu sei. Eu agi como um pirado total, não?”

“Yeah, você agiu sim. Você tem sorte que ela estava agindo como mais pirada que você. Espero que ela ligue mais tarde.” Um desconforto passou por mim.

Sam tocou meu braço. “Você quer ir a algum lugar almoçar ou apenas para casa?”

Eu gemi e baixei meu rosto colocando minha testa entre minhas mãos. “Vamos para casa. Cara. Sinto-me tão estranha, sem saber sobre o que ela estava falando.”

Sam não disse nada, mas estava tudo bem. Eu ficava lembrando o que Olivia tinha falado, tentando descobrir porque a conversa parecia tão embaraçosa. Tentando descobrir o que não tinha sido dito. Eu deveria ter dito mais alguma coisa para ela depois dela ter me pedido desculpas. Mas o que mais havia para dizer?

Nós viajamos em silêncio de volta para casa, até eu perceber o quanto egoísta eu estava sendo.

“Desculpe-me, eu estou arruinando nosso encontro.” Me aproximei e peguei a mão do Sam que estava livre; ele apertou seus dedos em volta dos meus. “Primeiro eu berrei – o que nunca faço, só para constar – e agora estou totalmente distraída pela Olivia.”

“Fica quieta,” Sam disse agradavelmente. “Nos resta muito do dia ainda. E foi legal ver você... atacar... uma vez. No lugar de ser tão estóica.”

Eu sorri pela suposição. “Estóica? Eu gostei disso.”

“Achei que você gostaria. Mas é bom não ser o insosso por uma vez.”

Eu comecei a rir. “Essas não são as palavras que eu usaria para te descrever.”

“Você não acha que sou uma flor delicada em comparação a você?” Quando eu ri novamente, ele pressionou, “Okay, quais palavras você usaria então?”

Eu deitei no banco, pensando, enquanto Sam olhava para mim duvidosamente. Ele tinha razão em parecer duvidoso. Minha cabeça não trabalha bem com palavras – pelo menos não do jeito abstrato descritivo. “Sensível,” eu tentei.

Ele traduziu “Molenga.”

“Criativo.”

“Perigosamente Emo.”

“Pensativo.”

“Feng shui.”

Eu ri tanto que bufei. “Como você pode tirar feng shui de pensativo?”

“Você sabe, porque no feng shui, você providencia as mobílias, plantas e as coisas de uma maneira pensada.” Sam encolheu. “Para te fazer ficar calmo. Zen. Ou algo parecido. Eu não tenho cem por cento de certeza de como tudo isso funciona, além da coisa pensada.”

Brincando, eu belisquei seu braço e olhei pela janela quando chegamos perto de casa.

Nós estávamos dirigindo por uma plataforma de carvalho no caminho para casa de meus pais.

Folhas amorfas marrom-alaranjadas, secas e mortas, estavam agarradas aos galhos e flutuando ao vento, esperando pelo sopro de vento que as iria derrubar no chão. Era isso que o Sam era: transitório. Uma folha de verão agarrada a um galho congelado pelo maior tempo possível.

“Você é lindo e triste.” Eu disse finalmente, sem olhar para ele quando o fiz. “Assim como seus olhos. Você é como uma música que ouvi quando era criancinha e esqueci que conhecia, até eu ouvir novamente.”

Por um longo momento havia apenas o zumbido dos pneus na estrada e então Sam disse suavemente, “Obrigado.”

Nós chegamos em casa e dormimos na minha cama a tarde toda, nossas pernas cobertas pelo jeans estavam entrelaçadas e meu rosto enterrado em seu pescoço e o rádio murmurando ao fundo.

Perto da hora do jantar, nós fomos para cozinha procurar comida. Enquanto Sam cuidadosamente montava os sanduíches, eu tentei ligar para Olivia.

John atendeu. “Desculpe Grace. Ela saiu. Você quer que eu diga algo a ela, ou apenas que você ligou?”

“Apenas peça para ela me ligar,” eu disse; de alguma maneira me sentindo como se eu estivesse deixando Olivia de lado. Eu desliguei o telefone e passei o dedo no balcão distraidamente. Eu continuava pensando no que ela tinha dito: uma coisa estúpida para se brigar. “Você percebeu,” eu perguntei para o Sam, “quando nós chegamos, que estava cheirando lá na frente? Na escada lá da frente?”

Sam me passou um sanduíche. “Yeah.”

“Como se fosse xixi,” eu disse. “Como xixi de lobo.”

A voz do Sam pareceu triste. “Yeah.”

“Quem você acha que é?”

“Eu não acho,” Sam disse. “Eu sei. É da Shelby. Eu posso sentir seu cheiro. Ela também fez xixi no deck de novo. Senti o cheiro quando eu estava lá fora ontem.”

Lembrei-me de seus olhos, encarando os meus pela janela do quarto e fiz uma careta. “Por que ela está fazendo isso?”

Sam balançou a cabeça e soou incerto quando disse, “Eu espero que seja sobre mim e não você. Espero que ela esteja apenas me seguindo.” Seus olhos deslizaram para a entrada da frente; à distância eu ouvi um carro chegando pela

estrada. “Acho que é sua mãe. Vou desaparecer.” Eu fiz uma careta atrás dele enquanto ele se retirava para o meu quarto com seu sanduíche, fechando a porta suavemente atrás dele, deixando todas as perguntas e dúvidas sobre a Shelby para fora comigo.

Na entrada, os pneus do carro deslizaram para a entrada da garagem. Eu peguei minha mochila bem a tempo, quando minha mãe entrou, eu estava sentada na mesa da cozinha olhando para um conjunto de problemas.

Mamãe rodopiou e jogou uma pilha de papéis no balcão da cozinha, trazendo uma agitação de ar frio junto com ela. Eu estremeci, esperando que Sam estivesse inacessível atrás da porta do meu quarto.

Suas chaves tilintaram quando bateram no chão. Ela as pegou, praguejando levemente e as jogou de volta em cima dos papéis. “Você já comeu? Estou com fominha. Nós jogamos paintball no passeio! Quero dizer, o trabalho dele pagou pelo jogo.”

Fiz uma careta para ela. Metade do meu cérebro ainda estava pensando em Shelby, à espreita em volta da casa, observando Sam, ou me observando. Ou observando nós dois juntos. “O que, para todo o grupo, eu suponho?”

Mamãe não respondeu. Ela abriu a geladeira e perguntou, “Nós temos alguma coisa que eu possa comer enquanto assisto TV? Deus! O que é isso?”

“Isso é lombo de porco, mãe. É para amanhã, um cozimento lento.”

Ela deu de ombros e fechou a geladeira. “Parece uma lesma gigante gelada. Você quer assistir um filme comigo?”

Olhei além dela em direção ao hall, procurando por papai, mas a entrada estava vazia. “Onde está o papai?”

“Ele deu uma saidinha com os caras novos do trabalho. Você age como se eu só tivesse te convidado porque ele não está aqui.” Mamãe bateu em volta da cozinha, colocando para si um pouco de granola e deixando a caixa aberta no balcão antes de cair no sofá.

Apenas uma vez, eu deveria agarrar a oportunidade rara de me enrolar no sofá com mamãe. Mas agora, parecia um pouco tarde demais. Eu tinha outra pessoa esperando por mim.

“Estou me sentindo um pouco desligada,” eu disse para mamãe. “Acho que prefiro ir dormir cedo.”

Eu não tinha percebido que eu queria que seu rosto caísse até que ele não caiu. Ela apenas pulou no sofá e agarrou o controle remoto. Enquanto eu me virava para sair, ela disse, “A propósito, não deixe os sacos de lixo no deck de trás, okay? Os animais estão mexendo neles.”

“Yeah,” eu disse. Eu tinha um pressentimento de que sabia qual animal era em particular. Eu a deixei assistindo o filme no sofá peguei meu dever de casa e levei para o meu quarto. Ao abrir a porta do quarto, encontrei Sam enrolado na minha cama, lendo um romance pela luz da cabeceira da minha cama, parecendo pertencer àquele lugar. Eu sabia que ele deveria ter escutado eu entrar, mas ele não tirou os olhos do livro por nenhum momento, terminando de ler seu capítulo. Eu amo olhar a forma do seu corpo enquanto ele lê, desde a inclinação do seu pescoço sobre as páginas até a forma de suas meias do pé.

Finalmente ele colocou o dedo no meio da página do livro e fechou, sorrindo para mim, suas sobrancelhas juntas em sua permanente forma triste. Ele levantou um braço como um convite e eu derrubei meus livros da escola no final da cama e me juntei a ele. Ele segurou o livro com uma mão e com a outra ele mexeu no meu cabelo, e juntos nós lemos os últimos três capítulos. Era um livro estranho onde todos tinham sido levados da Terra exceto pelo personagem principal e seu amor e eles tinham que escolher o que fazer como sua última missão, achar os que tinham sido levados ou ter a Terra só para eles e repovoá-la ao seu bel prazer. Quando nós terminamos, Sam deitou e olhou para o teto. Eu desenhei pequenos círculos com os meus dedos em sua barriga.

“Qual você escolheria?” ele perguntou.

No livro, os personagens foram procurar pelos outros, apenas para ficar separados e terminarem sozinhos. Por alguma razão a pergunta do Sam fez meu coração bater mais rápido e eu agarrei um punhado de sua camiseta.

“Duh⁸,” eu disse.

Os lábios do Sam fizeram uma curva para cima.

Não foi muito depois que eu percebi que a Olivia não tinha retornado minha ligação. Quando liguei para sua casa, sua mãe disse que ela ainda estava fora.

Uma pequena voz em minha cabeça disse fora aonde? Onde há para se estar fora em Mercy Falls?

Aquela noite quando caí no sono, eu sonhei com o rosto da Shelby na minha janela e os olhos de Jack na floresta.

⁸ Gíria usada para indicar que alguma coisa é muito óbvia. (dã)

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS • SAM

5°C

Aquela noite, pela primeira vez um muito tempo, eu sonhei com os cachorros do Sr. Dario.

Eu acordei, suado e tremendo, com o gosto de sangue na minha boca. Eu rolei para longe da Grace, sentindo que as batidas do meu coração poderiam acordá-la e lambi meus lábios sangrentos. Eu tinha mordido a língua.

Era tão fácil esquecer a violência primitiva do meu mundo quando eu estava humano, salvo na cama da Grace. Era fácil nos ver como ela deve nos ver: fantasmas na floresta, silenciosa, mágica.

E se nós somos apenas lobos, talvez ela possa estar certa. Lobos de verdade não seria uma ameaça.

Mas esses não eram lobos reais.

O sonho sussurrou que eu estava ignorando os sinais. Os quais diziam que eu estava trazendo a violência do meu mundo para Grace. Lobos em sua escola, na casa de sua amiga e agora na dela.

Lobos que escondiam corações humanos sob suas peles.

Deitado aqui na cama da Grace no quarto escuro, eu estiquei minha orelhas, escutando. Eu achei que podia ouvir as garras do pé no deck e imaginei que podia sentir o cheiro da Shelby mesmo através da janela. Eu sabia que ela me queria – queria o que eu significava. Eu era o favorito do Beck, o líder humano do bando, e também do Paul, o lobo líder do bando e o sucessor lógico dos dois. No nosso pequeno mundo, eu tinha muito poder.

E, oh, Shelby queria o poder.

Os cães do Dario provaram isso. Quando eu tinha treze anos e morava na casa do Beck, nosso vizinho mais próximo (algo em torno de 30 hectares de

distância) se mudou e vendeu sua casa enorme para um endinheirado excêntrico que se chamava Sr. Dario. Pessoalmente não achei o Sr. Dario muito impressionante. Ele tinha um cheiro peculiar que sugeria que ele tinha morrido e então preservado.

Ele gastou a maioria do tempo que estivemos em sua casa explicando como um complicado dispositivo de alarme tinha sido instalado para proteger seu negócio de antiguidades (Ele quis dizer 'drogas', Beck me disse posteriormente) e lustrou poeticamente sobre os cães de guarda que ele rodeava sua casa enquanto ele estava fora.

Então ele os mostrou a nós. Eles eram gárgulas que tinham ganhado vida, rosnando através de máscaras de espuma e com pele pálida e enrugada. O Sr. Dario tinha dito que era uma raça sul-americana destinada a guardar o gado. Ele pareceu exultante quando explicou que eles poderiam rasgar o rosto de um homem fora e comê-lo.

A expressão do Beck era duvidosa quando ele disse que esperava que ele não os deixasse sair da propriedade.

Apontando para as coleiras com postas metálicas do lado de dentro ("O choque derruba os cachorros", Beck disse mais tarde, e fez um movimento agitado para indicar a voltagem), o Sr. Dario nos assegurou que as únicas pessoas que teriam suas faces arrancadas seriam as pessoas que entrariam furtivamente a noite em sua propriedade para roubar suas antiguidades. Ele nos mostrou a caixa de força que controlava os choques nas coleiras dos cachorros e os mantinham próximos da casa; era coberto com tinta preta em pó que deixou marcas escuras em suas mãos.

Parecia que ninguém pensava sobre aqueles cachorros, mas eu estava obcecado por eles. Tudo o que eu pensava era eles fugindo e fazendo Beck e Paul em pedaços, rasgando um de seus rostos e comendo. Por semanas, eu estava preocupado com a idéia dos cachorros, e no calor do verão, eu encontrei o Beck na cozinha, de short e camiseta, cortando costelas para o churrasco.

"Beck?"

Ele não tirou os olhos de sua cuidadosa tarefa. "Do que você precisa Sam?"

“Você poderia me mostrar como matar os cachorros do Sr. Dario?” Beck virou para ficar de frente para mim e eu acrescentei, “E se eu tiver que fazer isso.”

“Você não vai precisar.”

Eu odiava implorar, mas de qualquer forma eu fiz isso. “Por favor?”

Beck estremeceu. “Você não tem estômago para este tipo de trabalho.” Era verdade – com humano, eu era agonizantemente sensível à visão do sangue.

“Por favor?”

Beck fez uma careta e disse não, mas no dia seguinte, ele trouxe para casa meia dúzia de galinha morta e me ensinou como encontrar a parte mais fraca das articulações e quebrá-las. Quando eu não desmaiei ao quebrar as galinhas, ele trouxe carne vermelha que escorria sangue e fez meu queixo cair com a náusea. Os ossos eram duros, frios, imperdoáveis sob minhas mãos, impossível quebrar sem encontrar a articulação.

“Não cansou disso ainda?” Beck perguntou após alguns dias. Eu chacoalhei a cabeça; os cachorros perseguiam meus sonhos e corriam pelas canções que eu escrevia. Então continuamos. Beck encontrou alguns vídeos caseiros de luta de cachorros, nós assistimos juntos os cachorros destroçarem uns aos outros. Eu mantinha uma mão pressionando minha boca, meu estômago se agitava com a visão do sangue coagulado, nós assistimos como alguns cachorros procuravam pela jugular e alguns iam para as patas da frente, agarrando-as e deixando seus adversários impotentes. Beck apontou para uma luta particularmente desigual, um enorme pit bull e um pequeno terrier misturado. “Olhe para o cachorro pequeno. Isso poderia ser você. Quando humano, você é mais forte que a maioria das pessoas, mas você ainda não é tão forte como um dos cães do Dario. Olhe como o pequenino luta. Ele enfraquece o cão grande. E o sufoca.”

Eu assisti o pequeno terrier matar o cachorro maior. Então Beck e eu fomos para fora e lutamos – cachorro grande e cachorro pequeno.

O verão se foi. Nós começamos a mudar, um por um, o mais velho e mais negligente de nós antes. Logo havia apenas um punhado de humanos sobrando: Beck, fora por teimosia, Ulrik, por pura esperteza, Shelby, para ficar perto de Beck e eu. Eu, porque eu era jovem e não frágil ainda.

Eu nunca vou esquecer-me do som de uma briga de cães. Alguém que ainda não escutou, não pode imaginar o tipo de selvageria primitiva que dois cachorros fazem para destruir um ao outro. Mesmo como lobo, eu nunca cheguei perto de um tipo de luta como essa – membros do bando lutam por dominância, não para matar.

Eu estava na floresta, Beck tinha me dito para não sair de casa, então é claro que eu estava lá fora caminhando pela tarde. Eu meio que tive uma idéia de escrever uma música nos exato momento entre o dia e a noite e eu tinha acabado de criar um pedaço de uma letra quando ouvi a briga de cães. O som estava perto, aqui na floresta, não perto da casa do Sr. Dario, mas eu sabia que não podia ser lobos. Eu reconheci aquele rosnado imediatamente.

E então eles ficaram a minha vista. Dois fantasmas brancos gigantes de cachorros na noite escura: os monstros do Dario. Com eles, um lobo preto, tremendo, sangrando, rolando no mato. O lobo, Paul, estava fazendo tudo o que o comportamento do bando ditava – orelhas para trás, rabo abaixado, cabeça meio virada – tudo que ele fazia gritava submissão. Mas os cachorros não conheciam o comportamento de bandos; tudo que eles sabiam era atacar. E então eles começaram a puxar Paul aos bocados.

“Hey!” eu gritei, minha voz não saiu tão forte quanto eu esperava. Eu tentei novamente e desta vez foi meio que um rosnado, “Hey!”

Um dos cachorros largou o Paul e correu para mim; eu girei e rolei, meus olhos no outro demônio branco, cujos dentes apertavam a garganta do lobo preto. Paul estava arquejando por respirar e um lado de seu rosto estava embebido com carmesim. Eu me joguei contra o cachorro que estava nele e nós três batemos no chão. O monstro era pesado, tinha estrias de sangue e era todo músculo. Eu agarrei sua garganta lamentavelmente com uma fraca mão humana e perdi.

Um peso morto batia nas minhas costas e eu senti uma baba quente no meu pescoço. Eu virei bem a tempo de evitar uma mordida mortal de um cachorro e levei uma dentada do outro no meu ombro. Eu senti o ranger do osso contra osso – a sensação enjoativa e ardente dos dentes do cão deslizando contra minha clavícula.

“Beck!” eu gritei. Era irritante pensar através da idéia de ver o Paul morrendo na minha frente.

Imóvel eu me lembrei daquele pequeno terrier – rápido, mortal, brutal. Eu serpenteiei uma mão em direção ao cachorro que tinha o aperto mortal no pescoço de Paul. Agarrei a perna da frente, encontrei a articulação e não pensei no sangue. Eu não pensei no som que iria fazer. Eu não pensei em nada além da ação mecânica de quebrar.

Os olhos do cão rolaram. Ele assoviou através do nariz, mas eu não soltei o aperto.

Meus instintos de sobrevivência estavam gritando para eu tirar o outro animal de mim; que estava balançando e moendo meu ombro com sua mandíbula que parecia aço duro e quente como fogo. Eu imaginei que estava sentindo meus ossos luxarem de suas posições apropriadas. Eu imaginei meu braço sendo arrancado de seu lugar. Mas Paul não podia esperar.

Eu não podia sentir muito bem meu braço direito, mas com meu esquerdo eu agarrei um punhado da garganta do cachorro em minha mão e torci, apertei, sufocando, até eu ouvir o monstro ofegar. Eu era aquele pequeno terrier. O cachorro era incansável no aperto do pescoço de Beck, mas eu era igualmente incansável no meu. Levantando debaixo daquele cachorro que estava moendo meu ombro, eu enterrei minha mão direita morta no nariz do primeiro cachorro e pressionei as narinas dele fechadas. Eu não pensei em nada – minha mente estava longe, na casa, em algum lugar quente, escutando música, lendo um poema, qualquer outro lugar que não aqui, matando.

Por um minuto terrível nada aconteceu. Faíscas passaram diante dos meus olhos. Então o cachorro caiu no chão, e Paul ficou livre de seu aperto. Havia sangue em toda parte – meu, do Paul, do cachorro.

“Não solte!” Era a voz de Beck e agora eu ouvi o barulho da batida de passos na floresta. Não solte – ele ainda não está morto.”

Eu não conseguia mais sentir minhas mãos – não podia sentir mais nada – mas acho que eu ainda estava agarrando o pescoço do cão, aquele que tinha mordido Paul. Então senti o dente no meu ombro sair depressa enquanto o cão agarrava meu pescoço abandonado. Um lobo, Ulrik, estava rosnando, indo para o pescoço do cão, tirando ele de mim. Houve um estalido, eu percebi que era uma arma. Outro estalido, muito perto, um aperto embaixo dos meus dedos. Ulrik se afastou de nós, respirando pesadamente e então havia tanto silêncio que meus ouvidos zumbiam.

Beck gentilmente tirou minhas mãos da garganta do cão morto e as pressionou no meu ombro. O sangue fluía lentamente; imediatamente eu comecei a sentir-me melhor enquanto meu corpo começava a se curar.

Beck ajoelhou na minha frente. Ele estava tremendo com o frio, sua pele cinza e o ângulo do seu ombro errada. “Você fez isso corretamente, não? Você o salvou. Aquelas pobres galinhas desgraçadas não foram em vão.”

Atrás dele, Shelby estava em silêncio, braço cruzado, vendo Paul ofegando nas folhas mortas e secas. Vendo eu e Beck com nossas cabeças juntas. Suas mãos estavam fechadas e em uma delas havia uma mancha preta de pó.

Agora, no escuro aconchegante do quarto da Grace, eu rolei de volta e pressionei meu rosto em seu ombro. Estranho como meus momentos mais violentos tenha sido como humano, não como lobo.

Do lado de fora, eu ouvi um distinto arranhar de unhas no deck. Eu fechei meus olhos e tentei me concentrar no som das batidas do coração da Grace.

O gosto de sangue na boca me lembra o inverno.

Eu sabia que a Shelby tinha deixado os cachorros escaparem.

Ela me queria no topo, com ela ao meu lado e Paul estava no meu caminho. E agora Grace estava no seu.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO • GRACE

9,5°C

Os dias passavam como colagens borradas de imagens comuns: o frio atravessando o estacionamento da escola, na sala de aula o lugar da Olivia vazio, o sussurro do Sam no meu ouvido, marcas de pegadas na nossa grama.

Quando o final de semana chegou, senti-me sem fôlego com a espera, embora eu não tivesse certeza do que eu estava esperando. O Sam tinha se mexido muito durante a noite anterior, atormentado por um pesadelo e ele parecia terrível na manhã de sábado no lugar de fazer qualquer plano para sair, eu apenas fiquei no sofá com ele depois que meus pais tinham saído para um café da manhã reforçado na casa de um amigo.

Eu deitei na curva do braço do Sam enquanto ele mudava de canal entre vários filmes-feitos-para-TV ruins.

Nós colocamos em um filme de terror de ficção científica que provavelmente tinha custado menos para produzir do que o Bronco.

Os tentáculos de borracha estavam por toda parte quando finalmente Sam disse alguma coisa.

“Isso te chateia? Seus pais serem desta maneira?”

Eu aconcheguei meu nariz na sua axila. Ali tinha muito cheiro do Sam. “Não vamos falar sobre eles.”

“Vamos sim falar sobre eles.”

“Oh, por quê? O que há para ser dito? Está tudo bem. Eles são bons. Esse é o jeito deles.”

Os dedos do Sam acharam meu queixo e gentilmente ergueu meu rosto. “Grace, não está bem. Tenho estado aqui há – quantas semanas agora? Eu nem sei. Mas eu sei como é, e isso não é bom.”

“Eles são quem são. Nunca conheci os pais de ninguém que fossem diferentes até eu começar a ir na escola. Antes que eu começasse a ler. Mas sério Sam, está tudo bem.”

Senti minha pele quente. Virei meu queixo para longe dele e olhei para a tela, onde um carro compacto estava se afogando.

“Grace,” Sam disse suavemente. Ele estava sentado tão duramente, como se por uma vez, eu era o animal selvagem que talvez sumisse se ele movesse um músculo. “Você não tem que fingir perto de mim.”

Eu assisti o carro desfazer-se em pedaços, junto com o motorista e o passageiro. Era difícil dizer o que estava acontecendo com o som baixo, mas parecia que os pedaços estavam virando tentáculos. Havia um cara andando com um cachorro ao fundo e ele nem parecia notar. Como ele podia não notar?

Eu não olhei para o Sam, mas sabia que ele estava me olhando e não a televisão.

Eu não sabia o que ele achava que eu iria dizer. Eu não tinha nada para falar. Isso não é um problema. Isso era uma forma de vida.

Os tentáculos na tela começaram a se arrastar pelo chão, procurando pelo monstro com tentáculos original para que eles pudessem se juntar. Não havia nenhuma maneira deles serem capazes disso; o alien original estava em chamas em Washington, DC, derretendo em volta de um modelo do Monumento de Washington. Os novos tentáculos iriam ter que atormentar o mundo sozinhos.

“Por que eu não posso fazer com que eles me amem mais do que eles fazem?”

Eu disse isso? Não parecia minha voz. Os dedos do Sam afagaram meu queixo, mas não havia lágrimas. Eu não estava nem perto das lágrimas.

“Grace, eles te amam. Não é sobre você. O problema é com eles.”

“Eu tento tanto. Eu nunca me meto em confusões. Sempre faço meus deveres de casa. Eu cozinho a merda das refeições deles, quando eles estão em casa, o que é nunca –” Definitivamente não era minha voz. Eu não juro. “E eu quase fui morta, duas vezes, mas eles não mudaram em nada. Não é como se eu quisesse que eles pulassem sobre mim. Eu apenas quero, um dia, apenas quero –” Eu não pude terminar a frase, porque eu não sabia como terminar.

Sam me puxou para seus braços. “Oh, Grace, eu sinto muito. Eu não quis fazer você chorar.”

“Eu não estou chorando.”

Ele limpou minhas bochechas com seu dedo, cuidadosamente, e me mostrou uma lágrima no seu dedo. Sentindo-me boba, deixei ele me enrolar em seu colo e me enfiei embaixo do seu queixo. Fiz com que minha voz voltasse aqui no abrigo aconchegante de seus braços. “Talvez eu seja muito boa. Se eu me encrencar na escola, ou queimar as garagens das pessoas, eles terão que me notar.”

“Você não é assim. Você sabe que não é,” ele disse. “Eles são apenas tolos, pessoas egoístas. Sinto muito ter perguntado okay? Vamos apenas assistir esse filme bobo.”

Eu encostei meu queixo no seu peito e escutei o tum-tum do seu coração. O som era tão normal, apenas um coração humano comum. Ele tem sido humano por tanto tempo que agora eu quase não podia detectar o odor das árvores nele ou lembrar como era passar meus dedos em seu pêlo. Sam aumentou o volume dos aliens e sentamos como uma criatura com dois corpos, por um longo tempo, até eu me esquecer sobre porque estava chateada e me sentir eu novamente.

“Eu gostaria de ter o que você tem,” eu disse.

“O que eu tenho?”

“Seu bando. Beck. Ulrik. Quando você fala sobre eles, eu posso ver o quanto eles são importantes para você,” eu disse. “Eles fazem você ser esta pessoa.” Eu

coloquei um dedo no seu peito. “Eles são maravilhosos, então você é maravilhoso.”

Sam fechou seus olhos. “Não sei se é assim.” Ele os abriu novamente. “De qualquer forma, seus pais fazem você ser quem é também. Você acha que seria tão independente se eles estivessem mais tempo por aqui? Pelo menos você é alguém quando eles não estão por perto. Eu sinto como se eu não fosse quem eu era antes. Porque muito de mim está com o Beck, Ulrik e os outros.”

Eu ouvi um carro estacionar na estrada da garagem e me levantei. Eu sabia que o Sam também tinha ouvido.

“Hora de vazar.” Ele disse.

Mas eu segurei seu braço. “Estou cansada de me esgueirar por aí. Eu acho que está na hora de você os conhecer.”

Ele não argumentou, mas jogou um olhar preocupado em direção à porta da frente.

“E agora nós chegamos ao fim,” ele disse.

“Não seja melodramático. Eles não vão te matar.”

Ele olhou para mim.

O calor subiu nas minhas bochechas. “Sam, eu não quis dizer como – Deus. Desculpe-me.” Eu queria olhar para longe de seu rosto, mas eu não podia, era como assistir a batida de um carro. Eu fiquei esperando a colisão, mas sua expressão não mudava. Era como se houvesse uma desconexão entre a memória de seus pais e suas emoções, uma ligeira falha na ignição que o felizmente o manteve inteiro.

Sam me salvou mudando de assunto, o que foi incrivelmente generoso. “Eu devo ser o namorado amigável ou somos apenas amigos?”

“Namorado. Eu não estou fingindo.”

Sam se afastou alguns centímetros de mim e colocou seu braço atrás da minha cabeça, o deixando descansar na parte de trás do sofá que estava atrás de mim. Para a parede ele disse, “Olá, pais da Grace. Eu sou o namorado dela. Por favor, notem a distância casta entre nós. Eu sou muito responsável e nunca coloquei minha língua na boca da filha de vocês.”

A porta se abriu e nós dois pulamos com risadas nervosas parecidas.

“É você Grace?” A voz da mamãe chamou levemente da entrada. “Ou você é um ladrão?”

“Ladrão.” Eu respondi.

“Eu vou me mijar,” Sam sussurrou na minha orelha.

“Tem certeza que é você Grace?” Mamãe parecia suspeita; ela não estava acostuma com minhas risadas. “A Rachel está aí?”

Papai veio primeiro pela porta da sala e parou, imediatamente notando o Sam.

Em um movimento quase imperceptível, Sam virou sua cabeça apenas o suficiente para que a luz não pegasse seus olhos amarelos, um gesto automático que me fez perceber pela primeira vez que o Sam tinha sido uma raridade mesmo antes de se tornar lobo.

Os olhos do papai estavam em Sam, apenas olhando. Sam estava olhando de volta, tenso, mas não aterrorizado.

Ele estaria tão calmo se soubesse que papai tinha sido um dos que estava na festa de caça na floresta? Subitamente me envergonhei por meu pai, apenas outro humano que os lobos tinham que temer; eu estava feliz por não ter dito nada pro Sam.

Minha voz saiu tensa. “Pai este é o Sam. Sam, este é o papai.”

Papai olhou para ele por mais uma fração de segundo e sorriu abertamente. “Por favor, me diga que você é o namorado.”

Os olhos de Sam ficaram perfeitamente redondos e eu deixei escapar um grande suspiro em alívio.

“Sim, ele é meu namorado pai.”

“Isso é bom. Eu estava começando a pensar que você não fazia este tipo de coisa.”

“Pai.”

“O que está acontecendo aqui?” A voz da mamãe era distante. Ela já estava na cozinha, mexendo na geladeira. A comida no café da manhã deve ter sido ruim. “Quem é Sam?”

“Meu namorado.”

Com a presença da mamãe veio junto uma nuvem sempre-presente de vapores de aguarrás; ela tinha tinta em seus antebraços. Conhecendo mamãe, eu achava que ela tinha se deixado daquela maneira intencionalmente quando saiu. Ela olhou de mim para o Sam e de volta para mim, sua expressão zombeteira.

“Mãe este é o Sam. Sam, mamãe.”

Eu senti emoções rolares dos dois, acredito que não possa dizer quais exatamente.

Mamãe estava olhando fixamente para os olhos do Sam, apenas olhando e olhando, Sam parecia fixo no lugar. Eu acotovelei seu braço.

“Prazer em conhecer,” ele disse com a voz automática.

“Mãe,” eu assobiei. “Mãe. Terra para mamãe.”

Para seu crédito, ela parecia um pouco envergonhada quando saiu do transe. Ela disse para o Sam, “Seu rosto parece muito familiar.” Yeah. Certo.

Como se até mesmo uma criança não pudesse dizer que era uma desculpa para ter ficado encarando seus olhos.

“Eu costumava trabalhar na livraria no centro da cidade?” A voz do Sam era esperançosa.

Mamãe sacudiu um dedo para ele. “Aposto que é isso.” Ela sorriu para o Sam, usando seu sorriso de cem watts, apagando qualquer atrocidade social que ela possa ter cometido. “Bom, é um prazer conhecê-lo. Vou para o andar de cima trabalhar um pouco.” Ela exibiu seus braços pintados, indicando o que ela queria dizer por ‘trabalhar’ e eu senti lampejo de irritação sobre ela. Eu sabia que era apenas uma série de flertes habituais, uma reação emocional a qualquer indivíduo desconhecido que tivesse chegado à puberdade, mas ainda. Cresça.

Sam me surpreendeu dizendo, “Eu gostaria de ver o estúdio, enquanto estiver aqui, se você não se importar. Grace me disse um pouco sobre sua arte e eu adoraria vê-la.” Isso era parcialmente verdade.

Eu tinha dito a ele sobre uma mostra particularmente nauseante dela que eu tinha ido onde todos os quadros foram nomeados após os tipos de nuvens, mas eram retratos de mulheres em trajes de banho. “Significativos” arte navegava sobre minha cabeça. Eu não entendia. Eu não queria entender.

Mamãe sorriu de uma maneira plástica. Provavelmente ela pensou que a compreensão do Sam para arte significativa era similar à minha.

Olhei para o Sam duvidosa. Esse tipo de coisa não parecia com ele. Depois que mamãe desapareceu para o andar de cima no seu estúdio, eu exigi, “Você é doido por punição?”

Sam tirou o mudo da televisão na hora da mulher ser comida por alguma coisa com tentáculos. Tudo que foi deixado depois do ataque foi um braço duro com aspecto falso sobre a calçada.

“Eu apenas pensei que precisava fazer ela gostar de mim.”

“A única pessoa nessa casa que tem que gostar de você sou eu. Não se preocupe com eles.”

Sam pegou uma almofada do sofá e a abraçou, pressionando seu rosto nela. Sua voz estava abafada. “Ela pode ter que me aturar por muito tempo, sabia?”

“Quanto tempo?”

Seu sorriso era surpreendentemente doce. “O mais longo”

“Para sempre?”

Os lábios de Sam sorriram, mas embaixo deste sorriso, seus olhos amarelos ficaram tristes, como se eles soubessem que era mentira. “Mais.”

Eu diminuí a distância entre nós, encostei-me à curva de seu braço e nós voltamos a assistir o alien com tentáculos lentamente se arrastar através do sistema de esgoto de uma cidade. Os olhos do Sam tremulavam ao redor da tela, como se ele estivesse realmente vendo uma batalha intergaláctica fútil, mas eu sentei lá e tentei descobrir porque o Sam tinha mudado e eu não.

9,5 °C

Depois de ter terminado o filme de ficção científica (o mundo foi salvo, mas as vítimas civis foram muitas), eu sentei com a Grace na pequena mesa de café da manhã próxima à porta do deck e observei ela fazer sua lição de casa por um tempo. Eu estava inimaginavelmente cansado – o clima frio me corroía como uma dor, mesmo quando não podia me pegar o suficiente para me transformar – e eu teria gostado de deitar na cama da Grace ou no sofá para uma soneca. Mas o lobo dentro de mim sentia-se inquieto e incapaz de dormir com pessoas não familiares por perto. Então para me manter acordado, eu deixei a Grace no andar de baixo fazendo sua lição de casa sob a luz que chegava pela janela e fui para o andar de cima ver o estúdio.

Foi fácil de encontrar; havia apenas duas portas no hall no andar superior e um cheiro laranja de química flutuava por uma delas. A porta estava entreaberta. Eu a puxei para abrir e pisquei. Todo o lugar estava brilhantemente iluminado por lâmpadas que imitavam a luz natural e o efeito ficava entre o deserto ao meio dia e o Wal-Mart.

As paredes estavam escondidas atrás de cavaletes de telas que estavam encostados em cada superfície viável. Lindos motins de cores, figuras realísticas em poses irrealistas, formas normais em cores anormais, o inesperado em lugares comuns. As pinturas eram como cair em um sonho, onde tudo o que você sabe é apresentado de uma forma pouco familiar. *Qualquer coisa é possível nesta toca de coelho / É um espelho ou um retrato que você me deu? / Todas estas permutações do sonho de patrulha / Eu vejo esta terra encantadora de cores.*

Eu parei em frente a duas pinturas enormes encostadas em uma das paredes. As duas eram de um homem beijando o pescoço de uma mulher, poses idênticas, mas cores radicalmente diferentes. Em um deles foi usado vermelhos e roxos. Era vivo, feio, comercial. O outro era escuro, azul, lavanda, difícil de ler. Subestimado e encantador. Eu me lembrei de beijar a Grace na livraria, como eu a senti em meus braços, quente e real.

“De qual você gostou?”

A voz de sua mãe parecia brilhante e acessível. Eu imaginei que era sua voz de galeria. Aquela que ela usava para atrair as carteiras dos espectadores para que ela pudesse pegá-los.

Eu indiquei minha cabeça para o azul. “Sem competições.”

“Sério?” Ela soou genuinamente surpresa. “Ninguém nunca disse isso antes. Aquele é o mais popular.” Ela deu uns passos para o meu campo de visão e eu pude ver que ela estava apontando para o vermelho. “Já vendi centenas de cópias deste.”

“É muito bonito,” eu disse gentilmente e ela riu.

“É medonho. Você sabe como eles se chamam?” Ela apontou para o azul e então para o vermelho. “Amor e Luxúria.”

Eu sorri para ela. “Acho que falhei no meu teste de testosterona, não?”

“Porque você escolheu o Amor? Eu acho que não, mas é o que apenas eu acho. Grace me disse que era estupidez minha pintar a mesma coisa duas vezes. Ela disse que os olhos dele estão muito próximos nos dois quadros.”

Eu sorri. “Isso parece algo que ela diria. Mas ela não é uma artista.”

Sua boca mexeu em uma maneira triste. “Não. Ela é muito prática. Eu não sei onde ela arrumou esse jeito.”

Eu andei vagarosamente para o próximo conjunto de pinturas – vida selvagem andando por guarda roupas, veados empoleirados nas janelas de arranha-céus, peixes observando através de bueiros. “Isso te deixa desapontada.”

“Oh, não. Grace é apenas a Grace, e você tem que a ter da maneira que ela é.” Ela recuou, me permitindo olhar, anos de formações em boas vendas na prática subconsciente. “Eu suponho que a vida dela vai ser mais fácil porque ela vai ter um emprego normal legal e ser boa e estável.”

Eu não olhei para ela quando respondi. “Parece-me que a mãe protesta demais.”

Eu a ouvi suspirar. “Eu acho que todos querem que seus filhos se tornem como eles. Tudo o que a Grace se importa é com números, livros e de que maneira as coisas funcionam. É difícil para eu entendê-la.”

“E vice e versa.”

“Sim. Mas, você é um artista, não é? Você deve ser.”

Eu encolhi. Eu tinha notado a caixa do violão próxima à porta do seu estúdio e eu estava com um comichão para encontrar os acordes de algumas das minhas músicas que estavam na minha cabeça. “Não com a pintura. Eu toco um pouco de violão.”

Houve uma longa pausa enquanto ela me observava olhar para uma pintura de uma raposa espiando debaixo de um carro estacionado e então ela disse, “Você usa lentes de contato?”

Essa pergunta tinha sido feita para mim tantas vezes que eu não me preocupava mais em como me irritava ter que responder isso. “Nope.”

“Estou com um bloqueio terrível de pintura agora. Eu adoraria fazer um rápido estudo de você.”

Ela riu. Era um som muito autoconsciente. “Era por isso que eu estava te comendo com os olhos lá embaixo. Eu pensei que poderia fazer um estudo de cores maravilhoso, seu cabelo preto e seus olhos. Você me lembra os lobos das nossas florestas. Grace lhe disse sobre eles?”

Meu corpo endureceu. Isso era muito perto, como se ela estivesse espreitando, especialmente depois do que aconteceu com a Olivia. Meu instinto de lobo estava como uma flecha. Descer as escadas, escancarar a porta da frente e me fundir com a segurança da floresta. Levei alguns segundos para batalhar contra o desejo de correr e me convencer que não havia possibilidade

de ela saber, que eu estava lendo muito em suas palavras. Outro longo momento para eu perceber que eu estava há muito tempo sem dizer nada.

“Oh – eu não pretendo fazer isso complicado para você.” Suas palavras tropeçaram umas nas outras. “Você não tem que posar para mim. Eu sei que algumas pessoas se sentem realmente autoconscientes. E provavelmente quer voltar para o andar de baixo com a Grace.”

Senti-me obrigado recompensar minha grosseria. “Não – não, está tudo bem. Quero dizer, não me sinto autoconsciente sobre isso. Posso fazer alguma coisa enquanto você me pinta? Quero dizer, eu não tenho que ficar sentado e olhando para o espaço?”

Ela literalmente correu para o seu cavalete. “Não! Claro que não. Por que você não toca o violão? Oh, isso vai ser ótimo. Obrigada. Você pode se sentar ali, debaixo daquelas luzes.”

Enquanto eu pegava a caixa do violão, ela correu através do estúdio mais algumas vezes, pegando uma cadeira para mim, ajustando os holofotes, colocando uma folha amarela para refletir uma luz dourada em um lado do meu rosto.

“Eu tenho que tentar ficar imóvel?”

Ela fez um movimento com o pincel para mim, como se isso respondesse minha pergunta, então colocou uma nova tela em seu cavalete e apertou rios de tinta preta em sua paleta. “Não, não, apenas toque.”

Então eu afinei o violão, sentei ali na luz dourada e cantarolei canções sob meu fôlego, pensando nas inúmeras vezes em que eu sentei no sofá do Beck e toquei as músicas para o bando, em Paul tocando seu violão comigo e em nós cantando. No fundo eu ouvi um som raspando, a espátula raspando e o whuff do pincel na tela e me perguntei o que ela estava fazendo com meu rosto enquanto eu não estava prestando atenção.

“Posso ouvir seu cantarolar,” ela disse. “Você canta?”

Eu grunhi, ainda com a pegada no violão inativa.

Seu pincel nunca parava de se mover. “São suas canções?”

“Yup.”

“Você escreveu uma para a Grace?”

Eu tinha escrito centenas de canções para Grace. “Sim.”

“Eu gostaria de ouvir.”

Eu não parei de tocar, apenas modulei cuidadosamente para uma nota maior. Pela primeira vez neste ano, eu cantei em voz alta. Era o tom mais alegre que eu já tinha escrito e o mais simples.

*Eu me apaixonei por ela no verão, minha amada garota de verão
De verão ela é feita, minha amada garota de verão
Eu adoro passar o inverno com minha amada garota de verão
É verão quando ela sorri, estou rindo como uma criança
Este é o verão das nossas vidas; vamos contê-lo por um tempo
Ela tem o calor, a brisa do verão no círculo da sua mão
Eu ficaria feliz com este verão se é tudo que nós já tivemos.*

Ela olhou para mim. “Eu não sei o que dizer.” Ela me mostrou seu braço. “Fiquei arrepiada.”

Eu abaixei o violão, cuidadosamente, para que as cordas não fizessem nenhum som. De repente parecia urgente que eu passasse meus momentos, tão preciosos e contáveis, com a Grace.

Bem na hora, que eu tomei esta decisão, houve uma terrível batida no andar de baixo. Era tão alta, forte e errada que por um momento eu e sua mãe apenas fizemos uma careta um para o outro como se não pudéssemos acreditar naquele som.

Então houve um grito.

Em seguida, eu ouvi um rosnado e eu estava fora do estúdio antes que eu pudesse ouvir mais um.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS • SAM

9,5°C

Eu me lembrava da cara da Shelby quando ela me perguntou, “Você gostaria de ver minhas cicatrizes?”

“Do que?” eu respondi.

“De quando eu fui atacada. Pelos lobos.”

“Não.”

De qualquer jeito ela me mostrou. Sua barriga estava enrugada com tecido cicatricial que desaparecia por debaixo do seu sutiã. “Ficou parecendo com um hambúrguer depois que eles me morderam.”

Eu não queria saber.

Shelby não abaixou sua camiseta de volta. “Deve ser um inferno quando matamos algo. Devemos ser a pior forma de se morrer.”

CAPÍTULO TRINTA E SETE • SAM

5,5°C

Um turbilhão de emoções tomou conta de mim assim que cheguei na sala. Cruelmente, o ar gelado bateu em meus olhos e revirou meu estômago. Rapidamente meus olhos acharam o buraco irregular na porta do deck de trás; o vidro rachado parcialmente estava precariamente pendurado na moldura da porta e pedaços finos manchados de rosa estavam estilhaçados por todo o chão, refletindo a luz de volta para mim.

A cadeira da mesa de café da manhã estava virada. Parecia como se alguém tivesse jogado tinta vermelha no chão, infinitas formas manchadas irregulares jogadas pela porta da cozinha. Então eu senti o cheiro da Shelby. Por um momento permaneci parado, congelado pela ausência da Grace, pelo ar congelante e pelo cheiro de sangue e pêlo molhado.

“Sam!”

Tinha que ser a Grace, mas sua voz soava estranha e irreconhecível – alguém fingindo ser a Grace. Mexi-me, escorregando pelas manchas de sangue, agarrando a maçaneta da porta para me puxar para dentro da cozinha.

A cena era surreal na luz agradável da cozinha. Marcas de patas sangrentas apontavam a direção de onde Shelby se balançava e contorcia e Grace encurralada perto dos armários. A Grace estava lutando, chutando, mas Shelby era sólida e cheirava adrenalina. Eu vi um lampejo de dor nos olhos da Grace, honestos e abertos, antes da Shelby jogar seu corpo para longe. Eu já tinha visto esta imagem antes.

Eu já não sentia mais frio. Eu vi uma frigideira de ferro em cima do fogão e a peguei; meu braço doeu com o peso disso. Eu não queria bater na Grace – eu bati contra o quadril da Shelby.

Shelby rosnou de volta para mim, trincando os dentes. Nós não tínhamos que falar a mesma língua para saber o que ela estava me dizendo. Fique longe. Uma imagem encheu meu campo de visão, clara, perfeita, cravada: Grace

deitada no chão da cozinha, enfraquecida, morrendo, enquanto Shelby assistia. Eu estava paralisado por esta imagem caindo em meus pensamentos – deve ter sido assim quando eu mostrei para Grace a imagem da floresta dourada. Parecia como uma memória afiada, a memória da Grace lutando por ar.

Eu derrubei a frigideira e me joguei na Shelby.

Eu achei seu focinho onde ela estava pinçando o braço da Grace e me senti em volta de sua mandíbula. Pressionando meus dedos na pele tenra, eu soquei para cima, na sua traquéia, até a Shelby ganir. Ela perdeu seu aperto o suficiente para que eu empurrasse o armário com meus pés e a tirasse de cima da Grace. Nós nos debatemos pelo chão, suas unhas clicando e raspando no piso e meus sapatos rangendo e escorregando no sangue que ela derramava.

Ela rosnava embaixo de mim, furiosa, batendo no meu rosto, mas parando antes de me morder. A imagem da Grace sem vida no chão ficava passando na minha cabeça.

Lembrei-me de ossos de galinha se quebrando.

Na minha mente, eu podia ver perfeitamente como seria matar Shelby.

Ela se jogou para longe de mim, longe das minhas mãos, enquanto ela lia meus pensamentos.

“Pai, não, cuidado!” Grace gritou.

Uma arma explodiu perto.

Por um breve momento o tempo parou. Não realmente parado. Um tipo de dança com uma luz difusa, as luzes piscando e esmaecendo antes de reaparecer através do sol.

Shelby saiu do meu aperto, um peso morto, e eu caí encostado nos armários atrás de mim.

Ela estava morta, ao menos perto, porque ela estava se contorcendo. Mas tudo o que eu podia ver era a bagunça que eu tinha feito no chão da cozinha. Eu

apenas fixei o olhar nos quadrados branco do linóleo, meus olhos flutuando nas linhas entremeadas que meus sapatos tinham feito no sangue e encontrando a marca de pata vermelha no centro da cozinha que de alguma maneira estava perfeitamente preservada.

Eu não podia descobrir como eu sentia o cheiro de sangue tão forte e então olhei para baixo nos meus braços trêmulos e vi a mancha vermelha em minhas mãos, cobrindo meus pulsos. Eu tinha que lutar para lembrar que era o sangue da Shelby. Ela estava morta. Este era o sangue dela. Não o meu. Dela.

Meus pais contando ao fundo, lentamente e o sangue brotou das minhas veias.

Eu ia vomitar.

Eu estava gelado.

Eu.

“Nós temos que tirar ele daqui!” A voz da garota era dolorosamente alta no silêncio. “Levem ele para algum lugar quente. Eu estou bem. Eu estou bem. Eu apenas – me ajudem a levar ele!”

As vozes deles entravam na minha cabeça, muitas e altas. Eu senti um movimento ao meu redor, seus corpos e minha pele, girando e girando, mas bem lá no fundo, tinha uma parte que continuava completamente imóvel.

Grace. Agarrei-me a esse nome. Se eu mantivesse isso em mente, eu ficaria bem.

Grace.

Eu estava tremendo, tremendo; minha pele estava se desfazendo.

Grace.

Seus olhos me prenderam antes mesmo de eu parar de sentir seus dedos agarrando meus braços.

“Sam,” ela disse. “Não vá.”

CAPÍTULO TRINTA E OITO • GRACE

3°C

“Quem faria isso a uma criança?” Mamãe fez uma careta. Eu não tinha certeza se era por causa do que eu tinha acabado de contar a ela ou por causa do cheiro de xixi e anti-séptico do hospital.

Eu tremi e me contorci desconfortável na cama de hospital. Eu não precisava estar aqui. O corte do meu braço nem precisou de pontos. Eu só queria ver o Sam.

“Então ele é muito confuso.” Mamãe enrugou a testa para a televisão acima da cama de hospital, que estava desligada. Ela não esperou pela minha resposta. “Bom, claro. Claro que ele é. Ele tem que ser. Você não passa por isso sem ficar confuso. Pobre criança. Parece que ele está realmente sofrendo.”

Eu esperava que mamãe parasse de murmurar sobre isso a tempo antes de Sam terminar de falar com a enfermeira. Eu não queria pensar sobre a curva nos seus ombros, a forma anormal que seu corpo se transformou em resposta ao frio. E eu esperava que o Sam fosse entender porque eu contei à mamãe sobre seus pais – era melhor ela saber disso do que sobre os lobos. “Eu disse a você, mãe. É incomodo para ele se lembrar disso. Claro que ele pirou quando ele viu o sangue nos seus braços. É uma condição clássica, ou seja lá como eles chamam isso. Pesquise no Google.”

Mamãe apertou seus braços ao redor de si mesma. “Se ele não estivesse lá, acho...”

“Sim, eu poderia ter morrido, blá, blá, blá. Mas ele estava lá. Por que todo mundo está mais preocupado com isso do que eu?” Muitas marcas dos dentes da Shelby já tinham começado a ficar com hematomas feios – acho que nem de perto eu me curava tão rápido quanto Sam quando ele foi baleado.

“Porque você não tem nenhum instinto de sobrevivência, Grace. Você é como um tanque, você vai avançando, achando que nada pode te deter, até que você encontra um tanque maior. Você tem certeza que quer continuar com

alguém com esse tipo de história?” Parecia que mamãe queria esquentar sua teoria. “Ele pode ter um surto psicótico. Eu li que as pessoas têm desses quando fazem vinte e oito. Eu nunca lhe disse antes o que fazer com a sua vida. Mas e se eu – e se eu pedisse para você não ver mais ele?”

Eu não esperava isso. Minha voz estava insegura. “Eu diria que em virtude de você não ter agido como mãe até hoje, você abandonou sua habilidade de empunhar qualquer poder agora. Sam e eu estamos juntos. Isso não é uma opção.”

Mamãe ergueu suas mãos para o alto como se estivesse tentando parar o tanque-Grace de passar por cima dela.

“Okay. Ótimo. Apenas tenha cuidado, okay? Que seja. Eu vou buscar algo para beber.”

E assim, suas energias maternais tinham acabado. Ela tinha brincado de mãe nos trazendo ao hospital, vendo a enfermeira cuidar dos meus ferimentos, me avisando sobre meu namorado psicótico e agora ela tinha ido. Era óbvio que eu iria sobreviver, então ela estava de folga.

Poucos minutos depois de ela ter saído, a porta se abriu e Sam veio para o lado da minha cama, com aparência pálida e cansada sob as luzes esverdeadas. Exausto, mas humano.

“O que eles fizeram com você?” eu perguntei.

Sua boca fez um sorriso completamente sem humor. “Me fizeram um curativo no corte que já tinha sarado antes mesmo de eles colocarem. O que você disse para ela?” Ele olhou em volta procurando por minha mãe.

“Eu contei a ela sobre seus pais e disse que era isso que estava errado com você. Ela acreditou em mim. Está tudo certo. Você está bem? Você está —” Eu não tinha certeza do que eu quis perguntar.

Finalmente, eu disse, “Papai disse que ela está morta. Shelby. Acredito que ela não pode se curar como você. Foi muito rápido.”

Sam colocou a palma das mãos nos lados do meu pescoço e me beijou. Ele colocou sua testa contra a minha e nós olhamos um para o outro e parecia que ele tinha apenas um olho. “Eu vou para o inferno.”

“O que?”

Seu olho piscou. “Porque eu deveria estar me sentindo mal sobre ela estar morta.”

Eu me afastei para que pudesse ver sua expressão; estava estranhamente vazia. Eu não sabia o que dizer depois dessa informação, mas Sam me salvou pegando minhas mãos e apertando-as bem juntinhas. “Eu sei que deveria estar chateado agora. Mas eu me sinto como se tivesse me esquivado desse míssil enorme. Eu não me transformei, você está bem e no momento, ela é a menor das minhas preocupações. Eu apenas me sinto – eu me sinto bêbado.”

“Mamãe acha que você é uma mercadoria danificada,” eu disse a ele.

Sam me beijou novamente, fechou seus olhos por um momento e me beijou pela terceira vez, suavemente. “Eu sou. Você quer fugir?”

Eu não sabia se ele quis dizer do hospital ou dele.

“Sr. Roth?” a enfermeira apareceu na porta. “Você pode ficar aqui, mas você deveria se sentar para isso.”

Assim como eu, Sam teve que tomar uma série de vacinas contra raiva – procedimento básico do hospital nos casos de ataques provocados por animais. Não era como se nós pudéssemos dizer ao pessoal do hospital que o Sam conhecia o animal pessoalmente e que esse animal era homicida, mas não tinha raiva. Eu me mexi para dar espaço para o Sam que sentou ao meu lado com um olhar temeroso para a seringa nas mãos da enfermeira.

“Não olhe para a agulha,” a enfermeira avisou enquanto ela empurrava sua manga manchada de sangue com suas luvas de borracha. Sam desviou o olhar para o meu rosto, mas seus olhos estavam distantes e desfocados, sua mente estava em algum outro lugar enquanto a enfermeira enfiava a agulha no seu

braço. Enquanto eu olhava ela apertar o êmbolo da seringa, fantasiei que esta era a cura para o Sam – verão líquido direto na veia.

Houve uma batida na porta e outra enfermeira colocou seu rosto. “Brenda, você terminou?” a segunda enfermeira perguntou. “Acredito que eles precisam de você no 302. Tem uma garota enlouquecendo lá.”

“Oh, maravilha,” Brenda disse, com um profundo sarcasmo. “Vocês dois estão prontos.” Para mim ela disse, “Vou trazer a papelada para sua mãe quando eu tiver terminado.”

“Obrigada,” Sam disse e pegou minha mão. Juntos nós descemos para a entrada, e por um momento estranho, eu me senti como na primeira noite que nos conhecemos, como se o tempo não tivesse passado.

“Espere,” eu disse enquanto nós passávamos pela sala de espera da emergência e Sam deixou-me colocá-lo em um impasse. Eu procurei pela sala cheia, mas a mulher que eu pensei ter visto tinha desaparecido.

“Quem você está procurando?”

“Eu pensei ter visto a mãe da Olivia.” Eu olhei mais uma vez na sala de espera, mas havia apenas rostos desconhecidos.

Eu vi as narinas de Sam se mexer e suas sobrancelhas ficarem um pouco mais perto de seus olhos, mas ele não disse nada enquanto nós íamos em direção às portas de vidro do hospital. Do lado de fora, mamãe já tinha parado o carro na entrada, sem saber o favor que fez ao Sam.

Além do carro, pequenos flocos de neve rodando, o frio delicadamente embutido. Os olhos do Sam estavam nas árvores do outro lado do estacionamento, pouco visível nas luzes da rua. Eu me perguntei se ele estava pensando sobre o calafrio mortal que escapava pelas frestas da porta, ou sobre o corpo da Shelby que nunca mais seria humana, ou se, como eu, ele ainda estava pensando sobre a seringa imaginária cheia de verão líquido.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE • SAM

5,5°C

Minha miscelânea de vida: domingo tranquilo, café com a fragrância da Grace, a visão diferente da minha nova cicatriz em formato de lua no meu braço, o perigoso cheiro de neve no ar. Dois mundos diferentes circulando um ao lado do outro, ficando cada vez mais próximos, atados juntos de uma maneira que eu nunca imaginei.

Minha quase mudança do dia anterior ainda estava em mim, a memória sombria do odor de lobo preso no meu cabelo e dedos. Teria sido tão fácil me entregar. Mesmo agora, vinte e quatro horas depois, eu sentia como se meu corpo ainda estivesse lutando contra isso.

Eu estava tão cansado.

Eu tentei me prender a um romance, encolhido em uma cadeira mole de couro, meio cochilando. Desde que a temperatura tinha começado a descer acentuadamente nos últimos dias, nós estávamos passando nosso tempo livre no grande escritório do pai dela que não era muito utilizado. Ou então em seu quarto, que era mais quente e o lugar menos frio da casa. Eu gostava do lugar. As paredes estavam cheias com as lombadas escuras das enciclopédias, velhas demais para serem usadas, empilhadas com placas de prêmios de madeira escura por correr na maratona, muito velha para ser significativo. O escritório todo era pequeno e marrom, um buraco de coelho feito de couro escuro, cheiro de fumaça, madeira e pastas Manila: esse era um lugar para se estar seguro e produtivo.

Grace sentou na escrivaninha para fazer seu dever de casa, seu cabelo iluminado como uma pintura antiga pela luminária de mesa dourada. A maneira que ela sentou, cabeça inclinada em uma concentração teimosa, prendeu minha atenção de uma forma que o livro não conseguiu.

Eu percebi que a caneta da Grace não se mexeu por um longo tempo. Eu perguntei, “No que você está pensando?”

Ela virou a cadeira para me encarar e colocou a caneta na boca; era um gesto charmoso que me fazia querer beijá-la. “Lavadora e secadora. Eu estava pensando, quando eu me mudar, eu vou ter que usar a lavadora na lavanderia ou comprar uma lavadora e secadora.”

Eu apenas olhei para ela, eu estava extasiado e horrorizado por esse estranho olhar dentro da maneira que sua mente trabalhava. “É isso que está te distraindo do seu dever de casa?”

“Eu não estava distraída,” Grace disse duramente. “Eu estava dando a mim mesma um tempo de ler essa história curta estúpida para o Inglês.” Ela rodopiou e voltou de frente para a escrivaninha.

Por mais uns momentos houve um silêncio; ela ainda não colocou a caneta no papel. Finalmente, sem levantar a cabeça ela disse, “Você acha que há uma cura?”

Eu fechei meus olhos e suspirei. “Oh, Grace.”

Grace persistiu, “Então me diga. Isso é ciência? Ou magia? O que você é?”

“Importa o qual deles?”

“Claro,” ela disse, e sua voz era frustrada. “Magia seria intangível. Ciência tem cura. Alguma vez você já se perguntou como tudo isso começou?”

Eu não abri os olhos. “Um dia, um lobo mordeu um homem e o homem pegou isso. Magia ou ciência, é tudo o mesmo. A única coisa mágica sobre isso é que não podemos explicá-la.”

Grace não disse mais nada, mas eu podia senti-la inquieta. Eu fiquei sentado lá, silencioso, me escondendo atrás do livro, sabendo que ela precisava de palavras minhas – palavras que eu não estava disposto a falar. Eu não sabia qual de nós dois estava sendo mais egoísta – ela por esperar por algo que ninguém podia prometer, ou eu, por não prometer a ela algo que era impossivelmente muito doloroso para querer.

Antes que qualquer um de nós pudesse quebrar o silêncio desconfortável, a porta do escritório foi aberta e seu pai entrou, sua armação embaçada pela mudança de temperatura. Ele olhou o escritório, olhando as mudanças que fizemos nele. O violão pouco usado do estúdio da sua mãe apoiado contra minha cadeira. Minha pilha de livros de bolso esfarrapados em um canto da mesa. O porta canetas cheio de lápis afiados sobre sua mesa. Seus olhos pousaram na máquina de café que a Grace tinha trazido para satisfazer sua necessidade de cafeína; ele parecia tão fascinado por isso quanto eu tinha estado. Uma máquina de café tamanho criança. Para crianças que precisassem de um estimulante rápido. “Estamos em casa. Vocês tomaram conta do meu escritório?”

“Isso estava sendo negligenciado,” Grace disse, sem tirar os olhos do seu dever. “Isso é muito útil para desperdiçar. E agora você não pode tê-lo de volta.”

“Obviamente,” ele observou. Ele olhou para mim, afundado em sua cadeira. “O que você está lendo?”

Eu disse, “Bel Canto.”

“Eu nunca ouvi falar. Sobre o que é?”

Ele olhou para a capa; eu levantei para que ele pudesse olhar. “Cantores de ópera e picar cebolas. E armas.”

Para minha surpresa, a expressão do seu pai clareou-se encheu de compreensão.

“Parece com algo que a mãe da Grace poderia ler.”

Grace virou sua cadeira atrás da mesa. “Pai, o que você fez com o corpo?”

Ele piscou. “O que?”

“Depois que você atirou. O que você fez com o corpo.”

“Oh. Eu coloquei no deck.”

“E?”

“E o que?”

Grace empurrou para longe da mesa, exasperada. “E o que você fez com ele depois disso? Eu sei que você não deixou isso para apodrecer no deck.”

Um sentimento lento e doentio estava começando a bater na boca do meu estômago.

“Grace, por que isso é um problema? Tenho certeza que a mamãe tomou conta disso.”

Grace pressionou seus dedos na testa. “Pai, como você acha que a mamãe o moveu? Ela estava no hospital com a gente!”

“Eu não tinha pensado sobre isso. Eu ia ligar para o controle de animais para pegarem, as tinha desaparecido na manhã seguinte, então eu achei que um de vocês tinham ligado para eles.”

Grace fez um pequeno som estrangulado. “Pai! A mamãe não pode nem mesmo ligar para pedir uma pizza! Como ela poderia ligar para o controle de animais?”

O pai dela encolheu e agitou sua sopa. “Coisas estranhas têm acontecido. De qualquer forma isso não é a pior coisa para se preocupar. Deve ter sido levado do deck por um animal selvagem. Eu não acho que outros animais podem pegar raiva de um animal morto.”

Grace apenas cruzou seus braços e olhou para ele, como se este comentário fosse muito estúpido para ser digno de uma resposta.

“Não fique mal humorada,” ele disse e empurrou a porta com os ombros para sair.

Sua voz era dura como gelo. “Eu tenho que cuidar de tudo sozinha.”

Ele sorriu para ela ternamente, de alguma maneira reduzindo a validade de sua raiva. “Nós estaríamos perdidos sem você. Não fique acordada até muito tarde.”

A porta fechou suavemente atrás dele e Grace olhava para a prateleira de livros, para a mesa, para a porta fechada. Para todo lugar menos para meu rosto.

Eu fechei meu livro sem olhar a página. “Ela não está morta.”

“Talvez minha mãe tenha ligado para o controle de animais,” Grace disse para a mesa.

“Sua mãe não ligou para o controle de animais. Shelby está viva.”

“Sam. Fica quieto. Por favor. Nós não sabemos. Um dos outros lobos podem ter levado o corpo dela do deck. Não tire conclusões precipitadas.” Finalmente ela olhou para mim e eu vi aquela Grace, apesar de sua total incapacidade de ler as pessoas, tinha decifrado o que a Shelby era para mim. Meu passado se agarrava a mim, tentando me roubar antes mesmo do inverno.

Eu sentia que as coisas estavam se afastando de mim. Eu encontrei o paraíso e me agarrei a ele o mais firme que pude, mas ele estava escapando, uma coisa imaterial escapando entre meus dedos, muito fino para segurar.

CAPÍTULO QUARENTA • SAM

14,5 °C

E então eu procurei por eles.

Todos os dias que Grace estava na escola, eu procurei por eles, os dois lobos que eu não confiava, aqueles que deveriam estar mortos. Mercy Falls era pequena. A Floresta Boundary era – não tão pequena, mas mais familiar e talvez mais disposta a desistir dos seus segredos para mim.

Eu encontraria Shelby e Jack que os confrontaria nos meus próprios termos.

Mas Shelby não tinha deixado pistas no deck, então talvez ela tivesse realmente ido. E Jack, também, não estava em lugar nenhum – uma pista morta e fria. Um fantasma que não tinha deixado um corpo para trás. Eu senti como se tivesse que vasculhar toda a região atrás de uma pista dele.

Eu esperava – com uma vaga esperança – que ele tivesse morrido, também, e cessado de ser um problema. Que tivesse sido atropelado por um veículo do Departamento de Transporte e jogado em uma vala em qualquer lugar. Mas não havia pistas margeando as estradas, nenhuma árvore marcada, nenhum cheiro de um lobo recém transformado no estacionamento da escola. Ele tinha desaparecido completamente assim como neve no verão.

Eu deveria estar agradecido. Desaparecido significa discreto. Desaparecido significava que ele não era mais um problema meu.

Mas eu não podia simplesmente aceitar isso. Nós lobos fazemos muita coisa: transformamos, escondemos, cantamos sob a lua pálida e solitária – mas nunca desaparecemos completamente. Humanos desaparecem. Humanos fazem de nós monstros.

CAPÍTULO QUARENTA E UM • GRACE

12°C

Sam e eu éramos como os cavalos de um carrossel. Nós seguimos as mesmas pistas novamente – casa, escola, casa, escola, livraria, casa, escola, casa, etc. – mas nós estávamos realmente circulando o grande problema sem nunca chegar perto dele. No centro dele: Inverno. Frio. Perda.

Nós não falamos sobre a iminente possibilidade, mas eu sempre sentia o arrepio da sombra disso em nós. Uma vez li uma história, na verdade em uma coleção de mitos gregos, sobre um homem chamado Damocles que tinha uma espada pendurada sobre seu trono, presa por apenas um fio de cabelo. Isso era como a gente - a humanidade do Sam pendurada por um fino fio.

Na segunda feira, assim como no carrossel, estávamos de volta à escola como sempre. Embora fizesse apenas dois dias que a Shelby tinha me atacado, até mesmo os arranhões tinham sumido. Parece que eu tenho um pouco da cura de lobisomem dentro de mim.

Eu estava surpresa ao perceber que a Olivia não estava lá. No ano passado, ela não tinha perdido um único dia.

Eu fiquei esperando por ela entrar em uma das duas aulas que assistimos juntas antes do almoço, mas ela não veio. Eu fiquei olhando para sua carteira vazia na sala de aula. Ela podia apenas estar doente, mas parte de mim, a que eu estava tentando ignorar, dizia que havia mais. No quarto período, eu sentei no meu lugar de costume ao lado da Rachel. “Rachel, hey, você tem visto a Olivia?”

Rachel virou para mim. “Huh?”

“Olivia. Ela não tem aula de ciências com você?”

Ela encolheu. “Eu não ouvi sobre ela desde sexta. Eu tentei ligar para ela e a mãe dela disse que ela estava doente. Mas e você, florzinha? Onde esteve neste fim de semana? Você não ligou nem escreveu.”

“Fui mordida por um guaxinim,” eu disse. “Tive que tomar vacinas contra raiva e tirei o domingo pra dormir. Para ter certeza que eu não ia soltar espuma pela boca e atacar as pessoas.”

“Tosco. Onde ele te mordeu?”

Eu fiz um gesto no meu jeans. “Tornozelo. Não parece ser muita coisa. Estou preocupada com a Olivia. Não consigo falar com ela pelo telefone.”

Rachel fez uma careta e cruzou as pernas; ela estava como sempre, usando listras, dessa vez era uma meia calça listrada. Ela disse, “Nem eu. Você acha que ela está nos evitando? Ela ainda está brava com você?”

Eu balancei a cabeça. “Eu acho que não.”

Rachel fez mais uma careta. “Nós estamos bem, certo? Quero dizer, nós não temos conversado muito. Sobre as coisas. Coisas que estão acontecendo. Mas nós não estamos, você sabe, conversando sobre isso. Ou indo uma na casa da outra. Ou sei lá.”

“Nós estamos bem,” eu disse firmemente.

Ela esticou suas listras com as cores do arco íris e mordeu o lábio antes de falar, “Você acha que nós deveríamos, você sabe, ir até a casa dela e ver se conseguimos falar com ela?”

Eu não respondi imediatamente e ela não pressionou. Este era um terreno estranho para nós duas: nunca tínhamos precisado trabalhar para o trio permanecer junto. Não sei se, ir atrás da Olivia era a coisa certa a se fazer ou não. Parecia um pouco drástico, mas quanto tempo tinha se passado desde a última vez que a tinha visto ou falado com ela? Eu disse vagarosamente, “O que você acha de esperarmos até o final da semana? Se não ouvirmos nada sobre ela até lá, então nós...?”

Rachel acenou com a cabeça, parecendo aliviada. “Coolio.”

Ela se virou na cadeira enquanto o Sr. Rink, na frente da sala de aula, limpava sua garganta para chamar nossa atenção. Ele disse, “Okay, vocês provavelmente vão ouvir isso várias vezes hoje dos outros professores, mas não saiam por aí lambendo os bebedouros de água e nem beijando estranhos, okay? Porque o Departamento de Saúde reportou alguns casos de meningite nesta parte do Estado. E você pega isso de – alguém? Secreção! Muco! Beijando e lambendo! Não façam isso!”

Houve vaias de apreciação no fundo da sala.

“Desde que vocês não façam nada disso, vamos fazer alguma coisa quase boa. Estudos Sociais! Abram seus livros na página cento e doze.”

Eu olhei para a porta de entrada pela centésima vez, esperando ver a Olivia entrar, e abri meu livro.

Quando a aula parou para o almoço, eu fui para o corredor e liguei na casa da Olivia. Tocou doze vezes antes de cair na caixa de mensagens. Eu não deixei uma mensagem; se ela estava matando aula por alguma razão, outra que não por doença, eu não gostaria que a mãe dela pegasse a mensagem que perguntava onde ela estava durante um dia escolar. Eu estava para fechar meu armário quando eu notei um pequeno bolso da minha mochila estava com o zíper aberto. Um pedaço de papel sobressaiu com o meu nome escrito nele. Eu o abri, minhas bochechas esquentaram inesperadamente quando eu reconheci a caligrafia fina e bagunçada do Sam.

‘DE NOVO E DE NOVO, DE QUALQUER MANEIRA, NÓS CONHECEMOS A LINGUAGEM DO AMOR, E O PEQUENO CEMITÉRIO COM SEUS NOMES TOSCOS E O SURPREENDENTE ABISMO DE SEGREDOS EM QUE OS OUTROS ENCONTRAM SEU FIM: DE NOVO DE NOVO NÓS DOIS VAMOS PARA BAIXO DAS ÁRVORES ANTIGAS, FAZEMOS NOSSA CAMA DE NOVO E DE NOVO ENTRE AS FLORES, DE FRENTE PARA OS CÉUS.’

ISSO É RILKE. EU GOSTARIA DE TER ESCRITO ISSO PRA VOCÊ.

Eu não tinha entendido isso inteiramente, mas, pensando no Sam, eu li em voz alta, murmurando as palavras para mim mesma. Na minha boca, as formas das palavras tornaram-se lindas. Eu senti um sorriso no meu rosto, mesmo sem ninguém por perto para ver isso. Minhas preocupações ainda estavam lá, mas

por um momento, eu flutuei sobre elas, esquentando-me com as lembranças do Sam.

Eu não queria dissipar minha calma, a lanchonete era barulhenta com seus sentimentos vivos, então fui para a sala de aula vazia do meu próximo período e sentei. Colocando meu livro de inglês na mesa, eu ajeitei o bilhete na mesa e li novamente.

Sentada na sala vazia e escutando o barulho dos estudantes na lanchonete ao longe, eu lembrei a sensação de mal estar que tive na aula e fui mandada para a enfermaria da escola. A sala da enfermeira tinha a mesma sensação abafada de distância, como um satélite no planeta barulhento que era a escola. Eu tinha passado muito tempo lá depois que os lobos me atacaram, sofrendo com aquela gripe que provavelmente não era gripe.

Por uma quantidade imensurável de tempo, eu olhei para o celular aberto, pensando sobre ser mordida. Sobre ficar doente por causa disso. Sobre ter melhorado. Por que eu era a única que tinha conseguido isso?

“Você mudou de idéia?”

Ergui meu queixo com o som da voz e me vi olhando para Isabel na mesa próxima a minha. Para minha surpresa ela não estava tão perfeita quanto o normal; ela tinha olheiras debaixo dos olhos que estavam apenas parcialmente escondidas com a maquiagem e não tinha nada para disfarçar seus olhos vermelhos. “Como?”

“Sobre Jack. Sobre saber alguma coisa sobre ele.”

Eu olhei para ela, desconfiada. Eu ouvi uma vez que os advogados nunca fazem uma pergunta que eles já não saibam a resposta, e a voz da Isabel era surpreendentemente confiante.

Ela colocou o braço longo e artificialmente bronzeado na bolsa e tirou um maço de papel. Ela jogou em cima do meu livro de poesia. “Sua amiga derrubou essas.”

Levei um momento para perceber que isso era um maço de papéis fotográficos brilhantes e aquelas imagens na minha frente deveriam ser impressões digitais da Olivia. Meu estômago se revirou.

As primeiras fotos eram da floresta, nada particularmente extraordinário. E então tinha os lobos. O lobo tigrado louco, meio escondido pelas árvores. E o lobo preto – Sam tinha me dito o nome dele? Eu hesitei, meus dedos no limite da página, pronto para virar para a próxima. Isabel estava visivelmente tensa ao meu lado, preparando-se para eu ver o que estava na próxima folha. Eu sabia que o que quer que seja que a Olivia tinha capturado na foto ia ser difícil de explicar.

Finalmente, impaciente, Isabel inclinou sobre o espaço entre nossas carteiras e pegou algumas fotos do topo da pilha. “Apenas vire a página.”

Era uma foto do Jack. Jack como lobo. Um close-up dos seus olhos na face de um lobo.

E as próximas eram do próprio Jack. Como humano. Pelado.

A imagem tinha um tipo de poder artístico rústica, quase como uma pose, o modo como os braços do Jack estavam curvados em volta do seu corpo, sua cabeça virada sobre seus ombros em direção à câmera, mostrando os arranhões nas suas costas longas e pálidas.

Eu mastiguei meus lábios e olhei para sua face nas duas fotos. Nenhuma foto dele mudando, mas a similaridade dos olhos era devastador. O close-up do rosto do lobo – essa era uma foto que valia dinheiro. E então isso me atingiu, o que aquelas fotos significavam realmente, a verdadeira importância. Não que a Isabel soubesse. Mas o que a Olivia sabia. Olivia tinha tirado estas fotos, então é claro que ela deveria saber. Mas por quanto tempo e por que ela não tinha me contado?

“Diga alguma coisa.”

Finalmente, eu olhei das fotos para Isabel. “O que você quer que eu diga?”

Isabel fez um pequeno som irritado. “Você viu as fotos. Ele está vivo. Ele está bem aí.”

Eu olhei de volta para o Jack, saindo da floresta. Ele parecia frio em sua nova pele. “Eu não sei o que você quer que eu diga. O que você quer de mim?”

Ela parecia estar lutando consigo mesma. Por um segundo, ela parecia que talvez fosse me dar um tapa e então ela fechou os olhos. Ela os abriu e olhou para longe, para o quadro branco. “Você não tem um irmão, tem? Qualquer irmão, certo?”

“Não. Sou filha única.”

Isabel encolheu. “Então não sei como eu posso explicar. Ele é meu irmão. Eu achava que ele estava morto. Mas não está. Ele está vivo. Ele está bem aí, mas eu não sei onde. Eu não sei o que é isso. Mas eu acho – eu acho que você sabe. Só você pode me ajudar.” Ela olhou para mim e seus olhos lampejaram cruelmente. “O que eu tenho feito para você?”

Eu tropecei nas palavras. A verdade era que Jack era seu irmão. Parecia que ela deveria saber. Se apenas não fosse a Isabel perguntando. Eu disse, “Isabel... você deve saber porque tenho medo de falar com você. Sei que você não fez nada para mim pessoalmente. Mas eu conheço pessoas que você destruiu. Apenas... me diga porque eu deveria confiar em você.”

Isabel pegou as fotos e enfiou-as de volta na bolsa. “Como você disse. Porque eu nunca fiz nada pra você. Ou talvez porque o que eu acho que há de errado com o Jack – eu também acho que há de errado com seu namorado.”

Eu estava anormalmente paralisada pelo pensamento das fotos que eu não tinha visto naquele monte. Sam estava lá? Talvez Olivia soubesse dos lobos pela mesma quantidade de tempo que eu sabia – eu tentei recapitular exatamente o que a Olivia tinha dito durante nossa discussão, tentando lembrar qualquer duplo sentido. Isabel estava olhando para mim, esperando que eu dissesse alguma coisa e eu não sabia o que dizer. Finalmente eu rebati, “Okay, pare de me encarar. Deixe-me pensar.” A porta da sala de aula bateu enquanto os estudantes começavam a passar por ela e entrar na sala. Eu tirei uma folha do meu caderno e anotei o número do meu telefone nela. “Esse é o número do meu celular. Ligue-me depois da escola e vamos descobrir um lugar para nos encontrarmos. Eu acho.”

Isabel pegou o número. Eu esperei ver satisfação em seu rosto, mas para minha surpresa, ela parecia tão enjoada quanto eu. Os lobos eram um segredo que ninguém queria compartilhar.

“Nós temos um problema.”

Sam virou-se no banco do motorista para olhar para mim. “Você não deveria ainda estar em aula?”

“Eu saí mais cedo.” A última aula era de Artes. Ninguém ia sentir minha falta e da minha medonha escultura de argila e arame. “Isabel sabe.”

Sam piscou lentamente. “Quem é Isabel?”

“A irmã do Jack, lembra?” Eu diminuí o aquecedor – Sam tinha deixado quente como o inferno – e joguei minha mochila perto dos meus pés. Eu expliquei o confronto para ele, deixando de lado como era arrepiante a foto do Jack como humano. “Não tenho idéia do que eram as outras fotos.”

Sam passou imediatamente por cima da questão Isabel. “Eram fotos da Olivia?”

“Yeah.”

Preocupação estava escrita no seu rosto. “Eu me pergunto se isso tem alguma coisa a ver com a maneira como Olivia estava na livraria. Comigo.” Quando eu não respondi, ele olhou para o volante, ou para alguma coisa que estava apenas passando. “Se ela sabe o que somos, faz com que o ponto central do seu comentário seja completamente lógico. Ela está tentando tirar uma confissão de nós.”

Eu disse, “Yeah, verdade. Isso faria muito sentido.”

Ele suspirou pesadamente. “Logo eu penso no que Rachel disse. Sobre o lobo que estava na casa da Olivia.”

Eu fechei meus olhos e os abri novamente, ainda vendo a imagem do Jack com seus braços em volta de si mesmo. “Ugh. Eu não quero pensar nisso. E a Isabel? Eu não posso evitá-la. E não posso continuar mentindo; eu pareço uma idiota.”

Sam deu um meio sorriso para mim. “Bem, eu poderia perguntar para você que tipo de pessoa que ela é e o que você acha que deveríamos fazer —”

“— mas eu sou uma merda para ler as pessoas,” eu terminei por ele.

“Você disse isso, não eu. Apenas se lembre disso.”

“Okay, então o que faremos? Por que parece que eu sou a única no modo pânico aqui? Você está completamente... calmo”

Sam encolheu. “Provavelmente pela total falta de preparação para tal coisa. Eu não acho que eu saiba qual o plano antes de encontrá-la. Se eu tivesse falado com ela quando ela tinha as fotos, talvez eu estivesse preocupado, mas neste momento, eu não posso pensar nisso concretamente. Eu não sei, Isabel parece um nome prazeroso.”

Eu ri. “Ta amarrando seu burro na árvore errada.”

Ele fez uma careta melodramática e a triste agonia distorcida foi tão exagerada que me fez sentir melhor. “Ela é horrorosa?”

“Eu costumava achar que sim. Agora?” Eu encolhi. “Inocente até que se prove o contrário. Então o que faremos?”

“Acho que temos que nos encontrar com ela.”

“Nós dois? Onde?”

“Sim nós dois. Isso não é um problema só seu. Não sei. Algum lugar calmo. Algum lugar que eu possa senti-la antes de decidir o que vamos contar a ela.” Ele franziu a testa. “Ela não seria o primeiro membro de família a ficar sabendo.”

Eu sabia pela sua franzida de testa que ele não estava falando sobre seus pais – sua expressão não teria mudado se ele estivesse falando deles. “Ela não seria?”

“A esposa do Beck sabia.”

“No passado?”

“Câncer de mama. Foi antes de mim. Eu nunca a conheci. Eu apenas descobri sobre ela por causa do Paul e por acidente. Beck não queria que eu soubesse dela. Eu acho que porque a maioria das pessoas não lida bem com isso e ele não queria que eu pensasse que eu poderia sair por aí e ter uma linda esposa, ou qualquer coisa assim.”

Parecia injusto, que essas duas tragédias pudessem acontecer com um casal. Eu percebi, muito tarde para comentar, que eu quase perdi a amargura estranha em sua voz. Eu pensei em dizer alguma coisa, perguntar a ele sobre o Beck, mas o momento tinha passado, perdido no barulho enquanto o Sam ligava o rádio e pisava no acelerador.

Ele tirou o Bronco da vaga do estacionamento, franzindo a testa com um pensamento.

“As regras que vão para o inferno,” Sam disse. “Quero me encontrar com ela.”

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS • SAM

12°C

As primeiras palavras que ouvi Isabel dizer foram: “Posso perguntar por que diabos estamos fazendo quiche ao invés de falar sobre meu irmão?” Ela tinha acabado de descer de uma grande SUV branca que tomou conta de praticamente toda a entrada da garagem. A primeira impressão que tive dela foi a altura – provavelmente por causa dos saltos de doze centímetros em uma bota de chutar bundas que ela usava – seguido por cachos – porque sua cabeça tinha mais disso do que uma boneca de porcelana.

“Não,” Grace disse e amei-a pela maneira que disse isso, sem negociações.

Isabel fez um som, que se convertido em um míssil, seria vitríolo o suficiente para extinguir um pequeno país. “Então posso perguntar quem é ele?”

Eu olhei para ela a tempo de vê-la checar minha bunda. Ela olhou para longe rapidamente enquanto eu ecoava, “Não.”

Grace nos conduziu para casa. Virando para Isabel na frente da porta de entrada, ela disse, “Não pergunte nada sobre o Jack, minha mãe está em casa.”

“É você, Grace?” A mãe da Grace chamou do andar de cima.

“Sim! Nós vamos fazer quiche!” Grace tirou seu casaco e fez uma menção para nós fazermos o mesmo.

“Eu trouxe algumas coisas de volta do estúdio, apenas as tire do seu caminho!” Sua mãe gritou de volta.

Isabel franziu o nariz e manteve-se com seu casaco, deixando suas mãos nos bolsos e se afastando enquanto a Grace empurrava as caixas para perto da parede da sala para limpar o caminho através da desordem. Isabel parecia completamente fora de lugar na confortável cozinha abarrotada. Eu não conseguia decidir se seus cachos perfeitamente artificiais faziam o linóleo do

chão não tão branco parecer mais patético, ou se o antigo piso rachado fazia com que seu cabelo parecesse mais perfeito e falso. Até agora, eu não tinha percebido a cozinha como um lugar puído.

Isabel se afastou ainda mais quando a Grace arregaçou as mangas e lavou suas mãos na pia.

“Sam, você ligaria o rádio e acharia alguma coisa legal?”

Eu encontrei um pequeno rádio portátil sobre o balcão ao lado de potes de sal e açúcar e o liguei.

“Deus, nós vamos realmente fazer quiche,” Isabel gemeu. “Eu achei que era um código para alguma outra coisa.” Eu sorri para ela e ela pegou meu olhar e fez uma expressão de agonia. Mas sua expressão era muito exagerada – eu não acreditei inteiramente em sua angústia. Alguma coisa em seus olhos me fez pensar que ela estava ao menos curiosa quanto a situação. E a situação era essa: eu não iria confiar em Isabel até que eu tivesse certeza de que tipo de pessoa ela era.

A mãe da Grace entrou, cheirando laranja perfumada. “Oi Sam. Você também está fazendo quiche?”

“Tentando,” eu disse sinceramente.

Ela riu. “Que divertido. Quem é essa?”

“Isabel,” Grace disse. “Mãe, você sabe onde está o livro verde de receitas? Eu sempre o deixo aqui. Tem a receita de quiche nele.”

A mãe dela deu de ombros, impotente e ajoelhou-se perto de uma das caixas no chão. “Ele deve ter saído andando. O que está tocando nessa rádio? Sam, você pode fazer algo melhor que isso.”

Enquanto Grace procurava em alguns livros de culinária empilhados em um canto do balcão, eu mexi nas estações do rádio até que a mãe da Grace disse, “Pare bem aí!” quando eu tinha chego a umas batidas funky parecendo uma

estação de pop. Ela afirmou com a cabeça, segurando uma caixa. “Acho que meu trabalho está feito aqui. Divirtam-se crianças. Eu volto... qualquer hora.”

Grace mal pareceu notar sua mãe saindo. Ela fez um gesto para mim. “Isabel, ovos, queijo e leite estão na geladeira. Sam nós precisamos fazer a base da crosta da torta. Você pode pré aquecer o forno para quatrocentos e cinqüenta e pegar algumas panelas para nós?”

Isabel estava olhando para dentro da geladeira. “Aqui tem, tipo, oitocentos tipos de queijo. Todos parecem ser iguais.”

“Você vai para o forno, deixe o Sam pegar o queijo e as outras coisas. Ele conhece comida,” Grace disse. Ela estava nas pontas dos pés para pegar a farinha em um armário no alto; alongando seu corpo maravilhosamente e fazendo com que eu quisesse tocar com más intenções a pele exposta na parte de baixo da suas costas. Mas então ela pegou a farinha e eu perdi minha chance, então eu troquei de lugar com a Isabel, pegando um queijo mais duro, ovos, leite e coloquei tudo no balcão.

Grace já estava envolvida com a quantidade de farinha na tigela ao mesmo tempo que eu tinha terminado de quebrar os ovos e mexendo em alguma maionese. De repente a cozinha estava cheia de atividades, como se fôssemos uma legião.

“Que diabos é isso?” Isabel quis saber, olhando para um pacote que a Grace tinha dado para ela.

Grace bufou com uma risada. “São cogumelos.”

“Parece que isso saiu da parte traseira de uma vaca.”

“Eu gosto da vaca,” Grace disse, passando pela Isabel e inclinando para pegar um pouco de manteiga e jogar na panela.

“Sua bunda valeria um milhão. Frite-os por alguns minutos e eles vão ficar bonitos e gostosos.”

“Por quanto tempo?”

“Até eles ficarem gostosos,” eu repeti.

“Você ouviu o garoto,” Grace disse. Ela levantou a mão. “Panela!”

“Ajude-a,” eu disse para Isabel. “Vou tomar conta do gostoso já que você não consegue.”

“Eu já sou gostosa,” Isabel murmurou. Ela deu duas caçarolas para a Grace, e a Grace habilmente desdobrou a torta – magicamente – no fundo de cada uma. Ela começou a mostrar para Isabel como frisar as bordas. O processo todo parecia bem gasto; eu tinha uma idéia que a Grace poderia ter feito tudo isso muito mais rápido sem eu e Isabel no seu caminho.

Isabel me pegou sorrindo para minha visão das duas frisando a base do quiche. “Para o que você está sorrindo? Cuide dos seus cogumelos!”

Eu recuperei os cogumelos a tempo e adicionei o espinafre que a Grace tinha colocado em minhas mãos.

“Meu rímel.” A voz de Isabel subiu em um clamor crescente, eu olhei para ver ela e Grace rindo e chorando enquanto cortavam as cebolas. Então o cheiro pequeno e poderoso da cebola bateu no meu nariz e também queimou meus olhos.

Eu ofereci minha panela com fritura para elas. “Jogue isso aí. Vai melhorar um pouco.”

Isabel raspou cortando as bordas da base na caçarola e a Grace bateu na minha bunda com a mão coberta de farinha. Eu virei meu pescoço tentando ver se ela tinha deixado uma marca, enquanto Grace esfregou a mão na sobra da farinha para ter uma melhor cobertura e tentou novamente.

“Essa é a minha música!” Grace anunciou de repente. “Aumenta! Aumenta!”

Era a Mariah Carey na pior forma possível, mas era muito correta para o momento. Eu aumentei o volume até as pequenas caixas de som ressoar contra

as latas perto deles. Eu agarrei a mão da Grace e puxei-a para mim, começamos a dançar como se fôssemos os tais, terrivelmente desajeitados e insuportavelmente sexys, seu aperto contra mim, mãos no ar, meus braços em volta de sua cintura, muito baixo para ser casto.

Pensei comigo mesmo, a vida é mensurada por momentos como esse. Grace inclinou sua cabeça para trás, o pescoço longo e pálido contra meu ombro, para encontrar em minha boca um beijo e bem antes que eu pudesse lhe dar um, eu vi o olhar melancólico de Isabel enquanto minha boca tocava a Grace.

“Diga-me quanto tempo tenho que ajustar o timer,” Isabel disse, pegando meu olhar e olhando para longe. “E então podemos conversar...?”

Grace ainda estava inclinada contra mim, segura em meus braços, coberta de farinha e tão inteiramente comestível que me doía querer ficar sozinho com ela, aqui, agora. Ela fez um gesto preguiçoso para o livro de receitas aberto no balcão, bêbada com minha presença. Isabel consultou a receita e ligou o timer.

Houve um momento de silêncio quando percebemos que tínhamos terminado e então tomei fôlego e encarei a Isabel. “Okay, vou te contar o que há de errado com o Jack.”

Isabel e Grace pareceram assustadas.

“Vamos nos sentar,” Grace sugeriu, saindo dos meus braços. “A sala de estar é por aqui. Vou pegar café.”

Então Isabel e eu fomos para a sala. Assim a cozinha, a sala estava desordenada de uma maneira que eu não tinha percebido antes até Isabel estar nela. Ela teve que mudar de lugar uma pilha de roupas para passar para que pudesse sentar no sofá. Eu não queria me sentar próximo a ela, então sentei em uma cadeira de balanço do outro lado.

Olhando para mim com o canto do olho, Isabel perguntou, “Por que você não é como o Jack? Por que você não fica mudando toda hora?”

Eu não hesitei; se a Grace não tivesse me avisado sobre o quanto a Isabel tinha adivinhado, eu provavelmente teria. “Estou assim há mais tempo. Você fica mais estável com o passar do tempo. A princípio você fica mudando todo o tempo. A temperatura tem um pouco a ver com isso, mas não tanto como mais tarde.”

Imediatamente ela lançou outra: “Você fez isso com o Jack?”

Eu deixei a repulsa transparecer no meu rosto. “Eu não sei quem fez isso. Existe alguns de nós e nem todos somos pessoas legais.” Eu não disse nada sobre a arma do seu irmão.

“Por que ele está tão irado?”

Eu encolhi. “Não sei. Por que ele é uma pessoa nervosa?”

A expressão da Isabel ficou... Aguçada.

“Olha, ser mordido não te transforma em um monstro. Apenas te transforma em um lobo. Você é o que é. Quando você é um lobo, ou quando você está mudando, você não tem inibições humanas, então se você é naturalmente nervoso ou violento, você fica pior.”

Grace entrou na sala, carregando cuidadosamente três xícaras de café. Isabel pegou uma com um castor desenhado do lado e eu peguei uma com o nome de um banco escrito. Grace se juntou à Isabel no sofá.

Isabel fechou os olhos por um segundo. “Okay. Então me deixe ver se entendi isso direito. Meu irmão não foi realmente morto por lobos. Ele foi apenas atacado por eles e então se transformou em um lobisomem? Desculpe, mas me perdi na coisa do não-morto. E isso não teria a ver com luas, balas de prata e bandos e coisas assim?”

“Ele se curou, mas levou um tempo,” eu disse a ela. “Ele não tinha morrido na verdade. Eu não sei como ele escapou do ataque. A lua e a bala de prata são apenas mitos. Eu não sei como explicar isso. É uma – é uma doença que piora com o frio. Eu acho que o mito da lua tem a ver com o frio da noite, então

quando somos novos, nós nos transformamos em lobos em muitas noites. Então as pessoas pensam que a lua causa isso.”

Parece que a Isabel está levando tudo isso muito bem. Ela não desmaiou e não cheira medo.

Ela bebericou o café. “Grace, isso é horrível.”

“É instantâneo,” Grace se desculpou.

Isabel perguntou, “Então, meu irmão me reconhece quando ele é um lobo?”

Grace olhou para meu rosto; eu não pude olhar de volta para ela quando respondi. “Um pouco provavelmente. Alguns de nós não nos lembramos de nada de nossas vidas quando somos lobos. Alguns de nós nos lembramos um pouco.”

Grace desviou o olhar, bebendo seu café, fingindo que não se importava.

“Existe um bando?”

Isabel fazia boas perguntas. Eu confirmei com a cabeça. “Mas Jack ainda não os encontrou. Ou eles ainda não o encontraram.”

Isabel passou os dedos na alça da sua xícara de café por um tempo. Finalmente ela olhou de mim para Grace e de volta para mim. “Okay, qual é a sacada aqui?”

Eu pisquei. “O que você quer dizer?”

“Eu quero dizer que você está sentado aqui conversando e a Grace está aqui tentando fingir que está tudo bem, mas não está tudo bem, está?”

Acho que não pude ficar mais surpreso pela sua intuição. Você não consegue escalar o topo da cadeia alimentar do ensino médio sem ser capaz de ler as pessoas. Eu olhei para dentro da minha xícara cheia de café ainda. Eu não gosto de café – muito forte e com sabor amargo. Tenho sido um lobo por muito tempo; perdi meu gosto para isso. “Nós temos data para expirar. Quanto mais

tempo você foi mordido, menos frio você precisa para te transformar em lobo. E precisamos de mais calor para nos transformar em humanos. Eventualmente não nos transformamos em humanos novamente.”

“Quanto tempo?”

Eu não olhei para a Grace. “Varia de lobo para lobo. Anos e anos para a maioria.”

“Mas não para você.”

Cala a boca Isabel. Eu não queria testar ainda mais a expressão da Grace. Eu apenas chacoalhei a cabeça, levemente, esperando que a Grace estivesse realmente olhando para a janela e não para mim.

“E se você morasse na Florida, ou algum lugar bem quente?”

Eu estava aliviado de deixar de ser o tópico da conversa. “Alguns de nós tentaram isso. Não funcionou. Apenas o deixa supersensível ao menor sinal de mudança de temperatura.” Ulrik, Melissa e um lobo chamado Bauer tinham ido para Texas um ano na esperança de enganar o inverno. Eu ainda me lembro de um telefonema excitado do Ulrik após algumas semanas sem mudanças – e então sua volta deprimida, sem o Bauer, depois que eles passaram por uma porta entreaberta de uma loja de ar condicionados e Bauer tinha instantaneamente mudado de forma. Aparentemente, o Centro de Controle de Animais do Texas não acreditam em armas com tranqüilizantes.

“E o Equador? Onde a temperatura nunca muda?”

“Eu não sei.” Eu tentei não soar exasperado. “Nenhum de nós decidiu ir para uma floresta chuvosa, mas vou ter isso em mente quando ganhar na loteria.”

“Não precisa ser um idiota,” Isabel disse, colocando sua xícara de café em cima de monte de revistas. “Eu só estava perguntando. Então qualquer um que é mordido se transforma?”

Todos com exceção daquela que eu gostaria de manter comigo. “Basicamente isso.” Eu ouvi minha voz, quanto cansada soou e eu não liguei.

Isabel franziu os lábios e eu achei que ela iria pressionar mais, mas ela não fez isso. “Então é isso mesmo. Meu irmão é um lobisomem e não tem cura.”

Os olhos da Grace se estreitaram e eu desejei saber o que ela estava pensando. “Yeah. Você entendeu. Mas você já sabia de tudo isso. Então porque nos perguntou?”

Isabel encolheu. “Eu acho que estava esperando alguém pular detrás da cortina e dizer ‘Whoopie-friggin-doo’⁹ te enganou! Nada de lobisomens. No que você estava pensando?”

Eu queria falar para ela que não havia realmente nada dessa coisa de lobisomens. Que havia humanos e havia lobos; e que alguns de nós estavam na forma de um ou de outro. Mas eu estava muito cansado, então não disse nada.

“Diga-me que você não vai contar a ninguém.” Grace falou abruptamente. “Eu não acho que você tenha falado ainda, mas você não pode dizer para ninguém agora.”

“Você acha que eu sou idiota? Meu pai atirou em um dos lobos por que ele estava irado com isso. Você acha que eu vou tentar dizer a ele que o Jack é um deles? E minha mãe já está medicada até o rabo. Yeah, ela seria de grande ajuda. Eu vou ter que lidar com isso sozinha.”

Grace trocou um olhar comigo que dizia, bom palpite, Sam.

“E quanto a nós,” Grace acrescentou. “Vamos te ajudar quando pudermos. Jack não tem que ficar sozinho, mas nós temos que o encontrar primeiro.”

Isabel limpou uma partícula invisível de pó de sua bota, como se ela não soubesse o que fazer com a bondade. Finalmente, ela disse, ainda olhando para a bota, “Eu não sei. Ele não era uma pessoa legal da última vez que o vi. Não sei se quero encontrá-lo.”

⁹ É um programa de TV que faz pegadinhas com as pessoas.

“Sinto muito,” eu disse.

“Pelo que?”

Por não ser capaz de dizer a você o mau comportamento dele veio da mordida e irá embora. Eu encolhi. Eu senti que estava fazendo muito isso. “Por não ter boas notícias.”

Houve um zunido baixo e irritante na cozinha.

“O quiche está pronto,” Isabel disse. “Pelo menos um prêmio de consolação.” Ela olhou para mim e depois para a Grace. “Então logo ele vai deixar de ficar mudando a toda hora, certo? Porque o inverno já está quase aí?”

Eu confirmei com a cabeça.

“Bom,” Isabel disse, olhando para a janela em direção aos galhos nus das árvores. Olhando para as árvores onde agora era a casa de Jack, e em breve, a minha. “Não pode chegar cedo o suficiente.”

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS • GRACE

7°C

Eu era um zumbi da insônia. Eu era...

Ensaio de Inglês.

A voz do Sr. Rink.

A luz fluorescente piscando acima da minha mesa.

Aula avançada de Biologia.

O rosto de pedra da Isabel.

Olhos pesados.

“Terra para Grace,” a Rachel disse, dando uma cotovelada em mim enquanto ela passava pela calçada.

“É a Olivia. Eu não tenho visto ela na sala de aula, e você?”

Eu segui o olhar da Rachel para as crianças que aguardavam o ônibus escolar. Olivia estava entre eles, pulando para se manter aquecida. Sem a câmera. Eu pensei nas fotos. “Eu tenho que falar com ela.”

“Sim. Você tem,” Rachel disse. “Porque vocês precisam estar se falando antes das nossas férias quentes, lugares quentes nesse Natal. Eu iria com você, mas papai está esperando, e ele tem um compromisso em Dukuth. Ele vai ficar todo nervosinho se eu não der o fora daqui neste segundo. Depois me conta o que ela disse!”

Ela correu pelo estacionamento e eu corri para Olivia. “Olivia.”

Ela pulou e eu peguei seu cotovelo, como se ela pudesse voar se eu não fizesse isso. “Tenho tentado falar com você no telefone.”

Olivia puxou seu gorro e se sacudiu contra o frio. “Yeah?”

Por um instante, eu pensei em esperar e ver o que ela diria. Para ver se ela iria confessar sobre o que ela sabia dos lobos sem eu investigar. Mas os ônibus estavam chegando e eu não queria esperar. Eu abaixei minha voz e disse em sua orelha, “Eu vi suas fotografias. Do Jack.”

Rapidamente ela olhou para o meu rosto. “Foi você que as roubou?”

Eu tentei, com algum sucesso, manter o tom de acusação fora da minha voz. “Isabel as mostrou para mim.”

O rosto da Olivia ficou branco.

Eu exigi, “Por que você não me contou? Por que você não me ligou?”

Ela mordeu o lábio e olhou para o outro lado do estacionamento. “Eu ia, a princípio. Dizer-lhe que você estava certa. Mas então, eu encontrei o Jack e ele me disse que eu não podia contar a ninguém sobre ele, eu me senti culpada, como se eu estivesse fazendo algo errado.”

Eu a encarei. “Você tem conversado com ele?”

Olivia encolheu, infeliz, e tremeu no frio crescente da tarde. “Eu estava tirando fotos dos lobos, como sempre, e eu o vi. Eu o vi” – ela abaixou a voz e inclinou-se em minha direção – “mudar. Se transformar em humano novamente. Eu não pude acreditar. E ele não tinha nenhuma roupa, minha casa não estava tão longe, então eu disse a ele para vir e pegar algumas roupas do John. Eu acho que estava apenas tentando me convencer que eu não tinha pirado.”

“Obrigada.” Eu disse sarcasticamente.

Ela pensou por um momento. Então ela disse quietamente, “Oh, Grace, eu sei. Eu sei que você me disse bem no começo, mas o que eu deveria fazer – acreditar em você? Parecia impossível. Parece impossível. Mas eu sinto por ele. Ele não pertence a lugar nenhum agora.”

“Há quanto tempo isso está acontecendo?!” Alguma coisa estava me incomodando. Traição, ou alguma coisa. Eu disse para Olivia sobre minha suspeita bem no começo e ela esperou até eu vir a ela para admitir nada.

“Eu não sei. Um tempo. Eu tenho dado comida para ele, lavado suas roupas e outras coisas. Eu não sei onde ele tem ficado. Nós conversamos muito, até que tivemos uma briga sobre a cura. Eu estava matando aula para conversar com ele e tentar tirar mais fotos dos lobos. Eu queria ver se algum dos outros mudaria.” Ela parou. “Grace, ele disse que você foi mordida e curada.”

“Isso é verdade. Bem, eu fui mordida. Você sabe disse. Mas eu nunca me transformei em um lobo, obviamente.”

Seus olhos estavam atentos em mim. “Nunca?”

Eu chacoalhei a cabeça. “Não. Você contou para mais alguém?”

Olivia me deu outro olhar intimidador. “Não sou uma idiota.”

“Bem, Isabel pegou as fotos de alguma forma. Se ela conseguiu, qualquer um consegue.”

“Eu não tenho fotos que mostrem realmente o que está acontecendo. E quem acreditaria em qualquer coisa assim?”

“Isabel,” eu disse.

Olivia fez uma careta para mim. “Tenho sido cuidadosa. De qualquer forma, eu não o vi desde que brigamos. Eu tenho que ir.” Ela fez um gesto para o ônibus. “Você nunca se transformou?”

Agora foi minha vez de dar um olhar intimidador. “Eu nunca menti pra você Olive.”

Ela olhou para mim por um longo momento. Então ela disse, “Você quer vir pra minha casa?”

Eu meio que queria que ela dissesse que ela sentia muito. Por não confiar em mim. Por não responder minhas ligações. Por brigar comigo. Por não dizer que eu estava certa. Então eu apenas disse, “Estou esperando o Sam.”

“Okay. Talvez outro dia desta semana?”

Eu pisquei. “Talvez.”

Então ela se foi, entrou no ônibus, apenas uma silhueta na janela fazendo seu caminho para o fundo. Eu tinha pensado que ouvi-la admitir que sabia sobre os lobos me daria alguma... proximidade, mas eu sentia uma inquietação desconfortável. Depois de todo esse tempo procurando pelo Jack, Olivia sabia onde encontrá-lo todo esse tempo. Eu não sabia o que pensar.

No estacionamento eu vi o Bronco chegando devagar, vindo em minha direção. Ver o Sam atrás do volante me deu paz de uma maneira que a conversa com a Olivia não tinha dado. Estranho como ver meu próprio carro me deixava tão feliz.

Sam inclinou-se para destravar a porta do passageiro para mim. Ele ainda parecia um pouco cansado. Ele me deu uma xícara fumegante de isopor de café. “Seu telefone tocou há alguns minutos.”

“Obrigada.” Eu subi no Bronco e agradecidamente aceitei o café. “Estou um zumbi hoje. Eu estava morrendo por cafeína e acabei de ter uma conversa estranha com a Olivia. Vou te contar sobre isso assim que eu estiver apropriadamente cafeinada. Onde está meu telefone?” Sam apontou para o porta-luvas.

Subindo no Bronco, eu abri o porta-luvas e retirei o celular. Uma nova mensagem. Eu liguei para minha caixa de mensagens, coloquei no viva voz e deixei o telefone discando enquanto me virei para o Sam.

“Estou pronta agora.” Eu disse para ele.

Sam olhou para mim, com as sobrancelhas duvidosas. “Para?”

“Meu beijo.”

Sam mastigou os lábios. “Eu prefiro o ataque surpresa.”

“Você tem uma nova mensagem,” falou a voz gravada no celular.

Eu fiz uma careta, me jogando no encosto do banco. “Você me deixa louca.”

Ele sorriu.

“Hey querida! Você nunca vai adivinhar onde vou hoje!” A voz da mamãe falou pelo viva voz do celular.

“Você poderia apenas se jogar em cima de mim,” eu sugeri. “Por mim estaria tudo bem.”

Mamãe parecia excitada. “Naomi Ett! Você sabe, da minha escola.”

“Eu não acho que você é esse tipo de garota,” Sam disse. Eu achei que ele pudesse estar brincando.

Mamãe continuou, “Ela está casada e tudo agora, está na cidade agora por pouco tempo, então papai e eu vamos passar um tempo com ela.”

Eu fiz uma careta para ele. “Eu não sou. Com você, todas as apostas estão fora.”

“Então não vamos voltar muito cedo hoje à noite,” a mensagem da mamãe concluiu. “Lembre-se que tem sobras do jantar na geladeira e é claro, temos os celulares se precisar de nós.”

Minhas sobras. Da caçarola que eu fiz.

Sam estava olhando para o telefone como se a voz do celular fosse assumir o lugar da mamãe. “Para ouvir essa mensagem novamente digite um. Para apagar essa mensagem...”

Eu a apaguei. Sam ainda estava olhando para o telefone, seus olhos meio distantes. De repente os olhos de Sam estavam intensos em mim. “Venha comigo.”

Eu ergui uma sobrancelha.

“Não, é sério. Vamos a algum lugar. Posso te levar em um lugar hoje à noite? Algum lugar melhor do que as sobras do jantar?”

Eu não sabia o que dizer. Eu acho que o que eu queria dizer era: Você realmente acha que precisa perguntar?

Eu olhava intensamente para ele enquanto Sam balbuciava, palavras tropeçando umas nas outras na pressa de sair. Se eu não tivesse sentido o ar naquele momento, provavelmente eu não teria percebido nada de errado. Mas ondas doces de ansiedade estavam jorrando dele. Ansiedade por mim? Ansiedade de alguma coisa que aconteceu hoje? Ansiedade por que ele tinha ouvido o boletim do tempo?

“O que está acontecendo?” eu perguntei.

“Apenas quero sair da cidade hoje à noite. Quero apenas sair um pouquinho. Mini férias. Algumas horas na vida de outra pessoa, sabe? Quero dizer, não temos que fazer se você não quiser. E se você acha que isso não —”

“Sam,” eu disse. “Cala a boca.”

Ele se calou.

“Comece a dirigir.”

Nós começamos a andar.

Sam entrou na rodovia interestadual e dirigiu, dirigiu até o céu ficar rosa sobre as árvores e os pássaros que estavam voando na estrada virarem silhuetas pretas. Estava frio o suficiente para os carros na estrada soltarem fumaça branca pelo escapamento no ar gelado. Sam dirigia com uma mão e com a outra

entrelaçava seus dedos com os meus. Isso era muito melhor do que ficar em casa com a caçarola.

Quando saímos da estrada, ou eu já tinha me acostumado com o cheiro da ansiedade do Sam ou ele já estava mais calmo, porque o único cheiro no carro era um almiscarado de lobo e floresta.

“Então,” eu disse e passei o dedo nas costas da sua mão gelada. “Onde estamos indo?”

Sam olhou para mim, as luzes do painel iluminando seu olhar triste. “Há uma loja maravilhosa de doces em Duluth.”

Era incrivelmente fofo que ele tenha dirigido uma hora só para ir a uma loja de doces. Incrivelmente estúpido, dado o boletim do tempo, mas incrivelmente fofo mesmo assim. “Nunca estive aqui.”

“Eles tem a maçã do amor mais incrivelmente maravilhosa,” Sam prometeu. “E aquelas coisas pegajosas, eu nem sei o que são. Provavelmente um milhão de calorias. E chocolate quente – oh cara, Grace. É maravilhoso.”

Eu não conseguia pensar em nada para dizer. Eu estava idioticamente extasiada pela maneira que ele disse ‘Grace’. O tom que ele usou. A forma como seus lábios se moveu com as vogais. O timbre de sua voz ficava na minha cabeça como música.

“Eu até escrevi uma música sobre as trufas que eles fazem,” ele confessou.

Isso prendeu minha atenção. “Eu escutei você tocar violão para minha mãe. Ela me disse que era uma canção sobre mim. Por que você nunca a cantou para mim?”

Sam encolheu.

Eu olhei para além dele, para a cidade brilhantemente iluminada, cada construção e ponte iluminada bravamente contra a escuridão do inverno; nós estávamos indo para o centro da cidade. Eu não conseguia me lembrar da

última vez que estive ali. “Seria muito romântico. E adicione isso a sua caminhada no estilo street.”

Sam não tirou os olhos da rua, mas seus lábios curvaram-se para cima. Eu sorri, então olhei para ver nosso progresso na cidade. Ele nem olhava para as placas da rua enquanto fazia o caminho nas ruas à noite. As luzes da cidade nos iluminavam através do pára-brisa e as linhas brancas nos listravam, marcando o tempo acima e abaixo.

Finalmente, ele estacionou e fez um gesto para uma loja quente e brilhante algumas portas a nossa frente. Ele se virou para mim. “O Céu.”

Juntos nós saímos do carro e corremos até a loja. Eu não sabia o quanto estava frio, mas minha respiração formava nuvens na minha frente enquanto eu empurrava a porta de vidro para abrir para a loja de doces. Sam entrou no quente brilho dourado depois de mim, braços em volta de si mesmo. O sino ainda estava tocando com a nossa entrada quando Sam veio atrás de mim e me puxou para ele, fechando seus braços no meu peito. Ele sussurrou na minha orelha, “Não olhe. Feche seus olhos e sinta o cheiro. O verdadeiro cheiro. Eu sei que você pode.”

Eu encostei minha cabeça contra seu ombro, sentindo o calor do seu corpo contra o meu e fechei meus olhos. Meu nariz estava a centímetros de distância do seu pescoço e foi isso que eu cheirei. Terra, selvagem, complexo.

“Não eu,” ele disse.

“É tudo o que eu sinto,” eu murmurei, abrindo meus olhos e olhando para ele.

“Não seja teimosa.” Sam me virou-me um pouco, então eu estava olhando para o centro da loja; eu vi prateleiras de latas de bolachas e doces, o brilho de um balcão de vidro com doces mais a frente. “Dê uma chance. Vale à pena.”

Seus olhos imploravam para que eu explorasse algo que eu tinha deixado intocado por anos. Algo mais que intocado – algo que eu enterrei vivo. Enterrei quando eu tinha pensado que estava sozinha. Agora eu tinha Sam atrás de mim,

me apertando firme em seu peito enquanto ele me segurava reta, soprando seu hálito quente na minha boca.

Eu fechei meus olhos, preparei minhas narinas e deixei as fragrâncias entrarem. A mais forte delas era caramelo e açúcar mascavo, cheirava como amarelo-laranja, como o sol. Essa era fácil. Essa é o que qualquer um nota ao entrar na loja. E então, chocolate, claro, escuro e amargo e o leite com chocolate açucarado. Eu não acho que uma garota normal poderia sentir o cheiro de mais alguma coisa, e parte de mim queria parar aí. Mas eu podia sentir o coração do Sam batendo atrás de mim, e pela primeira vez, eu desisti.

Menta rodopiou até minhas narinas, dura como vidro, então framboesa, quase muito doce, como fruta madura. Maçã, nítida e pura. Nozes, amanteigado, quente, terroso, como Sam. A fragrância sutil e suave do chocolate branco. Oh, Deus, algum tipo de mocha, rico, quente e pecaminoso. Eu inalei com prazer, mas havia mais. As bolachas amanteigadas nas prateleiras adicionaram o cheiro enfarinhado reconfortante, e os pirulitos, um tumulto de cheiro de frutas muito concentrado para ser real. A pitada salgada dos pretzels, o cheiro brilhante de limão, a borda frágil de anis. Cheiros que eu nem sabia nominar. Eu gemi.

Sam me recompensou com ou beijo mais suave na minha orelha antes de dele falar nela. “Não é maravilhoso?”

Eu abri meus olhos, as cores parecem tediosas em comparação com o que eu tinha acabado de experimentar. Eu não consegui pensar em nada que não soasse trivial, apenas concordei com a cabeça. Ele me beijou novamente, na bochecha, e olhou para meu rosto, sua expressão brilhante e de deleite com o que quer que seja que ele viu em mim. Ocorreu-me que ele não tinha dividido esse lugar, essa experiência, com mais ninguém. Só comigo.

“Eu amo isso,” eu disse finalmente, em uma voz tão baixa que não tenho certeza se ele pode ouvir. Mas claro que ele ouviu. Ele podia ouvir tudo que eu ouvia.

Sam me soltou, menos a minha mão, e me levou para dentro da loja. “Venha. Agora a parte difícil. Escolha alguma coisa. O que você quer? Escolha alguma coisa. Qualquer coisa. Eu vou pegar pra você.”

Eu quero você. Sentindo o aperto da sua mão na minha, o atrito da sua pele na minha, vendo a maneira como ele se movia na minha frente, tanto a parte humana e lobo, relembrando seu cheiro – eu doía com a espera do beijo dele.

A mão do Sam apertou a minha como se ele estivesse lendo meus pensamentos, e ele me levou para o balcão de doces. Eu olhei para as fileiras de chocolates perfeitos, petit fours, pretzels com cobertura e trufas.

“Esta noite está frio lá fora, não?” a moça atrás do balcão perguntou. “Era para nevar. Mal posso esperar.” Ela olhou para nós e deu um sorriso bobo e eu me perguntei quanto estupidamente feliz nós parecemos, de mãos dadas e babando nos chocolates.

“Qual é o melhor?” eu perguntei.

A garota apontou imediatamente para uma fileira de chocolates. Sam balançou a cabeça.

“Você poderia nos dar dois chocolates quentes?”

“Com chantilly?”

“Precisa perguntar?”

Ela sorriu para nós e virou para preparar os chocolates quentes. Uma rajada de chocolate subiu pelo balcão quando ela abriu o pote de cacau. Enquanto ela colocava extrato de menta no fundo do copo de papel, eu me virei para o Sam e peguei sua outra mão. Fiquei nas pontas dos pés e roubei um beijo suave de seus lábios. “Ataque surpresa.” Eu disse.

Sam se inclinou para baixo e me beijou de volta, sua boca vagarosa na minha, os dentes arranhando meu lábio inferior, me fazendo arrepiar. “Ataque surpresa de volta.”

“Traíçoeiro,” eu disse, minha voz sem fôlego, mais do que eu pretendia.

“Vocês dois são tão fofos,” a garota do balcão falou, colocando dois copos cheios de chantilly no balcão. Ela tinha um tipo de sorriso aberto e torto que me fazia pensar que ela gargalhava muito. “Sério. Há quanto tempo vocês estão saindo?”

Sam soltou minhas mãos para pegar a carteira e fez algumas contas. “Seis anos.”

Eu enruguei meu nariz para encobrir um riso. Claro que ele tinha contado o tempo que nós tínhamos sido duas espécies completamente diferentes.

“Whoa.” A garota do balcão acenou em apreciação. “É admirável em um casal da idade de vocês.”

Sam me passou meu chocolate quente e não respondeu. Mas seus olhos amarelos me encararam possessivamente – eu me perguntei se ela percebeu a maneira que ele olhava para mim era mais íntimo do que qualquer casal poderia ser.

Eu abaixei para olhar a amêndoa com cobertura na prateleira inferior do balcão. Eu não era ousada o suficiente para olhar para qualquer um deles quando admiti, “Bem, foi amor a primeira vista.”

A garota suspirou. “Isso é tão romântico. Façam-me um favor, nunca mudem. O mundo precisa de mais amor a primeira vista.”

A voz do Sam estava rouca. “Você quer algum desses Grace?”

Alguma coisa na sua voz, uma pegada, me fez perceber que minhas palavras tiveram mais efeito do que eu pretendia. Eu me perguntei quando foi à última vez que alguém tinha dito o quão amado ele era.

Isso era uma coisa triste para se pensar.

Eu me levantei e peguei a mão do Sam de novo; seus dedos agarraram os meus tão forte que quase doeu. Eu disse, “Na verdade aqueles bom-bons parecem fantásticos. Podemos pegar alguns daqueles?”

Sam acenou para a garota do balcão. Alguns minutos depois eu estava agarrando um saquinho de papel com doces e Sam tinha chantilly na pontinha do nariz. Eu aponte para isso e ele sorriu, embaraçado, limpando com a manga da blusa.

“Eu vou ir ligar o carro,” eu disse, dando o saquinho para ele. Ele olhou para mim sem dizer nada, então eu acrescentei, “para aquecê-lo.”

“Oh. Certo. Pensou bem.”

Acho que ele tinha esquecido o quanto estava frio lá fora. Eu não, e tinha uma imagem na minha cabeça horrível, dele se contorcendo no carro enquanto eu tentava deixar o aquecedor na mais quente. Eu o deixei na loja e entrei na noite escura e fria.

Era estranho como logo que a porta fechou atrás de mim, eu me senti completamente sozinha, repentinamente assaltada pela vastidão da noite, perdida sem o toque e o cheiro do Sam para me ancorar.

Nada aqui era familiar para mim. Se Sam se transformasse em lobo agora, eu não sei quanto eu levaria para achar meu caminho para casa ou o que eu faria com ele – eu não seria capaz de apenas deixá-lo aqui, quilômetros de distância da sua floresta. Eu o perderia das duas formas. A rua já estava empoeirada com flocos de neve brancos caídos à minha volta, delicados e sinistros. Assim que eu destranquei a porta, minha respiração fez formas fantasmagóricas na minha frente.

Essa inquietação crescente era incomum para mim. Eu me arrepiei e esperei no Bronco até que ele estivesse aquecido, bebericando meu chocolate quente. Sam estava certo – o chocolate quente era fantástico, e imediatamente me senti melhor. Um pouquinho de menta atingiu minha boca trazendo um frescor ao mesmo tempo em que o chocolate me enchia com calor. Isso era tranquilizador e então o carro estava aquecido, eu me senti boba por imaginar que qualquer coisa poderia dar errado essa noite.

Eu pulei fora do Bronco e coloquei minha cabeça na loja de doces, encontrando o Sam onde ele fazia hora na porta. “Está pronto.”

Sam estremeceu visivelmente quando ele sentiu a rajada de vento frio entrar pela porta e sem uma palavra, ele foi para o Bronco. Eu falei um 'obrigada' para a garota do balcão antes de seguir o Sam, mas no caminho do carro, eu vi algo na calçada que me fez parar. Abaixo das marcas das pegadas do Sam havia outras, mais antigas que eu não tinha notado antes, passos para frente e para trás na neve nova na frente da loja de doces.

Meus olhos seguiram suas pistas enquanto elas atravessavam para frente e para trás pela loja, passos longos e curtos, e então meu olhar seguiu elas na calçada. Havia uma pilha escura mais ou menos uns quatro metros e meio de distância, fora do círculo iluminado pela lâmpada da rua. Eu hesitei, pensando, apenas entre no Bronco, mas o instinto me parou, e eu fui até lá.

Era uma jaqueta escura, um par de jeans, uma blusa de gola olímpica e no chão, longe das roupas, havia uma trilha de marcas de patas pela neve.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO • SAM

0°C

Parece estúpido, mas uma das coisas que amo na Grace é como ela não tem a necessidade de falar. Algumas vezes, eu apenas quero meus silêncios para ficar quieto, cheio de pensamentos, vazio de palavras. Onde outra garota teria tentado me levar para uma conversa, Grace apenas segurou minha mão, nossas mãos juntas em cima da minha perna e inclinou sua cabeça no meu ombro até que estávamos fora de Duluth. Ela não me perguntou como eu sabia o caminho na cidade, ou por que meus olhos permaneciam na estrada que meus pais costumavam virar para chegar à nossa vizinhança, ou como uma criança de Duluth terminou vivendo em uma alcatéia perto da fronteira da Canadá.

E quando ela finalmente falou, tirando sua mão da minha para pegar um bombom do saquinho da loja de doces, ela me disse como, quando criança, ela tinha feito bolachas com sobras de ovos de Páscoa no lugar de ovos de galinha. Isso era exatamente o que eu queria – linda distração.

Até que eu escutei a música de toque do telefone, uma coleção descendente de notas digitais, vindo do meu bolso. Por um segundo eu não consegui pensar no porque um celular estava no meu casaco e então me lembrei do Beck colocando na minha mão enquanto eu o encarava. Ligue-me quando precisar era o que ele tinha me dito.

Engraçado como ele tinha dito quando, e não se.

“Isso é um telefone?” As sobrancelhas da Grace se enrugaram sobre seus olhos. “Você tem um telefone?”

A linda distração caiu em volta de mim enquanto eu tirava o celular do bolso. “Eu não tinha,” eu disse debilmente. Ela continuou a olhar para mim e a pontinha de dor em seus olhos me matava. Vergonha coloriu minhas bochechas. “Tenho apenas um,” eu disse. O telefone tocou novamente, e eu apertei o botão ATENDER. Eu não tive que olhar para a tela para saber quem estava ligando.

“Onde você está Sam? Está frio.” A voz do Beck estava cheia de preocupação genuína que eu sempre apreciei.

Eu estava consciente do olhar da Grace em mim.

Eu não queria a preocupação dele. “Estou bem.”

Beck parou e eu o imaginei dissecando meu tom de voz. “Sam, não é tudo preto e branco. Tente entender. Você nem me deu a chance de conversar com você. Quando eu estive errado?”

“Agora,” eu disse e desliguei. Eu joguei o telefone de volta no meu bolso, meio que esperando tocar de novo. Eu esperava que isso acontecesse para que eu não atendesse.

Grace não me perguntou quem era. Ela não me pediu para contar a ela quem era. Eu sabia que ela estava esperando eu me voluntariar para dar a informação e eu sabia que deveria, mas eu não queria.

Eu apenas – eu apenas não podia suportar a idéia dela ver o Beck sob aquele aspecto. Ou talvez, eu apenas não podia suportar a idéia de eu mesmo o ver sob aquele aspecto.

Eu não disse nada.

Grace engoliu antes de pegar seu próprio celular. “Isso me lembra que eu deveria checar as mensagens. Há. Como se minha família ligasse.”

Ela estudou o celular; a tela azul brilhava na palma da sua mão e projetava uma luz fantasmagórica no seu queixo.

“Eles ligaram?” eu perguntei.

“Claro que não. Eles estão papeando com velhos amigos.” Ela discou para o número deles e esperou. Eu ouvi um murmúrio no outro lado do telefone, muito baixo para eu ouvir. “Oi, sou eu. Yeah. Estou bem. Oh. Okay. Não vou

esperar acordada então. Divirtam-se. Tchau.” Ela fechou o telefone, ela revirou seus olhos castanhos na minha direção e sorriu palidamente. “Vamos fugir.”

“Nós teríamos que ir para Vegas,” eu disse. “Ninguém por aqui nos casaria a esta hora exceto um gamo e alguns bêbados.”

“Teria que ser o gamo,” Grace disse firmemente. “Os bêbados poderiam errar nossos nomes e isso acabaria com o momento.”

“De alguma maneira, ter um gamo presidindo a cerimônia, um lobisomem e uma garota parecem estranhamente adequados, em todo casa.”

Grace riu. “Aí eu teria a atenção dos meus pais. ‘Mãe, pai, nós casamos. Não olhem assim para mim. Ele muda apenas uma parte do ano.’”

Eu balancei a cabeça. Eu queria dizer obrigado a ela, mas no lugar disso, eu disse, “Era o Beck no telefone.”

“O Beck?”

“Yeah. Ele esteve no Canadá com o Salem – um dos lobos que é completamente louco.”

Isso era apenas parte da verdade, mas ao menos era verdade.

“Eu queria me encontrar com ele,” Grace disse imediatamente. Meu rosto deve ter ficado engraçado porque ela disse, “Beck, quero dizer. Ele é praticamente seu pai, não é?”

Eu apertei meus dedos no volante do carro, tirando os olhos da estrada e olhando para meu punho tão apertado que estava um pouco branco. Estranho como algumas pessoas tem sua pele como coisa garantida, sem nunca pensar em como seria perdê-la. *Trocando minha pele/escapando do aperto/despojado do meu juízo/dói ser eu.* Eu pensei na memória que eu tinha mais paternal de Beck. “Nós tínhamos uma grande churrasqueira na casa dele, e eu me lembro, uma noite, ele estava cansado de cozinhar e disse, ‘Sam essa noite você vai nos alimentar.’ Ele me mostrou como empurrar no meio do bife para saber como estavam, e como selá-lo rápido para manter o sumo dentro.”

“E eles ficaram ótimos, não ficaram?”

“Eu os queimei pra caramba,” eu disse, prático. “Eu poderia compará-los com carvão, mas carvão ainda é comestível.”

Grace começou a rir.

“Beck comeu o dele,” eu disse, sorrindo tristemente com a memória. “Ele disse que foi o melhor bife que ele já tinha comido porque ele não o teve que fazer.”

Parecia que tinha sido há muito tempo atrás.

Grace estava sorrindo para mim, como se as velhas histórias sobre mim e o líder do meu bando fossem as melhores coisas no mundo. Como se fosse inspirador. Como se tivéssemos algo, Beck e eu, pai e filho.

Na minha cabeça, o garoto na traseira do Tahoe olhou para mim e disse, ‘Ajude-me.’

Grace perguntou, “Há quanto tempo isso aconteceu – não desde os bifés. Desde que você foi mordido?”

“Eu tinha sete. Onze anos atrás.”

Ela perguntou, “Por que você estava na floresta? Quero dizer, você é de Duluth, não é? Ou pelo menos é o que diz a sua carteira de motorista.”

“Não fui atacado nas florestas,” eu disse. “Apareceu em todos os jornais.”

Os olhos de Grace me seguraram; eu desviei o olhar para a estrada escura a nossa frente.

“Dois lobos me atacaram enquanto eu estava pegando o ônibus escolar. Um dele me segurou e o outro me mordeu.” Me rasgou, na verdade, como se seu único objetivo fosse arrancar sangue. Mas claro, que tinha um objetivo, não tinha? Olhando para trás, tudo parecia dolorosamente claro. Eu nunca pensei

em olhar além da minha simples memória da infância de ser atacado por lobos, e Beck entrando como meu salvador depois que meus pais tentaram me matar. Eu tinha ficado tão próximo do Beck, e Beck tinha sido tão irrepreensível, que eu não tinha querido olhar mais profundamente. Mas agora, recontando a história para a Grace a verdade inevitável mostrou-se para mim: Meu ataque não foi acidental. Eu fui escolhido, caçado e arrastado pela rua para ser infectado, bem como aqueles garotos na traseira do Tahoe. Mais tarde, Beck tinha chegado para juntar as peças.

Você é o melhor deles, a voz do Beck me disse em minha cabeça. Ele tinha pensado que eu iria sobreviver a ele e cuidar do bando. Eu deveria estar bravo. Furioso por ter minha vida arrancada de mim. Mas havia apenas um ruído branco dentro de mim, um zumbido maçante do nada.

“Na cidade?” Grace perguntou.

“No subúrbio. Não havia nenhum bosque por perto. Os vizinhos disseram que viram os lobos em seus quintais para escapar depois.”

Grace não disse nada. O fato de eu ter sido deliberadamente caçado era óbvio para mim, e eu continuava esperando ela dizer isso. Eu meio que queria que ela dissesse, para apontar a injustiça. Mas ela não o fez. Eu apenas a senti fazendo uma careta para mim, pensando.

“Quais lobos?” Grace perguntou finalmente.

“Não me lembro. Um deles pode ter sido o Paul, porque um deles era preto. Isso é tudo que sei.”

Seguiu-se um silêncio por longos instantes e então estávamos em casa. A entrada da garagem da casa ainda estava vazia, e a Grace soltou um longo suspiro.

“Parece que estamos por nossa conta novamente,” ela disse. “Fique aqui até eu destrancar a porta, okay?”

Grace saltou para fora do carro, deixando entrar uma lufada de ar gelado que atingiu meu rosto; eu aumentei o aquecedor o máximo que pude me

preparando para a jornada de ida para dentro da casa. Apoiado nas saídas de ar, sentindo o calor arder em minha pele, eu fechei meus olhos, tentando me fazer voltar à distração que eu tinha sentido antes. De volta quando eu estava segurando a Grace contra mim na loja de doces, sentindo seu corpo quente ardendo contra o meu, vendo-a cheirar o ar, sabendo que ela estava me cheirando – eu estremeci. Eu não sabia se eu podia passar outra noite com ela me comportando.

“Sam!” Grace chamou do lado de fora. Eu abri meus olhos, focando na cabeça apontando na porta da frente entreaberta. Ela estava tentando manter a entrada o mais quente possível para mim. Inteligente.

Hora de correr. Desligando o Bronco, saltei para fora e corri na calçada escorregadia, os pés escorregando um pouco sobre o gelo, minha pele pinicava e torcia.

Grace fechou a porta atrás de mim, trancando o frio para o lado de fora e jogou seus braços ao meu redor, emprestando seu calor para o meu corpo. Sua voz era um sussurro ofegante perto da minha orelha. “Você está quente o suficiente?”

Meus olhos, começando a se ajustar na escuridão da entrada, peguei um raio de luz em seu olhos, o contorno dos seus cabelos, a curva dos seus braços ao meu redor. Um espelho na parede me oferecia a similaridade de um retrato escurecido da forma do seu corpo contra o meu. Eu a deixei me segurar por um longo momento antes de dizer, “Estou okay.”

“Você quer alguma coisa para comer?” Sua voz soou alto na casa vazia, ecoando no chão de madeira. O único outro som era o ar passando pelos bocais do aquecedor, um sopro baixo e constante. Eu estava ciente de que estávamos sozinhos.

Eu engoli. “Eu quero ir para cama.”

Ela pareceu aliviada. “Eu também quero.”

Eu quase lamentei, ela ter concordado comigo, porque talvez se eu ficasse em pé, comesse um sanduíche, assistisse TV, alguma coisa, eu poderia me distrair do quanto eu a queria.

Mas ela não tinha discordado. Jogando seus sapatos atrás da porta, ela acolchoou o corredor a minha frente. Nós entramos no quarto escuro, sem luz, as da lua refletindo a fina camada de neve do lado de fora da janela. A porta se fechou com um toque suave e seco, ela se inclinou sobre a porta, suas mãos ainda estavam na maçaneta atrás dela. Um longo momento se passou antes de ela dizer alguma coisa. “Por que você é tão cuidadoso comigo, Sam Roth?”

Eu tentei dizer a verdade a ela. “Eu – é que – eu não sou um animal.”

“Eu não tenho medo de você,” ela disse.

Ela não parecia ter medo de mim. Ela parecia linda, iluminada pela luz do luar, atraente, cheirando menta, sabonete e pele. Eu passei onze anos vendo o resto do bando se tornarem animais, reprimindo meus instintos, me controlando, lutando para permanecer humano, lutando para fazer a coisa certa.

Como se ela tivesse lendo meus pensamentos, ela disse, “Você pode me dizer se é apenas o lobo em você que quer me beijar?”

Tudo de mim queria beijá-la, forte o suficiente para me fazer desaparecer. Eu passei meus braços de cada lado da cabeça dela, a porta dando um rangido quando me debrucei contra ela, pressionei minha boca contra a dela. Ela me beijou de volta, lábios quentes, a língua passando contra meus dentes, suas mãos ainda para trás, o corpo pressionado contra a porta. Tudo em mim zumbia, eletricidade, querendo acabar com os poucos centímetros de espaço entre nós.

Ela me beijou mais forte, respirando na minha boca e mordeu meu lábio. Oh, inferno, isso era maravilhoso. Eu gemi antes de poder me impedir, mas antes que eu pudesse me sentir envergonhado, a Grace tirou as suas mãos de trás e as jogou em volta do meu pescoço, me puxando para ela.

“Isso é tão sexy,” ela disse, com a voz desigual. “Eu não acho que você pode fazer nada mais sexy.”

Eu a beijei novamente, antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, recuando com ela para o quarto, um emaranhado de braços na luz do luar. Seus dedos enganchando na parte de trás da minha calça jeans, os dedos raspando no osso do meu quadril, me puxando para mais perto dela.

“Oh, Deus, Grace,” eu engasguei. “Você – você superestima meu autocontrole.”

“Não estou procurando por autocontrole.”

Minhas mãos estavam dentro da blusa dela, as palmas pressionadas nas suas costas, os dedos espalhados para os lados. Eu nem me lembrava como eles chegaram lá. “Eu – eu não quero fazer nada que você se arrependa.”

As costas da Grace curvaram-se contra meus dedos, como se o toque a trouxesse à vida. “Então não pare.”

Eu a imaginei dizendo isso de tantas formas diferentes, mas em nenhuma das minhas fantasias tinham chego perto da realidade de tirar o fôlego.

Atrapalhadamente, nós deitamos na cama, parte de mim pensando que deveríamos ficar quietos no caso dos pais dela chegarem em casa. Mas ela me ajudou a puxar minha camisa pela cabeça e passou a mão pelo meu peito, e eu gemi, esquecendo de tudo menos seus dedos em minha pele. Minha mente procurava por canções, palavras para juntar para descrever o momento, mas não vinha nada. Eu não podia pensar em nada a não ser sua palma roçando na minha pele.

“Você cheira tão bem,” Grace sussurrou. “Toda vez que eu o toco, sai de você ainda mais forte.” Suas narinas dilataram, como lobo, cheirando o quanto eu a queria. Sabendo o que eu era e me querendo de qualquer forma.

Ela me deixou empurrá-la gentilmente para os travesseiros e eu passei meus braços de cada lado dela, deixando ela entre minhas pernas.

“Você tem certeza?” eu perguntei.

Seus olhos eram brilhantes, excitados. Ela concordou.

Eu me abaixei para beijar a barriga dela; parecia tão certo, natural, como se eu tivesse já feito isso mil vezes e faria mais mil vezes.

Eu vi as cicatrizes feias e brilhantes que o bando tinha deixado em seu pescoço e clavícula e as beijei também.

Grace puxou o cobertor para cima de nós e nós tiramos nossas roupas embaixo dele. Enquanto nós pressionávamos nossos corpos um contra o outro, eu me encolhi em minha pele com um rosnado, cedendo, nem lobo, nem homem, apenas Sam.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO • GRACE

-1°C

O telefone estava tocando. Essa foi a primeira coisa que pensei. A segunda coisa que pensei foi que o braço nu de Sam estava deitado no meu peito. A terceira coisa era que meu rosto estava frio, na parte em que ele saía pra fora dos cobertores. Eu pisquei, tentando acordar, estranhamente desorientada no meu próprio quarto. Eu levei um instante para perceber que as únicas luzes do quarto estavam vindo da lua do lado de fora da janela e da tela do celular que tocava.

Eu tateei uma mão no ar para pegá-lo, tendo cuidado para não perturbar o braço de Sam em cima de mim; o telefone estava quieto quando finalmente o peguei. Deus, estava congelando aqui. Deve ter faltado luz com a tempestade que a o jornal do tempo prometeu. Eu imaginei quanto tempo ela ficaria assim e se eu teria que me preocupar com Sam ficando com frio. Eu cuidadosamente afastei as cobertas e descobri ele enrolado contra mim, a sua cabeça enterrada ao meu lado, somente a curva pálida e nua de seus ombros visíveis na fraca luz.

Eu fiquei esperando isso começar a parecer errado, seu corpo pressionado contra o meu, mas eu só me senti tão viva que meu coração acelerou com a emoção disso. Isso, Sam e eu, isso era a vida real. A vida em que eu ia para aula e esperava meus pais e ouvia Rachel reclamar dos seus irmãos – isso parecia um sonho pálido em comparação. Essas eram apenas coisas que eu tinha feito enquanto esperava por Sam. Lá foram, distante e lamentosamente, lobos começaram a uivar, e alguns segundos depois, o telefone tocou de novo, suas notas diminuindo o tom, um estranho eco digital dos lobos.

Eu não percebi meu erro até que o coloquei no meu ouvido.

“Sam.” A voz do outro lado era desconhecida. Eu sou idiota. Eu tinha pego o celular de Sam da cabeceira, não o meu. Eu debati por dois segundos sobre como responder. Eu pensei em desligar, mas eu não podia fazer isso.

“Não,” eu respondi. “Não sou o Sam.”

A voz era agradável, mas eu ouvi uma agitação entre as palavras. “Desculpe, devo ter discado errado.”

“Não,” eu disse, antes dele poder desligar. “Esse é o telefone do Sam.”

Houve uma longa e pesada pausa, e então: “Oh.” Outra pausa. “Você é a garota, não é? A garota que esteve na minha casa?”

Eu tentei pensar no que eu poderia ganhar se negasse, e não pensei em nada. “Sim.”

“Você tem nome?”

“Você tem?”

Ele deu uma curta risada que não tinha humor nenhum mas não era desagradável. “Eu acho que gosto de você. Sou Beck.”

“Isso faz sentido.” Eu virei meu rosto para longe de Sam, que ainda estava respirando pesada, minha voz abafada pelos braços dele acima de sua cabeça. “O que você fez para irritar ele?”

De novo a curta risada. “Ele ainda está com raiva de mim?”

Eu considerei como responder. “Agora não. Ele está dormindo. Posso dar um recado?” Eu encarei o número do telefone de Beck, tentando lembrar dele.

Houve outra longa pausa, tão longa que eu pensei que Beck tinha desligado, então ele suspirou de forma audível. “Um dos... amigos dele se machucou. Você acha que poderia acordar ele?”

Um dos outros lobos. Tinha que ser. Eu me abaixei nas cobertas. “Oh-é claro. É claro que acordo.”

Eu soltei o telefone e gentilmente movi o braço de Sam para que eu pudesse ver sua orelha e a lateral de seu rosto. “Sam, acorde. Telefone. É importante.”

Ele virou sua cabeça para que eu pudesse ver que seus olhos amarelos já estavam abertos. “Coloque no viva-voz.”

Eu coloquei, colocando o telefone na minha barriga para que a tela iluminasse um pequeno círculo azul no meu pijama.

“O que está acontecendo?” Sam se ergueu com um cotovelo, fez uma cara quando sentiu o frio, e colocou as cobertas ao nosso redor, fazendo uma tenda ao redor do telefone.

“Alguém atacou Paul. Ele está péssimo, rasgando aos pedaços.”

A boca de Sam fez um pequeno “o”. Eu não acho que ele estava pensando sobre como o rosto dele parecia – os olhos dele estavam distantes, com seu bando. Finalmente, ele disse, “Você poderia – você – ele ainda está sangrando? Ele era humano?”

“Humano. Eu tentei perguntar a ele quem fez isso – para que eu pudesse matar ele. Eu pensei... Sam, eu realmente pensei que eu ia te ligar pra te dizer que ele morreu. Foi tão ruim assim. Mas acho que está melhorando agora. Mas o negócio é, com todas as pequenas mordidas, por toda a parte, em seu pescoço e pulsos e barriga, foi como se –“

“– como se alguém soubesse como matar ele,” Sam terminou.

“Foi um lobo quem fez isso,” Beck disse. “Conseguimos descobrir isso com ele.”

“Um dos nossos lobos novos?” Sam rosnou, com uma surpreendente força.

“Sam.”

“Poderia ter sido?”

“Sam. Não. Eles estão dentro.”

O corpo de Sam ainda estava tenso ao meu lado, e eu repassei possíveis significados para essa frase: Um dos nossos novos. Jack não era o único novo?

“Você virá?” Beck perguntou. “Você pode? Está muito frio?”

“Eu não sei.” Eu sabia pela boca torcida de Sam que ele estava apenas respondendo a primeira pergunta. Qualquer que tenha sido que distanciou ele de Beck, era poderoso.

A voz de Beck mudou, suavizou, ficou mais jovem, mais vulnerável. “Por favor, não continue bravo comigo, Sam. Não posso suportar.”

Sam virou seu rosto para longe do telefone.

“Sam,” Beck disse suavemente.

Eu senti o ombro de Sam ao meu lado, e ele fechou os olhos.

“Você ainda está aí?”

Eu olhei para Sam, mas ele ainda não falou. Eu não pude evitar – eu senti pena de Beck. “Eu estou,” eu disse.

Houve uma longa pausa, completamente desprovida de estática ou estalos, e eu pensei que Beck tinha desligado. Mas então ele perguntou, de uma forma alegre, “O quanto você sabe sobre Sam, garota-sem-nome?”

“Tudo.”

Pausa. Então. “Eu gostaria de conhecer você.”

Sam estendeu a mão e fechou o telefone. A luz do display desapareceu, nos deixando no escuro embaixo das cobertas.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS • GRACE

7°C

Meus pais nem sabiam. Na manhã depois que Sam e eu – passamos a noite juntos, parecia que a maior coisa na minha cabeça era que meus pais não faziam ideia. Eu achei que isso era normal. Eu achei que me sentir um pouco culpada era normal. Eu achei que me sentir leviana era normal. Era como se eu sempre tivesse pensado que eu era uma foto, e Sam tinha revelado que eu era um quebra-cabeça, e tinha me separado em pedaços e me montado de novo. Eu estava ciente de cada distinta emoção, todas apertadas juntas.

Sam também estava quieto, me deixando dirigir, segurando minha mão direita com ambas as suas, enquanto eu dirigia com a outra. Eu daria um milhão de dólares para saber o que ele estava pensando.

“O que você quer fazer essa tarde?” eu perguntei, finalmente.

Ele olhou para janela, os dedos acariciando as costas da minha mão. O mundo lá fora parecia seco, como papel. Esperando pela neve. “Qualquer coisa com você.”

“Qualquer coisa?”

Ele olhou para mim e sorriu. Era um engraçado e torto sorriso. Eu acho que talvez ele estivesse se sentindo tão leviano quanto eu. “Sim, qualquer coisa, desde que você esteja lá.”

“Eu quero conhecer Beck,” eu disse.

Ali. Estava fora. Tinha sido uma das peças do quebra-cabeça que estava na minha cabeça desde que eu atendi o telefone.

Sam não disse nada. Seus olhos estavam na escola, provavelmente imaginando que se ele esperasse só alguns minutos, ele poderia me colocar na calçada e evitar uma discussão. Mas ao invés disso ele suspirou como se ele estivesse incrivelmente cansado. “Deus, Grace. Por quê?”

“Ele é praticamente seu pai, Sam. Eu quero saber tudo sobre você. Não pode ser tão difícil entender.”

“Você só quer tudo em seu lugar.” Os olhos de Sam seguiram os grupos de estudante que devagar caminhavam pelo estacionamento. Eu evitei encontrar um lugar para estacionar. “Você só quer fazer um mágico reencontro entre eu e ele, para que você possa sentir que tudo está no seu lugar de novo.”

“Se você está tentando me irritar dizendo isso, você não irá. Eu já sei a verdade.”

Sam estava quieto enquanto eu circulava o estacionamento outra vez, e finalmente, ele gemeu. “Grace, eu odeio isso. Eu odeio confrontos.”

“Não haverá um confronto. Ele quer ver você.”

“Você não sabe de tudo que está acontecendo. Tem horríveis coisas acontecendo. Haverá confronto, se eu tiver algum principio sobrando. Difícil imaginar depois de ontem à noite.”

Eu encontrei uma vaga, em uma das partes mais distantes do estacionamento para que eu pudesse olhar para ele sem que olhos curiosos estivessem nos observando da calçada. “Você está se sentindo culpado?”

“Não. Talvez. Um pouco. Eu me sinto... inquieto.”

“Nós usamos proteção,” eu disse.

Sam não olhou para mim. “Não isso. Eu só – eu só – eu só espero que tenha sido a hora certa.”

“Foi a hora certa.”

Ele desviou o olhar. “A única coisa que fico imaginando, é... você tr – fez amor – comigo para se vingar dos seus pais?”

Eu apenas o encarei. Então eu peguei minha mochila do banco de trás. Eu estava de repente furiosa, as orelhas e bochechas quentes, e eu não sabia por que. Eu não reconheci minha voz quando eu falei. “Essa foi uma coisa gentil de se dizer.”

Sam não olhou para mim. Era como se a lateral da escola fosse fascinante para ele. Tão fascinante que ele não podia me olhar nos olhos enquanto ele me acusava de usar ele. Uma nova onda de raiva passou por mim.

“Você tem uma auto-estima tão ruim que você acha que eu não iria querer ficar com você só por você?” Eu abri a porta e saí; Sam se encolheu enquanto o ar entrava, embora não pudesse estar frio o bastante para machucar ele. “Que ótimo jeito de arruinar tudo. Só – ótimo jeito de arruinar tudo.”

Eu comecei a bater a porta, mas ele se esticou pelo assento para impedir a porta de bater. “Espera. Grace, espera.”

“O que?”

“Eu não quero que você vá assim.” Os olhos dele imploravam para mim, com uma tristeza absoluta. Eu olhei para o calafrio se erguendo nos braços dele, e o leve tremor dos seus ombros no vento frio. E ele me tinha. Não importa o quão brava eu estava, nós dois sabíamos o que poderia acontecer enquanto eu estava na escola. Eu odiava isso. O medo. Eu odiava.

“Sinto muito por ter dito isso,” Sam disse, se apressando para falar tudo antes de eu partir. “Você tem razão. Eu só não consegui acreditar que algo – alguém – tão bom poderia acontecer comigo. Não fique com raiva, Grace. Por favor, não fique com raiva.”

Eu fechei meus olhos. Por um breve instante eu desejei com todo meu coração que ele fosse apenas um garoto normal, para que eu pudesse me afastar com meu orgulho e indignação. Mas ele não era. Ele era tão frágil quanto uma borboleta no outono, esperando para ser destruída na primeira tempestade. Então eu engoli minha raiva, a boca amarga, e abri a porta um pouco mais. “Eu quero que você nunca mais pense em algo assim de novo, Sam Roth.”

Ele fechou seus olhos apenas um pouco quando eu disse seu nome, os cílios escondendo suas íris amarelas por um segundo, e então ele se esticou e tocou minha bochecha. “Sinto muito.”

Eu peguei a mão dele e entrelacei seus dedos com os meus, firmando meu olhar em seu rosto. “Como você acha que Beck se sentiria se você fosse com raiva?”

Sam riu, uma risada sem humor e auto-depreciativa que me lembro de Beck no telefone na noite anterior, e afastou seus olhos de mim. Ele sabia que eu tinha seu número. Ele afastou seus dedos. “Nós iremos. Tudo bem, nós iremos.”

Eu estava prestes a partir, mas parei. “Porque você está com raiva de Beck, Sam? Porque você está com tanta raiva dele quando eu nunca nem vi você com raiva dos seus pais de verdade?”

O rosto de Sam me disse que ele não tinha se perguntado essa pergunta antes, e ele levou um longo tempo para responder. “Porque Beck – Beck não tinha que ter feito o que ele fez. Meus pais sim. Eles pensaram que eu era um monstro. Eles tinham medo. Não foi calculado.”

O rosto dele estava cheio de dor e incerteza. Eu entrei no carro e beijei ele gentilmente. Eu não sabia o que dizer pra ele, então eu apenas o beijei de novo, peguei minha mochila, e saí no dia cinza.

Quando olhei por cima do meu ombro, ele ainda estava sentando ali, o olhar silencioso e lupino. A última coisa que eu vi foram seus olhos meio fechados contra a brisa, seu cabelo negro, me lembrando por algum motivo, da primeira noite que eu o vi.

Uma brisa inesperada ergueu meu cabelo do pescoço, frio e penetrante.

O inverno de repente parecia muito próximo. Eu parei na calçada, fechando meus olhos, lutando contra o inacreditável desejo de voltar para Sam. No final, meu dever venceu, e eu fui para aula. Mas isso pareceu um erro.

6,5°C

Depois que a Grace saiu do carro, me senti enjoado. Enjoado por discutir com ela, enjoado pela dúvida, enjoado pelo frio que era quente apenas o suficiente para me manter humano. Mais que enjoado – agitado, inquieto. Muitas pontas soltas: Jack, Isabel, Olivia, Shelby, Beck.

Eu não podia acreditar que eu e Olivia íamos ver o Beck. Eu aumentei o aquecedor no Bronco e descansei minha cabeça no volante do carro e fiquei assim por um longo tempo, até que o vinil enrugado do volante começou a machucar minha testa. Com o aquecedor no máximo durante todo o caminho, não demorou muito para o carro começar a ficar quente e abafado, mas estava gostoso. Senti-me longe de uma transformação. Como se estivesse firmemente na minha própria pele.

No começo eu pensei que talvez pudesse ficar sentado assim o dia todo, cantando uma canção bem baixinho – *Perto do sol é perto de mim / Eu sinto minha pele agarrada firmemente* – e esperando por Grace, mas levou apenas meia hora para eu decidir que precisava dirigir. Mais que isso, eu precisava reparar o que eu tinha falado para Grace. Então decidi ir para casa do Jack novamente. Ele não tinha aparecido ainda, nem morto ou nos jornais, e este era o único lugar que eu poderia pensar para recomeçar a busca. Grace ficaria feliz de me ver tentando colocar tudo no lugar por ela.

Eu deixei o Bronco numa estradinha isolada perto da casa dos Culpepers e cortei caminho pela floresta. Os pinheiros não tinham cores com a promessa de neve, suas pontas acenando ligeiramente com o vento gelado que eu não podia sentir debaixo dos ramos. O cabelo da minha nuca formigou desconfortavelmente; a floresta austera de pinheiros cheirava a lobo. Cheirava como se um garoto tivesse mijado em cada árvore. Bastardo arrogante.

Um movimento à minha direita me fez pular, tenso, abaixei no chão. Eu segurei a respiração.

Apenas um veado. Peguei um breve olhar dos olhos arregalados, pernas longas, cauda branca, antes de ela sumir, surpreendentemente deselegante na mata. Sua presença na floresta era reconfortante; ela estar aqui significa que o Jack não estava. Eu não tinha nada como arma a não ser minhas mãos. Adiantaria muito contra um lobo novo instável e com a adrenalina ao seu lado.

Perto da casa, eu parei nos limites da floresta, escutando as vozes carregadas através das árvores. Uma garota e um garoto, vozes cresciam e pareciam zangadas, paradas em algum lugar perto da porta de trás. Eu não reconhecia a voz masculina, forte e profunda, mas o instinto me disse que era o Jack. A outra era da Isabel. Eu pensei em aparecer, mas hesitei, esperando para ouvir sobre o que era a briga.

A voz da Isabel estava alta. “Eu não entendo o que você está dizendo. Pelo o que você está se desculpando? Por desaparecer? Por ter sido mordido em primeiro lugar? Por –”

“Pela Chloe,” o garoto disse.

Houve uma pausa. “O que você quer dizer com ‘pela Chloe’? O que o cachorro tem a ver com tudo isso? Você sabe onde ela está?”

“Isabel. Droga. Você ouviu o que eu disse? Às vezes você é tão estúpida. Eu disse pra você, eu não sei o que faço depois que me transformo.”

Eu cobri minha boca para segurar uma risada. Jack tinha comido a cachorra dela.

“Você está dizendo que ela – você – Deus! Você é um trouxa!”

“Eu não pude evitar. Eu lhe disse o que eu era. Você não deveria ter deixado ela sair.”

“Você faz idéia de quanto custou aquele cachorro?”

“Uuuh!”

“Então o que devo dizer aos pais? Mãe, Pai, Jack é um lobisomem, e adivinhem o que aconteceu, sabem como Chloe desapareceu? Ele a comeu.”

“Não diga nada a eles!” Jack disse rapidamente. “De qualquer modo, eu acho que posso parar isso. Acho que encontrei a cura.”

Eu fiz uma careta.

“Cura.” A voz da Isabel era monótona. “Como se ‘conserta’ ser um lobisomem?”

“Não preocupe seu cérebro loiro com isso. Eu apenas – me dê mais alguns dias para ter certeza. Quando eu tiver certeza, vou te contar tudo.”

“Ótimo. Tanto faz. Deus – não posso acreditar que você comeu a Chloe.”

“Você pode por favor calar a boca sobre isso? Você está começando a me irritar.”

“Que seja. E os outros? Não há outros? Você não pode pedir para eles te ajudarem?”

“Isabel, cala a boca. Eu já te disse, eu acho que já me arranjei. Eu não preciso de nenhuma ajuda.”

“Você apenas acha –”

Um barulho, agudo e fora do lugar. Um ramo estalando? Um tapa?

A voz da Isabel parecia diferente quando ela falou novamente. Não tão forte. “Apenas não deixe que o vejam, okay? Mamãe está em terapia – por causa de você – e papai está fora da cidade. Eu vou voltar para a escola. Eu não acredito que você me chamou aqui fora para contar que comeu meu cachorro.”

“Eu liguei para te contar que eu consertei isso. Você parecia tão excitada. Yeah. Não.”

“Isso é ótimo. Maravilhoso. Tchau.”

Apenas um momento mais tarde, eu ouvi a SUV da Isabel descer o caminho da garagem e eu hesitei novamente. Eu não estava exatamente com pressa para me revelar para o novo lobo com problemas de administrar sua raiva até que eu soubesse exatamente onde estavam minhas rotas, mas eu precisava me apressar e voltar para o carro ou entrar para o calor da casa. E a casa estava mais próxima. Eu rastejei lentamente ao redor dos fundos da construção, escutando onde o Jack estava. Nada. Ele deve ter entrado.

Aproximei-me da porta que eu tinha invadido no começo da semana – a janela já tinha sido consertada – e tentei a maçaneta. Destrancada. Que amável.

Dentro da casa, imediatamente eu ouvi o Jack mexendo por perto e eu me esgueirei pelo corredor escuro para uma cozinha longa e com pé-direito alto, toda em azulejos branco e preto e bancadas pretas tão longas quanto seus olhos podiam ver. As luzes que entravam pelas duas janelas na parede do lado direito era branca e pura, refletindo as paredes esbranquiçadas e afundando nas frigideiras pretas penduradas no teto. Era como se o cômodo inteiro fosse preto e branco.

Eu preferia muito mais a cozinha da Grace – quente, desordenada, cheirando canela, alho e pão – a este cômodo cavernoso e estéril.

Jack estava de costas para mim enquanto ele se agachava em frente à geladeira de aço inoxidável, mexendo nas prateleiras. Eu parei, mas sua caça dentro da geladeira tinha acobertado o som da minha chegada. Não havia vento para carregar meu cheiro até ele, então eu fiquei parado por um longo minuto, estudando ele e minhas opções. Ele era alto, ombros largos, com cabelo preto encaracolado, como uma estátua grega. Alguma coisa no jeito que ele se movia sugeria alta confiança e por alguma razão, isso me irritava. Eu engoli o rugido à apenas passei pela porta, silenciosamente indo para o canto oposto. Altura me daria uma ligeira vantagem se Jack ficasse agressivo.

Ele se afastou da geladeira e colocou o braço cheio de comida em cima da ilha lustrosa da cozinha. Por longos minutos, eu o assisti construir um

sanduíche. Cuidadosamente ele colocou as carnes e queijos, ele besuntou o pão com Miracle Whip¹⁰ e então ele olhou para cima.

“Jesus,” ele disse.

“Oi,” eu respondi.

“O que você quer?” Ele não parecia estar com medo; eu não era grande o suficiente para amedrontar ao olhar.

Eu não sabia como responder para ele. Ouvir sua conversa com a Isabel tinha mudado o que eu queria saber. “Então o que você acha que vai te curar?”

Agora ele parecia estar com medo. Apenas por um segundo e então isso se foi, perdido na autoconfiança expressada em seu queixo. “Do que você está falando?”

“Você acha que encontrou a cura. Por que você acha isso?”

“Okay, cara. Quem é você?”

Eu realmente não gostava dele. Não sei o porque; eu apenas sentia nas minhas entranhas e eu realmente não gostava dele. Se eu não tivesse achado que ele era perigoso para Grace, Olivia e Isabel, eu não teria o mandado pra puta que o pariu e o deixado aqui. Ainda assim, minha aversão a ele deixou mais fácil confrontá-lo.

Ficou fácil jogar pelas regras do cara que tinha todas as respostas. “Alguém como você. Alguém que foi mordido.” Ele pareceu querer protestar e eu ergui a mão para pará-lo. “Se você acha que vai dizer algo como ‘você pegou o cara errado’, não se incomode. Eu vi você como lobo. Apenas me diga por que você acha que encontrou o jeito de parar isso.”

“Por que eu deveria confiar em você?”

¹⁰ Miracle Whip é um tipo de molho para saladas e pão produzido pela Kraft Foods, freqüentemente usada no lugar de maionese, apesar de ser mais doce e ter outros condimentos.

“Porque, diferente do seu pai, eu não mato animais e coloco-os no meu hall de entrada. E porque eu realmente não quero que você apareça na escola, na porta da casa das pessoas expondo o bando. Estamos apenas tentando sobreviver com toda a porcaria que fomos presenteados. Não precisamos de nenhum riquinho punk bajulador como você nos revele para o resto do mundo, para que eles venham atrás de nós com forquilhas.”

Jack rosnou. Estava um pouco próximo demais e um animal para meu gosto e meu pensamento foi confirmado quando eu o vi estremecer ligeiramente. Ele ainda estava tão instável – ele poderia mudar a qualquer momento. “Eu não tenho que me preocupar mais com isso. Eu vou pegar a cura, então você pode pegar a merda do seu caminho para longe daqui e me deixe sozinho.” Ele se afastou da ilha, indo para o balcão atrás dele.

Eu pulei do meu canto. “Jack, não há cura.”

“Você está errado,” ele rebateu. “Outro lobo foi curado.”

Ele estava quase chegando ao faqueiro. Eu deveria ter corrido para a porta, mas suas palavras me fizeram congelar. “O que?”

“Sim, me levou um longo tempo, mas eu descobri. Tem uma garota que foi mordida e curada, na escola. Grace. Eu sei que ela conhece a cura. E ela vai me contar rapidinho.”

Meu mundo cambaleou. “Fique longe dela.”

Jack sorriu para mim, ou talvez fosse uma careta. Suas mãos estavam na bancada, sentindo o faqueiro e suas narinas dilataram, sentindo o odor de lobo que o frio tinha trazido para minha pele. Ele disse, “Por que? Você também não quer saber? Ou ela já te curou?”

“Não há cura. Ela não sabe de nada.” Eu odiava o quanto minha voz revelava; meus sentimentos por Grace perigosamente expostos.

“Você não sabe sobre isso, cara,” Jack disse. Ele procurou pela faca, mas sua mão estava tremendo muito para agarrar uma na primeira tentativa. “Agora saia daqui.”

Mas eu não me movi. Eu não podia pensar em nada pior que ele confrontar Grace sobre a cura. Ele tremendo, instável, violento; e ela, incapaz de dar as respostas que ele procurava.

Jack conseguiu segurar o cabo e puxou uma faca com aparência malévola, os limites serrados e refletindo o preto e branco da cozinha em uma dúzia de direções diferentes. Ele estava tremendo tanto que ele mal podia segurar a lâmina contra mim. “Eu pedi para você dar o fora.”

Meus instintos me disseram para cair em cima dele como se eu fosse um dos lobos, rosnar no seu pescoço e o fazer ser submisso. Para fazê-lo prometer ficar longe dela. Mas não era assim que funcionava quando você é humano, não quando seu adversário é muito mais forte. Eu me aproximei dele, olho no olho no lugar de olhar a faca e tentei uma tática diferente. “Jack. Por favor. Ela não tem a resposta, mas eu posso tornar isso mais fácil para você.”

“Fique longe de mim.” Jack deu um passo em minha direção, então para trás, antes de cambalear e ficar num joelho. A faca caiu no piso; eu estremeci antes de chegar ao chão, mas sua queda foi abafada. Jack quase não fez barulho quando ele seguiu a faca no chão. Seus dedos eram garra, se curvando e desenrolando nos quadrados pretos e brancos. Ele estava dizendo alguma coisa, mas era incompreensível. A letra de uma música se formou na minha cabeça. Ela era para ser dele, mas na verdade ela era sobre mim. *Mundo de palavras perdidas na sala / Eu tomo meu lugar na caminhada mortal / Roubado da minha voz estou sempre dando / milhares de palavras para esse medo sem nome.*

Eu me agachei perto dele, empurrando a faca para longe do seu corpo para que ele não se machucasse. Não havia porque pedir nada a ele agora. Eu suspirei e escutei ele gemer, lamentar, gritar. Nós éramos iguais agora, eu e Jack. Com todo seu privilégio, cabelos bonitos e ombros confiantes, ele não era melhor que eu.

Jack choramingou.

“Você deveria estar feliz,” eu disse ao lobo ofegante. “Você não vomitou desta vez.”

Jack me encarou por um longo momento com os olhos castanhos sem piscar antes de pular e trancar a porta.

Eu apenas queria ir embora, mas eu não tinha escolha. Qualquer possibilidade de deixar ele para trás tinha desaparecido depois dele dizer o nome da Grace.

Eu pulei atrás dele. Nós tropeçamos pela casa, suas unhas arranhando o piso de madeira e meus sapatos escorregando atrás dele. Eu me arremessei para o hall com animais sorridentes bem atrás dele; o fedor de pele morta deles encheu minhas narinas. Jack tinha duas vantagens: ele conhecia a casa, ele era um lobo. Eu estava apostando que ele ia usar seu bom conhecimento do ambiente para se esconder no lugar de confiar em sua força animal desconhecida.

Eu apostei errado.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO • GRACE

9°C

Sam nunca se atrasou antes. Ele sempre esteve esperando no Bronco na hora que eu saía da aula, então eu nunca tive que imaginar onde ele estaria ou o que fazer enquanto eu esperava.

Mas hoje eu esperei.

Hoje eu esperei até os estudantes lotarem os ônibus. Eu esperei até os estudantes retardatários irem até seus carros e desaparecerem em pares de sozinhos. Eu esperei até os professores emergirem da escola e subirem em seus carros. Eu pensei em andar para casa. Eu pensei no sol se pondo em direção a linha das árvores e me perguntei o quão frio estava na sombra.

“Sua carona está atrasada, Grace?” Sr. Rink perguntou gentilmente, a sua própria maneira. Ele tinha trocado de camisa, desde as aulas, e tinha o cheiro de colônia.

Eu devo ter parecido perdida, sentada na beira do muro da área sem pavimento na frente da escola, abraçando minha mochila, que estava no meu colo. “Um pouco.”

“Você precisa ligar para alguém?”

Com o canto do meu olho, eu vi Bronco parar no estacionamento, e me permiti soltar um longo suspiro. Eu sorri para o Sr. Rink. “Nope. Ele acabou de chegar.”

“Que bom,” ele disse. “Vai ficar bem frio mais tarde. Neve!”

“Yippee,” eu disse alto, e ele riu e acenou enquanto andava para seu carro. Eu coloquei minha mochila no meu ombro e corri para o Bronco. Abrindo a porta do passageiro, eu pulei.

Foi apenas um segundo depois que eu fechei a porta que eu percebi que o cheiro estava errado. Eu ergui meus olhos até o banco do motorista e cruzei meus braços, por cima do peito, tremendo.

“Onde está o Sam?”

“Você quer dizer o cara que supostamente deveria estar sentado aqui,” Jack disse.

Embora eu tenha visto os olhos dele, quando ele estava em forma de lobo, embora eu tenha ouvido Isabel dizer que ela tinha visto ele, embora soubéssemos que ele estava vivo há semanas, eu não estava preparada para ver Jack em carne e osso. Seu cabelo preto encaracolado, mais longo do que da última vez que eu tinha visto ele, seus olhos caramelos deslumbrantes, suas mãos segurando o volante. Real. Vivo. Meu coração disparou em meu peito.

Os olhos de Jack estavam na estrada enquanto ele saía do estacionamento. Eu imaginei que ele estava pensando que eu não tentaria sair do Bronco enquanto estivesse em movimento, mas ele não tinha que se preocupar. Eu estava presa em meu lugar, pelo desconhecido: Onde está Sam?

“Sim, eu me referi ao cara que deveria estar sentado aqui.” Minha voz saiu como um rosnado. “Onde ele está?”

Jack me olhou; ele estava nervoso, tremendo. Qual foi a palavra que Sam tinha usado para descrever lobos? Instável? “Eu não estou tentando ser o vilão aqui, Grace. Mas eu preciso de respostas, e logo, ou vai ficar ruim, muito rápido.”

“Você está dirigindo como um idiota. Se você não quer ser parado pela polícia, é melhor ir mais devagar. Onde estamos indo?”

“Eu não sei. Me diga você. Eu quero saber como parar isso e eu quero saber agora, porque está piorando.”

Eu não sabia se ele se referiu a estar ficando pior enquanto o tempo esfriava, ou pior, naquele instante. “Não vou te dizer nada até que você me leve onde Sam está.”

Jack não respondeu. Eu disse. “Não estou brincando. Onde ele está?”

Jack apontou sua cabeça em minha direção. “Eu acho que você não entendeu. Sou eu quem está dirigindo, e sou eu quem sabe onde ele está e sou eu que pode arrancar sua cabeça se eu mudar, então me parece que é você que tem que começar a se mijar e me dizer o que eu quero saber.”

As mãos dele estavam segurando o volante com força, forçando os braços que tremiam. Deus, ele ia mudar logo. Eu tinha que pensar em algo pra tirar ela da estrada.

“O que você quer saber?”

“Como impedir. Eu sei que você sabe a cura. Eu sei que você foi mordida.”

“Jack, eu não sei como parar. Eu não posso curar você.”

“Yeah, eu imaginei que você fosse dizer isso. Foi por isso que mordi sua amiga idiota. Porque se você não lutar para me curar, eu sei que você fará por ela. Eu só tive que me certificar que ela realmente vai mudar.”

O sentido surpreendente disso me deixou sem fôlego; eu mal conseguia falar. “Você mordeu Olivia?”

“Você é idiota? Eu acabei de dizer isso. Então agora é melhor começar a falar porque eu vou, ahhh.” O pescoço de Jack mudou, virando de forma estranha. Meu sentido de lobo gritou perigo, medo, terror, raiva, para mim, as emoções vindo em ondas.

Eu virei e liguei o ar quente. Eu não sabia que diferença faria, mas não ia machucar tentar.

“É o frio. O frio muda você para um lobo e o calor para isso.” Eu estava falando rapidamente, tentando impedir ele de falar, tentando impedir ele de ficar com mais raiva.

“É pior quando você foi recém mordido. Você fica mudando toda hora, mas depois fica mais estável. Você vai ser humano por mais tempo – você tem o verão todo –” Os braços de Jack tiveram novos espasmos, e o carro foi em direção ao acostamento, antes de voltar para estrada. “Você não pode dirigir agora! Por favor. Não vou fugir, nem nada assim – eu quero ajudar você, eu realmente quero. Mas você tem que me levar até Sam.”

“Fique quieta.” A voz de Jack era em parte um rosnado. “Aquela vadia também disse que queria me ajudar. Estou farto disso. Ela me disse que você foi mordida e que você não mudou. Eu segui você. Estava frio. Você não mudou. Então o que é? Olivia disse que não sabia.”

Minha pele estava queimando com o calor que e a força das emoções dele. Toda vez que ele dizia Olivia, era como um soco no estômago. “Ela não sabe. Eu fui mordida, ela tem razão. Mas eu nunca mudei, nem uma vez. Eu não tenho a cura. Eu só não mudei. Eu não sei por que, ninguém sabe por que. Por favor –”

“Pare de mentir para mim.” Era difícil entender ele agora. “Eu quero a verdade agora, ou você vai se machucar.”

Eu fechei meus olhos. Eu me sentia como se tivesse perdido meu equilíbrio e o mundo todo estivesse girando para longe de mim. Tinha que haver algo que eu podia dizer para ele, que iria melhorar tudo. Eu abri meus olhos. “Tudo bem. Ok. Tem uma cura. Mas não tem o bastante para todo mundo, então ninguém quer te contar sobre isso.” Eu me encolhi enquanto ele batia no volante com seus dedos de unhas escuras. O olho da minha mente se afastou da feia realidade, para uma imagem da enfermeira deslizando a seringa com a vacina para raiva na pele de Sam. “É uma vacina, mais ou menos, vai direto na veia. Mas dói. Muito. Tem certeza que quer?”

“Isso dói,” Jack rosnou.

“Tudo bem. Se eu te levar onde é, você me diz onde Sam está?”

“Tanto faz! Me diga para onde ir. Que Deus me ajude, se você estiver mentindo, eu mato você.”

Eu dei a ele as instruções para a casa de Beck e rezei que ele conseguisse chegar lá. Eu peguei meu telefone, da minha mochila.

O Bronco desviou enquanto a atenção de Jack estava focada em mim. “O que você está fazendo?”

“Estou ligando para Beck. Ele é o cara com a cura. Eu tenho que dizer a ele não dar a última vacina antes de chegarmos lá. Está tudo bem?”

“É realmente melhor você não estar mentindo para mim...”

“Olha. Esse é o número que estou discando. Não para a polícia.” O número de Beck voltou para mim; eu era melhor com números do que com palavras. Começou a chamar. Atenda. Atenda. Que essa seja a decisão certa.

“Alô?”

Eu reconheci a voz. “Oi. Beck, aqui é a Grace.”

“Grace? Desculpe, sua voz parece familiar, mas eu —”

Eu falei atropelando o que ele disse. “Você ainda tem um pouco daquilo? Da cura? Por favor, me diga que você não usou a última.”

Eu fingi que ele respondeu. “Graças a Deus. Olha. Jack Culpeper está comigo no carro. Ele prendeu Sam em algum lugar e ele não me dirá onde está, a não ser que ele tenha a cura. Estamos, tipo, há 10 minutos daí.”

Beck disse, muito suavemente, “Merda.”

Por algum motivo, isso fez meu peito tremer; levei um momento para perceber que era um soluço que engoli. “Sim. Então, você estará lá?”

“Sim. É claro. Grace — você ainda está aí? Ele pode me ouvir?”

“Não.”

“Seja confiante, ok? Tente não parecer muito assustada. Não olhe ele nos olhos, mas seja assertiva. Estaremos esperando na casa. Faça ele entrar. Não posso sair ou vou mudar, e então estamos ferrados.”

“O que ele está dizendo?” Jack exigiu.

“Ele está dizendo em que porta você deve passar para entrar. Para você ir mais rápido, e não mudar. Ele não pode usar a cura se você for um lobo.”

“Boa garota,” Beck disse.

Por algum motivo, a inesperada bondade de Beck era mais difícil suportar – ela fez lágrimas se acumularem em meus olhos, onde a ameaça de Jack, não tinha sido capaz de fazer.

“Estaremos aí logo.” Eu fechei o telefone e olhei para Jack. Não direto em seus olhos, mas na lateral da cabeça dele. “Pare direto na entrada, e eles vão destrancar a porta da frente.”

“Como posso saber que posso confiar em você?”

Eu dei de ombros. “É como você disse. Você sabe onde Sam está. Nada vai acontecer com você, porque temos que saber onde ele está.”

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE • SAM

4°C

O frio se grudou na minha pele. A escuridão se pressionou contra meus olhos, tão pesada que eu pisquei para clarear minhas íris. Quando fiz isso, eu vi um retângulo branco na minha frente – o crack de uma porta. Com nenhuma outra forma para me guiar, eu não conseguia distinguir se eu estava despertadamente perto, ou horrivelmente distante. Cheiros se amontoaram ao meu redor, pó, orgânico, químico. Minha respiração era alta em minhas orelhas, então onde quer que eu fosse que eu estava, tinha que ser pequeno. Uma cabana para ferramentas? Um depósito?

Merda. Estava frio. Não frio o bastante para eu mudar, ainda não. Mas seria o bastante, logo. Eu estava deitado – porque eu estava deitado? Eu me levantei e mordi o lábio, com força, para me impedir de ofegar alto. Tinha algo errado com meu tornozelo. Eu tentei de novo, com cuidado, um frágil cervo em pernas novas, e elas cederam abaixo de mim. Eu caí de lado, os braços tateando, por algum tipo de suporte. Minhas palmas passaram por vários instrumentos afiados de tortura, pendurados nas paredes. Eu não fazia ideia do que eram – frio, metálico, sujo.

Por um momento, eu fiquei parado, de quatro, ouvindo minha respiração, sentindo o sangue nas minhas palmas, e pensando em desistir. Eu estava tão cansado de lutar. Parecia que eu estava lutando há semanas.

Finalmente, eu me levantei e manquei até a porta, os braços esticados na minha frente, para proteger meu corpo de mais surpresas. O ar frio passou pela abertura na porta. Escorregando por mim como água. Eu busquei uma maçaneta, mas não havia nada, a não ser maçaneta podre. Uma farpa entrou nos meus dedos e eu xinguei, muito silenciosamente. Então inclinei meu ombro na porta e empurrei, pensando, Por favor, por favor abra, se existe alguma justiça nesse mundo.

Nada.

CAPÍTULO CINQUENTA • GRACE

4°C

Eu peguei minha mochila. “É isso.”

Parecia estúpido, de algum jeito, a casa de Beck parecer exatamente a mesma de quando Sam tinha me trazido aqui para me levar na floresta dourada, porque as circunstâncias eram tão descontroladamente diferentes, mas era. A única diferença era a grande SUV do Beck na entrada da garagem.

Jack já estava encostando na estrada. Ele tirou a chave da ignição e olhou para mim, com os olhos cautelosos. “Saía depois de mim.” Eu fiz como ele mandou, esperando por ele sair, dar volta e abrir a porta. Eu desci do carro e ele agarrou meu braço firmemente. Seus ombros estavam muito juntos e sua boca ligeiramente aberta – acho que ele nem notou. Acredito que eu deveria estar preocupada em ele me atacar, mas tudo o que eu poderia pensar era: ele vai se transformar e não saberemos onde Sam está até que seja muito tarde.

Eu rezei para que Sam estivesse em algum lugar quente, em algum lugar longe do alcance do inverno.

“Rápido,” eu disse, puxando meu braço contra o aperto do Jack, quase correndo pela porta da frente. “Não temos muito tempo.”

Jack tentou abrir a porta da frente; estava destrancado, como prometido, ele me empurrou na frente antes de bater a porta atrás de nós. Meu nariz pegou um leve cheiro de alecrim no ar – alguém estava cozinhando, e por alguma razão, eu me lembrei da anedota de Sam cozinhando bifes para Beck – então eu ouvi uma batida e um rosnado atrás de mim.

Os dois sons vieram de Jack. Isso não era a luta silenciosa que eu já tinha visto Sam fazer para se manter humano. Isso era alto, violento, raivoso. Os lábios de Jack transformaram-se em um rosnado, então seu rosto abriu-se em um focinho, sua pele mudou de cor no mesmo instante. Ele procurou por mim como se fosse me bater, mas suas mãos tinham virado patas com unhas duras e escuras. Sua pele inchava e tinha um leve brilho um momento antes de cada

mudança radical, como uma placenta cobrindo uma criança aterrorizante e selvagem.

Eu olhei para a camisa que pairava no meio do lobo. Eu não conseguia olhar para outro lugar. Era o único detalhe que podia convencer minha mente que este animal era o Jack. Esse Jack estava tão nervoso quanto ele tinha estado no carro, mas agora sua raiva não era dirigida, não tinha um controle humano. Seus lábios se afastaram mostrando seus dentes e formando um rosnado, mas nenhum som apareceu.

“Para trás!”

Um homem entrou no corredor, surpreendentemente ágil apesar do seu peso, e correu diretamente para Jack. Jack, fora de guarda, se agachou defensivamente e o homem inclinou-se no lobo como todo seu peso.

“Abaixe-se!” o homem rosnou e eu vacilei antes de perceber que ele estava falando com o lobo. “Fique abaixado. Essa é a minha casa. Aqui você não é nada.” Ele tinha a mão em volta do focinho do Jack e estava gritando do lado direito do seu rosto. Jack assobiava através dos seus dentes cerrados e Beck forçava sua cabeça para o chão. Os olhos do Beck subiram para mim, e mesmo segurando um lobo enorme no chão com uma mão, sua voz era perfeitamente nivelada. “Grace? Você pode ajudar?”

Eu estava em pé perfeitamente parada, assistindo. “Sim.”

“Agarre a ponta do tapete que ele está sentado. Nós vamos levar ele para o banheiro. É –”

“Eu sei onde é.”

“Ótimo. Vamos. Eu vou tentar ajudar, mas tenho que manter meu peso nele.”

Juntos, nós puxamos Jack pelo corredor até o banheiro onde eu tinha forçado Sam entrar na banheira. Beck, metade no tapete e metade fora, foi para trás de Jack e o jogou no banheiro, trancando a porta. A maçaneta era ao

contrário e a tranca ficava do lado de fora, o que me fez pensar em quantas vezes esse tipo de coisa já tinha acontecido antes.

Beck deu um suspiro profundo, que parecia ser um eufemismo e olhou para mim. “Você está bem? Ele te mordeu?”

Miseravelmente eu balancei a cabeça. “De qualquer forma isso não importa. Como vamos encontrar Sam agora?”

Beck jogou sua cabeça para que eu o seguisse até a cozinha com cheiro de alecrim. Eu o fiz, olhando para cima cautelosamente quando eu vi outra pessoa sentada no balcão. Se uma pessoa me perguntasse depois, eu não seria capaz de descrevê-lo a não ser como escuro. Ele era apenas escuro, parado, silencioso e cheirava lobo. Ele tinha cicatrizes que pareciam novas em suas mãos; deveria ser Paul. Ele não disse nada e Beck não disse nada para ele enquanto se inclinava no balcão e pegava um celular.

Ele discou um número e colocou no viva voz. Ele olhou para mim. “O quanto ele está bravo comigo? Ele jogou o celular?”

“Eu acho que não. Eu não sabia o número.”

Beck olhou para o telefone e nós escutamos ele tocar, baixo e distante. Por favor, atenda. Meu coração estava pulando incontrolavelmente. Eu inclinei na ilha da cozinha e olhei para Beck, seus ombros quadrados, seu maxilar quadrado, a linha da sua sobrelha. Tudo nele parecia seguro, honesto, idôneo. Eu queria confiar nele. Eu queria acreditar que nada de ruim iria acontecer porque Beck não estava em pânico.

Houve uma crepitação do outro lado da linha.

“Sam?” Beck inclinou perto do telefone.

A voz mal saía. “Gr – é?... você?”

“É o Beck. Onde você está?”

“– rás. Grace... Jack pa – ... co.” A única coisa que eu pude entender era a angústia. Eu queria estar lá, onde quer que ele esteja.

“A Grace está aqui,” Beck disse. “Está sobre controle. Onde você está? Você está seguro?”

“Frio.”

A única palavra veio terrivelmente clara. Eu me afastei da ilha. Ficar em pé parada não parecia ser uma opção.

A voz do Beck ainda era controlada. “Sua voz ainda não está chegando bem aqui. Tente de novo. Diga-me onde você está. O mais preciso que conseguir ser.”

“Diga para Grace... ligar I-bel... na... barracão em algum... re. Eu ouvi... atrás.”

Eu voltei para o balcão, inclinando na ilha. “Você quer que eu ligue para Isabel. Você está em algum barracão na propriedade deles? Ela está aí?”

“– im.” A voz do Sam foi enfática. “Grace?”

“O que?”

“–mo você.”

“Não diga isso,” eu disse. “Estamos indo te tirar daí.”

“Ráp –”

Ele desligou.

Os olhos do Beck pousaram em mim, e neles, eu pude ver toda preocupação que sua voz não revelava. “Quem é Isabel?”

“É a irmã de Jack.” Pareceu levar muito tempo para eu tirar minha mochila e pegar meu celular em um dos bolsos. “Sam deve estar preso em algum lugar da

propriedade deles. Em um barracão ou alguma coisa assim. Se eu tiver a Isabel no telefone, talvez ela possa encontrá-lo. Se não, estou indo para lá agora.”

Paul olhou para a janela, para o pôr do sol, e eu soube que ele estava pensando que eu não tinha tempo suficiente para chegar à casa dos Culpeper antes da temperatura cair. Não tinha razão para ficar pensando nisso. Eu achei o número da Isabel de quando ela tinha me ligado antes e apertei o LIGAR.

Tocou duas vezes. “Yeah.”

“Isabel, é a Grace.”

“Não sou idiota. Eu vi seu número.”

Eu queria passar através do telefone e estrangular ela. “Isabel, Jack trancou Sam em algum lugar perto da sua casa.” Eu cortei o começo da sua pergunta. “Eu não sei por quê. Mas Sam vai se transformar se ficar muito frio, e onde quer que ele esteja ele está preso. Por favor, me diga que você está na sua casa.”

“Yeah. Acabei de chegar. Estou na casa e não ouvi nenhuma agitação nem nada.”

“Você tem algum barracão ou alguma coisa assim?”

Isabel fez um barulho irritado. “Nós temos seis dependências.”

“Ele deve estar em uma dessas. Ele ligou de dentro de um barracão. Se o sol se for por detrás das árvores, vai ficar frio lá, tipo, em dois segundos.”

“Eu entendi!” Isabel rebateu. Houve um som de farfalhar. “Estou colocando meu casaco. Estou saindo. Você pode me ouvir? Agora estou do lado de fora. Estou com meu rabo congelado por sua causa. Estou atravessando o jardim. Estou andando onde minha cachorra costumava a fazer xixi antes do condenado do meu irmão comê-la.”

Paul sorriu.

“Você pode se apressar?” eu quis saber.

“Estou correndo para o primeiro barracão. Estou chamando o nome dele. Sam! Sam! Você está aí? Eu não ouço nada. Se ele transformou-se em lobo em um desses barracões e eu o deixar sair e ele arrancar minha cara fora, minha família vai te processar.”

Eu ouvi um *crack* fraco e baixo. “Merda. Essa porta está presa.” Outro *crack*. “Sam? Garoto-lobo? Você está aqui? Nada se move na relva do galpão. Aliás, onde está Jack se ele fez isso?”

“Aqui. Por enquanto ele está bem. Você ouviu alguma coisa?”

“Duvido que ele esteja realmente bem. Ele está seriamente fodida, Grace. Na cabeça, quero dizer. E não, eu te digo se eu ouvir alguma coisa. Eu vou para o próximo.”

O Paul colocou as costas da mão no vidro da janela por cima da pia e estremeceu.

Ele estava certo. Estava ficando muito frio.

“Ligue de novo para Sam,” eu implorei para o Beck. “Diga para ele gritar para que ela possa ouvi-lo.”

Beck pegou seu telefone, apertou um botão e o segurou na orelha.

Isabel parecia estar um pouco sem fôlego. “Estou na outra. Sam! Você está aí? Cara?”

Houve um barulho quase inaudível quando a porta abriu. Uma pausa. “A menos que ele tenha virado uma bicicleta, ele também não está aqui.”

“Quantos mais têm aí?” Eu queria estar na casa dos Culpeper no lugar de Isabel. Eu seria mais rápida que ela. Eu estaria gritando com todo meu pulmão para encontrá-lo.

“Eu já disse a você. Mais quatro. Apenas dois mais perto. Os outros estão além do campo. São celeiros.”

“Ele tem que estar em um desses mais próximos. Ele disse que era um barracão.” Eu olhei para Beck, que ainda tinha o telefone na orelha. Ele olhou para mim, balançou a cabeça. Sem resposta. Sam, por que você não está atendendo?

“Estou no barracão de jardim. Sam! Sam, é a Isabel, se você virou um lobo, não arranca minha cara.” Eu podia ouvir a respiração dela no telefone. “A porta está presa que nem a outra. Estou chutando ela com meu sapato caro e isso tá me deixando puta da vida.”

Beck fechou seu telefone, colocou no balcão e virou para Paul e para mim. Ele colocou as mãos entrelaçadas atrás da cabeça. O movimento era tão igual ao do Sam que me doeu.

“Eu abri. Isso fede. Tem porcaria em todo lugar. Não tem nada – oh.” Ela parou e sua respiração vinha pelo telefone, mais pesada que antes.

“O que? O que?”

“Espera um pou– cala a boca – estou tirando meu casaco. Ele está aqui, ok? Sam. Sam, olhe para mim. Sam, eu disse olhe para mim, seu filho da mãe, você não vai se transformar em um lobo agora. Não atreva-se a fazer isso com ela.”

Eu afundei vagorosamente ao lado do balcão, segurando o telefone contra minha cabeça. O rosto de Paul não mudou; ele apenas me olhava, parado, quieto, escuro, lobo.

Eu ouvi um som de estalo e um palavrão sussurrado, então o vento uivava através do alto falante. “Estou levando ele para dentro. Graças a Deus meus pais não estão em casa esta noite. Daqui a pouco eu te ligo. Preciso das minhas duas mãos agora.”

O telefone caiu em silêncio em minhas mãos. Olhei para Paul, que ainda estava me observando, me perguntando o que eu deveria dizer para ele, mas eu acho que ele já sabia.

CAPÍTULO CINQUENTA E UM • GRACE

3°C

A chuva dançou para fora de meu pára-brisa enquanto eu virei na entrada da garagem da casa dos Culpeper e os pinheiros pareciam engolir os faróis. A casa enorme era quase invisível na escuridão, exceto pelas luzes brilhando através das janelas do andar térreo. Eu embiquei o Bronco em direção a elas como se eu estivesse navegando um navio pelas luzes do mirante e encostei perto na SUV branca da Isabel. Não havia outros carros.

Eu peguei um casaco extra para Sam e saí do carro. Isabel me cumprimentou na porta de trás, me guiando através da entrada¹¹ cheirando fumaça, cheio de botas, coleiras de cachorro e galhadas. O cheiro de fumaça só aumentava à medida que entrávamos em uma linda cozinha. Um sanduíche pronto estava abandonado no balcão.

Isabel disse, “Ele está na sala, perto do fogo. Ele parou de vomitar um pouco antes de você chegar. Ele vomitou por todo carpete. Mas tudo bem, porque eu gosto que meus pais fiquem putos da vida comigo. Não tem razão para interromper um padrão constante.”

“Obrigada,” eu disse, mais intensamente grata do que a frase transmitia. Eu segui o cheiro de fumaça, o teto era muito alto e a maioria da fumaça tinha subido. Sam era um pacote embrulhado perto da lareira, com um cobertor de lã enrolado nos ombros. Uma xícara intocada de alguma coisa estava ao seu lado, ainda fumegante.

Eu me apressei, vacilando ao calor do fogo e parei logo quando senti o cheiro dele: forte, terra, selvagem. Um doloroso cheiro familiar que eu amava tanto – mas não queria senti-lo agora. Seu rosto quando virou para mim era humano e eu agachei ao lado dele e o beijei. Ele me pegou cuidadosamente, como se ele pudesse me quebrar e fechou seus braços ao meu redor,

¹¹ No original estava mudroom, é tipo de um corredor na entrada ou nos fundos da casa onde tem tipo de um armário sem portas para pendurar casacos, deixar botas, etc... segue um link para foto: http://seen.maintoday.com/gallery_photos/2008/09/07/146283/1891_mudroom_redo_4_358.jpg

encostando sua cabeça no meu ombro. Eu o senti estremecer intermitentemente, apesar do fogo estar pequeno, era quente o suficiente para queimar meu ombro que estava mais próximo a ele.

Eu esperei ele dizer alguma coisa. O silêncio mortal dele me assustava. Eu o afastei e passei minhas mãos pelo seu cabelo por um longo minuto antes de dizer o que precisava ser dito.

“Você não está bem, não é?”

“É como uma montanha russa,” Sam disse suavemente. “Eu subo, subo e subo pelo inverno e enquanto eu não estiver no topo, eu ainda posso escorregar de volta.”

Eu olhei para longe, para dentro do fogo, vendo bem no centro dele, a parte mais quente, até as cores e luzes perderem o sentido, queimando minha visão com luzes brancas dançantes. “E agora você está bem no topo.”

“Eu acho que talvez esteja. Espero que não. Mas Deus – eu me sinto um lixo.” Ele pegou minhas mãos com dedos gelados.

Eu não podia suportar o silêncio. “Beck queria vir. Ele não pode deixar a casa.”

Sam engoliu alto o suficiente para eu ouvir. Eu me perguntei se ele estava se sentindo enjoado novamente. “Eu não vou vê-lo novamente. Este é o último ano dele. Eu achei que estava certo ao ficar bravo com ele, mas agora parece bobo. Eu apenas não posso – não posso virar a cara para isso.”

Eu não sabia se ele quis dizer virar a cara para o que quer que Beck tenha feito para ele ficar bravo, ou se era sobre a montanha russa na qual ele estava montado. Eu apenas continuei encarando o fogo. Tão quente. Um pequeno verão, auto-suficiente e furioso. Se eu pudesse colocar isso dentro de Sam e mantê-lo quente para sempre. Eu tinha consciência de que Isabel estava em pé na porta do cômodo, mas ela parecia longe.

“Eu continuo pensando no porque eu não mudei,” eu disse suavemente. “Se eu nasci imune, ou alguma coisa assim. Mas eu não nasci, sabe? Porque eu

peguei aquela gripe. E porque eu ainda não sou realmente – normal. Eu posso sentir o cheiro muito melhor e ouvir muito bem.” Eu parei, tentando organizar meus pensamentos. “E eu acho que foi meu pai. Eu acho que foi quando ele me deixou no carro. Eu fiquei tão quente, que os médicos disseram que eu deveria ter morrido, lembra? Mas eu não morri. Eu sobrevivi. E não me transformei em lobo.”

Sam olhou para mim, seus olhos eram tristes. “Provavelmente você tem razão.”

“Mas veja, isso poderia ser uma cura, não poderia? Deixar você muito quente?”

Sam balançou a cabeça. Ele estava muito pálido. “Eu não acho, anjo. O quão quente estava aquela banheira que você me fez entrar? E – Ulrik – ele tentou indo para o Texas ano passado – a temperatura lá é trinta e nove, quarenta graus Celsius. Ele ainda é um lobo. Se foi isso que te curou, é porque você era pequena e porque você teve uma febre muitíssimo alta que te queimou de dentro para fora.”

“Você poderia induzir uma febre,” eu disse de repente. Mas logo depois que eu disse isso, eu balancei a cabeça. “Mas eu não acho que haja medicação para aumentar sua temperatura.”

“Isso é possível,” Isabel disse lá da porta. Eu olhei para ela. Ela estava encostada no batente da porta, braços cruzados no peito, as mangas do seu suéter estavam sujas do que quer que ela tenha feito para tirar Sam do barracão. “Minha mãe trabalha em uma clínica para pessoas de baixa renda duas vezes por semana e a ouvi falando sobre um cara que teve uma febre de quarenta e um graus e meio. Ele tava com meningite.”

“O que aconteceu com ele?” eu perguntei. Sam largou minha mão e virou seu rosto.

“Ele morreu.” Isabel encolheu. “Mas talvez um lobisomem não morra. Talvez seja por isso que você não tenha morrido quando era criança, porque você foi mordida um pouco antes do idiota do seu pai esquecer você no carro para cozinhar.”

Do meu lado, Sam cambaleou para ficar em pé e começou a tossir.

“No maldito tapete não!” Isabel disse.

Eu pulei enquanto Sam colocava as mãos no joelho ele tentou vomitar, mas não saiu nada. Ele virou-se para mim, trêmulo, e alguma coisa que vi em seus olhos fez meu estômago se revirar.

O cômodo fedia lobo. Por um momento vertiginoso, era Sam e eu, meu rosto enterrado no pelo do seu pescoço, há mil milhas daqui.

Sam apertou seus olhos fechados por um segundo e quando ele os abriu, ele disse, “Desculpe Grace – eu sei que isso é uma coisa horrível para se pedir. Mas nós podemos ir à casa do Beck? Eu tenho que vê-lo novamente, se este é –” Ele parou.

Mas eu sabia o que ele ia dizer. O fim.

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS • GRACE

0,5 °C

Dirigir em noites com nuvens sempre me deixava inquieta. Era como se a nuvem baixa, cobrisse não apenas o luar, mas também roubasse a iluminação dos faróis de qualquer potência, engolindo suas luzes no instante em que atingem o ar. Agora, com Sam, eu sentia que estava dirigindo por um túnel escuro que continuava a ficar cada vez mais estreito. O granizo batia no pára-brisa; minhas mãos estavam agarradas no volante enquanto os pneus do carro dançavam na estrada escorregadia.

O aquecedor estava o mais forte possível e eu queria acreditar que Sam parecia um pouco melhor. Isabel tinha colocado seu café em uma xícara de viagem e eu o forcei a beber enquanto nós dirigíamos, apesar da sua náusea. Parecia estar ajudando, mais que as fontes de calor externas tinham ajudado. Eu tomei isso como um possível reforço para nossa nova teoria sobre o calor interno.

“Eu pensei mais sobre sua teoria,” Sam disse, como se estivesse lendo meus pensamentos. “Faz muito sentido. Mas você tem que ter alguma coisa para induzir a febre – talvez meningite, como a Isabel disse – e estou achando que isso vai ser desagradável.”

“Tirando a própria febre, você quer dizer?”

“Yeah. Tirando isso. Parece perigosamente desagradável. Especialmente considerando que você não pode fazer um teste em um animal antes para descobrir se isso vai funcionar.” Sam olhou para mim rapidamente para ver se eu tinha entendido a piada.

“Difícilmente engraçado.”

“Melhor que nada.”

“Admito.”

Sam chegou mais perto e tocou minha bochecha. “Mas eu estou disposto a tentar. Por você. Para ficar com você.”

Ele disse isso de uma forma tão simples, que levei um tempo para entender o pleno impacto dessa declaração. Eu queria dizer alguma coisa, mas eu me senti sem ar.

“Eu não quero mais fazer isso, Grace. Não é mais suficiente ver você da floresta, não agora que eu estive com você – uma coisa real. Eu não posso mais apenas ficar assistindo. Eu prefiro qualquer risco que possa acontecer –”

“Morrer –”

“Sim, morrer – do que assistir tudo isso escapulir. Eu não posso fazer isso, Grace. Eu quero tentar. Apenas – eu acho que tenho que estar humano para ter uma chance. Não me parece que você pode matar o lobo enquanto você está lobo.”

Eu estava tremendo. Não porque estava frio, mas porque isso parecia possível. Horrivelmente, mortalmente, terrivelmente – possível. E eu queria isso. Eu queria nunca ter que desistir de sentir seus dedos em minha bochecha, ou o som triste de sua voz. Eu deveria dizer para ele, Não, não vale à pena, mas seria uma mentira em proporções tão épicas que eu não podia fazer.

“Grace,” Sam disse repentinamente. “Se você me quiser.”

“O que?” eu disse, então eu percebi o que ele tinha dito. Parecia impossível que ele tivesse que perguntar. Eu não poderia ser tão difícil assim de ler. Então eu percebi – sou estupidamente lenta – que ele queria ouvir. Ele sempre me dizia como ele se sentia, e eu apenas... estóica. Eu acho que nunca disse para ele. “Claro que quero. Sam, eu te amo, você sabe que sim. Eu o amo há anos. Você sabe disso.”

Sam deu um abraço em si mesmo. “Eu sei. Mas eu queria ouvir você dizer.” Ele foi em direção a minha mão antes de perceber que eu não podia tirá-la do volante; em vez disso ele fez um nó no meu cabelo em volta dos seus dedos e colocou a ponta dos dedos no meu pescoço. Eu imaginei poder sentir seu pulso

e o meu sincronizando através daquele pequeno contato. Isso podia ser meu para sempre.

Ele deslizou de volta para seu banco, parecendo cansado, e inclinou seu rosto no seu ombro para olhar para mim enquanto ele brincava com meu cabelo. Ele começou a cantarolar uma música, depois de algumas notas, ele a cantou. Baixinho, meio cantado, meio falado, incrivelmente gentil. Eu não entendi todas as palavras, mas era sobre uma garota de verão. Eu. Talvez para sempre sua garota. Seus olhos amarelos estavam meio fechados enquanto ele cantava, e aquele momento dourado, agüentando firme no meio de uma paisagem coberta por gelo como uma única bolha com o néctar do verão, eu podia ver como minha vida podia se estender diante de mim.

O Bronco cambaleou violentamente e uma batida de coração depois, eu vi o veado rolar pelo capô. Uma rachadura correu pelo pára-brisa, explodindo um segundo depois em mil pedacinhos como teias de aranha. Eu pisei no freio, mas nada aconteceu. Nem mesmo um suspiro de resposta.

Vire, o Sam disse, ou talvez eu o imaginei dizendo isso, mas quando eu virei o volante, o Bronco continuou escorregando, escorregando, escorregando. Eu lembrei, no fundo da minha memória, meu pai dizendo, ‘Orientar para derrapar’, e eu fiz, mas era muito tarde.

Houve um som como o de um osso quebrando e havia um veado morto em cima do carro e dentro do carro, vidro em todo lugar e Deus, uma árvore caída em cima do meu capô, havia sangue nas minhas articulações por causa do vidro, eu estava tremendo e Sam estava olhando para mim com um olhar de ‘oh não’ e então eu percebi que o carro não estava funcionando e tinha um ar congelante soprando pelo buraco no pára-brisa.

Eu fiquei um tempo olhando para ele. Então eu tentei a ignição, que nem respondeu quando eu virei a chave. Eu disse: “Vamos ligar para o 911. Eles virão nos pegar.”

A boca de Sam fez uma linha fina triste e ele acenou com a cabeça, como se isso fosse realmente funcionar. Eu disquei o número e relatei o acidente, tentado adivinhar onde nós estaríamos, tirei meu casaco, cuidadosamente para não passar as mangas nas minhas articulações ensangüentadas e joguei em

cima de Sam. Ele estava sentado quieto, parado, enquanto eu pegava um cobertor do banco de trás e joguei em cima dele também, então eu escorreguei no banco e encostei-me a ele, esperando mandar o calor do meu corpo para ele.

“Ligue para Beck, por favor,” Sam disse e eu o fiz. Eu coloquei no viva voz e coloquei o telefone no painel.

“Grace?” era a voz de Beck.

“Beck,” Sam disse. “Sou eu.”

Houve uma pausa, e então, “Sam eu —”

“Não há tempo,” Sam disse. “Nós batemos em um veado. Estamos quebrados.”

“Deus. Onde vocês estão? O carro está funcionando?”

“Muito longe. Nós ligamos para o 911. A ignição está morta.” Sam deu um momento para Beck perceber o que ele quis dizer. “Beck, sinto muito que eu não tenha ido até aí. Tem coisas que eu preciso falar —”

“Não, me escute primeiro, Sam. Aqueles garotos. Preciso que você saiba que eu os recrutei. Eles sabiam. Eles sabiam de tudo. Não fiz isso contra a vontade deles. Não como fiz com você. Eu sinto tanto Sam. Eu nunca deixei de sentir.”

Para mim, aquelas palavras não tinham significado, mas obviamente significavam alguma coisa para Sam. Seus olhos estavam muito brilhantes e ele piscava. “Eu não me arrependo. Eu te amo Beck.”

“Eu também te amo Sam. Você é o melhor de nós e nada pode mudar isso.”

Sam estremeceu, o primeiro sinal que eu vi o frio agindo nele. “Eu tenho que ir,” ele disse. “Não há mais tempo.”

“Tchau Sam.”

“Tchau Beck.”

Sam acenou para mim e eu apertei o botão DESLIGAR.

Por um segundo ele ainda estava piscando. Então ele jogou todos os cobertores e casacos para que seus braços ficassem livres e ele os passou ao meu redor o mais apertado que ele pode. Eu o senti estremecer, estremecer contra mim enquanto ele enterrava seu rosto no meu cabelo.

Eu disse, inutilmente, “Sam, não vá.”

Sam colocou meu rosto em suas mãos e me olhou nos olhos. Seus olhos eram amarelos, tristes, lobo, meu. “Isso continua a mesma coisa. Lembre-se disso quando você olhar para mim. Lembre-se que este sou eu. Por favor.”

Por favor, não vá.

Sam se separou de mim e abriu os braços, segurando no painel com uma mão e a parte de trás do seu banco com a outra. Ele inclinou sua cabeça e eu vi seus ombros ondularem e tremerem, assistindo a agonia silenciosa da mudança até um choro suave e terrível, bem no momento em que ele se perdeu.

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS • SAM

0,5°C

Colidindo com o vazio tremendo
Esticando minha mão para você
Me perdendo para um frígido lamento
É esse amor frágil
Um caminho
Para dizer
Adeus

CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO • GRACE

0°C

Quando os paramédicos chegaram, eu estava embolada numa pilha de casacos no banco do passageiro, minhas mãos pressionadas contra meu rosto.

“Senhorita, você está bem?”

Eu não respondi, só coloquei minhas mãos no meu colo e olhei para meus dedos, cobertos com lágrimas de sangue.

“Senhorita, você está sozinha?”

Eu acenei.

CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO • SAM

0°C

Eu observei ela, como eu sempre tinha observado.

Os pensamentos estavam escorregadios e transitórios, cheiros fracos em uma noite gélida, muito distantes para pegar.

Ela estava sentada do lado de fora da floresta, perto do balanço, curvada, até que o frio fez ela tremer, e ela ainda sim não se moveu. Por um longo tempo, eu não soube o que ela estava fazendo.

Eu observei ela. Parte de mim queria ir até ela, embora o instinto fosse contra. O desejo trouxe um pensamento que trouxe a memória da floresta dourada, os dias passando ao meu redor e caindo ao meu redor, os dias deitado e amassado no chão.

Mas então eu percebi o que ela estava fazendo, deitada ali, tremendo no frio. Ela estava esperando, esperando que o frio a mudasse para outra forma. Talvez aquele cheiro estranho que eu senti, tenha sido de sua esperança.

Ela esperou para mudar, e eu esperei para mudar, e nós dois queríamos o que não poderíamos ter.

Finalmente, a noite passou pelo jardim, alongando as sombras, tirando elas da floresta até que elas cobrissem o mundo todo.

Eu observei ela.

A porta abriu. Eu adentrei mais no escuro. Um homem saiu, e tirou a garota do chão. A luz da casa brilhava longe das feições congeladas do rosto dela.

Eu observei ela. Pensamentos, distantes, voaram com a ausência dela. Depois que ela desapareceu dentro da casa, só havia isso: saudade.

CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS • GRACE

1°C

Os uivos dele era a coisa mais difícil de suportar.

Por mais terrível que os dias fossem, as noites eram pior; os dias eram apenas preparações para, de alguma forma, suportar outra noite cheia do barulho deles. Eu estava deitada na cama e abracei o travesseiro dele até que não houvesse mais o cheiro dele nele. Eu dormi na cadeira dele, no escritório de papai até que ela tivesse minha forma, ao invés da dele. Eu andei descansa através da casa, em um pesar privativo que eu não podia partilhar com ninguém.

A única pessoa com quem eu podia partilhar, Olivia, não podia ser alcançada pelo telefone, e meu carro – o carro que eu não conseguia nem suportar em pensar – estava inútil e quebrado.

Então era apenas eu na casa e as horas se esticavam diante de mim e as imutáveis árvores sem folhas da Floresta Boundary, do lado de fora da minha janela.

Na noite que eu o ouvi uivar foi pior. Os outros começaram primeiro, como eles tinham feito nas últimas três vezes. Eu afundei na cadeira de couro no escritório de papai, enterrei meu rosto na última camiseta com o cheiro de Sam eu tinha, e fingi que era apenas uma gravação dos lobos, não lobos de verdade. Não pessoas de verdade. E então, pela primeira vez desde a batida, eu ouvi o uivo dele se juntar a eles.

Isso rasgou meu coração, porque eu ouvi a voz dele. Os lobos cantaram devagar atrás dele, uma harmonia agri-doce, mas tudo que eu ouvi foi Sam. O uivo dele tremeu, se ergueu, e caiu em angústia.

Eu ouvi por um longo tempo. Eu rezei pra que eles parassem, para que me deixassem em paz, mas ao mesmo tempo eu estava desesperadamente com medo que eles parassem. Muito depois das outras vozes terem sumido, Sam continuou uivando, muito suave e lentamente.

Quando ele finalmente se silenciou, a noite caiu morta.

Ficar sentada era intolerável. Eu levantei, caminhei de um lado pro outro, fechei e abri minhas mãos em punhos. Finalmente eu peguei o violão que Sam tinha tocando e gritei e fiz ele em pedaços batendo contra a mesa de papai.

Quando papai saiu do seu quarto, ele me encontrou sentada no meio de um mar de madeira lascada e cordas quebradas, como se um barco que carregava música tivesse batido nas rochas de uma costa.

CAPÍTULO CINQUENTA E SETE • GRACE

1°C

Na primeira vez que eu peguei meu telefone depois da batida, estava nevando. Leves e delicados flocos caíam através da minha janela, como pétalas de flores. Eu não teria atendido, mas era a única pessoa que eu estive tentando contatar desde a batida.

“Olivia?”

“G-gr-r-ace?” Olivia, mal reconheceu. Ela estava chorando.

“Olivia, shh – qual o problema?” Essa era uma pergunta idiota. Eu sabia o que estava errado com ela.

“Le – lembra que eu te contei que eu sabia sobre os lobos?” Ela estava ofegando muito, entre as palavras. “Eu não te contei sobre o hospital. Jack –”

“Te mordeu,” eu disse.

“Sim,” Olivia choramingou a palavra. “Eu não achei que algo fosse acontecer, porque os dias passaram e eu me senti igual!”

Meus membros pareciam moles. “Você mudou?”

“Eu – eu não posso – eu –”

Eu fechei meus olhos, imaginando a cena. Deus. “Onde você está agora?”

“Na parada de ô-ônibus.” Ela parou, endurecendo. “Está f-frio.”

“Oh, Olivia. Olivia, venha aqui. Fique comigo. Vamos dar um jeito nisso. Eu iria aí, mas eu ainda não tenho carro.”

Olivia começou a chorar de novo.

Eu levantei e fechei a porta do meu quarto. Não que mamãe fosse me ouvir; ela estava lá em cima, de qualquer forma. “Olivia, está tudo bem. Eu não vou surtar. Eu vi Sam mudar e eu não surtei. Eu sei como é. Se acalme, ok? Eu não posso ir até você. Eu não tenho carro. Você vai ter que dirigir até aqui.”

Eu a acalmei por alguns minutos e disse a ela que a porta da frente estaria destrancada quando ela chegasse aqui. Pela primeira vez desde a batida, eu me senti perto de mim novamente.

Quando ela chegou, com os olhos vermelhos e desgrenhada, eu a empurrei em direção ao banheiro para tomar um banho e dei uma nova muda de roupas. Eu sentei na tampa da privada enquanto ela estava parada na água quente.

“Eu te conto minha história se você me contar a sua,” eu disse a ela. “Eu quero saber quando Jack mordeu você.”

“Eu te disse como conheci ele, tirando fotos dos lobos, e como eu alimentei ele. Foi tão idiota eu não ter te contado – eu estava me sentindo tão culpada por ter brigado com você que eu não te contei na hora, então eu comecei a matar aula para ajudar ele, e então eu senti que não podia te contar sem... eu não sei o que pensei. Desculpe.”

“É o leite derramado agora,” eu disse. “Como ele era? Ele te forçou a ajudar ele?”

“Não,” Olivia disse. “Ele foi bem gentil, na verdade, quando as coisas iam do jeito dele. Ele ficava bem irritado quando mudava, mas parecia doloroso. E ele ficava perguntando sobre os lobos, querendo ver as fotos, e nós conversamos, e depois que ele descobriu que você tinha sido mordida –”

“Descobriu?” eu ecoei.

“Ok, eu contei a ele! Eu não sabia que ia enlouquecer ele! Ele ficava falando de uma cura, depois disso, e ele tentou me fazer contar a ele como ajudar ele. E então ele, um, ele...” Ela limpou seus olhos. “Me mordeu.”

“Espere. Ele te mordeu quando era humano?”

“Yeah.”

Eu dei nos ombros. “Deus. Que horrível. Bastardo nojento. Então você tem lidado com isso, por todo esse tempo, sozinha?”

“Pra quem eu iria contar?” Olivia disse. “Eu pensei que Sam era um, por causa dos olhos dele – porque eu pensei que eu reconheci ele pelas minhas fotos dos lobos – mas ele me disse que estava usando lente quando eu o conheci. Então eu sabia que, ou eu tinha entendido errado ou ele não iria me ajudar.”

“Você deveria ter me contado. Eu já tinha te contado sobre os lobisomens, de qualquer forma.”

“Eu sei. Eu só – culpada. Eu só” – ela desligou a água – “idiota. Eu não sei. O que eu posso fazer, de qualquer forma? Como Sam ficou tanto tempo como humano? Eu vi ele. Ele esperava no Bronco por você o tempo todo, e ele nunca mudou.”

Eu entreguei a ela uma toalha através da cortina. “Venha até meu quarto. Eu te conto.”

Olivia passou a noite comigo, tremendo e chutando tanto que ela, eventualmente, fez um ninho de cobertores em meu saco de dormir perto da cama para que nós duas pudéssemos dormir. Depois de um tardio café da manhã, fomos pegar para Olivia pasta de dente e outros acessórios de higiene – mamãe tinha ido trabalhar com papai para que eu pudesse usar o carro dela. No caminho de volta da loja, meu telefone tocou. Olivia pegou o telefone sem atender e disse o número para mim.

Beck. Eu realmente queria fazer isso? Eu suspirei e estendi minha mão para pegar o telefone. “Alô?”

“Grace.”

“Sim.”

“Sinto muito te ligar,” Beck disse. A voz dele soava sem vida. “Eu sei que os últimos dias devem ter sido difíceis para você.”

Eu deveria dizer alguma coisa? Eu esperava que não, porque eu não consegui pensar em nada. Meu cérebro parecia nublado.

“Grace?”

“Estou aqui.”

“Estou ligando por causa de Jack. Ele está melhor agora, mais estável, e não vai demorar muito até que ele mude de vez no inverno. Mas ele ainda tem algumas semanas de mudança incontrolável, eu acho.”

Meu cérebro não estava tão nublado para não perceber o quanto Beck estava confiando em mim, neste ponto. Eu me senti vagamente honrada. “Então ele ainda está trancado no banheiro?”

Beck riu, não uma risada engraçada, mas boa de ouvir, de qualquer forma. “Não, ele passou do banheiro para o porão. Mas eu temo que, um, eu vá mudar logo – eu quase mudei hoje de manhã. E isso deixaria Jack num lugar muito ruim pelas próximas semanas. Eu odeio te pedir isso, porque te coloca em perigo de ser mordida – mas talvez você possa ficar de olho nele até ele mudar?”

Eu parei. “Beck, eu já fui mordida.”

“Deus!”

“Não, não,” eu acrescentei com pressa. “Não recentemente. Muitos anos atrás.”

A voz de Beck era estranha. “Você é a garota que Sam salvou, não é?”

“Yeah.”

“E você nunca mudou.”

“Não.”

“Há quanto tempo conhece Sam?”

“Só nos conhecemos em pessoa esse ano. Mas eu estive observando ele desde que ele me salvou.” Eu parei na entrada da garagem, mas não desliguei o motor. Olivia se inclinou para frente, aumentando o aquecedor, e se inclinou para trás em seu assento, com seus olhos fechados. “Eu gostaria de passar aí antes de você mudar. Só para conversar, se estiver tudo bem.”

“Isso seria mais do que tudo bem. Mas tem que ser logo, eu temo. Estou entrando no ponto onde não vou me transformar de volta.”

Merda. Meu telefone estava com uma chamada em espera. “Essa tarde?” eu perguntei. Quando ele concordou, eu disse, “eu tenho que ir – desculpe – alguém está me ligando.”

Ele disse tchau e desligou.

“Nossa senhora, Grace, quantas vezes você ia deixar tocar? Dezoito? Vinte? Cem?” Era Isabel; eu não tinha notícias dela desde o dia depois do acidente, quando eu contei a ela onde Jack estava.

Eu respondi, “Até onde você sabia, eu estava na aula, e estava sendo assassinada por meu telefone tocar durante a aula.”

“Você não está na aula. De qualquer forma. Preciso da sua ajuda. Minha mãe viu outro caso de meningite – o pior tipo de meningite – na clínica que ela trabalha. Enquanto eu estava lá, eu tirei sangue do cara. Três frascos.”

Eu pisquei várias vezes antes de entender o que ela estava dizendo. “Você o que? Por quê?”

“Grace, eu pensei que você era a melhor da sua turma. Claramente a escala de deslizamento fez maravilhas para você. Tente se concentrar. Enquanto mamãe estava no telefone, eu fingi ser uma enfermeira e tirei o sangue dele. Seu nojento e infectado sangue.”

“Você sabe como tirar sangue?”

“Sim, eu sei como tirar sangue! Todo mundo não sabe? Você não está entendendo o que estou dizendo? Três frascos. Um para Jack. Um para Sam. Um para Olivia. Eu preciso da sua ajuda para levar Jack a clínica. O sangue está na geladeira lá. Tenho medo de tirar caso a bactéria morra ou o que quer que seja que bactérias façam. De qualquer forma, eu não sei onde é a casa desse cara, onde Jack está.”

“Você quer injetar neles. Dar meningite a eles.”

“Não, eu quero dar a eles Malaria. Sim, idiota. Eu quero dar a eles meningite. O principal sintoma é – tadããã – febre. E se eu estiver sendo honesta, eu não dou a mínima se você fizer isso com Sam e Olivia. Provavelmente não vai funcionar em Sam, de qualquer forma, porque ele já é um lobo. Mas achei que tinha que tirar sangue o suficiente para os três se eu quiser contar com a sua ajuda.”

“Isabel, eu teria te ajudado de qualquer forma.” Eu suspirei. “Vou te dar um endereço. Me encontre em uma hora.”

CAPÍTULO CINQUENTA E OITO • GRACE

5,5°C

Estar no porão de Beck fez com que eu me sentisse mais feliz e mais triste dede que Sam tinha se transformado em lobo, porque vendo o Beck aqui, em seu próprio mundo, era como ver Sam novamente. Tudo começou quando deixamos Olivia vomitando no banheiro e encontrei Beck no topo da escada do porão – estava muito frio para ele nos encontrar na porta de entrada – e eu percebi que Sam tinha herdado muitos de seus maneirismos e movimentos do Beck. Até mesmo os gestos mais simples: procurando pelo interruptor da luz, inclinando sua cabeça para nós o seguir, se agachando desajeitadamente para evitar uma viga baixa no final das escadas. Tão parecido com Sam que doía.

Então nós chegamos ao final da escada e eu segurei o fôlego. O grande cômodo principal do porão estava cheio de livros. Não alguns. Era uma biblioteca. As paredes estavam forradas com prateleiras que subiam até o topo do teto baixo e elas estavam lotadas.

Mesmo sem chegar perto das prateleiras, eu pude ver que elas estavam categorizadas: atlas grandes e grossos e enciclopédias em uma prateleira; livros de bolsos pequenos, coloridos e com as capas amassadas em várias outras; livros grandes de fotos com letras maiúsculas em sua lombada; romances de capa dura com sobrecapas brilhantes. Eu andei vagarosamente até o meio da sala e parei num tapete laranja escuro, virando-me vagarosamente para ver todos eles.

E o cheiro – o cheiro do Sam estava em todo lugar dessa sala, como se ele estivesse aqui comigo, segurando minha mão, olhando todos esses livros comigo, esperando que eu dissesse ‘amei isso’.

Eu estava quase quebrando o silêncio para dizer algo como ‘Eu posso ver onde o Sam adquiriu seu hábito de leitura’, quando Beck disse, quase apologeticamente, “Quando você passa muito tempo dentro, você lê muito.”

Então, abruptamente eu me lembrei o que Sam tinha me falado sobre o Beck: este era seu último ano como humano. Ele nunca leria estes livros

novamente. Minhas palavras foram roubadas de mim, e eu então apenas olhei para Beck e consegui, estupidamente, dizer, “Eu amo livros.”

Ele sorriu como se soubesse. Então ele olhou para Isabel, que estava esticando seu pescoço como se Jack estivesse escondido em uma dessas prateleiras. “Jack provavelmente está no outro cômodo, jogando vídeo game.” Beck disse.

Isabel seguiu o olhar do Beck pela porta. “Ele vai rasgar minha garganta se eu for lá?”

Beck encolheu. “Não mais que o usual, eu acho. Aquele é o quarto mais quente da casa e eu acho que ele se sente mais confortável lá. Porém ele ainda muda freqüentemente. Apenas preste atenção.”

Eu estava interessada em como ele falava sobre Jack – mais animal que humano. Como se ele tivesse avisando Isabel como se aproximar dos gorilas no zoológico. Depois que Isabel desapareceu dentro do outro cômodo, Beck fez um gesto para uma de duas poltronas da sala. “Sente-se.”

Eu estava contente por sentar em uma daquelas poltronas. Cheirava Beck e mais alguns lobos, mas muito mais Sam. Era fácil imaginar ele aqui embaixo, curvado nesta luz, lendo e desenvolvendo um vocabulário enorme e detestável. Eu encostei minha cabeça em um lado da poltrona para fingir que eu estava inclinada nos braços de Sam e me virei para olhar para Beck, que estava sentado na poltrona oposta. Não corretamente, mas caído nela com as pernas para fora.

Ele parecia cansado. “Estou meio que surpreso de Sam ter mantido segredo sobre você este tempo todo.”

“Você está?”

Ele encolheu. “Eu acho que não deveria. Eu não contei a ele sobre minha esposa.”

“Ele sabia. Ele me disse sobre ela.”

Beck riu, curto e carinhoso. “Eu também não deveria estar surpreso com isso. Manter uma coisa em segredo do Sam era impossível. Não sendo clichê, mas ele podia ler uma pessoa como um livro.”

Nó dois nos referimos a ele no passado, como se ele estivesse morto. “Você acha que eu vou vê-lo novamente algum dia?”

Seu rosto estava distante, ilegível. “Acho que este ano foi seu último. Eu realmente acho. Eu sei que é o meu. Eu não sei por que ele teve poucos anos. Isso não é normal. Quero dizer, varia, mas eu fui mordido um pouco mais de vinte anos atrás.”

“Vinte?”

Beck fez um aceno de cabeça. Eu tinha vinte e oito, uma estrela em ascensão na minha firma e eu estava escalando de férias.”

“E os outros? De onde eles vieram?”

“De todos os lugares. Quando eu ouvi que havia lobos em Minnesota, eu achei que havia uma boa chance de eles serem como eu. Então eu procurei, encontrei e eu estava certo, e Paul me colocou debaixo da sua asa. Paul é —”

“O lobo preto.”

Ele concordou. “Você quer café? Eu mataria por café, se você não se importa com a expressão.”

Eu estava imensamente grata. “Isso seria maravilhoso. Se você me apontar a direção do pote, eu faço.” Ele apontou, escondido numa rachadura entre as prateleiras, próximo à pequena geladeira. “E você continua falando.”

Ele parecia bem humorado. “Sobre o que?”

“O bando. Como é, ser um lobo. Sam. Por que você transformou o Sam.” Eu parei, com o filtro de café na mão. “Sim. Essa. Eu quero saber essa em particular.”

Beck afundou seu rosto em suas mãos. “Deus, a pior. Eu transformei Sam porque eu era um bastardo egoísta sem alma.”

Eu medi as borras de café. Eu ouvi o arrependimento em sua voz, mas eu não ia o deixar escapar. “Isso não é uma razão.”

Suspiro profundo. “Eu sei. Jen – minha esposa – tinha acabado de morrer. Ela era paciente de câncer terminal quando nos conhecemos, então eu sabia que isso iria acontecer, mas eu era jovem, estúpido e pensei que talvez um milagre pudesse acontecer e nós viveríamos felizes para sempre depois. Não houve milagre. Eu estava deprimido. Eu pensei em me matar, mas uma coisa engraçada de se ter um lobo em você é que o suicídio não parece uma boa idéia. Você já notou que os animais não se matam de propósito?”

Eu não tinha. Eu fiz uma anotação sobre isso.

“De qualquer forma, eu estava em Duluth no verão e eu vi o Sam com seus pais. Deus, isso parece terrível não? Mas não foi bem assim. Jen e eu tínhamos falado muito sobre ter filhos, mesmo que nós dois soubéssemos que isso nunca aconteceria. Inferno, era para supostamente ele viver por mais oito meses. Como ela poderia ter um filho? Eu vi o Sam. Lá estava ele, com seus olhos amarelos, como o de um lobo de verdade e eu estava totalmente obcecado com a ideia. E – você não tem que me dizer, Grace, eu sei que foi errado – mas eu o vi com seus pais bobos e insípidos, eles eram tão sem noção quanto um par de pombos, e eu pensei, eu poderia fazer melhor por ele. Eu poderia ensinar mais para ele.”

Eu não disse nada, e Beck inclinou sua testa em sua mão novamente. Sua voz estava séculos mais velha. Eu não disse nada, mas ele gemeu. “Deus, eu sei, Grace. Eu sei. Mas você sabe o que é estúpido? Eu na verdade gosto de quem sou. Quero dizer, não a princípio. Era uma maldição. Mas tornou-se como uma pessoa que ama o verão e o inverno. Isso faz sentido? Eu sei que eventualmente eu me perco, mas eu cheguei a um acordo a um longo tempo atrás. Eu pensei que Sam tinha superado isso também.”

Eu achei as xícaras em um pequeno cubículo em cima da máquina de café e peguei duas. “Mas ele não superou. Leite?”

“Um pouco. Não muito.” Ele suspirou. “É um inferno para ele. Eu fiz um inferno pessoal para ele. Ele precisa daquele tipo de sentimento de estar acordado para sentir-se vivo, e quando ele perde isso e começa a virar lobo... é o inferno. Ele é absolutamente a melhor pessoa que eu já encontrei no mundo, e eu o arruinei absolutamente. Eu me arrependo disso todos os dias há anos.”

Talvez ele merecesse isso, mas eu não podia deixá-lo por menos. Eu levei para ele a xícara e sentei. “Ele ama você, Beck. Talvez ele odeie ser lobo, mas ele te ama. E eu tenho que te dizer, está me matando sentar aqui com você, porque tudo me lembra ele. Se você o admira, é porque você o fez quem ele é.”

Beck olhou estranhamente vulnerável, suas mãos em volta da xícara de café, olhando para mim através do vapor. Ele ficou em silêncio por um longo tempo, e então ele disse, “O arrependimento será uma coisa que estarei feliz em perder.”

Eu fiz uma careta para ele. Bebi o café. “Você vai esquecer-se de tudo?”

“Você não se esquece de nada. Apenas parece diferente. Apenas com o cérebro de um lobo. Algumas coisas perdem completamente a importância quando você é um lobo. Outras coisas são emoções que os lobos apenas não sentem. Nós perdemos estas. Mas as coisas mais importantes – nós podemos mantê-las. A maioria de nós.”

Como amar. Eu pensei em Sam me vendo, antes de nós nos conhecermos como humano, e eu o vendo de volta. Apaixonada, tão impossível quanto deveria ser. Minha barriga torceu, horivelmente e por um momento eu não pude falar.

“Você foi mordida,” Beck disse. Eu tinha ouvido isso antes, essa questão sem parecer uma questão.

Eu confirmei. “Um pouco mais que seis anos atrás.”

“Mas você nunca mudou.”

Eu relatei a história sobre ser trancada no carro e expliquei a teoria de uma possível cura que eu e a Isabel tínhamos desenvolvido. Beck ficou sentado por

um longo momento, mexendo um pequeno círculo no lado de sua xícara com um dedo, olhando sem enxergar os livros na parede.

Finalmente ele concordou. “Poderia funcionar. Eu posso ver como isso funciona. Mas eu acho que você tem que estar humano quando for infectado para funcionar.”

“Foi isso que Sam disse. Ele disse que se você fosse matar o lobo, você não deveria ser um lobo quando fosse infectado.”

Os olhos do Beck ainda estavam fora de foco enquanto ele pensava. “Deus, mas isso é arriscado. Você não poderia tratar a meningite antes de você ter certeza que matou o lobo. Meningite bacteriana tem uma taxa de fatalidade incrível, mesmo se tratada no início.”

“Sam me disse que arriscaria morrer para a cura. Você acha que ele falou sério?”

“Absolutamente,” Beck disse sem hesitar. “Mas ele é um lobo. E vai ficar desse jeito pelo resto da vida dele.”

Eu abaixei meus olhos para a xícara meio vazia, notando o jeito que o líquido muda de cor nas beiradas. “Eu estava pensando que poderíamos trazer ele para a clínica, apenas para ver se ele muda com o calor no prédio.”

Houve uma pausa, mas eu não olhei para cima para ver a expressão de Beck. Ele disse gentilmente, “Grace.”

Eu engoli, ainda olhando para o café. “Eu sei.”

“Eu tenho visto os lobos por vinte anos. É previsível. Nós chegamos a um final... e esse é o final.”

Eu me senti como uma criança teimosa. “Mas ele mudou esse ano quando ele não deveria, certo? Quando ele foi baleado, ele se transformou em humano.”

Beck tomou um longo gole do seu café. Eu ouvi seus dedos batendo do lado da xícara. “E para te salvar. Ele se transformou em humano para te salvar. Eu não sei como ele fez isso. Ou por que. Mas ele fez. Eu sempre achei que deveria ter alguma coisa a ver com adrenalina, enganando o corpo para pensar que está quente. Eu sei que ele tentou isso outras vezes, mas ele nunca conseguiu.”

Eu fechei meus olhos e me deixei imaginar Sam me carregando. Então, novamente: “Inferno. É isso que ele gostaria. Ele queria tentar.” Ele terminou seu café. “Eu vou te ajudar. No que você está pensando? Dopá-lo para viajar?”

Eu tinha pensado nisso, na verdade, sempre desde que Isabel tinha ligado. “Eu acho que vamos ter que fazer isso, certo? Caso contrário ele não virá de outra maneira.”

“Benadryl¹²,” Beck disse simplesmente. “Eu tenho um pouco lá em cima. Vai deixá-lo grogue e será suficiente para ele não ficar louco no carro.”

“A única coisa que eu acho que não sei é como fazê-lo vir até aqui. Eu não o vi desde o acidente.” Eu fui cuidadosa com minhas palavras. Eu não podia me dar esperanças. Eu apenas não podia.

A voz do Beck era certa. “Eu posso fazer isso. Eu vou buscá-lo. Nós vamos colocar o Benadryl no hambúrguer ou alguma coisa assim.” Ele se levantou e pegou minha xícara de café. “Eu gosto de você, Grace. Eu gostaria que Sam pudesse ter –”

Ele parou, colocou a mão no meu ombro. Sua voz era tão bondosa que eu achei que iria chorar.

“Talvez isso dê certo, Grace. Talvez dê certo.”

Eu podia ver que ele não acreditava, mas eu via também, que ele queria que funcionasse. Por agora, isso era suficiente.

¹² Nome de uma medicação.

CAPÍTULO CINQUENTA E NOVE • GRACE

3°C

Uma fina camada de neve se formou enquanto Beck andava no quintal, seus ombros negros e quadrados embaixo de seu suéter. Lá dentro, Isabel e Olivia estavam paradas comigo perto da porta de vidro, prontas para ajudar, mas eu senti que estava sozinha, observando Beck vagorosamente andar em seu último dia como humano. Uma de suas mãos segurava um pedaço vermelho de carne crua cheia de Benadryl, e a outra tremia incontrolavelmente.

Alguns metros da casa, Beck parou, derrubou a carne no chão, e então deu vários passos em direção a floresta. Por um momento ele ficou parado ali, sua cabeça levantada de um jeito que eu reconheci. Ouvindo.

“O que ele está fazendo?” Isabel exigiu, mas eu não respondi.

Beck colocou suas mãos ao redor de sua boca, e mesmo lá dentro, eu podia ouvir ele claramente.

“Sam!” Ele gritou de novo, “Sam! Eu sei que você está aí! Sam! Sam! Lembra-se de quem você é? Sam!”

Tremendo, Beck continuou a gritar o nome de Sam para a fria e gelada floresta, até que ele tropeçou e se ajeitou antes de cair.

Eu pressionei meus dedos nos meus lábios enquanto lágrimas rolavam pelas minhas bochechas.

Beck gritou o nome de Sam mais uma vez, e então os ombros dele se curvaram para cima, se curvando e contorcendo, suas mãos e pés trêmulos rasgando a camada de neve ao redor dele. Sua roupa estava pendurada ao redor dele, vasta e emaranhada, então ele se afastou, balançado sua cabeça.

O lobo cinza estava parado no meio do quintal, olhando em direção as portas de vidro, seus olhos nos observando observar ele. Ele se afastou da

roupa que ele nunca mais poderia usar, e então congelou, virando sua cabeça em direção a floresta.

Dentre os pinheiros escuros, outro lobo emergiu, a cabeça baixa e cuidadosa, neve amontoadada em seu pelo. Os olhos dele me encontraram, através do vidro.

Sam.

CAPÍTULO SESENTA • GRACE

2°C

A tarde era de um cinza chumbo, o céu uma infinita expansão de nuvens congeladas esperando pela neve e pela noite. Fora do Utilitário, os pneus batiam na estrada cheia de sal, e granizo batia no pára-brisa. Lá dentro, atrás do volante, Isabel continuava a reclamar sobre o “cheiro de terra molhada”, mas para mim era o cheiro dos pinheiros e terra e chuva e almiscarado. E atrás dele, a afiada e contagiosa sensação de ansiedade. No banco do passageiro, Jack continuava a reclamar suavemente, beirando entre animal e humano. Olivia estava sentada ao meu lado no banco traseiro, seus dedos fechados com tanta força nos meus que doía.

Sam estava atrás de nós. Quando o colocamos dentro do Utilitário, seu corpo era pesado com um sono induzido por drogas. Agora, sua respiração era mais profunda e desigual, e eu lutei para ouvir a respiração dele ao invés do som dos pneus batendo no pavimento, para manter algum tipo de conexão com ele quando eu não podia tocá-lo. Com ele drogado, eu podia ter sentado com ele e passado meus dedos pelo seu pelo, mas teria sido um tormento para ele.

Ele era um animal agora. De volta em seu mundo, distante de mim.

Isabel parou na frente da pequena clínica. À essa hora, o estacionamento estava escuro e sem iluminação; a clínica em si era um quadrado cinza pequeno. Não parecia com um lugar que fazia milagres. Parecia um lugar que você vinha quando estava doente e não tinha dinheiro. Eu tirei o pensamento da minha cabeça.

“Eu roubei as chaves da mamãe,” Isabel disse. Para crédito dela, ela não soava nervosa. “Venham. Jack, dá pra você tentar não atacar ninguém antes de entrar?”

Jack murmurou algo impossível de repetir. Eu olhei para trás; Sam estava de pé, se balançando. “Isabel, anda logo. O efeito do Benadryl está passando.”

Isabel puxou o freio de mão. “Se eu for presa, vou dizer a todos que vocês me seqüestraram.”

“Anda!” Eu surtei. Eu abri minha porta, ambos, Olivia e Jack fizeram uma careta por causa do frio. “Anda logo – vocês dois precisam correr.”

“Eu volto para te ajudar com ele,” Isabel me disse, e saiu do Utilitário. Eu virei em direção a Sam, que virou seus olhos em minha direção. Ele parecia desorientado, grogue.

Eu fiquei momentaneamente congelada pelo olhar dele, lembrando de Sam deitado na cama, nariz a nariz comigo, os olhos olhando para os meus olhos.

Ele fez um suave barulho de ansiedade.

“Sinto muito,” eu disse a ele.

Isabel voltou, e eu virei para ajudar ela. Ela tirou seu cinto e espertamente o virou ao redor do focinho de Sam. Eu fiz uma careta, mas eu não podia dizer a ela para não fazer isso. Ela não tinha sido mordida e não havia garantias de como Sam iria reagir a esse processo.

Entre nós duas, nós o erguemos e o carregamos até a clínica. Isabel chutou a porta para abrir, que já estava entreaberta. “As salas de exame são por ali. Tranque ele em uma delas e vamos ajeitar Olivia e Jack primeiro. Talvez ele se transforme de novo, se ele estiver no calor por tempo o bastante.”

A mentira de Isabel era extraordinariamente gentil; nós duas sabíamos que ele não iria mudar, sem algum tipo de milagre. O melhor que pude esperar era que Sam estivesse errado – que essa cura não o mataria quando ele era lobo. Eu segui Isabel a uma pequena sala de suprimentos, amontoando e cheio de todo tipo de remédio, com cheiro de borracha. Olivia e Jack já estavam esperando lá, as cabeças abaixadas juntas como se estivessem conversando, o que me surpreendeu. Jack ergueu sua cabeça quando entramos.

“Eu não posso suportar essa espera,” ele disse. “Podemos acabar com esse inferno de uma vez?”

Isabel me olhou. “Estamos infectando ele com meningite de propósito. Parece sem sentido estar preocupada com uma infecção por causa da injeção.”

Eu limpei o braço dele, mesmo assim, enquanto Isabel pegava a seringa cheia de sangue da geladeira.

“Oh, Deus,” Olivia sussurrou, seus olhos congelados na seringa.

Não tínhamos tempo para confortar ela. Eu peguei a mão fria de Jack e virei para que sua palma ficasse para cima, como eu lembrei de ter visto a enfermeira fazer antes de dar vacina para raiva.

Isabel olhou para Jack. “Tem certeza que quer isso?”

Ele ergueu os dentes em um rosnado. Ele fedia a medo. “Apenas faça isso.”

Isabel hesitou; levei um segundo para perceber por que. “Me deixe fazer,” eu disse a ela. “Ele não pode me machucar.”

Isabel me entregou a seringa e foi para o lado. Eu tomei o lugar dela. “Olhe para o outro lado,” eu ordenei a Jack. Ele virou sua cabeça. Eu enfiei a agulha, então bati no rosto dele com minha mão livre e fiz ela virar em minha direção. “Controle-se!” eu surtei. “Você não é um animal.”

Ele sussurrou, “desculpe.”

Eu apertei todo o embolo da seringa, tentando não pensar muito no conteúdo do sangue, e tirei a agulha. Havia um ponto vermelho onde a injeção tinha sido dada. Eu não sabia se era o sangue de Jack ou o sangue infectado da seringa. Isabel estava apenas encarando, então eu virei, peguei um Band-Aid, e coloquei no ponto. Olivia soltou um leve gemido.

“Obrigado,” Jack disse. Ele abraçou seus braços ao redor de si mesmo. Isabel parecia enjoada.

“Só me de a outra,” eu disse a Isabel. Isabel me entregou e viramos para Olivia, que estava tão pálida que eu podia ver a veia na sua têmpora; por causa dos nervos suas mãos tremiam. Isabel assumiu meu lugar de limpar o braço. Era

como uma regra não falada que nós duas tínhamos que nos sentir úteis, para fazer com que a tarefa horrível se tornasse possível.

“Eu mudei de ideia!” Olivia chorou. “Eu não quero! Eu vou arriscar!”

Eu peguei a mão dela. “Olivia. Olivia. Se acalme.”

“Eu não posso.” Os olhos de Olivia estavam no vermelho escuro da seringa. “Eu não posso dizer que prefiro morrer a ficar assim.”

Eu não sabia o que dizer. Eu não queria convencer ela a fazer algo que podia matá-la, mas eu não queria que ela não fizesse isso, por medo. “Mas toda sua vida – Olivia.”

Olivia balançou a cabeça. “Não. Não, não vale à pena. Deixe Jack tentar. Eu vou arriscar. Se funcionar nele, então eu tento. Mas eu... não posso.”

“Você sabe que é início de novembro, não sabe?” Isabel exigiu. “Está congelando! Você logo vai mudar pelo inverno todo, e não teremos outra chance até a primavera.”

“Só deixe ela esperar,” Jack surtou. “Não tem mal nenhum. Melhor os pais dela pensarem que ela está desaparecida por alguns meses do que descobrir que ela é um lobisomem.”

“Por favor.” Os olhos de Olivia estavam cheios de lágrimas.

Eu dei de ombros, sem ter o que fazer, e larguei a seringa. Eu não sabia mais do que ela. E no meu coração, eu sabia que, no lugar dela, eu faria a mesma escolha – melhor viver com seus amados lobos do que morrer de meningite.

“Tudo bem,” Isabel disse. “Jack, leve Olivia para o carro. Espera lá e mantenha os olhos abertos. Ok, Grace. Vamos ver o que Sam fez na sala de exames enquanto não estávamos.”

Jack e Olivia passaram pelo corredor, pressionados um contra o outro para se esquentar, tentando não mudar, e Isabel e eu viramos para ir até o lobo que já tinha se transformado.

Parada do lado de fora da sala onde Sam estava, Isabel colocou sua mão no meu braço, me parando antes de eu virar a maçaneta. “Tem certeza que quer fazer isso?” ela perguntou. “Pode matar ele. Provavelmente vai.”

Ao invés de responder, eu abri a porta.

Na feia luz fluorescente da sala, Sam parecia comum, como um cachorro, pequeno, abaixado ao lado da mesa de exames. Eu me ajoelhei na frente dele, desejando que tivéssemos pensado nessa possível cura antes de provavelmente ser tarde demais para ele. “Sam.” Eu não quero ficar diante de você como uma coisa, sagaz, secreta... eu sabia que o calor não faria ele mudar de volta para um humano. Não era nada a não ser egoísmo que tinha me feito trazer ele até a clínica. Egoísmo, e uma cura possível cura que poderia não funcionar nele, com essa forma. “Sam, você ainda quer fazer isso?”

Eu toquei o pelo dele, imaginando que era seu cabelo escuro. Eu engoli infeliz.

Sam assobiou pelo nariz. Eu não fazia ideia do quanto ele entendia do que eu disse; só que, em seu estado semi-drogado, ele não se esquivou sobre meu toque.

Eu tentei de novo. “Poderia matar você. Você ainda quer tentar?”

Atrás de mim, Isabel tossiu significativamente.

Sam reclamou por causa do barulho, os olhos indo de Isabel para a porta. Eu acariciei a cabeça dele e olhei em seus olhos. Deus, eles eram os mesmos. Me matava olhar para eles agora.

Isso tinha que funcionar.

Uma lágrima deslizou por meu rosto. Eu não me incomodei em limpá-la enquanto eu olhava para Isabel. Eu queria isso como nunca quis nada na vida. “Temos que fazer isso.”

Isabel não se moveu. “Grace, eu não acho que ele vá ter alguma chance a não ser que ele seja humano. Eu só não acho que isso vá funcionar.”

Eu passei um dedo sobre o curto e suave pelo da lateral do rosto dele. Se ele não estivesse sedado, ele não teria tolerado isso, mas o Benadryl tinha amortecido os instintos dele. Ele fechou seus olhos. Era diferente de um lobo o bastante para me dar esperança.

“Grace. Vamos fazer isso ou não? Sério.”

“Espere,” eu disse. “Estou tentando algo.”

Eu sentei no chão e sussurrei para Sam, “Eu quero que você escute, se puder.” Eu inclinei a lateral do meu rosto contra seu pelo e lembrei da floresta dourada que ele tinha me mostrado tanto tempo atrás. Eu lembrei da forma das folhas amarelas, da cor dos olhos de Sam, vibrando e torcendo, borboletas que se batiam, eu seu caminho até o chão. O delgado tronco das bétulas, cremosas e suaves como a pele humana. Eu lembrei de Sam parado no meio da floresta, seus braços esticados, uma forma escura e sólida, nos sonhos das árvores. Sua vinda para mim, eu socando seu peito, o suave beijo. Eu lembrei de cada beijo que já tínhamos dado, e me lembrei de cada vez que me aconcheguei em seus braços humanos. Eu lembrei do suave calor da respiração dele na minha nuca enquanto dormíamos.

Eu lembrei de Sam.

Eu lembrei dele se forçando para fora da forma de lobo por mim. Para me salvar.

Sam se afastou de mim. Sua cabeça estava baixa, o rabo entre as pernas, e ele estava tremendo.

“O que está acontecendo?” A mão de Isabel estava na maçaneta.

Sam se afastou ainda mais, batendo no armário atrás dele, se curvando em uma bola, e saindo daquela posição. Ele estava se pelando. Ele estava perdendo seu pelo. Ele era um lobo e ele era Sam, e então ele era apenas Sam.

“Rápido,” Sam sussurrou. Ele estava se segurando, com força, contra o armário. Seus dedos eram garras no azulejo. “Rápido. Faça agora.”

Isabel estava congelada na porta.

“Isabel! Anda!”

Ela saiu do seu feitiço e veio até nós. Ela se abaixou ao lado de Sam, perto da parte nua de suas costas. Ele estava mordendo seu lábio com tanta força que estava sangrando. Eu me abaixei, peguei sua mão.

A voz dele era contida. “Grace – rápido. Eu estou quase indo.”

Isabel não fez mais nenhuma pergunta. Ela só pegou o braço dele, virou, e colocou a agulha. Ela pressionou o embolo até a metade, mas tirou a agulha do braço dele enquanto ele convulsionava violentamente. Sam se afastou de mim, tirando sua mão de mim, e vomitou.

“Sam –”

Mas ele se fora. Em metade do tempo que tinha levado para ele virar humano, ele voltou a ser lobo. Tremendo, se esticando, as unhas arranhando os azulejos, caindo no chão.

“Sinto muito, Grace,” Isabel disse. Isso foi tudo que ela disse. Ela colocou a seringa no balcão. “Droga. Eu ouvi Jack. Eu já volto.”

A porta abriu e fechou. Eu me ajoelhei ao lado do corpo de Sam e enterrei meu rosto em seu pelo. Sua respiração estava espaçada e exausta. Tudo que eu conseguia pensar era – eu matei ele. Isso vai matar ele.

CAPÍTULO SESENTA E UM • GRACE

2°C

Foi Jack quem abriu a porta da sala de exames. “Grace, venha. Temos que ir – Olivia não está muito bem.”

Eu levantei, embaraçada por ser encontrada com bochechas com marcas de lágrimas. Eu virei a ponta da seringa usada no contêiner perto do balcão. “Eu preciso de ajuda para carregar ele.”

Ele fez uma careta para mim. “É por isso que Isabel me enviou aqui.”

Eu olhei para baixo, meu coração parou. Chão vazio. Eu virei, baixando minha cabeça para olhar debaixo da mesa. “Sam?”

Jack tinha deixado a porta aberta. A sala estava vazia.

“Me ajude a encontrar ele!” Eu gritei para Jack, passando por ele e indo até o corredor. Não havia sinal de Sam. Enquanto eu passava pelo corredor, eu podia ver a porta bem aberta no final dele, a noite escura entrando. Era o primeiro lugar para onde um lobo correria, assim que o efeito das drogas passasse. Fugindo. À noite. O frio.

Eu virei no estacionamento, procurando por qualquer sinal de Sam na beira de Floresta Boundary que se esticava atrás da clínica. Mas estava mais escuro do que o escuro. Nenhuma luz. Nenhum som. Nem Sam.

“Sam!”

Eu sabia que ele não viria, mesmo que me ouvisse. Sam era forte, mas seus instintos eram mais fortes.

Era intolerável imaginar ele lá fora em algum lugar, meio vidro de sangue infectado se misturando lentamente com o dele.

“Sam!” Minha voz era um lamento, um gemido, um choro na noite. Ele se fora.

Luzes me cegaram: O Utilitário de Isabel, passando ao meu lado e então parando. Isabel se inclinou para frente, no lado do motorista e abriu a porta do passageiro, seu rosto um fantasma nas luzes do painel do carro.

“Entre, Grace. Anda de uma vez! Olivia está mudando e já estamos aqui a tempo demais.”

Eu não podia deixar ele.

“Grace!”

Jack entrou no banco de trás, tremendo; os olhos dele me imploraram. Eles eram os mesmos olhos que eu vi no início, quando ele tinha recém se transformado. Antes de eu saber qualquer coisa.

Eu entrei e fechei a porta, olhando pela janela em tempo de ver um lobo branco parado a beira do estacionamento. Shelby. Viva, como Sam tinha pensado. Eu a encarei pelo espelho retrovisor; o lobo estava parado no estacionamento e nos olhava. Eu pensei ter visto triunfo nos olhos dela enquanto ela virava e desaparecia na escuridão.

“Que lobo era esse?” Isabel exigiu.

Mas eu não podia responder. Tudo que eu conseguia pensar era Sam, Sam, Sam.

CAPÍTULO SESENTA E DOIS • GRACE

4°C

“Eu não acho que Jack está bem,” Olivia disse. Ela estava no banco do passageiro do meu novo carro, um pequeno Mazda que tinha o cheiro de tapete limpo e solidão. Embora ela usasse dois dos meus suéteres e uma toca, ela ainda estava tremendo, suas mãos enroladas ao redor de seu estômago. “Se ele estivesse bem, Isabel não teria nos ligado.”

“Talvez,” eu disse. “Isabel não é do tipo que liga.” Mas eu não consegui me impedir de pensar que ela tinha razão. Esse era o terceiro dia, e a última vez que ouvimos algo sobre Isabel, fazia oito horas.

Dia um: Jack tinha dor de cabeça e um pescoço duro.

Dia dois: Dor de cabeça pior. Ficando com febre.

Dia três: Recado de Isabel.

Eu parei o Mazda na garagem de Beck e estacionei atrás do gigante Utilitário de Isabel. “Pronta?”

Olivia não parecia estar, mas ela saiu para o carro e foi correndo para a porta da frente. Eu segui ela e fechei a porta atrás de nós, “Isabel?”

“Aqui.”

Seguimos a voz dela até os quartos do andar de baixo. Era um quartinho amarelo alegre e bem pequeno que parecia em desacordo com o odor de decomposição dos doentes, que enchia o quarto.

Isabel estava sentada, de pernas cruzadas, em uma cadeira no pé da cama. Círculos profundos, como impressões de um dedão na cor púrpura, estavam pressionadas embaixo de seus olhos.

Eu entreguei a ela o café que eu trouxe. “Porque você não nos ligou?”

Isabel me olhou. “Os dedos dele estão morrendo.”

Eu estive evitando olhar para ele, mas eu olhei, finalmente, onde ele estava deitado na cama, curvado como uma borboleta incompleta. A ponta dos dedos dele estava num tom de azul desconcertante. O rosto dele estava brilhante de suor, e seus olhos fechados. Minha garganta pareceu se encher.

“Eu pesquisei online,” Isabel me disse. Ela entregou seu telefone, como se explicasse tudo. “Sua dor de cabeça é porque o revestimento do cérebro dele está inflamado. Os dedos dos pés e das mãos estão azuis porque o cérebro dele não está mais dizendo ao seu corpo para mandar sangue lá. Eu tirei a temperatura dele. É 40,5°C.”

Olivia disse, “eu tenho que vomitar.”

Ela me deixou no quarto com Isabel e Jack.

Eu não sabia o que dizer. Se Sam estivesse aqui, ele saberia a coisa certa a se dizer. “Sinto muito.”

Isabel deu de ombros, os olhos vazios. “Funcionou do jeito que deveria. No primeiro dia, ele quase mudou para um lobo quando a temperatura dele baixou a noite. Essa foi a última vez, mesmo quando a energia acabou ontem a noite. Eu achei que estava funcionando. Ele não mudou desde que está com febre.” Ela fez um pequeno gesto em direção a cama. “Você deu uma desculpa para mim na escola?”

“Sim.”

“Fantástico.”

Eu gesticulei para que ela me seguisse. Ela levantou da sua cadeira como se fosse difícil para ela e me seguiu até o corredor.

Eu fechei quase completamente a porta do quarto, para que Jack, se estivesse ouvindo, não conseguisse ouvir a conversa. Baixo, eu disse, “Temos que levar ele ao hospital, Isabel.”

Isabel riu – um som estranho e feio. “E dizer a eles o que? Ele supostamente está morto. Você acha que não pensei sobre isso? Mesmo que a gente dê um nome falso, o rosto dele esteve por todo noticiário por dois meses.”

“Então vamos arriscar, ok? Vamos bolar alguma história. Eu quero dizer, temos que pelo menos tentar, certo?”

Ela olhou para cima, para mim, com seus olhos vermelhos por um longo momento. Quando ela finalmente falou, sua voz era vazia. “Você acha que eu quero que ele morra? Você não acha que eu quero salvar ele? É tarde demais, Grace! É difícil para as pessoas sobreviverem a esse tipo de meningite mesmo que elas recebam tratamento desde o início. Agora, por ele, depois de 3 dias? Eu nem tenho remédio para dor pra dar para ele, muito menos qualquer coisa que possa fazer algo para isso. Eu pensei que a parte de lobo pudesse salvar ele, como salvou você. Mas ele não tem chance. Nenhuma chance.”

Eu peguei o café da mão dela. “Não podemos simplesmente ver ele morrer. Levamos ele para um hospital que não vai saber quem ele é imediatamente. Vamos dirigir até Duluth se for preciso. Eles não vão reconhecer ele lá, pelo menos não imediatamente, e então, teremos pensado em algo para dizer a eles. Vá limpar seu rosto e pegue o que quer que você queira levar das coisas dele. Anda, Isabel. Mexa-se.”

Isabel ainda sim não respondeu, mas ela foi em direção às escadas. Depois que ela se foi, eu fui para o banheiro do andar de baixo e abri o armário de remédios, imaginando que deveria ter algo útil ali. Uma casa cheia de pessoas tende a acumular vários remédios. Havia um pouco de aspirina e uns remédios para dor de três anos atrás. Eu peguei tudo e fui até o quarto de Jack.

Ajoelhando perto da cabeça dele, eu disse, “Jack, você está acordado?” Eu senti o cheiro de vomito no hálito dele e imaginei onde diabos ele e Isabel estiveram vivendo nos últimos três dias; isso revirou meu estômago. Eu tentei me convencer que, de alguma forma, ele merecia isso por me fazer perder Sam, mas eu não consegui.

Levou um longo tempo para ele responder. “Não.”

“Posso fazer algo por você? Para te fazer sentir mais confortável?”

A voz dele era muito fraca. “Minha cabeça está me matando.”

“Eu tenho alguns remédios para dor. Você acha que pode tomar?”

Ele fez um vago barulho de afirmação, então eu peguei o copo de água do lado da cama e ajudei ele a beber algumas cápsulas. Ele murmurou algo que pode ter sido “obrigado”. Eu esperei 15 minutos, até que os remédios dele começaram a fazer efeito, e observei o corpo dele relaxar um pouco.

Em algum lugar, Sam tinha isso. Em imaginei ele deitado em algum lugar, o cérebro explodindo de dor, a febre assolando, morrendo. Parecia que se algo acontecesse com Sam, eu deveria saber, de alguma forma: sentir uma pequena picada de angustia no momento que ele morresse. Na cama, Jack fez um pequeno barulho, um som não intencionado de dor, um pequeno choro em seu sono profundo.

Tudo que eu conseguia pensar era em ter injetado Sam com o mesmo sangue. Em minha cabeça, eu ficava vendo Isabel colocar isso nas veias dele, um coquetel mortal.

“Eu já volto,” eu disse a Jack, embora eu achasse que ele estava dormindo. Eu fui até a cozinha e encontrei Olivia inclinada contra a ilha¹³, dobrando um pedaço de papel.

“Como ele está?” ela perguntou.

Eu balancei a cabeça. “Temos que levar ele ao hospital. Você pode vir?”

Olivia olhou para mim de uma forma que eu não consegui interpretar. “Acho que estou pronta.” Ela empurrou o pedaço de papel dobrando em minha direção. “Eu preciso que você encontre uma forma de dar isso a meus pais.”

¹³ Aquelas “ilhas” que tem no meio das cozinhas americanas.

Eu comecei a abrir e ela balançou a cabeça. Eu ergui uma sobrancelha. “O que é?”

“É uma carta dizendo a eles que eu fugi e que eles não devem tentar me encontrar. Eles ainda vão tentar, é claro, mas pelo menos eles não vão pensar que eu fui seqüestrada ou algo assim.”

“Você vai mudar.” Não era uma pergunta.

Ela acenou e fez outra pequena careta estranha. “Está ficando muito difícil não mudar. E – talvez seja porque é tão desagradável, tentar não mudar – mas eu quero. Na verdade, estou ansiosa para isso. Eu sei que isso soa estranho.

Não parecia estranho para mim. Eu daria tudo para estar no lugar dela, para estar com meus lobos e com Sam. Mas eu não queria dizer isso a ela, então eu só fiz a pergunta óbvia. “Você vai mudar aqui?”

Olivia gesticulou para mim segui-la na cozinha e juntas ficamos paradas perto da janela que dava para o quintal. “Eu quero que você veja algo. Olha. Você tem que esperar um segundo. Mas olhe.”

Ficamos parados na janela, olhando para o mundo invernal morto, para os arbustos na floresta. Por um longo momento eu não vi nada a não ser um pequeno pássaro sem cor, que flutuava de galho nu para galho nu. Então outro movimento chamou minha atenção, mais baixo no chão, e eu vi um lobo grande e escuro na floresta. Seus olhos claros e quase sem cor estavam na casa.

“Eu não sei como eles sabem,” Olivia disse, “mas eu sinto como se eles estivessem esperando por mim.” Eu de repente percebi que a expressão no rosto dela era de excitação. Isso me fez sentir estranhamente sozinha.

“Você quer ir agora, não quer?”

Olivia acenou. “Eu não suporto mais esperar. Eu mal posso esperar para partir.”

Eu suspirei e olhei nos olhos dela, muito verdes e brilhantes. Eu tinha que memorizar eles agora para que eu pudesse reconhecer eles mais tarde. Eu

pensei em dizer algo para ela, mas eu não consegui pensar em nada. “Eu vou dar sua carta para os seus pais. Tenha cuidado. Vou sentir sua falta, Olive.”

Eu abri a porta de vidro; ar frio passou entre nós.

Ela riu enquanto o vento dava um calafrio nela. Ela era uma estranha e iluminada criatura que eu não reconheci. “Te vejo na primavera, Grace.”

E ela correu para o quintal, tirando suas roupas enquanto fazia isso, e antes de chegar na linha das árvores, ela era uma leve, leve loba, feliz e pulando. Não havia nenhuma dor da mudança como havia em Jack ou Sam – era como se ela tivesse nascido pra fazer isso. Algo em meu estômago se retorceu ao ver ela. Tristeza, ou inveja ou felicidade.

Então era apenas nós três, nós três que não mudamos.

Eu liguei o motor do carro para ele esquentar, mas no fim não importou. Quinze minutos depois, Jack morreu. Agora éramos apenas dois.

CAPÍTULO SESENTA E TRÊS • GRACE

- 5,5°C

Depois daquilo eu vi a Olivia, depois que eu deixei seu bilhete no carro dos pais dela. Ela se moveu suavemente no crepúsculo da floresta, seus olhos verdes deixando-a instantaneamente identificável. Ela nunca estava sozinha; outros lobos a guiavam, ensinavam, a guardavam dos perigos primitivos do inverno desolado da floresta.

Eu queria perguntar para ela se ela tinha visto ele.

Eu acho que ela queria me dizer 'não'.

Isabel me ligou alguns dias antes do Natal e minha viagem estava planejada com a Rachel. Eu não sabia por que ela ligou em vez de vir até meu carro novo; eu a podia ver do outro lado do estacionamento da escola, sentada na sua SUV sozinha.

“Como você está?” ela perguntou.

“Estou bem,” eu respondi.

“Mentirosa.” Isabel não olhou para mim. “Você sabe que ele está morto.”

Era mais fácil admitir pelo telefone do que cara a cara. “Eu sei.”

Através do estacionamento glacial cinza, Isabel bateu seu telefone e fechou. Eu a ouvi engatar sua SUV e então ela dirigiu até onde eu estava e parou perto do meu carro. Houve um click enquanto ela destrancava a porta do lado do passageiro e um zumbido enquanto a janela abaixava. “Entre. Vamos para um lugar.”

Nós fomos para o centro da cidade e compramos café, e então, porque havia uma vaga de estacionamento na frente, nós fomos à livraria. Isabel olhou para a fachada da loja por um longo tempo antes de sair do carro. Nós paramos

na calçada congelada e olhamos para a vitrine. Era tudo coisas de Natal. Renas, gengibre e ‘A Felicidade não se Compra’¹⁴.

“Jack amava o Natal,” Isabel disse. “Eu acho um feriado estúpido. Não vou mais celebrá-lo.” Ela fez um gesto em direção à loja. “Você quer entrar? Eu não entro aí há semanas.”

“Eu não entrei mais aí desde –” Eu parei. Eu não queria dizer isso. Eu queria entrar, mas eu não queria ter que dizer isso.

Isabel abriu a porta para mim. “Eu sei.”

A livraria era um mundo diferente nesse inverno morto e cinza. As prateleiras, azuis e ardósias, davam uma tonalidade diferente. A luz era um branco puro. Música clássica tocava ao fundo, mas o zumbido do aquecedor era a trilha sonora verdadeira. Eu olhei para o garoto atrás do balcão – cabelo escuro, esguio, curvado sobre um livro – e por um momento, um caroço cresceu na minha garganta, muito grosso para engolir. “Vamos encontrar uns livros para ficar gorda.”

Nós fomos para a seção de culinária e sentamos no chão. O tapete estava frio. Isabel fez uma bagunça imensa, puxando uma pilha perto dela e os guardando de volta no lugar errado, e eu me perdi nas letras elegantes das lombadas dos livros, distraidamente puxando os livros então eles estavam nivelados uns com os outros.

“Eu quero aprender como ficar gorda,” Isabel disse. Ela me passou um livro com pastéis. “O que acha desse?”

Eu folheei. “É tudo medido metricamente. Não em xícaras. Você vai ter que ter uma balança digital.”

“Esqueça.” Isabel o guardou no lugar errado. “Tente este.”

¹⁴ Nome de um filme, em inglês It’s a Wonderful Life.

Esse era todo de bolos. Lindas camadas de chocolate cheios de framboesa, bolos fofos amarelos molhados em creme de manteiga, cheesecakes regados com néctar de morango.

“Você não pode levar um pedaço do bolo com você para escola.” Eu dei para ela o livro de bolos fechado. “Tente esse.”

“Esse é perfeito,” Isabel disse e colocou o livro em uma pilha diferente. “Você não sabe como comprar? Ser eficiente é uma coisa boa. Não leva muito tempo. Vou ter que te ensinar a arte de navegar. Claramente você é deficiente.”

Isabel me ensinou a navegar na seção de culinária até eu estar inquieta, e então eu a deixei para trás e perambulei para loja. Eu não queria, mas eu subi as escadas com o carpete Borgonha para o sótão.

Eu não deveria, mas eu sentei no sofá e encostei. Eu fechei meus olhos e fingi o máximo que consegui que Sam estava ao meu lado, que eu estava segura em seus braços, e a qualquer momento eu sentiria seu hálito mexer no meu cabelo e fazer cócegas na minha orelha.

Eu quase podia sentir o cheiro dele aqui, se eu tentasse o suficiente. Não haviam muito lugares que ainda tinham seu cheiro, mas eu quase podia detectá-lo – ou talvez eu queria tanto que eu estava imaginando isso.

Eu lembrei dele me incentivando a cheirar tudo na loja de doces. Para eu mergulhar em quem eu realmente era. Eu peguei as fragrâncias da loja: o cheiro de noz do couro, o carpete limpo quase perfumado, a tinta doce e o cheiro de gasolina das tintas coloridas, o xampu do garoto do balcão, o perfume da Isabele, a fragrância da memória de mim beijando Sam nesse sofá.

Eu não queria que Isabel me encontrasse com minhas lágrimas mais do que ela queria que eu a encontrasse com as delas. Nós compartilhamos muita coisa agora, mas chorar era uma coisa que nós nunca falamos.

Eu limpei meu rosto com a manga da blusa e sentei.

Eu andei até a prateleira onde o Sam tinha pegado o seu livro, olhei os títulos até que eu o reconheci e puxei o volume para fora. Poemas por Rainer Maria Rilke. Eu o levei até o nariz para ver se era a mesma cópia. Sam.

Eu o comprei. Isabel comprou livros de receitas de cookies e nós fomos até a casa da Rachel e fizemos seis dúzias de cookies enquanto cuidadosamente não falávamos de Sam e Olivia.

Depois disso, Isabel me levou em casa e eu me fechei no escritório com Rilke, e eu li e eu desejei.

E deixar você (não há palavras para desembaraçar isso)

Sua vida, medroso, imenso e florescimento

então isso, algumas vezes frustrado, e algumas vezes

compreensivo

Sua vida é algumas vezes uma pedra em você, e então, uma estrela.

Eu estava começando a entender poesia.

CAPÍTULO SESENTA E QUATRO • GRACE

-9°C

Não era natal sem meu lobo. Era a única época do ano que eu sempre tive ele, uma presença silenciosa perambulando pela beira da floresta. Tantas vezes, eu fiquei na janela da cozinha, minhas mãos cheirando a gengibre e noz-moscada e pinho e vários outros cheiros natalinos, e eu sentia seu olhar em mim. Eu olhei para cima para ver Sam parado na beira da floresta, seus olhos dourados firmes e sem piscar.

Esse ano não.

Eu estava na janela da cozinha, minhas mãos sem cheiro algum. Não tem porque fazer cookies de matar ou enfeites na árvore esse ano; em 24 horas, eu partirei por 2 semanas com Rachel. Em uma praia branca da Flórida, muito longe de Mercy Falls. Longe da floresta Boundary, e o principal de tudo, muito longe do fundo vazio.

Eu devagar lavei minha xícara de viagem, e pela contentíssima vez neste inverno, eu ergui meu olhar para espiar a floresta.

Não havia nada a não ser árvores em tons de cinza, seus galhos cheios de neve gravados contra o pesado céu invernal. A única cor era o brilhante flash de um cardeal macho, batendo asas no alimentador de pássaros. Ele bateu na base de madeira antes de se afastar, um ponto vermelho contra o céu branco.

Eu não queria sair para um quintal sem marcas na neve, sem pegadas de patas, mas eu também não queria deixar o alimentador vazio enquanto eu não estava. Pegando o saco de sementes debaixo da pia da cozinha, eu peguei meu casaco, meu chapéu, minhas luvas. Eu fui para a porta de trás e a abri.

O cheiro da floresta invernal me atingiu com força, me lembrando furiosamente de cada natal que já tinha importado.

Mesmo sabendo que eu estava sozinha, eu ainda tremi.

CAPÍTULO SESENTA E CINCO • SAM

-9°C

Eu a observo.

Eu era um fantasma na floresta, silencioso, parado, frio. Eu era a personificação do inverno, o frígido vento com forma física. Eu estava parado perto da beira da floresta, onde as árvores começavam a se afinar, e cheirei o ar: na sua maioria, cheiros mortos encontrados nessa estação do ano. O cheiro das coníferas¹⁵, o almiscarado dos lobos, a doçura dela, mais nenhum cheiro.

Ela ficou parada na porta por vários segundos. Seu rosto estava virado em direção às árvores, mas eu estava invisível, intangível, nada a não ser olhos na floresta. A brisa intermitente carregou seu cheiro para mim de novo e de novo, cantando em outra linguagem de memórias, de outra forma.

Finalmente, finalmente, ela pisou no deck e deixou a primeira pegada na neve do quintal.

E eu estava bem aqui, quase ao alcance, mas ainda sim, a quilômetros de distância.

¹⁵ Tipo de floresta.

CAPÍTULO SESENTA E SEIS • GRACE

-9°C

Cada passo que eu dei em direção ao alimentador me deixava mais próxima da floresta. Eu senti o cheiro das folhas no chão, riachos rasos se movendo lentamente por baixo da camada de gelo, o verão adormecido embaixo das árvores sem folhas. Algo em relação às árvores me lembrou dos lobos perambulando pela noite, e isso me lembrou da floresta dourada dos meus sonhos, escondida sobre um cobertor de neve. Eu sentia tanta falta das florestas.

Eu sentia falta dele.

Eu virei minhas costas para as árvores e coloquei o saco de sementes para pássaro no chão, ao meu lado. Tudo que eu tinha que fazer era encher o alimentador e voltar e fazer minhas malas para partir com Rachel, onde eu poderia tentar esquecer cada segredo que havia dentro dessas florestas invernais.

CAPÍTULO SESENTA E SETE • SAM

-9°C

Eu a observo.

Ela não tinha me notado ainda. Ela estava tirando o gelo do alimentador de pássaros.

Lentamente e automaticamente seguindo os passos: limpar, abrir, encher e fechar, e ela o fez como se fosse a coisa mais importante do mundo para se fazer.

Eu observei ela. Esperei para ela virar e olhar a minha forma escura na floresta. Ela colocou seu chapéu em cima de sua orelha, soprou o ar para ver seu hálito embaçar no ar.

Ela tateou na neve pra pegar suas luvas e virou para sair.

Eu não podia mais me esconder. Eu soprei o ar também. Foi um fraco barulho, mas sua cabeça virou, imediatamente, em direção ao sopro. Os olhos dela encontraram a névoa da minha respiração, e então eu, quando dei um passo para frente, devagar, com cuidado, inseguro de como ela iria reagir.

Ela congelou. Perfeitamente parada, como um cervo. Eu continuei a me aproximar, sendo hesitante, cuidadosas pegadas na neve, até estar fora da floresta e estar parado bem na frente dela.

Ela estava tão silenciosa quanto eu, e perfeitamente parada. O lábio inferior dela tremeu. Quando ela piscou, três brilhantes lágrimas deixaram rastros de cristais em suas bochechas.

Ela poderia ter visto o pequeno milagre na frente dela: meus pés, minhas mãos, meus dedos, a forma dos meus ombros embaixo de uma jaqueta, meu corpo humano, mas ela apenas encarou meus olhos.

O vento soprou novamente, através das árvores, mas ele não tinha nenhuma força, nenhum poder sobre mim. O frio tocou meus dedos, mas eles continuaram dedos.

“Grace,” eu disse, muito suavemente. “Diga alguma coisa.”

“Sam,” ela disse, e eu a abracei.

FIM!!!

(Essa série continua no próximo livro: *Linger*, previsto para 20 de julho de 2010.)

Tradução

Rafaela Naru/Chan

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=8671253721547740965>

Mariana Dal Chico

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=5298624630443160772>

Revisão

Carla Ferreira

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=4119344552745363491>

Comunidade

Traduções de livros

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=25399156>